This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

H.191.

M
1895

DOMINUS ILLUMINATIO MEA

Taylor Institution.

MISCELLANEA
CURIOZA, E PROVEITOZA.
OU
COMPILAÇAÕ,
Tirada das melhores Obras das Naçoens Estrangeiras;

*Traduzida, e ordenada por *** C. J.*

Turpe est ignorare quod omnibus scire convenit.
Arist.

TOMO I.

LISBOA,

NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.

Com licença da Real Meza Censoria. 1779.

THE TAYLOR INSTITUTION + LIBRARY OF
UNIVERSITY OF OXFORD
- 6 NOV. 1941

PROLOGO

DO EDITOR.

HUMA meza unicamente composta de viandas succolentas, ainda que mais saborozas, naõ póde deixar de cauzar fastio ao padar mais glutaõ; por isso as vemos intermeadas de leves acepipes, que dezenfastiando o paladar, despertaõ de novo o appetite: pelo mesmo modo o entendimento aturadamente embebido em profundos estudos, necessita a intervallos de liçaõ mais jovial, que servindo-lhe de recreio, naõ puche por applicaçaõ taõ seria; e pela mesma razaõ que os alimentos muito pezados, embaraçaõ a boa digestaõ, e fazem criar fastio ao estomago abarrotado, ainda aos manjares mais saborozos, tambem o entendimento, que sem cessar está cançado de meditaçoens abstractas, póde criar fastio á applicaçaõ, quando esta naõ he variada com liçaõ, que o dezenfade; maiormente nos que comessaõ a applicar-se, e quando o entendimento naõ tem ainda grangeado aquelle vigor, que he necessario para passar facilmente a comprehender couzas profundas: pois assim como ha estomagos debeis, que naõ pódem com alimentos pezados, tambem ha comprehençoens acanhadas, que só pó-

dem alcançar couza de pouca applicaçaõ Esta imaginaçaõ foi quem me empenhou em extrahir de muitos livros alguns artigos, curtos, que sem cançar a comprehençaõ podessem servir de recreaçaõ aos estudiozos. Como a inclinaçaõ dos homens he diversa, tomei assumptos differentes; esmerando-me todavia em escolher couzas, de que os homens tirem solido proveito. Este livro naõ tem por fim instruir em sciencias, só fim dar noticia de alguns descobrimentos uteis á Agricultura, ao Commercio, á Economia publica. Se disser alguma couza dà Poezia será pouco, e mais a fim de publicar alguma compoziçaõ de merecimento, do que de tratar das suas regras, quando muito daremos lugar a algum discurso, que possa apparecer, onde succintamente se toque alguma das partes desta vasta sciencia. As sciencias profundas só saõ fructos de grandes applicaçoens, sem ellas far-se-haõ os homens instruidos, mas naõ sabios; o viajante, ainda que lide com homens doutos, poderá ter boa noticia dos uzos, costumes, leis dos póvos; adiantar-se-ha na politica, mas nunca será hum grande homem de letras. Estas querem aqui meditaçaõ, e se nas viagens se lida com os homens doutos, nos gabinetes trata-se mais familiarmente com elles; ouve-se o que elles dizem, naõ de repente, mas meditado, revisto, emendado; torna-se a consultar quando esquece o

seu

seu dito; o alvoroto das viajens; a variedade dos objectos, que divertem, tiraõ aquella tranquillidade, aquella especie de cegueira, com que o homem applicado está a respeito dos objectos que o cercaõ. Este livro he como huma especie de passeio, por onde o entendimento vaga, depois da liçaõ sezuda, e como em matizado campo vai-se recreando com varias, e curtas anadoctas, que o instruem.

Alguns que querem campar por criticos, maiormente aquelles a quem lhes parece que só se inculcaõ por sabios, quando desdenhaõ das compoziçoens alheias, motejaráõ esta obra, dizendo que lhe quadra bem o nome de manta de pobre, ou manta de retalhos, dezar com que tem criticado a Escola Decurial, e a Academia dos Humildes, &c.; mas espero que mudem de conceito, se quizerem tomar o trabalho de folhearem, e verem ao menos os artigos, que se abrangem nesta *Miscellanea*, que naõ saõ as frioleiras, de que outras se ordenaõ. Se as obras deste genero naõ saõ uteis, abominem-se tantos jornaes, em que tem estragado o seu tempo homens de muito porte, e merecimento.

Este trabalho, que tomei com a mira em ser util a huma naçaõ, a quem dezejára dar provas de agradecido; dá tambem aos Senhores Portuguezes aberta de publicarem algumas compoziçoens curtas, de

pessoas que tendo dezejo de as espalharem, naõ querem passar pelo dezembolso da Impressaõ. Eu bem sei, que o Jornal, que se espera todos os dias, lhe franquea outra porta para o fazerem; mas a escolha he livre, póde haver sujeito que ou por amizade, ou por outro qualquer motivo nos anteponha na escolha, e outros talvez se naõ queiraõ sujeitar à approvaçaõ do Editor daquelle Jornal. Todos os artigos que nos forem assim dados hiraõ notados com este arteristico *. Os demais artigos saõ extrahidos de varios jornaes de que se traduziraõ.

Desta obra se publicará hum volume todos os seis mezes; mas isto he no cazo, que tenha bom acolhimento, pois como naõ estamos obrigados ao publico com vinculo algum, que nos prenda, o recebimento, que lhe fizerem nos servirá de regra, para nos regularmos, se havemos proseguir, ou abrir maõ da empreza.

MIS-

MISCELLANEA CURIOZA, E PROVEITOZA.

DA ASTROLOGIA JUDICIARIA.

QUE feliz tempo! Que brilhante Epoca foi para a gloria dos Aſtros as tenebrozas eras do ſeculo 14 e 15! *Com* que ancia eſperava o publico! Com que ignorancia dava ouvidos aos vaticinios, que ſe annunciavaõ da parte dos ſignos Celeſtes! Quanto me deleita quando me affiguro, com que eſpanto, inquietaçaõ, e reſpeito liaõ noſſos maiores ás ſuas familias aſſuſtadas os delirios Aſtrologicos de *Matheos Lansberg*, e outros da ſua idade!

Em que paráraõ eſtas promeſſas, e ameaças? Deſvaneceraõ-ſe, e naõ ſe tornáraõ a ler para o futuro: ſumiraõ-ſe aquellas eſpantozas profecias, á viſta do claraõ das Sciencias, e Artes: mas que bens, que utilidades nos tem reſultado deſta perda irreparavel! Temos ſim alargado a eſfera dos noſſos conhecimentos, mas em que

que paraõ estes conhecimentos confrontando-se com tantos presagios aduladores, com tantos temores, com tantos sustos, e tantos espantos? Nós capacitamo-nos de que somos mais sabios, e como o poderemos ser, se o Imperio da Astrologia Judiciaria decahio, se chegamos a ponto de avaliar por insensatos, ou quando menos por impostores os Astrologos, aquelles mesmos Astrologos taõ possantes n'outro tempo, taõ bem aceitos, taõ bem acolhidos, e com tanto respeito consultados nos Paços dos Reis? Onde estaõ hoje aquelles Interpretes, e perscrutadores do Destino? Espreita se com muito trabalho o giro dos Planetas; vaticinaõ-se, quando muito alguns indifferentes eclypses, determinaõ-se os movimentos dos turbilhoens; mas para nós já naõ he o Ceo aquelle livro, onde a terra timorata lia em letras de fogo a historia daquelle anno.

Algumas naçoens assentadas nos extremos do Norte, alguns póvos, que tiveraõ a ventura de estarem de nós despegados por largos mares, e immensos dezertos, tem conservado esta Arte Divina; a nós os Europeos polidos, e Filozofos, naõ nos resta mais do que a magoa de ter desprezado, escarnecido, e abandonado esta admiravel sciencia, assás felices se ao mesmo tempo perdessemos a indestrutivel inclinaçaõ, que tem os homens todos a revolver incessantemente o futuro!

Quantas opinioens frivolas, quantos systemas ouzados passaõ, e cahem em esquecimento quazi logo que se geraõ; naõ ha couza mais natural: e ainda quando estas opinioens tivessem

fun-

fundamento, ainda que estes systemas fossem demonstrados, que authoridade tem hum homem só, ou ainda alguns sabios para arrogarem á si o juiz de acharem a verdade? Sabios conjurados teriaõ pertençoens de terem topádo com a verdade? E quando a tivessem encontrado bastaria isto para obrigar os homens a recebella? Ha alguma lei, que obrigue a estar pela opiniaõ alheia?

Destruaõ-se embora, e aniquilem-se estes frivoleis systemas, pouco importa: mas como havemos desprezar a Arte mais sublime, mais augusta, mais formoza, e segura de todas as sciencias; Arte que todas as Naçoens tem honrado, que tem florescido tanto, e reinado com tamanho imperio em todos os tempos, e quazi desde a creaçaõ até aos nossos dias: e como podemos avaliar tal sciencia por ouca, perniciosa, fallaz? Que valemos nós para fazermos cara ao sentimento, e convinçaõ de tantos homens juntos? Que vale o nosso seculo em comparaçaõ dos mais seculos, que tem decorrido, e que tem que correr? Que couza he a França, a Inglaterra em comparaçaõ do restante do mundo?

Por toda a parte vejo cultivada, e florescente a Astrologia, dominando despoticamente os póvos, e os Soberanos, adulando-os com venturozos presagios, e gelando-os de susto com temerozos vaticinios. E nós enfatuados naõ sei de que Filozofia, naõ nos envargonhamos da credulidade dos nossos predecessores, e só ousamos oppòrmos ás provas demonstradas da in-

fluen-

fluencia, e infallibilidade dos oraculos, que rezultaõ vizivelmente da situaçaõ dos Planetas, e seus differentes aspectos?

Se podessemos suppor que a Astrologia naõ tem, como sempre se entendeo, arte de annunciar os successos moraes, antes de succederem, de antever, e determinar factos, que dependem do acazo das circunstancias, da livre vontade dos homens, do concurso, e combinaçaõ das acçoens humanas: se fosse verdade que levados dos seus turbilhoens, e consequentemente naõ podendo regular o seu giro, menos podessem os astros influir no nosso globo, e em quanto sobre elle se passa; por qual razaõ em todo o tempo se consultou o Ceo; porque pareceo estar-se nelle lendo o futuro? Qual seria a origem deste erro taõ commum a todos os homens, e a todos os póvos?

Ha mil annos, que os Chinas ignoravaõ que na Europa, ou em outra alguma regiaõ se lesse nos Planetas a historia dos successos futuros, até ignoravaõ que existisse a Europa. Antes do seculo de Christovaõ Colomb, assentavaõ os Americanos serem elles os unicos moradores da terra, com tudo nada emprendiaõ, sem que primeiro consultassem os Astros; entre elles, como por toda a parte, os mais leves eclypses cauzavaõ terror, e consternaçaõ; tinhaõ erigido templos ao Sol, pai dos seus Inças. Quem lhes mostrou o modo de buscar no aspecto dos Planetas o destino do Imperio? Sem duvida que foi a mesma voz, que n'outro tempo deu lições aos Persas, aos Arabios, e ás demais naçoens.

Ain-

Ainda que a Astrologia Judiciaria naõ tivesse em seu abono mais do que a sua antiguidade, naõ seria isto quando naõ prova segura; ao menos huma preaumpçaõ mui forte da sua certeza? Mas se a esta antiguidade se une de mais o gosto, e a veneraçaõ de todos os póvos, o respeito, a confiança, e a docilidade de todos os homens grandes, que a terra produzio; se a pezar do desprezo, em que elle cahio na Europa, conserva sempre o seu primeiro lustre; a sua antiga authoridade; ultimamente se julgando das revoluçoens futuras pelos succeslos passados he provavel, que nos mesmos Paizes de que he taõ vergonhozamente banida, tenha ainda entrada com mais poder, e maior credito, do que tinha antes da sua decadencia, porque cederei eu á torrente das novas opinioens? Porque razaõ fraco, e muito facil em me deixar persuadir, hirei eu sacrificar taõ bella sciencia a poucos argumentos, na verdade fortes, mas talvez fundados em erros, que haõ de passar, assim como se tem eclipsado outras mil opinioens, que por muitos annos se consideráraõ como uteis descobrimentos, verdades indestructiveis, que todavia se tem desvanecido de sorte que naõ tornaráõ a apparecer.

Observe certo Author sabio que cada seculo tem seu espirito, seu caracter, seu genio, e sua Filozofia: tudo isto vem destruir o espirito, genio, e Filosofia do seculo, que lhe succede, de sórte que passado este curto espaço de tempo, de todos os systemas inventados, de todas as opinioens recebidas, de todos os des-

cobrimentos Filozoficos só resta hum avultado numero de noticias verdadeiramente essenciaes, e que saõ immudaveis. E naõ he a Astrologia Judiciaria a primeira a que se estudou mais affincadamente, a que foi mais geralmente respeitada entre todas as Sciencias? Por toda a parte vejo arraigado o seu imperio, e por mais diligencias, que se façaõ naõ posso descobrir em parte alguma a sua origem; perdeo-se no labyrintho do tempo.

Qual foi o que teve a vaidade de ter achado primeiro na rapidez destes globos de fogo, que rodaõ sobre as nossas cabeças, o vaticinio dos successos de mais, e menos porte, que tem succedido no mundo? A quem devemos os elementos desta sciencia? Tem-se feito muitas indagaçoens neste ponto; tem-se supposto muitos factos, armado muitas conjecturas, amontoados systemas, e discursos, mas que se tem descoberto? O que já se sabia, isto he que do centro da Caldea, onde ella florecia muito tempo antes dos seculos heroicos, deo a Astrologia o seu claraõ, já successivamente, já a hum mesmo tempo, entre Fenices, Egypcios, Arabios, na Grecia, em Roma, na China, na America, e nas Indias: n'huma palavra, que este archote sempre allumiou a terra. E depois de hum imperio taõ dilatado, taõ brilhante, pertendem que estes conhecimentos fossem enganozos, incertos, superticiozos? Que homens, que grandes homens, a ser assim, tinhaõ cahido em desvarios!

Nos registos do Ceo lê quanto vai decida

succeder a vós, e a vossos filhos, dizia o credulo Belo, tyranno de Babylonia, a seus filhos. Logo já entaõ se estudavaõ, como depois, os sinaes Celestes; já entaõ, como depois, cada Planeta dominava constantemente na sua esféra; já entaõ, como depois, Saturno por exemplo influia sobre os lágos, cloacas, cimiterios, velhos, baços, castanho, negro, amargozo, &c. Mas porque me demoro nos augustos principios deste conhecimento? Naõ ha quem os ignore. Antes folgo de responder aos que dizem, e sustentaõ que a Astrológia quando muito teve authoridade em cabeças debeis, em alguns homens ignorantes, e entre a gentalha.

Plinio nada ignorante, e credulo, todavia segura, depois de varias indagaçoens, que naõ he couza indifferente a influencia dos Astros, e seu dominio sobre os objectos terrestres. Leaõ-se nos seus escritos sobre a Agricultura as suas Observaçoens Astrologicas, as suas Reflexoens illustradas, os seus profundos Discursos acerca das influencias *viziveis* da Lua sobre a vegetaçaõ, metaes, animaes, &c.

No Imperio de Claudio, se levantou hum enxame de Impostores, que arrogando-se o nome de Astrologos, encheraõ Roma de falsos vaticinios; os seus erros, e velhacadas fizeraõ damno aos sabios. Cançado Seneca do absurdo das profecias espalhadas, fingio na sua Oraçaõ á morte de Claudio, o ter visto Mercurio obtestando a Parca, que em fim quizesse levar a bem, que os Astrologos fallassem verdade. Pareceo indecente este discurso de Seneca, e até se julgou

hum ultraje feito aos Astros. Foi injustiça, pois que este grande Orador naõ attribuia a falsidade dade dos vaticinios á Astrologia, mas sim aos aos Astrologos: respeitava tanto esta Sciencia, como o Sabio Socrates a Filozofia, mas tinha em grande desprezo huma turba de Impostores, que com a capa dos Astros illudiaõ impunemente o publico; o mesmo Imperador lhes tirou a mascara, quazi pelo mesmo theor, com que Luciano convencia os Sofistas que abuzavaõ do nome de Filozofos.

Dirme-haõ acaso que Pompeo, que Crasso, que Cezar fossem homens fracos? Quem ignora todavia que estes illustres Romanos, nada emprehendiaõ antes que consultassem os Planetas, e as Estrellas? Eu naõ daria fim aos factos conhecidos, a relaçoens authenticas, se quizesse aqui pintar a gloria da Astrologia entre a sabia antiguidade, o seu explendor na Corte dos Reis de Babylonia, nos palacios dos Monarcas do Egypto, nas Escolas mais affamadas de Athenas, e de Roma.

Para fazer conceito da grande authoridade, que n'outro tempo tiveraõ taes estudos, basta conhecer o poder quazi sem termo, que ainda conserva na maior parte das Cortes Aziaticas. Ahi se vem os Reis humilhados ante os seus Astrologos, alli se vem os exercitos ardidos por combaterem, agoardando que os seus adevinhos determinem da parte do Zodiaco o favoravel momento para travarem o combate. Alli naõ se faz couza alguma, diz o viajante Tavernier na sua *Relaçaõ de Ispahan*, sem o parecer

dos

dos Astrologos; saõ mais poderozos, e mais temidos do que o proprio Rei, que traz sempre quatro na sua companhia, a quem consulta incessantemente, e estes incessantemente lhe daõ avizo de hora boa, ou ruim; dos momentos, em que póde sahir; daquelles, em que se deve fechar no seu palacio, purgar-se, vestir as insignias reaes, &c. Saõ taõ respeitados nesta Corte, huma das mais brilhantes do mundo, que o Rei *Cha-Sephi* opprimido de annos, e de infermidades, e naõ podendo nem acabar a vida, nem recobrar a saude; tendo os medicos esgotado todos os recursos da sua arte, assentaraõ que ElRei cahira neste estado incuravel por culpa dos Astrologos, que com nimia precipitaçaõ escolheraõ mal a hora em que foi elevado ao Throno. Reconheceraõ os Astrologos o seu erro, e fizeraõ de novo huma junta com os Medicos; indagáraõ no Ceo huma hora propicia, e naõ deixáraõ de a encontrar; repetio-se a ceremonia da Coroaçaõ, com grande alvoroço de *Cha-Sephi*, que morreo, passados poucos dias.

O Imperador da China, Soberano muito despotico, naõ se affouta a emprehender couza alguma sem consultar primeiro o seu Astrologo ordinario, e o seu *thema natal*. He tal o seu melindre neste ponto, ou para melhor dizer, he taõ superticiozo, que todas as noutes manda quatro Astrologos da sua Corte a hum monte elevado, junto aos muros de Pekim. Alli vaõ contemplar os Astros, e depois voltaõ todas as manhãs explicar ao Imperador os Decretos dos

cor-

corpos Celestes, e os successos que os seus diversos movimentos tem annunciado.

Ainda he mais profunda a veneraçaõ que os Japonezes tem á Astrologia. Entre elles ninguem ouzaria edifficar huma caza sem primeiro perguntar á algum Astrologo quanto durará o novo edificio. Alguns ha que pela reposta dos Astros se sacrificaõ, e se mataõ em honra da Astrologia, e para ventura dos que devem habitar a caza nova.

Tal he a superstiçaõ, que reina, e que muitas vezes cauza funestas revoluçoens nas Indias Orientaes; tal era tambem o afferro de nossos Avós aos erros da Astrologia Judiciaria.

Que os Romanos uzados a buscarem a sua sórte nas entranhas de hum touro, se persuadissem que liaõ os successos futuros nos signos celestes, naõ he extraordinario. Embora a inclinaçaõ invencivel, que a ambiçaõ taõ natural, e taõ inseparavel que todos os homens tem de penetrarem o futuro, trocasse em arte supersticioza huma sciencia util; embora depois que os Sabios chegaraõ a descobrir, á força de estudos, os movimentos dos Astros, as suas cauzas, e a determinarem os tempos de alguns fenomenos, tenhaõ os impostores persuadido á cega multidaõ que a sciencia dos Astros ensina evidentemente o que he, o que foi, e o que deve ser, ainda a pezar do seu absurdo; deslumbre esta velhacaria os ignorantes: e supposto que alguns genios superiores naõ podessem rezistir ao attractivo do maravilhozo, e que se deixassem subjugar do

im-

imperio que sempre teve sobre a humanidade a sciencia occulta, e incomprehensivel; que o mesmo Origenes, Plinio, Plotino, e o grande Marco Aurelio; que Tiberio, Cezar, Tacito, Tito Livio olhassem com sincera credulidade para os Ceos; como para hum Livro, onde a historia do mundo está escrita; e onde a ordem das estrellas, serve de letras, e de escritura: este sistema ao meu parecer, naõ podia parecer nem mais vaõ, nem mais insensato do que á sciencia dos agouros, e outros muitos erros consagrados por huma religiaõ superticioza com o maior excesso da extravagancia, e estupidamente dada ás couzas mais miudas.

Mas o que mais me comprova a extrema debilidade da razaõ humana, e o infructuozo dos esforços reunidos dos Sabios em destruhirem para sempre a authoridade das preoccupaçoens populares, que huma vez acreditadas, quando muito só se pódem cercear, mas nunca totalmente degradar de paizes, onde entraraõ, he que nossos bons avós, corregidos, doutrinados com os erros, e preoccupaçoens de seus antecessores acreditassem as suas mesmas chimeras, e que a sua superstiçaõ a favor dos Astros, a sua submissaõ á influencia dos Planetas, a sua docilidade ás velhacarias dos Astrologos, chegassem ao maior auge de effervescencia, e de delirio.

He sem duvida que o Christianismo he de todas as Religioens, a mais incompativel com os delirios, e vaticinios da Astrologia judiciaria, porque a crença na unidade de hum Deos, arbitro dos destinos, e que tem expressamente re-

servado para si só o conhecimento do futuro; demonstra com tanta força, como evidencia, a falsidade desta sciencia. A pezar disso quem ignora com que furor a Astrologia dezacreditou nossos Pais, com que ancia a receberaõ, e estudaraõ os seus principios, com que docilidade ouviraõ os seus oraculos, e as profecias dos impostores, que abuzaraõ da sua credulidade.

A penas ha dous Seculos que se naõ ouvia fallar em outra couza mais do que em horóscopios, presagios, em França, em Inglaterra, em Alemanha, em Italia, em toda a Europa. Os Astros faziaõ tudo, decidiaõ de tudo: annunciavaõ a guerra; vaticinavaõ a paz, prezidiaõ sobre a vida dos Reis, assim como sobre a existencia dos lavradores. Alberto Bispo de Ratisbonna, aquelle mesmo Alberto, a quem o seu seculo, e naõ sei com que razaõ concedeo para a posteridade o Epiteto de grande, naõ publicou o horoscopio de Jezus Christo? E para requintar o delirio de Alberto, o Cardeal d'Ally foi buscar nos sinaes Celestes o destino da Religiaõ Christã? Mathias Corvin, Rei de Hungria, naõ ouzava emprehender, menos executar, projecto algum, sem consultar primeiro os Astros. Sforcia, Duque de Millaõ, quiz acazo entrar em negociaçaõ alguma sem antes consultar o parecer dos seus Astrologos? Quem reinava na França em nome de Catharina de Medicis? Naõ eraõ tambem os Astrologos, que enchiaõ impunemente o seu coraçaõ, e a sua Corte de terrores, e de vicios? Esses criados impostores, que enchiaõ o Reino de mil funestos

va-

vaticinios, e que á sombra de superstiçoens, que havião introduzido, não havia casta de crime, e de horror, que não commettessem? Sabe-se que foi taõ demaziada a sua ouzadia, e ambiçaõ, que foraõ baldados todos os prudentes expedientes, com que os Estados d'Orleans, e de Blois pertenderaõ atalhar-lhe as diligencias. Os rigores das inquiriçoens, que entaõ se faziaõ contra os Astrologos; as penas, que padeceraõ, os exemplos talvez muito frequentes, que entaõ deraõ, os desacreditaraõ taõ pouco, que tiveraõ igual valia na Corte de Henrique IV., como tinhaõ tido na de Catharina. Henrique, o Rei mais digno de o ser, hum dos homens mais illustrados do seu seculo, naõ se pôde salvar do assombrador prestigio da Astrologia. Cauza magoa o ler nas memorias de Sully, que este Principe, bem que grande, e sabio, ordenasse ao seu Medico *La Riviere*, grande sabio, e sobre tudo abalizado Astrologo, que trabalhasse no horoscopo do Delfim recemnascido, e que depois reinou com o nome de Luiz o Justo.

De quantos successos tem annunciado os Astrologos, hum só acho que succedesse sem discrepancia, como foi vaticinado, e foi a morte de Cardano, vaticinada por elle, apontando o dia. Chegou este dia grande, Cardano estava com boa saude, mas cumpria morrer, ou confessar a insufficiencia, e vaidade da sua Arte. Cardano naõ titubeou, e se sacrificou á gloria dos Astros, matando-se a si proprio, por quanto elle naõ tinha declarado se havia morrer de molestia, ou de suicidio.

He verdade, que os Francezes pouco a pouco tem hido convalescendo desta antiga manía: he verdade que tem desprezado a Astrologia Judiciaria, tanto quanto antes a prezavaõ: conheço que tem deixado de acreditar as influencias, e que hoje he persuasaõ geral, que os Astros se movem com tal rapidez, e que saõ levados em cada instante com velocidade tal, que o que he taõ movel naõ póde segurar o nosso destino; mas durará esta opiniaõ tanto tempo, quanto subsistio a opiniaõ contraria? Naõ tornará a apparecer a Astrologia judiciaria sobre as ruinas da Filozofia, quando tornando as trevas da Ignorancia, e o antigo imperio do erro, virem os nossos descendentes apagada a luz das sciencias, e antepuzerem ao gosto das Artes, e ao archote da sua razaõ, o amor ao maravilhozo, as inquietaçoens do terror panico, o gosto ás preocupaçoens, e os prestigios do erro? Entaõ recobrará a Astrologia a sua authoridade na França, na Europa; onde terá tanto mais facil entrada, por quanto, quando foi banida, naõ levou comsigo a estupida alluviaõ de superstiçoens, que ella tinha arraigado, e que tem durado senaõ nas Cidades, e entre Cidadãos instruidos, ao menos na campanha, onde ainda naõ tem perdido de todo a sua efficacia, o seu ascendente nos animos. Fallo da Magia, da Feitiçaria, das Fantasmas, &c.

DA

DA MAGIA.

O Eſtudo do Ceo adulterado, a Religiaõ profanada, e o abuzo da Medicina deraõ n'outro tempo origem á Magia, que tomando em pouco tempo mais potencia, e fazendo-ſe mais terrivel do que as tres grandes fontes da ſua authoridade, pertendeo imperar ſobre o Ceo, dirigir, ou deſtruir ao ſeu capricho toda a eſpecie de culto, e diſpor da vida dos homens. Zoroaſtres, que reinava na Bactriana, diz Juſtino Hiſtoriador, ſinco mil annos antes da guerra de Troya, foi o primeiro que inficionou o genero humano com os erros, e crimes da Magia. Pauſanias certifica, que eſta Arte fora n'outro tempo de grande ſoccorro áquelles, que, como Zoroaſtres, quizeraõ introduzir nova Religiaõ, a fim de ſobmetterem mais facilmente os homens com o temor dos males, que a virtude Magica obrigava aos meſmos Deozes, e eſpiritos inferiores a mandar ao mundo, contra os inimigos do novo culto. Com eſta intençaõ fundaraõ ceremonias nocturnas, muito proprias para inſpirarem as temerozas idéas de demonios, e Deozes malfazejos. Daqui veio o formulario de evocaçoens, daqui as palavras funeſtas, pronunciadas ſobre hervas miſterіozas, e daqui vem em fim os venenos trazidos do Inferno por Hecate, Megera, e mais cohorte ſobterranea.

Al-

Algumas deſtras impoſturas, algumas mortes preparadas, e concluidas com arte, alguns ſacrificios ſanguinolentos acabaraõ de pôr o remate ao credito deſta ſciencia homicida, que da Bactriana paſſou á Aſſyria, e que immediatamente, mais rapida do que a luz, mais terrivel do que o incendio, lavrou com ſeus horrores por toda a face da terra.

Pouco admirará, obſerva Plinio, que eſta Arte impoſtora, e cruel adquiriſſe a maior authoridade entre quazi todos os póvos, ſe ſe reparar que o imperio que ella tem nos homens naturalmente curiozos, e timidos; ſe ſe dá attençaõ no tyranico aſcendente, que uzurpa ſobre a imaginaçaõ. Todos aſſentaõ, accreſcenta eſte Autor, que a Magia tirou da Medicina huma parte da ſua força, naõ porque ſeja o meſmo o ſeu objecto, mas com o alvo mais alto, e mais elevado... Com ſacrilega miſtura foi beber tambem na Religiaõ, a fim de inſpirar temor, e muita veneraçaõ ás ſuas operaçoens, e myſterios recatados; ultimamente ſe embebeo nas ſeduçoens da Aſtrologia, e do eſtilo ſempre eſcuro ao vulgo, a fim de aſſombrar a multidaõ ignorante, muito curioſa de ſaber o deſtino futuro, e aſſás perſuadida de que os ſucceſſos dependem immediatamente do curſo, e influencia dos Aſtros. Senhora pois a Magia deſtes tres poderozos meios do entendimento humano naõ admira que grangeaſſe tamanho credito, e que ainda a maior parte das naçoens a avaliem imitando ſeus maiores, como huma das ſciencias mais ſagradas, e de mais importancia á Naçaõ ha ma-

maravilha que a maior parte dos Reis do Oriente se governem inteiramente por ella?

E como desdenhariaõ os antigos a sciencia Magica, se criaõ que a sua potencia tinha imperio sobre os Deozes infernaes, elementos, e sobre toda a natureza? Como assentariaõ elles que podiaõ impunemente ter em pouco os Magicos, cujo mando temerozo excitava as tempestades, transportava os infernos á terra, e revolvia os Ceos? Como ouzariaõ os Principes do Oriente deixar de obedecer aos Magicos, que consideravaõ, e temiaõ, assim como a antiguidade assentava que se deviaõ temer Medéa, Orfeo, Circé, &c. Que meio para naõ estremecer de terror ante estas pessoas, que como os pinta Breboeuf, imitando Lucano, *Sabem melhor que os mesmos Deozes o nosso destino..... Teme-os o universo, e a sua força naõ conhecida se aumenta sobre as cousas; a natureza obedece ás suas impressoens, e o Sol cheio de susto sente esmorecer os seus raios: o Ceo despede raios contra a terra sem ordem do Deos, que os arroja; o mais dezabrido Inverno dá grossa colheita, gelaõ os calores do Estio, e a Lua tirada do seu soberbo Throno, meio tremendo, está vêr encher a herva de orvalho.*

Tal se julgava antigamente que era a potencia dos Magicos, principalmente em Babylonia, onde era exercitada pelos proprios Sacerdotes, prova certa, de que esta arte era, como eu acabo de dizer, huma parte essencial da Religiaõ. Deste enlaçamento da Magia com o Sacerdocio facilmente se julga o gráo da corrupçaõ, que

a ve-

lhacaria, e à superstiçaõ tinhaõ introduzido no culto, que desde logo naõ foi mais do que huma infame mistura de invocaçoens, de Sacrificios aos espiritos infernaes, e Mysterios obscenos.

A Magia foi mais cruel na Persia, porque era mais ou menos sanguinolenta conforme o genio mais, ou menos supersticiozo, e mais, ou menos feros a naçaõ que a adoptava.

Esta tenebroza sciencia foi tambem a que ensinou aos Romanos a fazerem sobre os sepulcros libaçoens de leite, e de vinho; operaçaõ Magica, com a qual se capacitavaõ que podiaõ revocar as almas, que suppunhaõ serem forçadas a sahir immediatamente dos infernos por mui fortes que fossem os grilhoens que lá as retinhaõ, e a quaesquer tormentos estivessem condemnadas para se virem saciar destes licores, e do cheiro destas victimas immoladas.

Nunc animæ tenues, & corpora functa sepulcris,
Errant: nunc posito pascitur umbra cibo.

Pythagoras, Empedocles, e Democrito contribuiraõ infinitamente, dizem, para o progresso da Magica? Conta Plinio os proprios titulos das obras, em que pertende que Democrito explicava, e dezenvolvia os principios dos antigos Magicos; mas o que dezacredita mais a opiniaõ de Plinio, he que crimina do mesmo Plataõ, o homem menos supersticiozo, e men'os credulo; com tudo Plataõ no seu tratado

das

das leis quer que os Magicos sejaõ degradados da sociedade; depois de severamente punidos, naõ pelo mal, que pódem fazer por virtude da sua sciencia, mas pelo que dezejariaõ fazer: parece-me que esta lei naõ inculca em quem a fez credulidade, nem confiança na Magica, nem nos Magicos. He verdade que elle degradou tambem os Poetas da sua Republica, porém foi depois de lhes dar honras quazi divinas, depois de os encher de distinçoens, e elogios.

O Author mais antigo que se conhece he Sanchoniaton, que escreveo primeiro a historia dos Fenices, e que, como diz Euzebio na sua *Preparaçaõ Evangelhica*, vivia muito tempo antes da guerra de Troya: este mesmo Sanchoniaton, a quem os Sabios, e os homens de letras sempre estimaraõ, conforme as expressoens de Filo, como o homem mais illustrado do mundo, e com o juizo mais saõ, naõ fundou tambem na realidade da Magia, e na authoridade dos Magicos á historia da Fenecia, e a Religiaõ dos seus Concidadãos? He verdade que sua Theologia, e o seu systema acerca da origem dos Fenices saõ menos absurdos do que as fabulas dos Gregos á cerca de aventuras pouco decentes, de acçoens heroicas, do valor incrivel, da prodigioza força dos seus Deozes, e dos antigos fundadores dos povos da Grecia; mas esta Theologia de Sanchoniaton me naõ parece menos hum ridiculo tecido de actos Magicos, e muito incoherentes. He effeito da Magia a belleza dos Boetiles animados, como tambem o brilhar daquella Estrella n'outro tempo incognita, que foi obriga-

da

da a tornar a apparecer á voz d'Astarte, e consagrada na Cidade de Tyro. Naõ vem tambem da Magia a Castraçaõ de Coelus por Saturno, a de Saturno por elle mesmo, e que obrigou a imitallo quantos o accompanhavaõ? ultimamente que outra couza he mais do que huma operaçaõ Magica aquelle trom de trovaõ, que deo de repente movimento áquella multidaõ de animaes creados por espirito superior, immoveis nas planicies da Fenicia, e que com este trovaõ a meo do que dispertou de hum profundo somno?

Naõ he possivel que os Fenices instruidos por Sanchoniaton deixassem de acreditar a Magia. Naõ era possivel que a cabeça esquentada com similhantes contos naõ armasse hum culto, e ceremonias analogas a estas loucas idéas acerca da origem, e aventuras dos Deoses. E se os Gregos tomaraõ dos Fenices a maior parte da má theologia, como depois a communicaraõ aos Romanos, naõ he de assombrar, que tambem estabelecessem as suas fabulas, e contos Magicos? E se desta tradicçaõ remonto á origem, e causa que constantemente opéra para o erro, para a superstiçaõ, ao susto do espirito temerozo dos males futuros com a recordaçaõ dos damnos passados; ja me naõ pasma que aquelles mesmos desvarios, que tanta authoridade tiveraõ em Grecia a tinhaõ igual na Roma, e tanta quanto n'outro tempo tinhaõ tido na Caldea, e no Egypto.

Mas passémos a tempos mais proximos, e a naçoens mais conhecidas; pois seria injustiça grande criminar unicamente os Gregos, e os Ro-

Romanos de nimia credulidade por escritos muito pouco dignos de fé. Estes escritos eraõ consagrados pela religiaõ que certamente naõ sofreriaõ observaçoens contra huma arte que era a parte mais consideravel do culto dos Deozes, e a fonte mais essencial da fortuna dos oraculos da authoridade dos sacerdotes.

Dir-me-hiaõ que a Islandia, a Norvega, a Laponia foraõ em todo o tempo os grandes theatros desta arte, tantos progressos fez alli, taõ profundas raizes lançou? Alli he que a Magia governa imperiozamente os povos, alli he que fez prodigios superiores a quanto se conta da antiga Thessalia. Schefer, Olaus Magno, e Saxon o Gramatico tomaraõ a seu cargo publicar grandes Collecçoens de maravilhas obradas todos os dias pelos Magicos destas tres naçoens; Magicos alliás assás ignorantes, mas que me parecem taõ ardilozos, e igualmente interessados como os antigos Sacerdotes do Egypto, da Assyria da Grecia, e de Roma.

O afferro que os Laponios, Islandezes, e Norvegos tinhaõ a esta escura sciencia, a sua inclinaçaõ á superstiçaõ, a sua extrema ignorancia pareciaõ indicar-me as qualidades necessarias ao clima, em que florecia a Magia: eu me capacitaria de que esta arte imbecil naõ póde ser cultivada, nem recebida senaõ por alguns genios grosseiros, e homens da mais vil classe, se desgraçadamente hum motim de grandes exemplos me naõ provassem ter exaltamento nas cabeças melhor organizadas, e mais illuminadas que a Magia exerce a menos cus-

tò a sua fantastica authoridade. De bòa vontade abandonaria a credulidade do povo, se Suetonio me naõ contasse que Nero, à quem naõ obstante os seus vicios, se naõ póde negar sem injustiça o talento, o gosto, a habilidade, foi o Magico mais declarado das suas eras, e sacrificou loucamente aos infernos, depois de invocaçoens, e as mais fortes imprecaçoens Magicas, ás manes de Agrippina, cujo espectro agastado lhe vinha todas as noutes reprehender do seu terrivel parricidio. Convenho em que a Magia naõ téve mais authoridade do que sobre espiritos pussilanimes, ignorantes, mulheres, e povo, se Dion Cassio, suidas, e muitos outros nos naõ tivessem daixado discripçoens pasmozas das opeçoens Magicas, das conjuraçoens, ceremonias religiozamente observddas pelo Imperador Adriano.

Dion ó primeiro destes historiadores conta que Marco Aurelio, a honra do throno, o docôro da Filozofia, sempre andava accompanhado do celebre Arnuphis, Magico do Egypto, a quem este credulo Imperador naõ deixou de attribuir a abundante chuva que saciou o exercito Romano, que estava morto de sede: este homem illuminado, este Principe Filozofo naõ attendendo á sua apostazia, o mais illustre dos Soberanos de Roma, o amôr da terra, naõ foi tambem o mais zelozo defensor do mais enfatuado da Magia? Naõ reccorreo mil vezes ás ceremonias mais superticiozas; as mais loucas desta arte, a fim de cativar a fidelidade de seus Vassallos, ao mesmo tempo que com as

suas

ſuas raras qualidades, virtudes, e talentos tinha conciliado a eſtimaçaõ dos Romanos, a confiança dos ſeus póvos, o amor dos ſabios?

Admira-nos hoje que ſimilhantes abſurdos foſſem reſpeitados entaõ pelos *Principes*, Grandes, e homens doutos: naõ temos razaõ, porque como ſe affoutariaõ no Egypo, na Grecia, em Roma, ao menos em publico duvidar dos poderes da Magia, que andava taõ intimamente travada com a Religiaõ? Seria declarar-ſe por impio o refuzar dar credito ás invocaçoens, ao poder das imprecaçoens magicas para com os Deozes do Olimpo, e do Inferno; mas que eſtas ſuperſtiçoens hajaõ durado depois que a sã Filozofia, e os dogmas mais puros aniquilaraõ para ſempre as divindades do Egypto, da Grecia, da Roma, he o que me comprova a mania dos homens, e ſua inconſequencia.

Naõ ha quem ignore com que furor reinou a Magia até ao fim do ultimo ſeculo, na maior parte das Cortes Europeas: todos ſabem tambem com que monſtruozo capricho a inxerio nas mais auguſtas ceremonias: lembra o imperio, que exerceó em França no mais memoravel Reino de Catharina de Medicis, e em que abyſmo de crimes arrojou eſta ſciencia a eſta Princeza ſuperſticioza, cruel, e ſucceſſivamente vicioza: *Eſta Rainha culpada*, diz Mezerai, *tinha eſtragado o animo com curiozidades impias, coſtumava trazer ſempre comſigo os caracteres: ainda ſe conſervaõ alguns marcados em pergaminhos taõ finos, que aſſentaõ ſerem a pele de hum menino, naſcido morto. Os eſpiritos vãos, e ligeiros ſe inclinavaõ*

fa-

facilmente a seguir estes exemplos. Hum Sacerdote chamado Des Echelles, *executado em* Greve, *por ter parte com o demonio, accuzou* 1:200 *pessoas do mesmo crime*. Bem vejo que no tempo de Carlos IX., se contavaõ em Pariz 30:000 Cidadoens occupados em evocaçoens, encantos, e ceremonias magicas; porém naõ leio em Chronica alguma, que esta multidaõ se tirasse da gentalha, que temesse os Magicos, e que cria na sua potencia, sem se afoutar a fallar contra a sua arte, nem assistir ás suas operaçoens.

Havia muitos annos que a Magia tinha decahido na França em desprezo, quando unindo todas as suas forças, furores, e crimes, tornou a apparecer de repente pelos fins do seculo ultimo, mas mais perniciosa, mais cruel, e mais feroz do que tinha sido em todos os Paizes, onde successivamente tinha espalhado o seu veneno, audacia, e superstiçaõ. No brilhante reinado de Luiz XIV., na Corte mais augusta da Europa, no centro do povo mais humano, e mais instruido do mundo, se viraõ surgir huma multidaõ de monstros, que com o pretexto de descobrir, e annunciar o futuro, zombavaõ da credulidade do povo, da fraqueza dos Grandes, cujas paixoens favoneavaõ, e ajudavaõ, depois de os ter desvairado para commetterem toda a casta de crimes. Todos sabem a que grão de atrocidade levou a sua velhacada a Marqueza de Brinvilliers: he notorio, com que rapidez La Voisin, e La Vigoureux adiantáraõ o progresso do contagio. Estas duas mulheres famozas, pelo excesso da sua impiedade, engros-

grossavaõ todos os dias o numero dos pertendidos adevinhadores, que naõ eraõ mais do que ministros da dezenfreada avareza destas duas envenenadoras. A religiaõ muito tempo profanada implorou o soccorro das leis; Luiz XIV. fundou hum Tribunal para conhecer, e castigar esta multidaõ sacrilega, cuja feitiçaria toda consistia em assombrar os espiritos fracos, em os alentar ao assassino, em lhes ministrar venenos, e punhaes. Foraõ prezas a Marqueza de Brinvilliers, La Voisin, e La Vigoureux, e huma multidaõ de pessoas de toda a qualidade, annos, e sexo, e envolvidos no seu crime; os mais culpados pagáraõ com o supplicio; alguns escapáraõ ao rigor do castigo com a prompta fugida, e com elles se degradou a Magia da França, onde nunca mais tornou a apparecer, mas onde ainda na maior parte das Cidades se conservaõ vestigios, maiormente no campo, de huma especie de superstiçaõ menos perigoza, e se querem adsurda, e de si muito desprezivel, que se haja de temer; com tudo tem as forças que bastaõ, he assás activa, assás arraigada para lhe tornar a dar credito. Em fim conservaõ-se as mesmas preoccupaçoens, que fizeraõ taõ temida a Magia entre os antigos, e que ainda lhe daõ tamanha authoridade entre os Islandezes, Norvegos, Laponios; pois quem naõ sabe que os feitiços saõ hum dos principaes ramos da Magia?

DOS

DOS SONHOS.

QUaõ inconſequentes, e loucos ſaõ os homens! Porque razaõ conſultaõ com tantos gaſtos os aſtros, calculaõ os ſeus diverſos aſpectos, fazem pactos ſacrilegos, chamaõ com grandes clamores as potencias infernaes, revocaõ, imploraõ os demonios, e os defuntos? Ha tantos meios de conhecer o futuro, ſem recorrer aos penozos calculos da Aſtrologia, nem ás atrocidades da Magia negra. E por qual razaõ havemos recorrer a meios taõ tenebrozos, quando ſem trabalho, ſem eſtudos, até ſem o penſar ſe podem ſatisfazer os dezejos curiozos, ſatisfazer os ſeus votos? He taõ ſuave, taõ adulador, e taõ deſcançado aprender o futuro por meio dos Sonhos, e ver diſtinctamente, em quanto ſepultado em ſomno, paſſar por diante de ſi os ſucceſſos futuros, que naõ comprehende, por que capricho ſe uzaõ meios mais penozos. He neceſſaria tanta ſciencia, fazer tantas diligencias, de talento para antever ſem erro o que tem que ſucceder? Certamento que naõ, pois que baſta dormir, e recordar-ſe depois de acordado do que ſonhou. Quanto á ſua explicaçaõ he muito ſimples, e tanto mais facil quanto mais arbitraria he, digaõ o que quizerem os interpretes da orinocritica; porque, menos alguns Sonhos, ſignifica o que querem que elles re-

pre-

prezentem, como observa Porphirio, que cria muito om Sonhos, mas que cria mais do que erá necessario em os interpretar em seu favor.

A respeitavel antiguidade (pois em materia de erros, e preocupaçoens, de superstiçoens, naõ se póde fallar della com demaziada veneraçaõ) a antiguidade, dizia eu, teve tanta confiança nos sonhos, que fez outros tantos Deozes, a quem consagrou templos, onde Morfeo, Julia, e Phantazia, Ministros dos Deozes dos Sonhos, vinhaõ todas as noutes descobrir o futuro aos credulos, que dormiaõ. Pauzanias depois da sua propria experiencia fez huma apurada descripçaõ do modo como se dispunhaõ os que queriaõ ter Sonhos na cova de Trophonio. Esta descripçaõ bem que singular nos dá a conhecer com que excesso de complacencia, e simplicidade cultivavaõ este ramo de advinhaçaõ: *Começa o devoto*, diz Pausanias, *passando muitos dias no templo da boa Fortuna, e do bom Genio, ali se purifica observando o hir duas vezes no dia lavar-se ao rio Hircinas. Quando os Sacerdotes o habilitavaõ sufficientemente purificado, immolavaõ á divindade grande porçaõ de victimas, acabando ordinariamente estas ceremonias pelo sacrificio de hum carneiro negro. Entaõ untavaõ ao curiozo dous mancebos com oleo, e era lavado á nascente do rio, onde lhe davaõ hum copo de agoa do Lethes, que lançava do animo toda a idéa profana, e outro cópo de agua de Mnemosine, que apparelhava a memoria para conservar a lembrança do que estava para lhe succeder. Os Sacerdotes descobriaõ depois a estatua de Trophonio, diante da qual convinha inclinar-se, e fazer oraçaõ; ultimamente*

 cu-

cuberto com huma tunica de linho, com a cabeça embrulhada de flamulas hiaõ ao Oraculo. Saõ bastantes ceremonias, mas he nada em comparaçaõ do que depois se seguia. O Oraculo era situado em hum monte no meio de hum cerco de pedras, e este cerco encobria huma profunda caverna, para onde se naõ podia descer, senaõ por huma estreita aberta. Conseguida a ventura de lá descer, depois de muitas diligencias, e com escadas, sem quebrar a cabeça, convinha passar pelo mesmo theor á outra caverna pequena, e muito escura. Para esta naõ eraõ necessarias escadas, nem guias; deitavaõ-se de costas, e principalmente levavaõ na maõ huma especie de bolo, feito com farinha, leite, e mel: punhaõ os pés em hum buraco, que estava no meio da caverna, e no mesmo instante se sentia levado rapidamente para dentro da cova, onde deitado sobre as peles das victimas, recentemente sacrificadas, e untadas de certas drogas, cuja virtude sómente os Sacerdotes conheciaõ, naõ se demoravaõ muito em adormecer profundamente, e neste tempo tinhaõ admiraveis vizoens, e lhe descobriaõ todos os segredos dos successos futuros.

Os que queriaõ ter sonhos profeticos, sem o trabalho de buscarem quem os interpretassem, hiaõ a esta celebre cova: mas o maior numero se contentava com contar os Sonhos aos Advinhos, que os interpretavaõ conforme a infallibilidade dos principios da Orinocritica. Naõ era possivel que estes interpretes errassem, por por pouco exacto que fosse no seu conto quem os inquiria. A arte Orinocritica tinha antevisto todos os cazos, todas as vizoens, todas as es-

pe-

pecies de Sonhos: especies, que segundo Macrobio, saõ finco; *Sonhos*, *Vizoens*, *Oraculos*, *Insomnios*, *Fantasmas*. As vizoens, e oraculos, diz o mesmo Escritor, saõ as duas especies mais respeitaveis, em que os antigos tinhaõ persuasaõ, que havia occulta alguma couza essencialmente divina: mas parece-me que Macrobio se engana muito. Os antigos consideravaõ as fantasmas vistas, e ouvidas dormindo, como a primeira especie de Sonhos, a mais intellegivel; e mais profetica de todas, e a menos susceptivel de diversas interpretaçoens.

O que quer que seja, os Sonhos de qualquer especie que fossem sempre se julgavaõ procederem dos Deozes, e faziaõ nos animos as maiores impressoens. Todos sabem qual foi o sentimento d'Alexandre na morte de Clytus, e fogindo da luz, encerrado no seu Paço se deixava entranhar da amargura dos seus remorsos; da vergonha do seu crime, e do excesso do seu sentimento. Diz Plutarco que nem queria ver, nem ouvir a alguem: era-lhe pezado o viver, e assentava acabar a vida, quando chegando-se o Adevinho Aristrandro ao filho de Felippe lhe trouxe á memoria hum Sonho, que lhe tinha vaticinado, havia muitos annos, a morte de Clyto. Ao recordar-se deste Sonho acabou Alexandre de chorar, e se restituio o socego na sua alma, e o que naõ poderaõ acabar com o abatido animo de Alexandre as lagrimas dos seus cortezãos, nem os cuidados do Imperio, foi obra de hum Sonho lembrado á tempo. Este mesmo Aristandro foi quem teve a gloria de segurar a

 in-

inquietaçaõ de Felippe a respeito de hum Sonho que o inquietava mais. Sonhara Felippe pouco depois de cazar com Olympia que a pezar das lagrimas de sua espoza, lhe punha elle no ventre hum sinete no qual estava gravado hum enorme leaõ. Assustado Felippe com este Sonho, o teve no principio como hum avizo dos Deozes de que Olympia algum dia havia offender a fé conjugal: seus aulicos, conforme o costume, o julgaraõ pelo mesmo theor, e talvez se attentasse contra a liberdade da Rainha se Aristandro naõ tivesse declarado ao Principe que os Deozes neste Sonho o informavaõ da prenhez de sua mulher; explicaçaõ ouzada, mas que felizmente foi justificada em pouco tempo.

Era tamanha entre os Gregos a authoridade dos Sonhos, que os Filozofos podiaõ fallar francamente dos Deozes, com tanto que fossem commedidos no artigo dos Sonhos, que cumpria respeitar como grandes mensagens acerca do destino. Artemidoro se fez assás famôzo no tempo de Antonino Pio, pela sua habilidade em explicar Sonhos, e deixou varios escritos deste assumpto, onde se achaõ todos os principios, todas as regras, e todas as decizoens da arte Orinocritica. Fez grandes descobrimentos nesta sciencia, que graças ao seu disvello, parece infallivel: elle foi o primeiro que depois de muitos exames decidio, que quando hum viajante sonha, que perdeo a chave da sua caza, he final seguro que algum sobornador está nos braços de sua filha; todavia Artemidoro, a pezar do grande successo das suas obras, naõ poz em esque-

queeimento os grandes homens, que o haviaõ precedido, e escrito sobre a Orinocritica, como eraõ Artemaõ de Milet, Demetrio Phalero, Apollodoro, Cratippo, Aristandro, Dionizio de Rhodes, Apollino, Epicharmis, Strataõ, e multidaõ de outros que naõ nomeio, mas cujo pezo, e grande numero provaõ quanto n'outro tempo se confiava em Sonhos para conhecer futuros.

Hoje ja se naõ crê, ou para fallar mais certo, finge-se naõ se crer em Sonhos. De boa vontade concederei que muito poucas pessoas illustradas se queriaõ encarregar de defender esta doutrina ridicula; sei finalmente que todos querem que entendaõ que elle despreza os Sonhos; mas quantos ha em quem estas mesmas illuzoens deixem de fazer a maior impressaõ? A este respeito como em outros muitos quizeramos parecer mais sensatos, melhor instruidos, mais Filozofos do que os Antigos; com tudo nós somos igualmente superticiozos, mas muito mais verdadeiros do que elles. A quem succéde algum fatal accidente, algum successo mal aditado, que antes lhe naõ fosse annunciado em Sonhos? Qual mulher perdeo o seu caõ, ou o seu espozo, a sua joia, ou o seu filho, o dinheiro, ou a filha, que algum dia antes naõ tivesse tido algum Sonho pezado? De que fallaõ nas assembleas dos pequenos, huma vez que se alcança na maior parte delles a maledicencia, e a ridicularia? Naõ he da inquietaçaõ, que cauza algum Sonho pezado? Todos estaõ bem capacitados de que os Sonhos naõ saõ mais do que

illuzoens, estaõ muito fóra de lhe dar o mais leve credito, todavia que naõ deixa de lhe enredar o cerebro o que tiveraõ, as circunstancias do que o vem acompanhado saõ taõ conformes ao que succedeo depois, que quazi se vem tentados a darem credito aos Sonhos, &c.

O povo, menos ambiciozo de parecer o que naõ he, confessa ingenuamente a sua fragilidade, e superstiçaõ. Crê em Sonhos, dito, e poem sem titubiar na numeroza classe de espiritos fortes, de incredulos, a todos os que naõ querem crer. Assim naõ me absterei de dizer, que he ser verdadeiramente impio o attribuir os Sonhos á divindade, que só os podia enviar a nós, se fosse verdade, que contivessem o presagio do futuro, e que este methodo de nos dar avizo incerto, duvidozo, cheio de confuzaõ seria o mais indigno da intelligencia Celeste; até confessarei, que se ha Sonhos profeticos saõ os que se desviaõ totalmente da theorica do somno. He possivel que nos instruaõ dos successos futuros; mas eu naõ conheço algum desta especie.

Com mais alguma physica, pouparia as antigos o cuidado de nos transmittirem muitos erros, muitas superstiçoens. Veriaõ por exemplo, que naõ sendo o somno mais do que o estado de immobilidade do corpo; quando a falta de espiritos nos orgãos tem suspenso as operaçoens dos sentidos externos, o relaxamento dos nervos, e a compreçaõ das suas fibras, cahidas humas sobre outras, impedem necessariamente que as impressoens feitas por objectos externos

paſ-

fem com ordem, e clareza ao cerebro. Veriaõ entaõ que os Sonhos naõ tem, nem pódem ter outra cauza mais que o movimento rapido, precepitado, irregular, incoherente, interrompido dos espiritos animaes nas capsulas do cerebro; que estes espiritos agitados sem regularidade, passando, e repassando de cellula em cellula, necessariamente se vem precizados a penetrar, como succede a algum dos vestigios, que no tempo de accordado fizeraõ os objectos exteriores, a excitar na alma a idéa dos mesmos objectos. A vontade que naõ dirige entaõ a carreira destes espiritos; que naõ pódem passar ao corpo, porque estaõ fechados todos os orificios dos nervos, necessariamente se haõ de derramar com dezordem pelo cerebro, e aballaõ já humas, já outras de muitas partes, e tornaõ a abrir muitos vestigios, que abertos reprezentaõ á alma idéas dispersadas, desanexas, que concebeo em tempos muito remotos, e que consequentemente naõ tem entre si conexaõ alguma, nem a menor apparencia de bom senso.

Ora, senaõ ha, nem póde haver Sonhos, que naõ sejaõ effeito deste irregular movimento dos espiritos animaes pelos vestigios do cerebro, esta dezordenada carreira he a que tornando a romper os vestigios muito profundos, que tem feito em nós até na infancia os contos, com que nos embalaraõ, nos parece que vemos, que ouvimos as fantasmas, as larvas, e mil outros objectos taõ caprichozos, e taõ insensatos; mas, a que a imaginaçaõ esquentada, e o espirito abatido pela superstiçaõ tem ad-

qui-

quirido o habito constante de suppor realidade?

DAS FANTASMAS,

Espectros, e Almas do outro mundo.

O Medo, a perturbaçaõ do animo, a imaginaçaõ esquentada com a força das impressoens, que tem tido ultimamente a escravidaõ que he a superstiçaõ; he a quem devem a existencia, que se lhe suppoem, e o terror que inspira a fantastica presença das Larvas, Fantasmas, e almas do outro mundo; he couza que reina em todas as naçoens, porque em todos os povos as imagens naõ esperadas, os estrondos naõ precavidos, e subitos, circunstancias que assombraõ, paixoens impetuozas agitaõ a imaginaçaõ, que movida com violencia, ferida fortemente, sem que haja objecto exterior, que lhe faça impressaõ se mostra á alma do mesmo modo que se elle estivesse prezente. Em toda a parte se dá credito ás fantasmas, aos Espectros, ás almas do outro mundo, porque por toda a parte tem os homens formado falsas idéas, que lhes gravaõ o medo, o respeito, que penetraõ a alma do terror, e causaõ tormento a estes espiritos fracos. He geral o medo dos espectros, porque muito poucas pessoas tem bastante senso, e filosofia para examinarem com animo tranquillo a cauza des-

destes terrores, quando ella faz effeito: o principio destas vãs imagens quando parece que se lhe estaõ vendo, o mecanismo destas operaçoens quando gelaõ de susto o coraçaõ. Além disso como se naõ ha de crer em fantasmas, se se contaõ tantas couzas, e estes factos, e contos saõ abonados com tantas provas? Como se naõ ha de crer em appariçoens, se se acreditáraõ em todo o tempo, e estaõ authorizadas com tamanhos exemplos, e com a experiencia de tantos homens illustrados?

Antes de fallar dos exemplos particulares, examinarei pelos mesmos factos, a que couzas deve a superstiçaõ a sua origem, e authoridade.

O temor da morte taõ natural ao homem, o intimo convencimento, ou dezejo anciozo da immortalidade da alma, e futura reuniaõ com o mesmo corpo, que animou na terra, tem dado motivo á se instruirem por toda a parte dos funeraes, e ceremonias lugubres. Estas festas, e estas ceremonias foraõ ao principio taõ singellas, como os que as tinhaõ instituido; pouco a pouco se foraõ augmentando estas primeiras festas, já para recordar com mais vehemencia a idéa da futura reuniaõ da alma com o corpo, já por motivos de interesse, e dominio da parte dos innovadores; accrescentaraõ-se decoraçoens que fizessem respeito, pinturas funebres, ceremonias lugubres, em fim hum aparelho o mais terrivel; mais tenebrozo, cujo effeito foi assombrar o espirito, e assustar a imaginaçaõ.

Antigamente, por exemplo, era huma ce-

ceremonia muito augusta, e solemne para o povo idolatra, o uzo em que estavaõ de offerecerem aos Deozes do Inferno sumptuozos banquetes. A superstiçaõ, que sempre vai ao galarim, huma vez introduzida, inspira logo a estes mesmos póvos o darem aos manes dos mortos iguaes honras, que até entaõ se tinhaõ dado á Corte Infernal. A ignorancia, ou para melhor dizer, o capricho humano offereceo festas aos mortos para lhes aplacar as almas. O apparato destes festins, o profundo silencio, que nelles se observava, o obscuro do sitio, onde esta ceremonia se executava, o espectaculo dos sepulchros, ossos, caveiras, corpos meios mirrhados, que se divizavaõ com o palido claraõ das tochas funeraes, o abatimento, a consternaçaõ dos convivos, os seus suspiros, os gemidos, os braços estendidos entre carpidos, para os cadaveres, a quem parecia estavaõ pedindo quizessem vir participar do festim: que objectos mais capazes de fazerem susto á multidaõ! Tambem se avalia como hum dos mais sagrados deveres da Religiaõ o uzo, e a solemnidade destas festas nocturnas. E como se communicou esta ceremonia de huma naçaõ a outra? Os differentes póvos antigos, e modernos, que tem estado, e estaõ ainda no costume de comerem sobre os sepulcros, tomaraõ este uzo do delirio da sua propria superstiçaõ? He o que naõ he possivel descobrir entre a nuvem que nos encobre a origem destes tristes banquetes. No Egypto onde era taõ notavel a veneraçaõ aos defunctos, onde os sepulcros inspiravaõ tanto respei-

peito, era inviolavelmente observado o uzo das comidas nocturnas, e funebres; por ellas terminavaõ sempre a solemnidade dos enterros. Em Roma eraõ os funeraes sempre accompanhados de hum banquete taciturno, que o herdeiro dava aos parentes, e amigos do defunto no mesmo sitio, onde descançavaõ as suas cinzas.

N'outro tempo, logo que dava o ultimo suspiro hum Cidadaõ da Curlandia, e Semigallia, o vestiaõ com os seus melhores vestidos, e lhe metiaõ na maõ, ou punhaõ á sua ilharga huma somma de dinheiro determinada pelo costume, e alguns alimentos; metiaõ-no em huma tumba, e o levavaõ ao sepulcro, que sempre era retirado das Cidades em hum campo, ou matto. Alli abria-se o caixaõ, e offerecia-se de comer ao cadaver: para o obrigar a comer, os conductores do enterro funebre comiaõ, e regalavaõ quantos tinhaõ sido convidados, e seria indecencia se algum deixava de fazer saude ao defunto, e convidallo a beber.

Nos primeiros tempos naõ se offerecia ás almas mais do que mel, vinho, cerveja, leite, ovos, paõ, carnes, e agoa; mas á medida que as trevas da ignorancia foraõ engrossando, foraõ os costumes sendo menos singellos, e a superstiçaõ deo ferocidade aos homens. Assentaraõ que as almas dos que tanto se tinhaõ deleitado com a carniceria, antes quereriaõ beber sangue, do que comer legumes. Esta louca, e cruel idéa inspirou primeiro aos povos a idéa de espalhar sobre os sepulcros algumas pingas de sangue humano: depois as mulheres, escravos, cativos, e con-

e concubinas, que tinhaõ ſido daquelles, cuja memoria queriaõ honrar, expiravaõ no cutello dos ſacrificadores. No meio deſtas temerozas hecatombas, ao eſtrondo dos gemidos das victimas e ſobre os ſeus membros palpitantes he que os amigos dos defuntos faziaõ os banquetes funeraes: entaõ he que eſquentados do vinho, e do horror do eſpectaculo chamavaõ o morto; entaõ parecendo-lhes ver a ſua alma na nojenta figura de hum Eſpectro, de huma temeroza Fantaſma lhe diziaõ com tom lugubre, e titubeante: *amigo Eſpectro! tu ſurges do fundo do teu ſepulcro, queres vir com noſco para comer, e beber de companhia?* Acabado eſte barbaro feſtim, quando ſe julgava ſatisfeita a ſombra, e quando naõ havia mais deſgraçados que immolar, quando já os convivos ſentiaõ no intimo do coraçaõ o tormento dos remorſos, deixavaõ arrebatadamente a meza, exconjuravaõ a Fantaſma, que a ſua imaginaçaõ eſquentada lhe figurava como prezente, que ſe retiraſſe, e maiormente que naõ fizeſſe damno ás plantas dos Jardins, e fructos do campo.

Os Salvagens da America obſervaõ religiozamente eſtas comidas funeraes, eſtes ſanguinolentos ſacrificios, e todas eſtas ceremonias. Ainda nos noſſos dias em muitas provincias da Luiziana logo que huma mulher *chefe* da povoaçaõ, ou *nobre*, iſto he da geraçaõ do Sol, morreo, ſe mataõ ſobre o ſeu ſepulcro doze crianças, e quatorze peſſoas grandes ſe enterraõ com ella; a meſma ſuperſtiçaõ, que faz immollar eſtas victimas, lhas muda em outras tantas Fantaſmas, que

que os barbaros da povoação lhes pareſſe verem andar todas as noutes errantes ſobre os ſepulcros.

Os coſtumes mais caprichozos ſempre tem fundamento em algum principio. O dos banquetes funebres he, como já diſſe, a perſuaſaõ, ou o dezejo da immortalidade da alma. Deſta opiniaõ concluiraõ os antigos, como tambem os Salvagens do tempo moderno, que visto ſer a alma immortal, e ſempre ſenſivel, ha de eſtimar as honras que lhe fazem.

Outro erro veiò avultar eſte, e fazer feroz eſta ſuperſtiçaõ. Eſtavaõ os antigos capacitados de que as almas ſeparadas dos corpos folgavaõ de andarem pelos ſitios, onde eſtava ſepultado o ſeu primeiro corpo: aſſentavaõ que vagando ſem deſcançarem em torno dos ſepulcros, e diminuindo a fadiga deſte exercicio as forças, neceſſitavaõ de alimentos; em fim enterravaõ o vinho das libaçoens, que eſpalhado ſobre a poeira, logo era embebido, e naõ deixava na ſuperficie algum final de humidade. Julgavaõ tambem que as almas ouviaõ, e recebiaõ agradecidas as ſupplicas, e alimentos, que ſe lhes offereçiaõ, que fecundavaõ as terras dos que as honravaõ, e que ſendo larvas malfazejas perſeguiaõ, e atormentavaõ com repetidas appariçoens a quem tinhaõ algum odio, e de quem ſe queriaõ vingar.

Em fim naõ ſe ſatisfaziaõ os antigos com attribuirem ás almas deſpidas de materia, todas as paixoens, que as tinhaõ inquietado em quanto unidas com os ſentidos: eſtavaõ perſuadidos que

Naõ no futuro, como no passado, que vaticinavaõ aos que recebiaõ beneficios, os succeffos futuros, as desgraças, os revezes, as molestias, a propria morte, e sempre com appariçoens.

Que manía authorizava estas fabulas? A mesma que sempre deo credito a erros arriscados; a ambiçaõ dos Sacerdotes, que reinava por virtude do temor sobre a superstiçaõ; a sua soberba que tinha empenho em deixar vegetar o povo no terror, e ignorancia. Assombravaõ incessantemente a imaginaçaõ dos fracos com contos temerozos, e muitas vezes com frazes de charlatoens, cujos impulsos sómente elles conheciaõ, e punhaõ em pratica.

Para saber quantas preocupaçoens tem ajuntado as trevas do paganismo aos erros da ignorancia, convem reparar que a opiniaõ sobre as appariçoens, ainda he dos nossos dias. Indague-se, e examine-se se ha aldêa na França, e em toda a Europa algum cazal, onde a maior parte dos lavradoras naõ estejaõ persuadidos de que as almas tornaõ ao mundo. Saõ entre elles frequentes as appariçoens, e ha poucos que naõ tenhaõ visto Espectros, e almas do outro mundo. E como se naõ persuadiriaõ tellos visto? Saõ mais illustrados, mais intrepidos, do que os antigos que lhes transmittiraõ estas quimeras, e superstiçoens?

Quando o feroz Bruto, barbaro á força de virtude, assentou apunhalar a Cezar; quando, no instante deste assassinato, quazi a ponto de se cobrir do sangue do seu amigo, do seu bemfeitor, e de seu pai na opiniaõ commum, Bruto en-

enthuziasmado de patrioſtiſmo, opprimido antecipadamente ſob o pezo dos remorſos, vio, ou ſe lhe affigurou ver hum Eſpectro, que lhe hia no ſeguimento, e lhe exprobava o horror do parricidio, que hia commetter, e entregallo ás furias, a ſua imaginaçaõ eſtava aſſás inquieta para lhe affigurar eſpectros, e larvas. Conta-ſe eſta temeroza appariçaõ a Caſſio, que mais humano do que elle, e que naõ tinha ao menos o temor de ultrajar a natureza, diſſe á Bruto, como conta Plutarco: *Eſtou perſuadido, ó Bruto! que ſe te affigurou veres hum Eſpectro, que te tomava conta do ſangue, que vas derramar: e naõ te perſuades tambem, que os cuidados, que te trazem inquieta a alma, e perturbado o eſpirito, que a ſumma fadiga dos teus ſentidos, as trevas da noute, a humanidade, o patrioſtiſmo, que combatem no teu animo, tenhaõ força baſtante para te alterar as idéas, e eſquentar a imaginaçaõ de ſórte que gere as Fantaſmas, as larvas, as furias?* Quanto a mim eu naõ creio em Demonios, e muito menos que elles ſe façaõ viziveis, &c. Com tudo iſto eſte meſmo Caſſio taõ ſuperior a todo o temor, taõ capacitado de que nem havia Deozes, nem demonios, e em cujo parecer a vizaõ de Bruto naõ foi mais do que effeito da dezordem da ſua alma; eſte meſmo Caſſio teve ao depois mais conſtancia, mais alento, mais acordo, e animozidade? Até entaõ guerreiro intrepido, fero inimigo d' Antonio, e do Triumvirato, naõ ſe lhe affigurou ver na ſua tenda hum Eſpectro? Eſta Fantaſma produzida pelas meſmas cauzas, que taõ veridicamente tinha

con-

concluido na aventura de Bruto, lhe embebeo terror no animo, prendeo o seu valor, de sórte, que no dia seguinte o seu braço, até entaõ indomavel, ficou immediatamente sem força no campo de Felippe, e deixou ser-lhe roubada a honra da victoria.

Druso, hum dos homens maiores que gerou Roma antiga, que tinha levado as suas conquistas até ás margens do Elbo, quando inesperadamente, se lhe apprezentou huma mulher de estatura gigantesca, e vestida á maneira dos Barbaros, dizendo-lhe: *Que vens aqui buscar, insaciavel Conquistador? Foje, e vai longe daqui terminar a tua vida, que a parca inexoravel se apressa a te roubar*; e dezapareceo a Fantasma. Referem esta appariçaõ Dion, e Suetonio, que ambos crem em fantasmas. Nenhum se admira do terror panico de Druso, que soppondo á certeza deste facto, tinha ouvido fallar em Roma d'auspicios, prodigios, espectros, fantasmas, genios malfazejos para entrar em duvida, como observa Bayle, *que alguem de estatura extraordinaria d'entre os habitantes do paiz, onde estava, se desfarçasse em Espectro, pois he verossimil, que mais de huma vez se recorresse a similhante estratagema.*

Mas porque indagamos similhantes exemplos entre povos, cujo culto, Religiaõ, e Sacerdotes sómente se empenhavaõ em dar valor a esta superstiçaõ. He bem natural, que occupados da falsa doutrina da vinda habitual das almas ao mundo, crescem os Egypcios, Gregos, Romanos, como a maior parte das naçoens bar-

barbaras dos nossos dias, em appariçoens, Espectros, e Fantasmas. Mas o que me naõ parece natural, e todavia attestaõ mil exemplos (taõ incomprehensiveis saõ os caprichos da razaõ humana) he que as mesmas fabulas, as mesmas preoccupaçoens espalhaõ entre nós tanto terror, como n'outro tempo cauzavaõ aos Romanos idiotas, e credulos Etruscos. O que me custaria a crer, se naõ fossem factos provados, he que entre nós homens, aliás celebres pelas suas luzes, e ainda mais pela diligencia, com que impugnaraõ as opinioens, que andavaõ em voga, fossemos mais susceptiveis desta impressaõ de susto, destes temores, destes alvorotos, que naõ se podessem conter de bramir meramente ao ouvirem fallar em fantasmas, almas do outro mundo, e Espectros. Tal dizem que foi o famozo Hobes, honra de Inglaterra, hum dos Escritores do ultimo seculo de melhor nome. Hobbes, este famozo Letrado, este illustre sabio a quem a liberdade da filozofia, a novidade, e ouzadia de algumas propozissoens fizeraõ ter em conta d'atheo; este mesmo Hobbes, diz o estimavel Author, que lhe escreveo a vida, foi criminado de ter medo das Fantasmas, cuja existencia negava; e foi tal o medo, que naõ ouzava estar só, bem que estivesse persuadido que naõ havia substancia espiritual.

Se me dizem que naturalmente timido, bem que assás alentado para luttar contra a verdade, Hobbes naõ achou na sua razaõ bastante força para se elevar sobre as primeiras impressoens que lhe tinhaõ dado. Como se ajustará a incrivel

contradicçaõ que reina nos escritos de hum homem menos celebre do que Hobbes, mas igualmente sabio, e talvez mais Filozofo? M. Hanov, Professor, e Bibliotecario em Dantzic, conhecido na republica das letras por muitas obras excellentes, combateo com aquelle successo que he fructo da verdade as superstiçoens, e prejuizos da maior parte dos póvos antigos, e modernos, a respeito da vinda das almas, e das apariçoens. Todavia nesta mesma obra parecendo esquecer-se das reflexoens, e discursos conta com a sezudoza de hum antigo morador de semigalla a fabuloza aventura succedida em Flaxbinder, mais conhecido com o nome de *Joannes de Curiis*. O máo procedimento, diz M. Hanov, a intemperança, a devacidaõ foraõ os cuidados de Flaxbinder na sua mocidade. Huma tarde, quando estava embriagado nos mais devassos prazeres, vio sua Mai huma Fantasma taõ parecida com seu filho na figura, e no porte, que se enganou com ella. Estava ella sentada em hum escritorio, entalada em livros, e parecia profundamente occupada em ler, e meditar alternadamente. Persuadida de que estava vendo o filho, e gostozamente salteada, se deixava entranhar da alegria que lhe cauzava taõ inesperada mudança, quando ouvio na rua a voz do mesmo Flaxbinder, que ella lhe parecia estar vendo. Ficou horrorozamente sobresaltada, ao menos assim devia ser observando que o que lhe reprezentava o filho naõ fallava, que tinha o ar sombriamente carregado, e taciturno, e assentou que devia ser hum Espectro, e augmentando es-

ta

ta consequencia o seu terror, mandou a toda a pressa abrir a porta ao verdadeiro Flaxbinder. Entra, vai chegando, sem que o Espectro mudasse de figura; Flaxbinder enregelado bramio a este espectaculo, e tremendo fórma tençaõ de deixar o vicio, fugir das dezordens, estudar, e em fim imitar a Fantasma. Mal fez esta louvavel tençaõ, sorrio o Espetro por hum modo horrivel, arrojou os livros, e voou. Bem parece que hum homem que conta por hum estillo taõ capacitado, taes vizoens, naõ está muito fóra de ver Fantasmas, e por isso naõ me assombra que na continuaçaõ das obras posthumas de M. Hanov, e que dizem que haõ de sem tardança sahir á luz, se lem algumas relaçoens de appariçoens. Este Sabio bem que tenha grangeado hum grande nome, a pezar da superioridade dos seus talentos, tem tantas preoccupaçoens, imaginaçaõ, e credulidade, quanto he necessaria para vèr Espectros.

Com effeito, bem se póde dizer com Bayle que nem sempre se devem criminar de impostura os que protestaõ terem visto Fantasma, por quanto os contos que tèm lido, ou tem ouvido de similhantes appariçoens, deixaõ no cerebro hum vestigio taõ profundo que naõ pódem passar por elles os espiritos animaes sem excitarem com violencia a idea de hum Espectro. *Se a viva attençaõ a estes objectos accompanhada de temor, abala a imaginaçaõ, estai seguro que a acçaõ dos espiritos animaes neste vestigio será mais forte do que a acçaõ da luz nos nervos Opticos. Entaõ a imaginaçaõ será mais forte do que a vista, e pintará*

 os

os objectos prezentes, de forte que ainda accordado parece estar-se vendo huma couza que naõ he prezente aos olhos, mas sómente nos sentidos internos. Que seria n'outro tempo, quando se persuadia ao povo, tanto em Roma, como n'outras partes, principalmente ao povo do Campo, naõ sómente a possibilidadade da vinda das almas ao mundo, mas tambem a frequencia destas vindas, e sempre a pedir, diziaõ elles sacrificios, Hecatombas, soccorros mercenarios, venaes expiaçoens? Pois seriaõ menos os erros se estes homens avarentos, estes velhacos respeitados naõ reffinassem cada dia as antigas preoccupaçoens e á força de imposturas naõ estendessem cada vez mais a noute da ignorancia, e o imperio da superstiçaõ.

DA FEITIÇARIA, FEITICEIROS,

e Feitiços.

QUe estupidos malvados saõ os Feiticeiros! Tem hum unico meio de fazerem mal, e ainda esse meio lhe naõ surte sempre que uzaõ delle. Que occupaçaõ todavia, que arte, que profissaõ he mais trabalhoza, que condiçaõ mais dura do que á dos Feiticeiros? Estes infelices tomaõ infinito trabalho, atormentaõ-se, agitaõ-se, fazem jornadas trabalhozas, fazem com o demonio o mais insipido, e o mais cançado pacto,

cto, o culto, e Ceremonias saõ as mais grosseiras, as suas invocaçoens mais se assemelhaõ, como dizem, a rugidos, do que a oraçoens articuladas: levados pelos ares nos tempos de maior borrasca, sobre os mais frageis arrimos, e em risco de quebrarem a cabeça a cada instante; sempre entre trevas densas, mettidos entre fedorentos bódes, sempre pobres, e tudo isto para fazerem medo a alguns genios timidos, a velhas, a crianças, e quando muito nas maiores occazioens para alcançarem do diabo algum pretendido maleficio, alguma chuva empestada, alguns alqueires de granizo, que os fazem abominaveis, e muitas vezes páraõ em se verem obrigados a hirem a outra parte exercer a sua chimerica potencia. Com tudo isso as funçoens dos Magicos, e suas ceremonias tem alguma couza nobre, hum certo tom de dignidade, e de grandeza; mas na *Feitiçaria* tudo he acanhado, ignobil, e baixo: pelo que naõ se encontraõ nas Cidades. Esta sciencia, que naõ dá nem honra, nem cabedal, naõ me parece appetecivel. E por qual razaõ he, ou se julga ser taõ poderoza, e taõ boa para se estudar? He porque em todos os Estados se folga de ser temido, de dominar, e de ter certo ascendente no animo do seu vizinho.

Convem todavia confessar, que a Feitiçaria tem passado muitas variaçoens, e perdeo muito da sua antiga authoridade, hoje naõ he mais do que huma arte malfazeja, que com invocaçoens summamente absurdas, vai buscar na espessura das trevas soccorro, e ministerio do dia-

diabo. N'outro tempo era couza muito diversa, e tambem a superstiçaõ fazia valer os Feiticeiros; ao menos externamente; porque no fundo sempre ajuizo, que esta especie foi ainda mais desprezada, e mais abatida, do que se julgava respeitada.

Se me naõ engano, Orpheo, e Tirezias passaõ pelos primeiros Feiticeiros, de quem falla a historia. Contaõ-nos Homero na *Odyssea*, e Virgilio na *Eneida*, que a occupaçaõ destes dous Sacerdotes era revocar as almas dos Infernos; mas naõ se encontra, que tirassem alguma do dominio nas Celestes Divindades. A elles se dirigiaõ, quando queriaõ consultar os mortos. Ora esta invocaçaõ por Plataõ, e pelas Parcas naõ era mais do que hum acto de Magia negra, ou Feitiçaria?

Abundava a Lacedemonia de Magicos, mas nem hum só era iniciado nos mysterios de feitiçaria; e quando os Lacedemonios quizeraõ, como conta Eliano, apaziguar os manes de Pausanias, que deshumanamente mataraõ de fome em hum Templo, foraõ obrigados a trazerem Feiticeiros da Italia, para com as suas ceremonias, e exconjuros se livrarem do espectro do defunto. Parece-me todavia assás inutil, que os Lacedemonios mandassem taõ longe em busca de Feiticeiros, havendo tantos na Thesalia, como segura Plinio, de sorte que na Italia passavaõ como Synonimos *Thesaliense*, e *Feiticeiro*, e ambos estes termos se apropriavaõ a huma mulher mestra na grande arte de enfeitiçar.

Todos sabem, que fosse Medéa a primeira, que

que trouxesse das margens do Ponto Euxino á Grecia, e á Thesalia a Feitiçaria. Assenta, e diz Seneca, mas naõ o prova, que Mycales muito versado nesta sciencia fora quem a ensinára aos Thesalienses. Heliodoro Escritor muito sezudo, mas nem sempre veridico, diz que no seu tempo havia no Egypto hum grande numero de Feiticeiros, muito desprezados pelos Magicos, abominados do povo, cuja sciencia estava toda em servirem com hum culto ridiculo idolos particulares, e andarem de noute vagando em busca de certas hervas, que colhiaõ, a que imputavaõ algumas virtudes maleficas, e ultimamente em commetterem alguns crimes obscuros, ou buscarem por dinheiro a satisfaçaõ de prazeres immundos. Plutarco, Apollonio, e Erasmo seguindo-os a elles, fallaõ muito de huma velha Aglatonica de Thesallia, taõ celabrada pelos seus maleficios, e pelo seu odio contra as mulheres, que ellas a temiaõ summamente, capacitadas de que pelas suas ordens, e pela virtude das suas exconjuraçoens, descia a luz á terra, menos que com huma horrivel algazara de vozes, e instrumentos se embaraçasse, que estas misteriozas palavras das suas invocaçoens naõ penetrassem ao Ceo.

Este erro dos Thesalienses, lavrou da Grecia pela Italia, e dahi por todo o mundo. E como depois de tantos seculos penetrou aos matos da America, á China, ao Japaõ, e Indias? Ignoro-o, e seria difficil de mostrar o como, e em que tempo teve lugar, até entendo que seria infructifero indagar vestigios desta transmis-

que verossivelmente nunca foi feita, por quanto he muito natural, que o terror tenha inspirado nos Certoens da America as mesmas ceremonias, iguaes erros, e similhantes superstiçoens, que inspirou nos póvos da China, aos Gregos, aos Europeos, quazi pelo mesmo modo que o temor da morte, e o instincto da conservaçaõ de si mesmo inspiraõ aos veados em todos os paizes, sem que tenhaõ tido entre si communicaçaõ alguma os mesmos gritos, as mesmas manhas, o mesmo modo de fogir dos caens, e dos caçadores. O que quer que seja, vemos os Barbaros da America, e das Indias mais recentemente descubertos, o observarem no tempo dos Eclypses da Lua, exactamente as mesmas ceremonias, que praticavaõ no tempo d'Aglatonica as mulheres de Thessalia. O que mais me ensinaõ os Authores, que tem escrito os costumes, e preoccupaçoens de nossos pais, he que o mesmo erro subsistio muito tempo no Christianismo, na Europa, e até em França, onde nos Eclypses entendiaõ, que com algazarras, huivos, e matinada, se acodia á Lua contra os meleficios, e conjuraçoens dos Feiticeiros; tanto he verdade que naõ ha couza, que possa suspender, nem destruir a superstiçaõ, cujo imperio he tanto mais poderozo, por ser fundado no terror; paixaõ antiga, inseparavel da condiçaõ humana, ha perto de 50 seculos, e que huma vez introduzida vai lavrando, e entranhando-se pelo continente, cruzando todos os mares, e hoje se acha espalhada por todas as partes do mundo habitado.

Os

Os Romanos, naçaõ dada em todos os tempos a superstiçaõ, eraõ penetrados de respeito aos Magicos, e tambem criaõ muito na Feitiçaria, com tudo tratavaõ os Feiticeiros, e Feiticeiras com summo desprezo: he verdade que os naõ queimavaõ, como tem queimado em França, e Allemanha, mas enchiaõ-nos de injurias, e ridicularizavaõ-nos, o povo os abominava, os homens de letras escarneciaõ delles, e os Grandes, menos alguns que ajuizavaõ como o povo, os avaliavaõ como huma vil canalha. Veja-se como Horacio mófa da sua sciencia, e profissaõ nos seus versos satyricos acerca da horrivel Canidia, que pinta com as feiçoens de huma velha cioza, malevola, furioza, e sempre prompta a fazer mal, e a emprehender tudo por dinheiro, n'huma palavra quazi taõ digna de desprezo como as *Velhas*, a que entre nós denominamos *Bruxas*.

Mas como he possivel que estes mesmos Romanos, taõ sensatos para terem em pouco os Feiticeiros, fossem taõ pusilanimes que dessem cegamente fé aos segredos, e operaçoens da Feitiçaria? Com que inconsequencia ultrajando os Feiticeiros, temiaõ os sortilegios?

Tibulo em huma das suas elegias conta, que dezatinadamente amante da mulher de hum homem ciozo, recorreo a huma grande Feiticeira, e que depois de alguns exconjuros, e muitas ceremonias, teve modo de gozar da sua amante, á vista de seu mesmo marido, que naõ vio a infidelidade de sua mulher, nem os attentados do amante. Escreve tambem Ovidio o sacrificio fun-

funebre que era uzo fazer-se todos os annos em Roma á Deoza Taciturna (*Dea Muta*). Cercada, diz elle, de huma tropa de raparigas, fazia huma velha Feiticeira nesta occaziaõ as funçoens de Sacerdotiza; tinha na maõ esquerda tres grãos de incenso, e metia misteriozamente em hum buraco de rato, junto á porta do Templo, depois voltava ao Santuario, mas vindo recuando, e com os olhos pregados no chaõ metia na boca sete favas negras huma depois da outra: e quando tomava a ultima fava collava com a rezina a cabeça de hum pequeno Idolo, que picava com huma agulha de arame; e depois lançava em hum brazido de Folhas de arimantho: seguia-se a estas operaçoens, o levantar a velha hum copo de vinho generozo, e lançava algumas pingas sobre as folhas; dava hum pouco a beber ás raparigas que a cercavaõ e todo o resto goardava para si; depois quando começava a embriagar-se, e a perder o tino despedia a assembléa, e cada qual se retirava, persuadido que a velha com este sortilegio tinha prezo a lingoa da maledicencia, e calumnia.

A indulgencia do Senado, que talvez com excessiva credulidade tolerava estes absurdos deo coragem aos Feiticeiros, e em breve tempo imitando os Magicos, fizeraõ as suas ceremonias mais nobres, e mais augustas: cresceo a sua audacia á medida do respeito, que inspirava no povo: as suas assembléas foraõ mais mysteriozas, e se occuparaõ nellas de objectos mais importantes.

Conta-nos Amiano que no Imperio de Valen-

lente, entravaõ na numeroza claſſe de Feiticeiros alguns Filozofos, e muitos nobres. Conta eſte hiſtoriador; que curiozos de advinharem qual ſeria a ſorte do Imperador reinante, ſe juntaraõ de noute em huma das cazas deputadas para as ſuas ceremonias. Começaraõ erigindo hum tripó de raizes, e de ramos de louro, que conſagraraõ com horriveis imprecaçoens: ſobre eſte tripó puzeraõ huma bacia compoſta de differentes metaes, e ſe formaraõ em roda com iguaes intervallos todas as letras do alfabeto. Entaõ o maior Feiticeiro da companhia ſe adiantou cuberto de hum longo veo, com folhas de verbena na maõ, e dando grandes grittos, e temerozas invocaçoens, que accompanhava de convulçoens feias: depois parando de repente diante da bacia Magica, ficou nella immovel, e tendo hum anel ſuſpenſo por hum fio. Mal acabava de pronunciar as palavras do ultimo ſortilegio ſe vio mecher o tripó, mover-ſe o anel, e agitar-ſe rapidamente, e ferir já huma letra, já outra: Eſtas letras á porporçaõ que ſe hiaõ ferindo ſe hiaõ ordenar de ſi meſmas humas ao pé das outras ſobre huma meza, e compunhaõ excellentes verſos heroicos, que aſſombravaõ toda a aſſembléa. Valente a quem deraõ conta deſta operaçaõ, e que naõ folgava que ſe conſultaſſe o inferno acerca do ſeu deſtino, punio ſeveramente os grandes, e os Filozofos que aſſiſtiraõ a eſta Feitiçaria; e eſtendeo com atrocidade ſem exemplo, o degredo a todos os Filozofos, e Feiticeiros de Roma, e os Grandes deſgoſtozos de huma arte que era occazionada a taõ

crueis

crueis ſupplicios, deixaraõ a Feitiçaria á gentalha, e ás velhas, que naõ uzaraõ della para outra couza ſe naõ para pequenos amores, e vinganças obſcuras, e maleficios particulares, e pouco perniciozos.

Eſta revoluçaõ foi a epoca da decadencia da Feitiçaria: he verdade que de tempos a tempos tentaraõ alguns Feiticeiros ambiciozos uzurpar a conſideraçaõ; mas obrigaraõ-nos, logo a entrarem no ſeu primeiro dezabono. Juſtiniano chegou a impor penas capitaes contra os que fizeſſem uzo dos ſortilegios para fazer mal. E Conſtantino, que a pezar das ſuas luzes, naõ deixava de ſer ſuperſticiozo, mandou que foſſem punidos os que uzaſſem de Feitiçaria para damnar a vida dos homens, ou pudicicia das mulheres; mas que ſe naõ devaçaria contra os que uzaſſem deſta arte em ſárar moleſtias, ou arredar os ventos, as tempeſtadas, as borraſcas.

Ao tempo que em Roma, e no Imperio ſe procedia com tamanho rigor contra os Feiticeiros, florecia eſta arte nas Gallias, e principalmente na Grã-Bretanha, onde, como repara Plinio, os Druidas a levaraõ á maior perfeiçaõ. Mas eſtes Druidas taõ affamados naõ eraõ habeis Feiticeiros, ſómente ſabiaõ fazer, e iſto muito mal, alguns exconjuros, e toda a ſua potencia parava em imprecar aos eſpiritos infernaes que accodiſſem á ſua voz. N'outro tempo tambem foi eſta toda a ſciencia dos feiticeiros Romanos, Gregos, e Egypcios; porque, tirando Orpheo, Thezeo, Hercules, Enea, e alguns outros heroes, que viaõ a face ao

Prin

Principe das trevas, naõ nos indica a antiguidade de sitio algum onde se fizessem as conferencias entre o diabo, e os Feiticeiros. Nenhum dos antigos Demonographos faz mençaõ destas assembléas nocturnas, conhecidas entre nós com o nome de *Sabbado*.

Ha poucos seculos que a Superstiçaõ inventou estas conferencias nocturnas, estes Sabbados, onde se commettem tantas abominaçoens tantas dezordens, onde os demonios se unem taõ vilmente a velhas muito feas, onde os incubos, e succubos esquecendo a differença de dous Sexos, se prostituem huns a outros taõ brutalmente; onde em fim reina tanta confuzaõ, tanta barbaridade, tanto horror.

Pode-se dizer em abono dos Escritores Francezes, que entre elles ha hum só que désse credito sezudo á Feitiçaria, e a todos os contos da superstiçaõ a respeito do Sabbado. He o Sabio Bodin, que se naõ satisfaz com dar credito a contos sem propozito, mas que acha máo, e muito impio, que se naõ creia que ha quantidade grande de Feiticeiros, que realmente acodem ao Sabbado, e que com a virtude dos seus Feitiços, e poder infernal, que tem recebido do diabo, quando lhe imprimio o final de Feiticeiro, fazem chover, relampejar, e cahir pedras, infeitiçaõ, metem o diabo no corpo, e a morte a todo o de que naõ gostaõ, ou os offende, e mil outros desvarios; e puerilidades deste genero, e que sezudamente incherio no seu extraordinario tratado da *Demonomania*.

Esta opiniaõ de Bodin, e que lhe dá pouco

cre-

credito, era tambem a preoccupação de muitos sujeitos de França, onde se entendeo que o meio mais seguro de embaraçar, que os Feiticeiros vaõ ao Sabbado, era extinguillos. Era cruel o expediente, foi praticado com huma crueldade, que fez estremecer a humanidade. Todo o que era suspeito de Feitiçaria, era envolvido no degredo. Huma grande multidaõ de infelices, que nunca tinhaõ visto o diabo, nem feito com elle algum pacto, expiáraõ com tormentos a desgraça de terem nascido em hum seculo de fanatismo, e de superstiçaõ.

Gemia a Inglaterra no jugo do mesmo erro: as vontades, e as opinioens estavaõ alli repartidas em dous partidos (por quanto nesta Ilha tudo he facçaõ). Prevaleceo a opiniaõ de huns, graças á razaõ, que sustentavaõ que a Feitiçaria era huma quimera, e os Feiticeiros huns desgraçados, que mereciaõ compaixaõ, dezengano, e remedio. Outros pretendiaõ que cumpria encarceralllos, e dar-lhes a morte no patibulo, ou na fogueira. Scotto, celebre Letrado, e Mathematico profundo, provou a insufficiencia da Feitiçaria, a puerilidade dos sortilegios, o desprezo, e a insufficiencia que os Feiticeiros mereciaõ do publico. Jacques I., que conhecia taõ mal a arte da Feitiçaria, como a de bem governar, escreveo contra Scotto hum Tratado de Demonologia, em que pretendeo provar a potencia da Magica negra, e o poder sobrenatural dos Feiticeiros. Esta disputa naõ produzio na Grã-Bretanha mais do que alguns escritos polemicos; ao mesmo tempo que

em

em França naõ bastavaõ os algozes para o numero das victimas, que se lhe entregavaõ.

Enganava-se a Inglaterra, enganava-se a França, os Feiticeiros saõ ruins Cidadãos, que merecem castigo, mas naõ a queima. A feitiçaria em si mesma naõ he nada, mas como póde ser muito occazionada, pela mesma razaõ que a superstiçaõ a julga pernicioza, he já crime que merece castigo, o aproveitar-se da cobardia dos espiritos acanhados com a intençaõ de fazer mal, porque a imaginaçaõ esquentada he bastante para produzir realmente todos os effeitos perniciozos, que se supoem serem obra da força do feitiço. Assim se ha pessoas taõ rusticamente estupidas, que se persuadaõ que fazendo algum pacto com o demonio, poderáõ fazer mal, fazerem-se temidos, aproveitarem-se do terror que tem inspirado, e que operem consequentemente ao seu erro, saõ Cidadãos malfazejos, de cuja sociedade convem livrar, já prendendo-os, já obrigando-os a renunciar ao vicio que tem dentro d'alma.

Os que tem viajado pela Laponia sabem muito bem, que neste paiz naõ ha feiticeiros, como nos outros; todavia naõ ha viajante que naõ torne assombrado dos sinistros effeitos, que faz no animo dos Laponios o susto dos feiticeiros, e a grande authoridade que estes tem sobre os seus compatriotas. M. Scheffer dá huma descripçaõ muito curioza das suas operaçoens magicas: *Uzaõ*, diz elle, *nos seus sortilegios de hum tambor, feito de hum cepo de pinho inteiriço, coberto com huma pelle de Rancifero, ornado de va-*

varias figuras muito mal pintadas, das quaes estaõ pendentes algumas argollas de cobre, e huns poucos d'ossos de Rancifero. Quando o Feiticeiro quer perguntar a seu tambor, isto he, uzar delle para consultar o diabo, poem-se de joelhos, como todos os demais, que estaõ de róda, começaõ a bater no tambor com hum osso de Rancifero, fazendo com esta vara huma linha circular, e dizendo em voz baixa as invocaçoens, depois esquentando-se gradualmente, e augmentando os gritos, e pancadas, fere com violencia, arranca huivos temerozos, agita-se, atormenta-se, escuma, o seu semblante amarellento, e feio se faz azul, erriçaõ-se os cabellos, e cançado do trabalho, cahe em fim em desmaio, e fica por algum tempo immovel com a face pregada no chaõ. Passado o paroxismo levanta-se, e assenta que vio o diabo, e conta á assembléa o que passou com elle.

Tem mais estes feiticeiros outro sortilegio, que se avalia pelo mais terrivel de todos os maleficios, a que chamaõ *tyro*. Este tyro he huma pequena bola feita do pelo de algum animal; dizem elles que mandaõ esta bola para onde querem a mais, ou menos distancia, conforme o poder do feiticeiro. Crem que leva a morte inevitavel a todos quantos toca. Se succede que seja hum homem, ou hum animal, logo o mata, e torna ao que o mandou; fóra disso rola pelo ar com tanta velocidade, que naõ he possivel perceber-se, sómente se diviza hum pequeno vestigio azul, que deixa por onde passa, mas se aquelle, a quem o tyro he enviado, he mais habil feiticeiro do que o seu inimigo, torna a

re-

recambiado sem lhe ferir, e morre o primeiro feiticeiro com a mesma casta de morte que lhe quiz dar.

Eisaqui quaes saõ as preoccupaçoens dos estupidos Laponios, e a que se reduz toda a arte dos seus feiticeiros. Os nossos me parecem mais habeis, e mais fecundos com fortilegios. Digo os nossos, pois he verdade que ainda reina esta superstiçaõ nos nossos campos, onde prosegue em assustar a imaginaçaõ dos paizanos, e villoens, tanto que inspira indignaçaõ contra os que se chamaõ feiticeiros, e saõ condemnados a penas capitaes, e se tem uzado do unico remedio racionavel, e saudavel para extinguir todas as apparencias de feitiçaria. Este remedio he bem simplez, que he persuadir ao povo que a sua credulidade he quem dá toda a sciencia dos feiticeiros, que nada podem, nem recebem virtude alguma do demonio, que se podem insultar impunemente, elles, e seus fortilegios, seus maleficios, e os effeitos dos seus pactos; ultimamente que os naõ ha em parte alguma, e que nunca houve Sabbado. Bem arraigada huma vez esta verdade, se arruinaria toda a authoridade dos feiticeiros, naõ cauzariaõ mais temores, e naõ dando a imaginaçaõ daquelles, a quem querem fazer mal, meios de lhe fazerem damno, naõ se ouviria fallar mais, nem de fortilegios, nem de feiticeiros nas nossas aldeas, como se naõ ouve nas de Hollanda, Genova, Pariz, Londres, &c., onde como ninguem crê nestas superstiçoens, tambem de ninguem se suspeita, que vá ao Sabba-

do, ou faça mal, dizendo algumas palavras que se naõ entendem. Entaõ naõ ficariaõ vestigios alguns das antigas preoccupaçoens populares, mais do que alguns pueris encantamentos, algumas debeis fantasmas, espectros, ou almas do outro mundo.

DOS ENCANTAMENTOS.

NAõ há imperio mais despotico do que o da imaginaçaõ. Quantos bens, males, prazeres, e tormentos traz ao homem! Esquentada creou a Magica, fez os fortilegios, maleficios, encantamentos; e estes encantamentos, estas illuzoens estes desvarios ella he quem os realiza, e lhes dá huma força, hum pezo, e huma authoridade que leva de rojo a razaõ, que oprime os sentidos, que abate o animo, perturba a alma, entorpece, e encadea todas as faculdades, e muda vizivelmente a ordem da natureza aos olhos de quantos huma vez se persuadiraõ que está dezordenada, ou ao menos que podia sello.

N'huma palavra esta potencia encantadora, esta ardente imaginaçaõ que alternadamente irrita, inflama, e socega as paixoens, que inspira ao espirito as temerozas idéas, os terrores panicos, as crueldades, e as puerilidades da superstiçaõ, os arrepiamentes do susto, as seducçoens da esperança, a fleugma, e o heroismo da prezença de espirito, e do valor: he ella quem

dezarranja os cerebros frageis, que mal organizados, e que ainda em hum corpo saõ, ateá gradualmente o fogo ardente da febre, os transportes do delirio, que faz sentir dores das mais crueis molestias, e horrores da dezesparaçaõ.

Por este modo tambem foi a imaginaçaõ quem n'outro tempo mudou o culto em impostura, as ceremonias mais simples em operaçoens Magicas, as supplicas de gratidaõ em blasfemias os votos de humilde confiança em invocaçoens do inferno, em imprecaçoens contra os Deozes, e em encantamentos; e subsistindo a cauza com tode a efficacia, há petto de 6:000 annos, naõ he de pasmar que deixassem de subsistir iguaes effeitos?

Os Egyptios coroavaõ antigamente as cabeças d'Isis, e d'Osiris com folhas, hervas, ou plantas, Symbolos da abundancia das colheitas que tinhaõ recolhido; e os Sacerdotes diziaõ oraçoens de acçoens de graças ante as estatuas assim coroadas. *Os Egypcios perderaõ insensivelmente a recordaçaõ do motivo respeitavel desta instituiçaõ, e como observe M. Pluche, tomaraõ a idéa da uniaõ de certas plantas, e palavras que vieraõ a ser antiquadas, e inintelligiveis, por praticas mysteriozas aprovadas por seus maiores. Fizeraõ huma collecçaõ, e huma arte com que entenderaõ que acodiaõ a todas as suas necessidades. A uniaõ que se fazia de tal ou tal formula antiga com tal, ou tal folhagem arrumada sobre a cabeça d'Isis, em roda de hum quarto de Lua, ou de huma Estrella, introduzio esta opiniaõ insensata, de que com certas hervas, e certas palavras se podia fazer com*

que a Lua descesse do Ceo á terra, e as Estrellas. Ultimamente o conhecimento de varios simples uteis, ou damnozos fortificou estas invocaçoens, e os successos da Medicina, ou da sciencia dos venenos ajudaraõ a pôr em sequito as quimeras da Magia, e dos Encantamentos. Os que foraõ introduzidos pela medicina foraõ os amuletes, talismanes, phylacteres, e certas pedras preciozas, ossos de mortos e preparaçoens superticiozas de vegetaes, isto he, de phyltros, e sempre, ou quazi sempre palavras barbaras que se traziaõ escritas em si.

Depois dos Sacerdotos Egypcios, Persas, Gregos, e Romanos, foraõ os Poetas quem com as suas ficçoens; e contos enthuziasmados de grandes successos, e de prodigios com que entretinhaõ o povo, contribuiraõ mais ao progresso, e duraçaõ desta superstiçaõ. He verdade que os Encantamentos, que elles contavaõ, eraõ muito plauziveis, e seria muito difficil negar-se ao dezejo de os acreditar reaes, a pezar de que neste numero de taõ celebrados Encantos dos mesmos Poetas havia alguns muito damnozos, e attrozes, como he por exemplo o tiçaõ encantado que as Parcas lançaraõ no fogo em caza de Althea, quando pario Meleagra, tiçaõ fatal, e que

. . . . postquam Carmine dicto.
Excessera Deæ,

veio a ser a muito curta medida da vida de Meleagra. Taes foraõ tambem os negros Encantos

tos de Medéa, que feroz, e barbara, como diz o Poeta,

Per tumulos errat passis distincta capillis,
Certaque de tepidis colligit ossa rogis.
Devovet absentes; simulacraque cerea fingit,
Et miserum tenues in jecur urget acus.

Estes Encantos saõ muito temerozos, e crueis; outra imagem mais agradavel me toma a vista, e penetra o coraçaõ; e he a descripçaõ do brilhante cinto da Rainha d'Amathonte, daquelle tecido encantandor que inspirava aos Deozes hum amor dezatinado, e aos homens o furor, e a extazis do supremo prazer; daquelle tecido que encerrava nos seus nós seductores a virtude das sortes, dos phyltros, e dos caracteres; tinha tanto poder este preciozo cinto, era taõ brilhante que tendo-se enfeitado com elle a enfadada Juno, ateou do mais vivo ardor o peito de seu espozo, e como diz Homero, naõ poude conter mais tempo a violencia do seu ardor, servindo-lhe o mesmo monte Ida de leito nupcial; e ardendo em dezejos no mesmo seio dos prazeres, arrastrado do ardor dos seus amorozos raptos, no meio da sua embriaguez, clamou, que nunca experimentára igual deleite nos braços das beldades que tinha roubado, das prezadas amantes a quem idolatrára, como gozara naquelle instante nos braços da sua espoza. Qual encanto, e alheamento foi o de Jupiter, quando para gozar da bella Léda, se lhe apprezentou na fórma de hum Cysne, ou quando mudado em

bra-

bravo touro roubou a moça Europa!

E por qual razaõ se deleitaõ os homens menos com a relaçaõ destes encantos, do que com a dos maleficios, que se imputaõ aos Deozes? Em parte nenhuma se vê, que alguem acreditasse encantamentos favoraveis, mas constantemente se tem seguido aquelles, que se julgaõ nocivos: o tiçaõ da Parca, os simulacros de Medéa sempre, e em todas as naçoens, tem sido grandes modélos para os encantadores. Hum Imperador muito illustrado, e muito sabio, cujas fragilidades estimára eu naõ ser obrigado a citar, consagrou huma estatua encantada, que mandou enterrar conforme o costume depois de muitos esconjuros, porque entendia, como a maior parte dos Romanos do seu tempo, que estas estatuas atavaõ as mãos aos inimigos, detidos pela força do encanto, sem que podessem passar além dos sitios, onde ellas estavaõ enterradas. Conta tambem Plutarco, que *Crasso tendo desprezado a notificaçaõ, que lhe fizera hum Tribuno para naõ sahir de Roma, escandalizado o Tribuno acodio a pôr ante a porta de Crasso hum fogareiro cheio de fogo, no qual, quando via que Crasso o prezenciava, lançou perfumes, dizendo imprecaçoens horriveis, temerozas, e invocando os Deozes barbaros, cujos nomes bastavaõ para dar susto. Estas imprecaçoens*, prosegue Plutarco, *saõ taõ formidaveis, que naõ ha cousa que possa salvar aquelle contra quem se fazem, e dos fazem os feitos do encanto, e desde o mesmo instante até á sua morte he o mesmo Encantador, e nenhum mal ha de o ser o homem mais mal aditado, e ha por isso*

so

se usavaõ destes maleficios nas circunstancias mais desesperadas, e em caso maior.

Os Simulacros de madeira, de geço, ou de cera, taõ similhantes aos de Medéa, sempre se uzou delles com as mesmas ceremonias, de que se valeo Medéa, e que Ovidio descreveo nos quatro versos, que já apontei. O Jornalista de Henrique III. conta que *os da Liga fizeraõ em Paris multidaõ de Imagens de cera, que punhaõ no Altar, e a cada huma das quarenta Missas, que mandavaõ dizer cada quarenta horas em varias Parroquias de Paris, as picavaõ, e na quadragesima picavaõ a Imagem no sitio do coraçaõ, dizendo a cada picadura alguma palavra de magia, para causar a morte ao Rei. Similhantemente nas procissoens, para o mesmo fim traziaõ cirios magicos, que por mófa chamavaõ cirios bentos, que apagavaõ nos sitios para onde hiaõ, dizendo naõ sei que palavras, que os feiticeiros lhe haviaõ ensinado.* O furor, o odio, e o rancor dos da Liga contra Henrique III. os tinhaõ taõ cegos no exercicio das suas superstiçoens, pois que nesta casta de consagraçoens se haviaõ descuidado das mais essenciaes ceremonias, que se referem miudamente por M. Lancelot, nas *Memorias da Academia das Bellas Letras*, na conta que dá de hum processo, que se fez no tempo de Filippe de Valois, contra Roberto d'Artois; e sua mulher, ambos convencidos de usarem de encantos contra o Rei, e a Rainha. Roberto, diz este processo, mandou buscar a Fr. Henrique Sagebrandes da Ordem dos Trinos; e depois de o obrigar a prometer com os mais fortes juramen-

tos hum segredo inviolavel, lhe mostrou *huma figura de cera, embrulhada em hum trapo transparente, cuja figura era parecida á de hum mancebo, e tinha de altura dezouto polegadas. O que vio muito bem Fr. Henrique pelo dito trapo, que era muito delgado, e tinha á roda da coifa similhança de cabellos como os de hum mancebo, que uza de coifa. Naõ lhe toqueis, Fr. Henrique, lhe disse Roberto, já está acabada, e já está baptizada; assim ma mandáraõ de França, já feita, e baptizada. Naõ lhe falta nada, he feita contra Joaõ de França, e em seu nome, e para o offender. Porém tenho outra, que queria baptizada, que he contra huma Diaba, contra a Rainha; e assim peço-vos que a baptizeis, porque tambem está prompta, e somente lhe falta o baptismo; estaõ promptos os padrinhos, e as madrinhas, e tudo quanto he necessario, menos o baptismo; e basta-lhe que se uze com ella como com os mininos, que vaõ a baptizar, e por-lhe o nome que lhe pertence, &c.*

O patriotismo, e a filozofia parece que tem degradado para sempre da França o furor desta superstiçaõ, e a attrocidade desta casta de encantos; todavia na maior parte das Aldeas, e Villas se dá credito taõ affincadamente como no tempo de Filippe, e de Henrique III., a virtude dos maleficios, que saõ encantos de outra natureza taõ antigos, mas menos crueis, e menos temerozos, do que os dos Simulacros de Medéa. Saõ precisamente os que se acreditavaõ no tempo de Plinio, e de que accuzáraõ, diz elle, a Furio Cresino, que com a violencia do

en-

encantamentos puchava para as suas terras a colheita dos visinhos. O mesmo Author, o sabio, e entendido Plinio, segura com tom de persuasaõ, que no seu tempo havia em Africa encantadores que meramente com o olhar cauzavaõ morte, e estragos; homens, mulheres, mininas, todos definavaõ, todos morriaõ á vista destes olhos degradadores; alluiaõ-se as cazas, cessavaõ as novidades, e a vegetaçaõ, frutos, plantas, tudo seccava: os Triballos, diz este Author sempre sabio, e sempre credulo, da Bulgaria tem olhos igualmente matadores. He couza mui differente na Scytia, onde as mulheres ainda mais terriveis que os homens tem duas mininas em cada olho, de sorte que o effeito do seu encantamento he duas vezes mais rapido, duas vezes mais funesto do que o olhar dos Affricanos, e Triballos. Didimo, o Filozofo menos superfticiozo do seu seculo, e Philarco dissertador muito sezudo, e principalmente cheio de bom senso, contaõ quazi iguaes factos. O mesmo Didimo certifica ter conhecido familias inteiras de encantadores, cujo habito empestado matava todos quantos tinhaõ a desgraça de se chegarem a elles. Os Romanos do tempo de Augusto davaõ tanto credito á virtude dos encantos, e do olhar envenenado, que Virgilio faz com que diga hum Pastor nas suas Eclogas.

Nescio quis teneros oculus mihi fascinat agnos.

Hum Author livre de toda a suspeita, e fraque-

za

za de espirito, e que tirados alguns erros, he avaliado como infallivel, naõ diz em alguma parte das suas obras, que naõ está fóra de dar credito á maligaidade dos encantadores *oculares*? Muito menos estaõ longe disto na Persia, na Grecia, e na Arabia; O viajante Dumont conta a este assumpto couzas que assombraõ. Aqui, diz elle, he tal a potencia dos Encantadores que para se livrar do seu poder encantador, uza cada particular pôr nas portas da sua casa pequenas figuras de cera, que se entende serem proprias para destruir a virtude dos Feitiços, e embaraçar todo o veneno magico.

Há outra especie de encantadores muito mais terriveis, e perniciozos, e daõ-lhe por elogio o nome de *venificios*; porque quantos elles elogiaõ, e louvaõ, por pouco bem que digaõ delles, cahem, e logo morrem, se menos que aquelle a quem se dirige o louvor naõ responda logo: *benza-me, Deos*. Ora em todo o Oriente he couza demonstrada que estas palavras saõ antidoto infallivel do veneno destillado por estes panegyristas.

Nas Hespanhas, onde, como todos sabem, quazi metade dos habitantes saõ Religiosos, e onde por consequencia naõ deve a superstiçaõ passar de certa medida, haverá quem se attreva a negar que ha Feiticeiros? Alli se crê na Feitiçaria, nos Encantos, nas bruchas; e esta opiniaõ he arbitraria; he verdade constante, estabelecida, confirmada por quantidade prodigioza de Monges instruidos, de mulheres dóceis ás instrucçoens destes doutos Religiosos. Ha muitos

que certificaõ que há Hespanhoes que tem olhos feiticeiros. As provas que se contaõ saõ taõ repetidas que nunca acabaria se quizesse demorarme nellas. Diz M. Dumont, l. 5., que hum Hespanhol tinha olhos taõ malignos, que olhando fitamente para as janellas d'huma caza estallavaõ as vidraças: havia outro, que ainda sem querer, matava todos aquelles para que olhava atentamente; tendo disto noticia, ElRei mandou chamar este terivel Encantador, e lhe mandou que fitasse a vista em alguns réos de penas capitaes, obedeceo, e expiraraõ os criminozos á proporçaõ que hia pondo a vista nelles. Havia outro que mandava juntar em hum campo todas as galinhas da visinhança, e aquella que apontava, fitava-lhe os olhos, e logo morria. Havia outro... Mas basta de exemplos; he bastante que o leitor esteja informado de que há Encantadores, e Encantamentos, visto que assim o crem Authores respeitaveis, visto abonarem-nos tanta gente.

Que havemos concluir destes factos, ou se quizermos dar-lhe este nome, destes contos? Muita couza. Primeiramente ha annos que em Hespanha se ajuizava neste ponto, como se ajuizava em Turquia, bem que haja alli mais Doutores do que Dervixes, e Calendares ha nos Turcos. Póde-se tambem concluir que na Persia, na Grecia, na Arabia &c. se tem dos Encantadores exactamente a mesma idéa, que se tinha em França, ha dous Seculos, e ainda se tem actualmente em muitas aldeas, em que naõ entraõ os Engenhos da sciencia, [illegible] nos re-

E ba-

za de espirito, e que tirados alguns erros, he avaliado como infallivel, naõ diz em alguma parte das suas obras, que naõ está fóra de dar credito á malignidade dos encantadores *oculares*? Muito menos estaõ longe disto na Persia, na Grecia, e na Arabia; O viajante Dumont conta a este assumpto couzas que assombraõ. Aqui, diz elle, he tal a potencia dos Encantadores que para se livrar do seu poder encantador, uza cada particular pôr nas portas da sua caza pequenas figuras de cera, que se entende serem proprias para destruir a virtude dos Feitiços, e embaraçar todo o veneno magico.

Há outra especie de encantadores muito mais terriveis, e perniciozos, e daõ-lhe por elogio o nome de *veneficios*; porque quantos elles elogiaõ, e louvaõ, por pouco bem que digaõ delles, cahem, e logo morrem; menos que aquelle a quem se dirige o louvor naõ responda logo: *benza-me, Deos*. Ora em todo o Oriente he couza demonstrada que estas palavras saõ antidoto infallivel do veneno destillado por estes panegyristas.

Nas Hespanhas, onde, como todos sabem, quazi metade dos habitantes saõ Religiozos, e onde por consequencia naõ deve a superstiçaõ passar de certa medida, haverá quem se attreva a negar que ha Feiticeiros? Alli se crê na Feitiçaria, nos Encantos, nas bruchas; e esta opiniaõ he arbitraria; 'he verdade constante, estabelecida, confirmada por quantidade prodigioza de Monges instruidos, de mulheres dóceis ás instrucçoens destes doutos Religiozos. Ha muitos

que

que certificaõ que há Hespanhoes que tem olhos feiticeiros. As provas que se contaõ saõ taõ repetidas que nunca acabaria se quizesse demorarme nellas. Diz M. Dumont. l. 3., que hum Hespanhol tinha olhos taõ malignos, que olhando fitamente para as janellas d'huma caza estallavaõ as vidraças: havia outro, que ainda sem querer, matava todos aquelles para que olhava atentamente; tendo disto noticia, ElRei mandou chamar este terivel Encantador, e lhe mandou que fitasse a vista em alguns réos de penas capitaes, obedeceo, e expiravaõ os criminozos á proporçaõ que hia pondo a vista nelles. Havia outro que mandava juntar em hum campo todas as galinhas da vizinhança, e aquella que apontava, fitava-lhe os olhos, e logo morria. Havia outro... Mas basta de exemplos; he bastante que o leitor esteja informado de que há Encantadores, e Encantamentos, visto que assim o crem Authores respeitaveis, visto abonarem-na tanta gente.

Que havemos concluir destes factos, ou se quizermos dar-lhe este nome, destes contos? Muita couza. Primeiramente ha annos que em Hespanha se ajuizava neste ponto, como se ajuizava em Turquia, bem que haja alli mais Doutores do que Dervixes, e Calendares ha nos Turcos. Póde-se tambem concluir que na Persia, na Grecia, na Arabia &c. se tem dos Encantadores exactamente a mesma idéa, que se tinha em França, ha dous Seculos, e ainda se tem actualmente em muitas aldeas, em que naõ estaõ os Engenhos da sciencia . . . nos re-

banhos, pastos, colheitas, e muitas vezes nos lavradores. Concluirei que talvez haja nesta superstiçaõ, visto o ser taõ antiga, e taõ accreditada de todos os povos polidos, ou salvagens, stupidos, ou instruidos.

REFLEXAÕ

Acerca do merecimento do Negociante, e do cazo que se deve fazer delle.

TEm sido debatida nas obras economicas a questaõ *se acazo saõ sufficientemente attendidos, o agricultor, e o Negociante que saõ os unicos que concorrem para a subsistencia dos Cidadãos, que alentaõ a industria, e com as suas diligencias de mãos dadas fazem fecundas as terras, augmentaõ a povoaçaõ, e fazem florecer o Paiz?*

Parece que incorporando assim estas duas profissoens se pertende honrallas com iguaes mostras de distinçaõ. Nem sempre decide da maior estimaçaõ a regra de maior utilidade; convem sem duvida dar apreço á Agricultura, pois que tem o principal lugar entre as occupaçoens dos homens, visto que della havemos as materias da primeira necessidade; mas acazo se deve daqui concluir que a sociedade, ou o Estado deve dar distinçoens honrozas ao cultivador, nem fazello ombrear com o Negociante?

Se o Agricultor se emprega pelo seu estado

do nas mais penozas lidas da natureza, a Providencia, que lhe deo nascimento nesta classe o remunera liberalmente das suas fadigas, com o cuidado com que arreda delle a violencia, a impetuozidade das paixoens, as angustias do animo muito mais penozas do que as do corpo, e numero infinito de necessidades, e molestias, que tyranizaõ o homem opulento. Toda a ventura do cultivador consiste na doçura, humanidade, e equidade do superior, no bom passadio, em ter bem que vestir; assim convem buscar, que tenha abundante colheita sem o gravar de imposto; a sua alma naõ remonta a objectos de ambiçaõ mais altos, tal he o acanhado giro que o seu espirito póde correr; compete ao ministerio buscar-lhe esta ventura com huma exacta, e justa igualdade na repartiçaõ dos impostos, e principalmente dando-lhe meios de melhor cultura; o que sómente se póde conseguir com huma instrucçaõ, que lhe mova os sentidos, com repetidas experiencias dos observadores, e com multiplicados exemplos aos seus olhos de Cidadãos abastados, e intelligentes; ultimamente com a liberdade do Commercio dos grãos, que segure hum preço a abundancia. Esta a consideraçaõ que o cultivador, ou para melhor dizer, a attentaõ, que a Agricultura requer do Estado.

Por este modo he que a boa administraçaõ póde unir o interesse pessoal ao geral; porque o cultivador naõ póde ter ventura, sem proveito publico.

Mas naõ entrará de mistura na classe dos cul-

cultivadores aquelle homem, a quem o amor do bem publico applicou ao estado da Agricultura, que tendo obrigado com experiencias os dons da terra, instrue os Lavradores com o exemplo, que he a unica liçaõ, que cabe na esféra da sua intelligencia. Este tal he hum Filozofo, hum Cidadaõ cheio de zelo, cuja occupaçaõ, digna dos sujeitos da mais elevada jerarquia, condecóra a humanidade.

O Agricultor insensivel ao bem universal, ao interesse publico, de que nem ao menos tem idéa, naõ conhece mais do que o seu interesse pessoal, e o da sua familia, e com este interesse se deve unicamente alentar o seu trabalho, e industria.

Se para ser bom cultivador cumprisse ter os talentos de hum Locke, de hum Newton, de hum Maupertuis, naõ haveria na sociedade distinçaõ que fosse sobeja para se condecorar. Porém naõ ha idéas que dezenvolver, nem combinaçoens, nem calculos, que fazer, nelle tudo he maquinal, a sua alma repouza, ou paro melhor dizer, nunca sahe do seu equilibrio, tudo se rege pelo costume, e pela imitaçaõ, naõ alcança couza alguma da materia, que o cerca, e lhe move os sentidos: este he o seu modo de conservar-se.

Naõ succede assim ao Negociante; emprega no commercio o mesmo genio com que se davaõ ás sciencias Locke, e Newton; medita, combina, mede, calcula, e compara idéas, discute principios, descobre objectos, conhece o valor das moedas respectivas, e variaçaõ do cam-

cambio, que muitas vezes antevê, o risco do mar, cujo risco avalia: cria systemas, porque assim o pede a sciencia pratica: ainda se adianta mais. Vale-se do talento de Richelieu, de Cromwel, de Colbert, corre no seu gabinete parte da superficie da terra, conhece o caracter, o genio, os costumes, as leis, os uzos de differentes Naçoens, e todas as producçoens do Paiz para onde manda ordens. Antevê a abundancia, a carestia, a guerra, e paz, as cauzas do credito, e discredito publico, e em consequencia disto dirige as suas operaçoens. Conhece fundamentalmente os homens, e naõ he raro ver hum Negociante penetrar por huma carta do seu correspondente, ainda que escrita com toda a arte, e segredo dos seus negocios, o critico estado da sua situaçaõ, e tomar com tempo medidas mais justas para pôr em seguro a sua fortuna, se acazo pende della o seu credito. Que Systema, que espirito de calculo, que conbinaçaõ de idéas, e que prezença de animo naõ requer a occupaçaõ de hum homem, que governando huma caza de commercio, que com hum fundo de 70, ou 80 mil cruzados maneja talvez milhoens, e cada dia consegue maior gráo de força, e solidez, e que dando ordens para toda a parte do mundo traz todas as naçoens estrangeiras tributarias da sua? E naõ tem hum tal Cidadaõ juz á gloria de talento, e de habilidade, e á publica attençaõ, de que saõ credores os Cidadãos uteis, e bemfeitores da Patria?

Este mesmo Negociante admittido á Admi-

nis-

nistraçaõ do commercio de hum Estado terá idéas muito mais elevadas, e abraçará o total do commercio, e sem se dar ás miudezas mercantis verá todos os seus ramos, e recursos, os meios de os dilatar, ou de os restringir conforme o pede a necessidade: terá sempre a vista vigilante acerca da Agricultura, dos grãos, e de todos os mais ramos do commercio Estrangeiro, em fim acerca da balança, e dos meios de a fazer pezar em seu proveito. Sabe que a balança do commercio naõ he como a da justiça, que nem hum só instante deve estar ouro fio, mas pender sempre para o lado da Naçaõ mais indus trioza, e que o Ministerio intelligente he quem a faz pender para a sua naçaõ.

Naõ vamos indagar pela antiguidade os nomes illustrados pelo talento do commercio nos Estados mais florescentes: saõ muitos: paremos nos tempos mais proximos aos nossos. Aos immensos recursos do commercio de Jaques Cœur deveo Carlos VII. a conservaçaõ da coroa, que sem elle perderia, a pezar das diligencias do Conde de Dunois.

Cosme de Medicis segurando a sua fortuna, e a de Florença, acrescentou á sua nobreza o titulo de libertador, e o nome de Pai da Patria. Que culto naõ devem as Letras, e as boas Artes ao genio commerciante que animava este illustre Cidadaõ?

Póde-se negar respeitoza memoria ao celebre Negociante d'Anvers Joaõ Deans, que deo de jantar a Carlos V., o tratou taõ explendido, teve todo o dia hum fogo de canella, onde para

em córeer a grandeza queimou huma obrigação, que tinha deste Imperador de hum milhaõ de ouro, que lhe tinha empreſtado?

Luis XIV. deveo a ſalvaçaõ do ſeu Eſtado, e do Reino de Heſpanha aos milhoens, que lhe empreſtáraõ os Negociantes de S. Maló em 1710. Os Negociantes o livráraõ com os thezouros do ſeu commercio, do abatimento em que outros Negociantes eſtavaõ a ponto de o porem nas conferencias de Gertruydenberg.

Que bella liçaõ naõ deraõ as outras naçoens do gráo de eſtimaçaõ, e conſideraçaõ que hum Eſtado deve ter aos Negociantes, que tem engroſſado o ſeu commercio: os Inglezes erigindo eſtatuas na Praça de Londres a Greshan, e Spencer, e a Craven, e os Hollandezes a Guilherme Bruckelſt.

A Hollanda, que he na Europa huma das maiores potencias do corpo politico, e na India huma das mais poderozas, que tendo conſeguido a ſua liberdade com huma bem ſuccedida revoluçaõ, depois protegeo ſeus antigos Principes, naõ alcançou eſte gráo de elevaçaõ ſenaõ pelo ſeu genio commerciante.

Que Negociantes deo o commercio á Inglaterra? Ao genio deſtes homens elevados, criados, conſummados no commercio, he que eſta naçaõ illuſtrada confia, ha mais de hum ſeculo, as ſuas mais importantes negociaçoens. Aos negociantes deve as immenſas ventagens dos ſeus tratados com Porta, Ruſſia, Heſpanha, e Portugal. Principalmente o ſeu tratado com Portugal em 1703, foi obra de M. Methuen, a nef-

neste genero he obra prima, hum dos maiores serviços, que Cidadaõ algum fez nunca á sua Patria. Por este tratado solda desde esta epoca Portugal todos os annos a balança do seu commercio com a Inglaterra, com mais de 30 milhõens de ouro do Brazil. Os Inglezes concedem que he o mais rico ramo de commercio.

Ao genio mercantil he que se deve a origem da Marinha; e a Marinha Militar, que protege a Marinha commerciante, por ella existe: o commercio he quem lhe dá Marinheiros, e toda a casta de Officiaes: da Marinha commerciante sahíraõ n'outro tempo na França, Inglaterra, e Hollanda os mais habeis Officiaes, que com tamanha gloria disputáraõ o imperio do mar.

Que objecto de occupaçaõ ha mais nobre do que aquelle, que he a baze da grandeza dos Soberanos, e da ventura dos póvos?

Por qual razaõ recuzará o nobre de participar desta casta de gloria, e consideraçaõ, e accrescentar á do nascimento, que he mero dom de seus maiores? He certo que isto seria mais hum merito para poder ter parte nas distincçoens, que andaõ deputadas para a primeira ordem do Estado.

Utilitas magnos hominesque, deosque efficit.
Ovid. de Pont. T. I. El. 9. v. 35.

Dizia n'outro tempo hum Rei de França: O meu Condestavel naõ sabe ler, nem escre-

ver,

ver, nem o meu Chanceller sabe latim. Entaõ à Nobreza Franceza desprezava as letras, e prezava pouco os Sabios: aprendéo a ler, e logo aprendeo a estimallas, e sensivel ultimamente á gloria dos homens doutos, buscou a sua companhia, e se fez digna delles. Desde que subsiste a Academia Franceza, os maiores Senhores do Reino fizeraõ timbre de serem membros desta companhia, que tem por principal estatuto a igualdade entre os Academicos. As Academias das sciencias, das Bellas Letras, das Artes, todas ellas tem na França protectores, honorarios, socios da mais apurada Nobreza. He sem duvida que a sciencia do commercio algum dia ha de conseguir igual favor desta primeira ordem de Cidadãos. A necessidade de conhecer os interesses politicos das potencias todas os obriga já a estudallos fundamentalmente.

Os Negociantes nunca tiveraõ a satisfaçaõ de ver entrar em questaõ, se acazo o commercio deve ser permittido á Nobreza, como tambem se o Nobre póde commerciar sem se avilitar. Suscitar tal questaõ he abater o commercio, he fazer injuria á Nobreza Italianna, e Ingleza, que naõ fazem menos timbre do seu nascimento, que os Francezes. Por isso tambem o Author da Nobreza commerciante naõ tratou de discutir este ponto já decidido pelas leis, e só fim de alentar, e convidar a nobreza de França á dar-se a huma occupaçaõ honesta, á entrar em hum exercicio em que se alcança fortuna, e huma especie de gloria, que a póde bem esfarcir da que naõ tem occasiaõ de lhe ganhar

no exercicio das armas. Esta obra cheia de espirito, de elegancia, de energia, e de força, tem por principal objecto dispertar a Nobreza, e tiralla, como diz seu Author, de huma especie de lethargo desvanecendo a preoccupaçaõ acerca dos seus titulos com solidos discursos, fundamentados nos bens da sua fortuna, e do interesse do Estado.

A resposta que lhe fizeraõ, bem que excellentemente escrita naõ diminuio o numero dos do seu partido: e que couza judicioza podiaõ oppor-lhe contra a authoridade da lei que incita, que anima a Nobreza ao commercio? O A. da Nobreza commerciante naõ podia ter attaque que lhe fizesse brexa, senaõ por aquella parte da sua obra, a que elle chama o Nobre á loja, que vende por miudo. Deve-se confessar que elle naõ deve entrar no commercio por taõ pequena porta, nem esta deve ser a escola, onde se cria, e eduque o Negociante. No escritorio he que o mancebo estuda o commercio; goardando os livros de correspondencia, he que consegue fazer huma caza de commercio, na qual na falta de fundo, suppre para buscar hum bom socio a capacidade, a sciencia, e a esperteza. Viajando pelas principaes praças de commercio, em navios marcantes, he que póde dilatar os seus conhecimentos, e grangeando fortuna, ser util, e necessario á sua Patria. Arredemos esta falsa idéa, de que saõ fobejos os Negociantes, e que he occazionado augmentarlhe o numero. Quanto mais Negociantes ha em hum estado, mais recursos tem o commercio,

que

que he hum campo, cuja fecundidade augmenta sempre á proporçaõ do numero dos cultivadores. Mas já naõ entra em questaõ se o commercio deve ser livre á Nobreza, ou para melhor dizer, nunca devia ter havido similhante questaõ.

A carta, que hum Ministro escreveo em 1646 á hum Negociante de Bordeaux, a quem negavaõ hum lugar de Prezidente Honorario na Meza dos Contos, com o pretexto de que ainda negociava, he boa prova de que o mesmo Governo se oppoem á preoccupaçaõ da nobreza em toda a occaziaõ, e ao mesmo tempo fixa o gráo de estimaçaõ, e cazo, que merece o Negociante. Esta carta deve andar nas mãos de todos: O Rei, o Estado he quem falla pelo orgaõ do Ministro.

A vossa carta vos está inculcando hum verdadeiro Negociante, cujos sentimentos sempre saõ os de homem de bem, e de bom Cidadaõ. Vemos demaziados commerciantes, que sem falsa ambiçaõ largaõ o emprego de seus maiores, ou tambem por ociozidade, ainda mais digna de censura, e perdem a verdadeira estimaçaõ, e riquezas reaes do seu Estado. Pelo que bem fóra de vos tirar do caminho, em que vos pozeraõ vossos pais, dezejára que toda a Nobreza de França, tanto originaria, como da que tem empregos se rezolvesse a abraçallo. O Rei *que neste ponto mostra a sua intençaõ, concedendo titulos de Nobreza mais distincta a huma familia da Normandia, que segue o commercio de Pai a Filho, ha duzentos annos, está disposto a conceder iguaes prerogativas aos que tem abraçar*

çado a mesma profissaõ com igual integridade ; persuadido que naõ ha nenhuma mais precioza, nem mais util ao Estado do que a que se dirige a augmentar as suas riquezas, e potencia fóra, e dentro a sua felicidade. Isto supposto naõ deveis avaliar as oppoziçoens, que encontrais do Parlamento, e da Caza dos Contos na vossa recepçaõ, senaõ como discursos sem fundamento de pessoas pouco instruidas dos sentimentos destes duus Corpos. Faço muito bom conceito dos Magistrados, que o compoem para naõ assentar, que elles concorreraõ com o Soberano em todas as circunstancias a honrarem o commercio, e os que se daõ a elle. Até podeis communicar-lhes o que vos escrevo neste ponto, por ter para isso ordem de Sua Magestade.

ElRei tem concedido a muitos Negociantes Cartas de Nobreza, e até Cartas de erecçaõ de terras em Condados, e em Marquezado, e quantos alcançáraõ este favor, tem assás mostrado que eraõ dignos della, continuando a proseguir o commercio.

CARTA

de hum Medico a huma Dama acerca de ella criar os seus filhos.

SEnhora, respondendo á importante questaõ que v. m. me faz a saber se pode em boa consciencia entregar seu filho a huma ama estranha pa-

para o criar, peço-lhe queira maduramente ponderar os reparos seguintes.

Bem que pareça natural, e com effeito seja huma prova de amor nas mãis, criarem ellas mesmas os seus filhos, com tudo parece ser igualmente sádio aos filhos o mamarem em qualquer peito, que seja mesma a qualidade, e a quantidade do leite. Se assim naõ fora teria peccado gravemente a natureza em hum ponto essencial á conservaçaõ dos mininos, pois que ha quantidade de mãis, que ou por morrerem, ou por molestia, ou por falta de leite os naõ pódem criar.

Há muitos, que entendem que o leite da Mãi he mais natural para o filho, por quanto dizem que se assemelhaõ mais os temperamentos, e constituiçoens, mas tudo isso he allegar propoziçoens sem as provar: se se houvesse feito experiencia de que tirando os mininos dos peitos de suas mãis, ou os de outra creatura, estes mininos emmagreciaõ, e se definavaõ, e se faziaõ doentes, e que tornando-os a restituir aos peitos maternaes tomavaõ vigor; convencer-nos-hia similhante argumento, mas pelo contrario todas as vezes que se tem tentado esta experiencia, succedeo o contrario: quanto mais abundancia, e melhor qualidade de leite encontraõ os mininos para mamarem, melhor se criaõ e mais valentes.

Antes que nos possa dar nisto algumas luzes a analyze chimica do leite de varias molheres, parece assás indifferente ao minino o dar-lhe de mamar sua Mãi, ou pessoa estranha, posto que

as

as propriedades da boa qualidade do leite igualmente aparecem as mesmas em differentes mulheres; devemos pois capacitar-nos, que se houvesse alguma ventagem no leite materno provir-lhe-hia de algum principio occulto, e naõ he de prezumir que exista este principio occulto, se naõ em quanto fosse constante que padecia hum minino quando o tiraõ do peito materno para lhe dar de mamar outro leite, e que se restabelece depois quando he restituido ao materno. Ora, como acabei de dizer, naõ temos prova disto alguma, até o que sabemos dos outros animaes, se muda indistinctamente de amas com elles, o que nos convence, de que aquillo he absolutamente falso.

Dir-me-heis talvez, que ponderando este ponto pela parte moral naõ tendes a menor duvida, de que toda a mãi seja obrigada a criar o seu filho, e que he hir direitamente contra as leis da Providencia o dar aos mininos outra ama estranha. Para responder a essas propoziçoens, sómente direi que toda a mãi he obrigada a dar ao seu filho o melhor alimento possivel, e que consequentemente se a sua constituiçaõ lhe naõ permitte que tem abundacia de bom leite; os mesmos sentimentos moraes a devem obrigar a buscar para seu filho huma excellente ama: em quanto a Mãi obrar conforme estes virtuozos principios naõ deve recear offender a Providencia.

O que acabo de dizer a favor das mãis, que buscaõ amas para seus filhos he a fim de lhes tirar o escrupulo de o fazerem quando saõ

obri-

obrigadas, e só tive por fim provar que a natureza foi assás provida para accodir aos accidentes inevitaveis que muitas vezes sobrevem, e que embaraçaõ que as Mãis criem os seus filhos: he certo que a ama de fóra supre igualmente as intençoens da Providencia como a Mãi natural, que aos peitos daquella a criança se cria igualmente bem como aos da mãi, e que toma tanto vigor, como tomaria no da mãi natural.

He com tudo verdade o dizer-se que se todas as mulheres sadias se quizessem encarregar da criaçaõ dos seus filhos, certamente honrariaõ o sexo, isto he, querendo cumprir com o cuidado, e amor este encargo; o modo porém com que estas formozas Damas, que ainda estaõ no tempo do noviciado para reprezentarem o ser mais carinhozas he hum pouco barbaro, e mais arruinaõ os filhos do que o methodo vulgar de os entregar a amas cuidadozas. De cem filhos, que se sustentaõ á maõ sem lhe dar de mamar, e de outros cem que mamaõ, he passmoza a dezigualdade de numero que morre dos primeiros, em comparaçaõ do segundo: fez-se apuradamente a experiencia com grande espanto dos que a tentaraõ, pelo que para criar os filhos como pede a natureza, he necessario dar-lhes de mamar a miudo, tanto de noute, como de dia: estas tenras creaturas repartem a sua vida entre somno, e sustento; parece que pedem, como os outros animaes, o pequeno calor natural; os pintainhos vaõ buscar o calor debaixo das azas da galinha, os leitoens, os cachorros

en-

entre os peitos, ou corpo de suas respectivas mãis, do mesmo modo os mininos folgaõ gostar muito do peito das mãis; se isto he bem essencial para a saude do minino, he provavel que o methodo actualmente de criar os filhos he menos nocivo do que o de os criar á maõ. Actualmente as damas em vez de trazerem ao colo os seus filhos, e de lhe communicarem o calor do seu peito, muita parte das vinte, e quatro horas, em vez de lhe darem de mamar a miudo, os dezamparaõ no berço, ou caminha, daõ-lhes de mamar a horas reguladas, talvez só de manhã, ao jantar, e á noute, e o mais tempo o dezamparaõ ao cuidado de huma criada que, por mais que faça naõ tem nunca tanto amor a hum minino, como a ama, que lhe dá de mamar; mas o ponto principal deste argumento a que volto, he insinuar que a proporçaõ que se retira o minino de mamar a miudo, na mesma proporçaõ vos oppondes ao bem que a natureza tem intençaõ de lhe buscar, e consequentemente vos aproximais a este methodo de o criar á maõ, ou se me permitem este termo, com colher de páo, pratica que acabo de mostrar ser summamente nociva.

Tenho-vos illustrado este ponto, para que possais ajuizar por vós mesma no cazo que queirais dar de mamar ao vosso filho, mas naõ pelo methodo, que praticaõ as Damas do Seculo, e se vos parecer melhor buscar-lhe huma ama, que talvez pela boa paga seja mais util ao vosso filho do que v. m. mesma, ou seja pelos cuidados indispensaveis, ou pela opposiçaõ de vos-

vosso marido, ou em razaõ da vossa delicadeza que vos naõ permitirá o fazer quanto vos está ensinando o amor natural.

EXEMPLO

dado ás Mãis pela Rainha de Dinamarca.

QUe a mãi que naõ dá de mamar ao seu filho, naõ he mais do que metade mãi; he verdade em que todos concordaõ: a mãi que dá de mamar ao seu filho evita mil damnos a si, e aos seus mininos: he couza de que tambem ninguem duvida. Assim o temos mostrado, e muito por extenso vem nas memorias de 1760, até 1770, e poucos pais se convencem, e seguem certamente o costume, que naõ falla por este estilo; mas tambem naõ rezistaõ ao exemplo, que lhes dá huma das Testas coroadas; ante quem ajoelha, e por isso apontamos o da Rainha de Dinamarca.

Emprehendeo esta Soberana o dar de mamar á Princeza, de que pario, e o fez com beneficio do minino, e o seu cuidado maternal bem longe de lhe alterar a saude, serve de lha fortificar.

Este procedimento hoje parece digno de reflexaõ; mas nos seculos passados era tido como hum procedimento natural, e vulgar; todas as mãis eraõ amas. S. Luiz nunca mamou mais do

do que o leite da Rainha Branca. Ha memoria de que regendo esta Rainha o Reino, como Regente, e Tutora de S. Luiz, dava ainda de mamar a outro filho mais moço, que Luiz VIII. tinha deixado no berço. Hum dia hindo para o Concelho o entregou a huma das suas amas, foi demorado o Concelho, impacientou-se o minino, e começou a chorar: a Camareira Mór, que tambem dava de mamar a hum seu, se lembrou de o aquietar, dando-lhe de mamar; soube a Rainha depois o que succedeo, e naõ querendo que se soubesse, que seu filho tivesse mamado outro leite senaõ o seu, pegou nelle, sentou-o no cóllo, e lhe metteo os dedos na boca para o obrigar a vomitar o leite estranho, e só lhe deo o seu.

MEMORIA

acerca da carne do açougue, publicada em Grenoble em Fevereiro de 1770.

O Povo, aquella porçaõ do estado a quem os ricos tem em pouco, pelas mesmas razoens que deviaõ fazello respeitado; cujos braços estaõ sempre em exercicio, já seja para o prover do precizo para as necessidades reaes, já para aquellas, que se lhe antojaõ no centro da ociozidade, naõ tem igual juz que as demais classes de homens aos alimentos destinados para a sub-

subsistencia da humanidade? As suas forças estancadas com o trabalho necessitaõ de se refazerem com algum alimento de substancia; e d'onde nascerá que hoje mal póde conseguillo? Por qual razaõ se ha de ver necessitado a naõ hir ao açougue? A que cauza se attribuirá a carestia deste alimento, será acazo á taxa, que lhe regula o preço? Seria mais barato, se em vez de empregar a authoridade se désse franqueza, e liberdade ao seu commercio? Questoens saõ estas na verdade assás importantes para que os leitores se empenhem em as indagar, e por essa razaõ lhas mostramos debatidas na memoria que se segue, explicada com igual magestade a com que foi meditada, e bem se póde dezejar que possa ser lida, e attentamente ponderada pelos legisladores. Contem duas partes.

Primeira Parte.

As Cidades naõ tiraõ a sua subsistencia de si proprias, nem vivem das producçoens do proprio terreno, e assim nunca seria demaziadamente apertada a relaçaõ, que se estabellecesse entre as Cidades, e os campos, nem mui apertado o vinculo dos seus interesses reciprocos.

Mas sómente as leis da justiça he que podem regular, e conciliar com proveito de todos estas relaçoens, e interesses: a necessidade de vender he relativa á de comprar, e a reciprocidade destas carencias he quem enlaça os contratantes; o preço porque se ajustaõ livremen-

mente exprime a verdadeira proporçaõ da troca, e este preço naõ he ao arbitrio de cada qual, a raridade, ou a abundancia, os meios, ou faculdade de comprar mais ou menos geral, os gastos indispensaveis das conduçoens, e do commercio, o preço dos circumvizinhos, as circunstancias da occaziaõ, he quem o regula, e este preço varia todos os dias, por quanto os elementos que decidem andaõ sujeitos a mudança.

E que juz tem o Magistrado para impôr leis nos preços, e sujeitar a tarifas as producçoens? Póde fazello sem injustiça da balança; visto que naõ cabe na jurisdiçaõ de homem algum fazer oppressaõ á vontade nas convençoens legitimas, sem quebrantar a liberdade das trocas com prejuizo de hum dos contratantes, sem se intrometter a decidir no que naõ está subdito á sua authoridade? Deve estorvar a quem quer que seja o offender a propriedade alheia; e he elle o mesmo que dá o exemplo de huma clara injustiça, abuzando da sua authoridade para substituir a força ao consentimento, arrogando a si o dictar condiçoens a hum tratado, cujos termos para serem justos, e iguaes, só os póde determinar a vontade dos contratantes, arrastrada pela soberana lei da concorrencia.

De todos os principios da sã politica o mais incontestavel he a liberdade do commercio, o qual naõ admitte excepçaõ: mas bem que geralmente todos estejaõ convencidos neste ponto, naõ ha couza mais ordinaria do que achar uzos oppostos; desvairaõ depozitadamente concedendo este principio geral.

Tris-

Trífte prova defta verdade he o modo, com que fe tem tratado entre nós tanto tempo o commercio das materias em crû, o querer fubftituir hum regimen arbitrario ás fingellas leis da justiça, tem cauzado os maiores enganos, fugindo da reciprocidade das trocas: de boa vontade nos privamos dos bens, que nos offertava a fecundidade do noffo paiz; reduzimos os noffos campos á efterilidade, os noffos habitantes á mizeria, e á occiozidade; fechamos, e feccamos a fonte das riquezas, privando efta principal producção do valor, que hé o unico que a póde multiplicar; e em vez de bufcar no melhoramento da cultura recurfos contra a penuria, a puchamos a nós cançando com a falta de fahida as forças do cultivador, que faõ quem decidem do fucceffo do trabalho, quando deviamos promover o commercio a fim de reparar a dezigualdade das colheitas locaes, e á intemperie das eftaçoens, degradamos, e abandonamos ao infenfato odio do povo, fufceptivel de quantas preoccupaçoens lhe infpiraõ. Em que fundamos pois a noffa confiança, e a certeza das noffas provizoens? No regimen d'huma policia arbitraria, que vexa, prohibe, e deftroe a cultura, e o commercio, que amontoando precauçoens as mais abfurdas, tem eftreitado o commercio de maõ a maõ, e atalhado a communicaçaõ entre as Provincias, reduzindo cada territorio a prover unicamente a Cidade mais vizinha, e confequentemente a conter a fua cultura a efte confummo, e que fujeita efta producçaõ nas mãos do Negociante, e do mefmo

La-

Lavrador, que a criou, ao jugo do despotismo o mais pezado, e mais nocivo.

Raiou em fim a luz, tomou o discurso o lugar do instincto de hum trilho cego; e deo-nos a conhecer que o meio de evitar as carestias, e igualar os preços, e provocar a abundancia, naõ era amontoar colheitas para sustentar insectos, e fazer com que abataõ de valor, vedando-lhe o commercio, nem suspender a circulaçaõ, redobrando leis, e penas, mas abrindo todos os canaes do commercio, excitando a emulaçaõ por meio do beneficio, e desfazer os diques que por toda a parte se tem levantado pela timida cautela, e dar franca carreira ás duas Leis Sagradas *da Liberdade, e da propriedade.*

Todos aquelles motivos que nos obrigaraõ a admittir no commercio dos grãos esta liberdade, que começamos a desfructar, todos, naõ há algum que se possa applicar á parte dos açougues.

Convem cuidar do restabelecimento da nossa agricultura, e a parte dos gados he hum ramo essencial della, todos concorrem para a creaçaõ dos grãos pelo adubo, que daõ ás terras, e alguns com o seu trabalho. Saõ hum artigo importante das riquezas, e dos aparelhos do cultivador, e por qual razaõ havemos dezalentar esta parte, diminuindo-lhe o seu valor com taxas, e prohibiçoens? Naõ he taõ util neste genero a liberdade, como em outro qualquer? Naõ he ella quem póde igualmente prosperar quanto está sujeito ás suas leis? Queixamo-nos de que a nossa cultura he fraca, pobre, e todas as

nos-

nossas ordenaçoens da Policia, e fiscais parece que lhe saõ directamente opostas.

Tuda a acçaõ de authoridade sobre vendas, e compras, sobre as condiçoens, e preço saõ igualmente oppostas ás leis da justiça, e ao bem da cultura. Naõ he possivel miudear neste lugar aquellas primeiras verdades, cuja essencia foi forçozo dezenvolver no avizo do Parlamento de 16 de Abril passado, verdades, a que andaõ intimamente annexas a ventura dos Cidadoens, e a prosperidade do Estado; he com tudo importante repetir, e publicar a altas vozes que a propriedade naõ he quimera, nem juz frivolo que se possa infringir sem inconveniente antes pelo contrario he o vinculo das sociedades, e o fundamento da publica armonia a quem fazem sagrada as leis, e costumes de todos os povos, e até a mesma Religiaõ, que quanto lhe dá abalo he crime; e que couza há mais opposta a este principio do que tratar huma couza naõ com o vendedor, mas com os Magistrados e recorrer aos Tribunaes onde as vontades devem ser livres? Ás vezes os que fazem as vezes de Juizes tentaõ demaziado a favor da publica tranquillidade, crearaõ-se para conciliar os interesses sobmetendo-se á justiça, e elles a offendem dictando leis arbitrarias, e violentas acerca das convençoens.

O commercio he a commutaçaõ de duas partes iguaes, e todas as suas operaçoens tendem a este fim: he inutil prescrever-lhe leis, a necessidade reciproca das partes as conciliará, e approximará.

Perguntemos aos Authores das Leis, que nos digaõ apuradamente qual he o seu objecto? Ou as suas constituiçoens saõ prohibitivas, ou taxativas; se saõ prohibitivas concedem a preferencia ás materias de hum certo terreno ás de outro, ou daõ a certo numero de homens privilegiados o direito de exercerem hum ramo de commercio, ou tal profissaõ; as que saõ taxativas, attendem unicamente ao proveito do consummador; e em ambos os cazos fazem excepçaõ de pessoas, e destroem igualmente as proporçoens do troco, e direitos da sociedade.

A intençaõ destes Estatutos he favorecer o consummador com prejuizo do vendedor. E qual he o fruto disso? Que oppostos saõ os meios, que se poem em pratica! Pertende-se o provimento pelo menor preço; começaõ apertando a concurrencia, concedendo o direito de vender a certo numero de sujeitos privilegiados. Em quazi todas as Cidades saõ os Marchantes hum corpo: em outras se lhe adjudica por arremataçaõ excluziva o direito de bastecer a Cidade.

E póde haver couza mais contraria ao fim que se propoem? Receaõ depois que estes mesmos, a quem pela mais mal attendida operaçaõ tiraraõ o freio da concurrencia, abuzem da excluzaõ para carregarem na venda, recorrem á taxa, e assentaõ que com este meio violento se remedea hum inconveniente, que elles mesmos occazionaraõ.

Mas vamos examinando o effeito desta operaçaõ. Vós determinais o preço de hum genero, e se tendes a ventura de adquirir todos os co-

nhe-

nhecimentos necessarios, e miudos que influem sobre o preço para attinar com o ponto justo, certamente que he a maior ventura; outro tanto faria sem vós a livre concurrencia. Se vos enganais nisso, (e quaõ facil he succeder isto em huma ratisa, principalmente quando ha de durar certo tempo, em que o preço necessariamente varia?) excedeis o verdadeiro preço com prejuizo do povo, a quem pertendeis favorecer, ou taxais por menos com damno do Marchante. Se a taxa he alta aggravais a consummaçaõ do povo, e esta taxa equivale a hum tributo; naõ ha quem vos advirta do vosso erro, porque soffre o povo sem se queixar, e quieto na vossa palavra se dirije a vós, e entende que os seus interesses melhor os manejais vós do que elles.

Se pondes a taxa baixa naõ vos persuadais que o povo se aproveite, nem vos louve de huma operaçaõ, que assentais ser-lhe de proveito. Primeiramente commetteis huma injustiça, e nunca ha lucro em ser injusto; fazeis perder os que daõ o fornecimento, e roubais-lhes o ganho justo; e como nenhum homem he obrigado a vender com perda, nem póde sustentar muito tempo esta condiçaõ, obrigai-lo a lucrar na inferior qualidade, com que fornece, o que lhe diminuis do preço, que merece sendo boa; assim se resarcem á vossa custa, e fazem por se salvar da perda, e a naõ ser assim, vem-se obrigados a deixarem a empreza, e trabalhais por obrigallos á força de condemnaçoens a suppri-rem; mas elles sabem escapar-se disso com a qualidade, para o que vós mesmo lhe desteis azo,

quando pelo privilegio da sua arremataçaõ os livrasteis da concurrencia.

Tal he a cauza das continuadas queixas que se tem suscitado contra os Marchantes; e tal o necessario effeito de huma operaçaõ violenta, e contra a natureza.

Que barreira quereis oppor a esta manobra, que tendes feito legitima, e indispensavel com a vossa taxa? Redobrais a inspecçaõ da policia, excitais o zelo dos seus officiaes; pondes em exercicio os rigorozos exames; promulgais condemnaçoens. A experiencia tem mostrado quaõ pouco fructo se tira de meios violentos; a contravençaõ, que quereis punir, he diária, e habitual, e as vossas condemnaçoens assentaõ em algumas queixas particulares. Tendes taxado por mais do justo valor, e he forçozo que sejais mal servido; as vossas condemnaçoens só podem fazer com que avulte a injustiça, e se accumule outra á primeira, mas tende entendido que essas condemnaçoens recahem sobre vós. O Marchante sabe que se expoem a ellas, e accrescenta o importe, ainda o risco das condemnaçoens, ao perjuizo, que lhe occaziona a taxa, e forceja por se resarcir, ou servindo mal, ou vendendo por mais da taxa, huma vez que espera fazello a seu salvo.

Mas o Marchante ainda tem outro meio de se cubrir, que he comprando mais barato na primeira maõ. Cada territorio dá sahida para a Cidade mais proxima; se a venda das suas producçoens se acha cortada com privilegios, e deteriorada com huma taxa, necessariamente padece

dece o preço na primeira maõ. Esta perda, que parece recahir sobre o Marchante, recahe realmente a parte maior sobre o cultivador, a quem o Marchante armado do seu privilegio, e aliás opprimido no preço da revenda, dá a lei para a compra.

Mas nada daquillo que faz esmorecer a cultura póde ser indifferente, pois que da terra se dezentranhaõ todas as riquezas, e rendas. E naõ nos dezenganaremos das falsas luzes d'huma policia prohibitiva? Naõ reconheceremos que a administraçaõ mais sabia he aquella, que deixa toda a sua força á liberdade; e ao consumador todos os recursos naturaes de economia; ao vendedor todas as esperanças, que faz com que o cultivador aproveite o preço legitimo das suas producçoens, e que a concurrencia decida soberanamente do seu valor?

Pela luz destes principios he que o homem publico deve dirigir os passos, e regular as suas dispoziçoens; tem o monopolio, aquella imaginaria fantasma no estado de liberdade, e lhe dá consistencia, e realidade pelas medidas que lhe oppoem. A liberdade he o unico meio de o desvanecer, e as leis, as tazas, as prohibiçoens saõ quem destroe a liberdade.

O que tem desviado os Administradores, e Juizes do simples, e verdadeiro, tem sido de huma parte a nimia desconfiança dos homens, cujos interesses se enlaçaõ entre si, e se contem sufficientemente, e pela outra a demaziada confiança na authoridade, e meios de que ella dis-

poem,

poem, e os tem levado a substituirem ordens, e constituiçoens em vez da concurrencia. Porém todo o acto de authoridade he necessariamente opposto ao commercio, e interesse dos compradores, e vendedores. Particularmente no que diz respeito aos açougues, o que fornece a Cidade he obrigado a combinar as suas operaçoens com as da lei, e accrescentar aos riscos naturaes o das condemnaçoens ás quaes se acha exposto. O Juiz para pôr as suas sentenças em execuçaõ he obrigado a encarregar a subalternos o ordenar os processos verbaes, com seu beneficio, e de fazer promulgar condemnaçoens, de que o réo tambem trabalha por se resarcir á custa do publico; por huma parte he obrigado a fomentar o espirito da espia com o lucro que lhe promette, da outra a má fé, cuja actividade redóbra á medida do risco, e suprindo as legitimas convençoens do contrato o caracter contrario, que trazem sempre comsigo as posturas, e vigilancia da policia. Tantas difficuldades bem fóra de darem entrada a novas concurrencias ao seu commercio, affugentaõ todos os dias muitos daquelles, que naõ sendo capazes destas velhacarias, receaõ perder o seu cabedal. A proporçaõ que ellas assentaõ em maior numero de objectos, se vaõ mingoando com a especulaçaõ, crescem as vicissitudes, e avarias, e obrigaõ muitos Negociantes a largarem hum trabalho que améaça igualmente o seu socego, e a sua fortuna. Alguns vencem estes riscos com cobiça maior, mas como saõ muito poucos se vaõ aproximando tanto mais ao mo-

no-

nopolio, isto he, ao privilegio de vender excluzivamente, e de dar a quem cousome, a lei da repartiçaõ. Pelo contrario qual he a lei de concurrencia? He convidar de todas as partes os compradores, e satisfazer as suas precizoens com infinidade de mãos que lhas apprezentaõ; dar aos que pagaõ melhor a melhor fazenda, aos que tem menos cabedal, a que lhe he proporcionada; obrigar o Magistrado a viver callado, e quieto, couzas mais uteis ao commercio do que a activide, e mais feliz aos costumes do que o espectaculo dos castigos: obrar no que he grande por modo sempre uniforme, simplificar o provimento, proporcionallo, dillatallo pelas regras mais seguras, quando a direcçaõ naõ seja inteiramente arbitraria; em fim estabelecer o verdadeiro nivel do genero, o seu preço verdadeiro, sem o qual todos ou andaõ enganados, ou enganaõ, e que he a unica couza que dê toda a actividade ao commercio, e que embaraça que na sociedade homem algum seja pizado aos pés por outro.

Naõ seria aqui lugar de examinar qual será este preço legitimo, se virá entaõ a ser mais cáro, ou mais barato; basta que seja o seu preço legitimo, e conseguirá todas estas ventagens. E qual homem se naõ dará por contente com comprar por este preço huma fazenda de que necessita? Qual de nós quer gastar com muito ganho, ou com perda? He igualmente pezada ao Cidadaõ a alternativa de ser oppressor, ou opprimido; o commercio livre he a balança que destros esta alternativa, se este preço tem algu-

ma

ma elevaçaõ chegando ao seu verdadeiro nivel será pouco attendivel porque os beneficios da segunda maõ diminuiráõ na concurrencia, e se houver augmento será principalmente a bem dos primeiros vendedores, e daquella porçaõ de vassallos, cuja abundancia he taõ importante ao resto da sociedade, por quanto o seu cabedal se emprega unicamente em fazer com que renasçaõ as producçoens que se repartem em varias culturas, e em rendas, e depois se subdividem em salarios, em proveito do commercio, em lucro dos mequanicos, e vendedores por miudo.

Porque havemos desconfiar da concurrencia nestes pontos, que nos tocaõ immediatamente, sendo hum principio constitutivo de todo o commercio quando em tudo o mais nos satisfaz plenamente? Ouzaraõ ainda homens publicos a armar-se deste paradoxo destruidor, de que os comestiveis da primeira necessidade se naõ devem avaliar como mercadorias? Que he verdade que a liberdade he a alma do Commercio, mas que a respeito dos comestiveis he arriscado o caracter da liberdade, e que em fim os generos mais importantes saõ materias privilegiadas, que podem esquivar-se, e sobre quem a administraçaõ deve ter huma maõ de ferro? Mas naõ obstante isso, se o commercio naõ tem outro movel mais do que o consumo, se vai atraz delle, se sómente a elle attende, se une o seu trafego unicamente naquellas partes onde elle he maior, se nisto paraõ todas as suas diligencias, se quanto maior he a encomenda de hum genero, mais de pressa

sa

a se expede a encomenda, he certo que será melhor provida de viveres; e que naõ devemos recear que a liberdade venha a ser damnoza ao provimento neste genero; antes pelo contrario seráõ consequencias desta taõ precioza liberdade, pela qual nunca se devem cançar de clamar a abundancia, e o preço; desta primitiva liberdade, que emana do direito da propriedade, que será sempre a regra dos nossos successos politicos, que os dezejos dos mais bem intencionados Cidadãos forcejaõ por estabelecerem no Reino, e sob os seus auspicios, o commercio se encarregará sempre com preferencia dos generos mais importantes, e só hirá descendo gradualmente a objectos de pura imaginaçaõ, e delicadeza: regulando as compras correrá todos os gráos da necessidade, discernindo as couzas mais uteis das que o saõ menos, e medindo os fornecimentos pelo estado da consumaçaõ. Se quazi experimentamos o contrario no estado actual, se os principaes bastimentos encontraõ tantas difficuldades, e andaõ sujeitos a tantas revoluçoens de preço: se tememos algumas vezes que nos faltem, ao mesmo tempo que vemos as Cidades cheias de fazendas das duas Indias, cujos generos topamos em toda a parte com hum preço taõ subido, que ninguem duvida delle; e cada qual compra quanto póde fazer o seu cabedal, em que estará a razaõ desta differença entre as fazendas mais precizas, e as menos, senaõ em que as ultimas tem a liberdade de commercio, a concorrencia que lhe naõ poem obstaculos, a actividade sem limite;

e que

e que os principaes comestiveis sempre oppri-midos de posturas, e leis, sempre gravados de grilhoens naõ tem actividade senaõ com hum commercio fraco, e que muitas vezes o espirito popular da nossa policia enerva nos ramos, que mais lhe ficaõ a tiro.

A authoridade que lhe faz a primeira bre-xa resfriando a concurrencia, faz outra fazendo a condiçaõ muito dezigual entre os habitantes da Cidade, e do campo. Todos andaõ na alternativa de vendedores, e compradores, para comprarem o que lhes falta naõ tem mais do que o que tem para vender. *A Soberana lei da justiça* naõ poem entre elles differença alguma, poem huns defronte dos outros, sem lhes attribuir outra couza mais do que as suas propriedades, fuculdades, e juz de dispor dellas. Em que fundamento assenta a authoridade, que só foi instituida para proteger a justiça de cada qual, tem direito para desfazer a igualdade que tem assentado a justiça? Por qual razaõ naõ ha de o lavradór ter igual liberdade nas suas vendas, como tem os artistas? Por qual razaõ ha de haver nas Cidades huma tarifa para as suas producçoens, ao mesmo tempo que os artistas naõ tem reducçaõ alguma violenta na venda da sua manobra? Sendo reciproco o serviço, devem ser reciprocas as condiçoens do serviço; se as Cidades se arrogaõ a si o juz de taxar o que lhes vem do campo, naõ tinhais dous pezos, e duas medidas, dai ao cultivador o juz de naõ receber senaõ por preço fixo, e determinado as obras de maõ de que necessita. Mas se conhe-

ceis

zem quaõ damnozas saõ estas condiçoens ao commercio, e industria, acabai de pôr estorvos aos interesses que se naõ fizeraõ para andarem em debates, e destruirem-se huns aos outros; deixar de pezar os interesses do Cultivador que propriamente saõ os vossos mesmos interesses; em balança taõ pouco fiel. Só a força he que podia dictar leis taõ deziguaes, e taõ injustas; as Cidades conhecem a sua superioridade, e abuzaõ della para determinarem o preço, as campanhas que saõ desprovidas naõ pódem uzar de reprezalia, e só sabem soffrer em silencio os prejuizos que lhes cauza a authoridade pouco illustrada.

As Cidades tem nos corpos municipais huma administraçaõ ordenada, e organizada; uzaõ della para opprimirem o seu territorio, e sobmettelo ao jugo da sua policia prohibitiva. Olhaõ para os habitantes do campo como para pessoas feitas para os servirem, que se devem ter por mui felices em acharem sahida aos seus generos pelo preço que a elles se lhes entoja pôr-lhes.

E que fructo tiraõ as Cidades do seu monopolio? Porque devemos assim chamar toda aquella operaçaõ que se dirige a diminuir o preço, como toda a que se encaminharia à augmentallo. Que grandes ventagens esperaõ colher desta injustiça?

O effeito da tarifa he destruir o verdadeiro preço para lhe substituir hum preço facticio; mas o commercio, como deixo dito, nunca se deixa verdadeiramente subjugar; como he es-

sen-

sencialmente livre sabe esquivar-se ás leis, que lhe quereis impor. Se a violencia he extrema, dezaparece, se o jugo com que o pertendem assoberbar, lhe deixa ainda alguma acçaõ, acha meios de se accommodar ao tempo, e ás circunstancias, e de reganhar na inferior qualidade, ou no preço da primeira maõ, o que entendem que lhe tiraõ do preço da revenda.

Applicando isto aos açougues: o primeiro effeito da taxa he descontentar os ricos que olhaõ mais para a qualidade, do que para o preço dos generos, bem que o maior consumo que fazem, e o credito que tem, lhes dá meios para o que as taxas tem de mais supportavel: naõ se queixaõ menos de lhes faltar o alimento mais delicado. Porém para o povo, a quem daõ o peor e que obrigaõ a pagar pelo maior preço, o povo que compara as provizoens das grandes cazas com que lhe daõ a elle, está em verdadeira oppressaõ, e fornece em parte o seu contingente na despeza que fazem os ricos. A bem deste he que se entendeo que se impunha a taxa, com tudo he elle o que he mais vexado. Esta vicioza manutençaõ traz necessariamente o desgosto de alguns para huma especie de genero, com que se naõ daõ por satisfeitos, e afugenta os outros, que contentando-se com tudo por falta de cabedaes, se inclinaõ ao mais barato. Todos andaõ ajustados em materias, cuja relaçaõ he menos proxima com a cultura das terras. Consomem-se mais lugumes, e aves, ao mesmo tempo que seria mais util voltar o maior consumo ao que he annexo á lavoura, e a tra-

zer

gar todas as bocas á charrua, o que promoveria o augmento do gado, e consequentemente a fecundidade das terras, e o melhoramento da cultura.

Se os açougues tivessem perfeita liberdade, ninguem duvidaria que os talhos se forneceriaõ com mais abundancia: a boa carne seria escolhida pelo rico que naõ recearia o seu preço, ao mesmo tempo que a inferior ficaria para o pobre, e dando-se este por satisfeito com o sustento inferior ao menos pagalo-hia como tal. Os Marchantes ordinariamente saõ ricos, vivem com fartura, e se valem destes prestextos para reduzirem cada vez mais a taxa da carne, como se sómente para elles fosse dezacommodado, e naõ se vê que elles se sustentem porque sendo o mesmo preço saõ differentes os fornecimentos; que a porporçaõ que forem oprimidos pela taxa, maior porçaõ de carne ruim gastaraõ; esquecem-se em fim que o Monopolio traz comsigo maiores lucros, e que estes arrematantes haõ de tirar todo o proveito que pódem dar de si as Cidades.

Saõ vexativas as consequencias desta dezordem. Diminue o consumo, e com elle o producto das campanhas; e as fontes do commercio naõ pódem deixar de diminuir sensivelmente; e consequentemente haõ de diminuir os tributos, pois que hum vinculo imperceptivel une todas estas partes: bem clara he a analogia que ha entre entre ellas; huma vez que fazem hum todo, e que se dirigem com livre impulso, vem as mais felices revoluçoens,

mar-

marcha-se com grandes passos para a publica opulencia, e este circulo de tudo se forma de si mesmo, trata-se unicamente de o naõ quebrantar.

O interesse das Cidades anda necessariamente vinculado com o da campanha; os proprietarios se unem, fundaõ cazas que pegaõ humas com outras a fim de desfructarem as doçuras da sociedade. Em torno delles se ajuntaõ os agentes do Trafégo, e da industria, que se empenhaõ em acautellar-lhe todo o genero de necessidades. Por este modo se formaõ as Cidades, que vem a ser a morada dos negocios, o centro da consumaçaõ. E d'onde vem aos habitadores das Cidades as materias proprias para o consumo, como tambem os meio de as pagar, é dar o salario de todos os trabalhos, senaõ dos frutos do primeiro trabalho, que se exercita unicamente no fundo productivo? Logo he errado o calculo das Cidades, todas as vezes que abuzando da authoridade prejudicaõ o valor das produçoens, e dezalentaõ as emprezas laboriozas; isto he enervar as arterias que lhe davaõ vida, he adoptar o falso calculo do avarento.

Espalha-se o dinheiro abundantemente pelas Cidades: adquire hum movimento que parece multiplicar-se; mas naõ se poem em circulaçaõ senaõ pela annual reproducçaõ. Assim nas campanhas he que tem nascimento para correr por todos os canaes, que ha de vivificar, porém nas Cidades naõ ha mais do que huma esteril circulaçaõ; convem que saia para voltar ao campo, que o deve restituir no anno seguinte, e naõ tem outro caminho para tornar a elle

la senaõ pela venda das producçoens; e este deitar, e recolher continuo he quem sustenta a vida do corpo politico; tudo quanto he nocivo ao valor natural dos generos, ao seu preço verdadeiro, que sómente existe no estado de concurrencia, tende necessariamente a seccar a fonte, e a enfraquecer o movimento.

As Cidades cegas com falsos projectos, deslumbradas pelo luxo que as decóra, e as embriaga, inchadas com a superioridade que se imputaõ, haõ-se como se fossem sufficientes para si proprias: assentaõ que devem a sua opulencia ás Artes, ao Commercio, que nellas habitaõ, e naõ conhecem o que tem em exercicio os braços dos seus Cidadãos industriozos. Bem fóra de tratarem do interesse do seu territorio, naõ receiaõ sacrificar-se á pertendida ventagem do preço diminuto.

Porém as Cidades vaõ assim empobrecendo incessantemente com esta manobra, de que naõ pódem deixar de experimentar os golpes; quanto menos daõ ao campo com o seu consumo, menos riquezas recebem no seu gyro, e experimentaõ todo o damno que naõ receiaõ fazer ao cultivador. Attribuem a falta de abastança, que experimentaõ ao esmorecimento das artes; a debilitaçaõ do commercio, e tomaõ assim os effeitos pela cauza: naõ olhaõ que estes trabalhos naõ produzem nada, que he indispensavel que o commercio vá em decadencia, que a industria naõ acha em que se empregue havendo menos producçoens que vender, ou que fabricar; e quando a liberdade de dispender mais acanha-

nhada pela debilidade da cultura, e a diminuiçaõ da reproduçaõ obriga os consumadores a coarctar-se em todo o genero, e a escuzar necessidades da terceira, e quarta ordem, para acudir ás primeiras. Fatal effeito da dezarmonia entre as cidades, e o seu territorio, cauzada, e cevada pela ignorancia das simples leis da ordem fizica da reproducçaõ, e da distribuiçaõ das riquezas.

Entretanto pezaõ sobre todas as terras immensos encargos; e sobre ellas carrega todo o pezo do estado; ellas só supprem todas as rendas publicas, e particulares, sustentaõ o Estado em geral, e todas as classes, de que se compoem. A situaçaõ das campanhas encerra todos os interesses, e as riquezas trataõ-se como vindas do Ceo, e como o maná no Dezerto, como se aos cultivadores fossem bastantes braços, e hum modico passadio. Envejaõ, e attacaõ diariamente o que elles juntaõ, o que se devia respeitar como hum penhor da reproducçaõ; trataõ-nos como escravos, a quem basta só paõ, e trabalho, com tudo da sua sorte depende a fortuna publica.

Quanto se naõ deve dezejar que o homem de emprego, que passa a vida nas cidades opulentas, onde se naõ póde embeber senaõ de falsas idéas de administraçaõ, quizesse algumas vezes vir aos nossos cazaes para testemunhar a economia, e estudar o calculo das despezas necessarias para alcançar a reproducçaõ, e dos gastos accessorios com que a nossa administraçaõ tem carregado estas despezas; entaõ reconheceria

ria que devendo pagar-se todas estas despezas pela reproducçaõ antes de se poder fiar na renda; naõ ha outras operaçoens uteis senaõ aquellas que tem por fim diminuir os impostos estranhos á terra, ou a augmentar a receita augmentando o valor, fructo da franqueza do commercio.

Qualquer que seja o imposto, como só a terra he quem o póde pagar, necessariamente recahe ou na parte dos Proprietarios, ou nos emprendedores da cultura, e tudo quanto parece carregar sobre os Agentes do commercio, e da Industria recahe expressamente sobre huma destas duas partes, e depois definitivamente em total sobre a dos Proprietarios porque o rendeiro he obrigado a engrossar o que tomaõ sobre a producçaõ, em prejuizo do producto apurado de todas as producçoens do imposto, que lhe fazem pagar directamente, ou que supporta indirectamante de todas as suas despezas. Nestas ficaõ comprehendidas naõ sómente aquellas de que ficaõ gravadas as suas pessoaes despezas, mas tambem todas as operaçoeas, que pagaõ directamente, ou indirectamente todos os seus salarios. Por este modo todos os impostos tanto pessoaes, como os que se poem no que se gasta, e os que se impoem aos agentes, e jornaleiros da cultura, carreiros, ferradores, tendeiros &c., e todos os Artistas, cujos serviços pagaõ, sahem do Agricultor, e saõ pagos da parte da reproducçaõ; ficando-lhe salvo o resarcir-se, recahindo sobre os Proprietarios, com diminuiçaõ da renda,

Para poder rezistir a este sem numero de

encargos, e até aqui taõ mal illustrados, e ao pagamento das obrigaçoens que tem ao Proprietario, naõ tem o rendeiro outro recurso senaõ o valer-se da reproducçaõ; e com quantos barbilhos, e prohibiçoens de toda a especie naõ he ella carregada, e deteriorada! Naõ póde esperar remedio senaõ em tres artigos principaes, na venda do graõ, e he a unica que ha algum tempo he permettida, e essa ainda com condiçoens equivocas: na venda dos vinhos, que tem varios direitos; ultimamente ao consumo do seu gado, que geralmente está reduzido ás taxas copiozas, que os Magistrados conservaõ geralmente como uteis ao bem publico. Este he o triste estado em que se vê o rendeiro, ou o Proprietario que cultiva por sua conta a sua herdade; situaçaõ violenta na despeza, de que por toda a parte se acha carregado; situaçaõ violenta na receita pelas condiçoens que vexaõ, de que estaõ opprimidos todos os artigos da sua venda. Apertado assim, e igualmente calcado por toda a parte prosegue no trabalho sem esperança de futuro mais venturozo; vê para elle fechados todos os caminhos legitimos de melhorar a sua sórte pela diminuiçaõ das despezas, e avultamentos dos lucros, que successivamente arrisca em novas emprezas, que saõ para elle, e para o Estado novo manancial de riquezas.

O estado de tibieza em que se vê a nossa cultura, naõ se póde remediar senaõ cortando as cauzas, que o cercaõ, pelo restabelecimento do imposto sobre a baze natural, e pela liber-

da-

dade geral do commercio. Insto sòmente aqui pela liberdade, que he o objecto direito desta obra. Neste termo, como em hum feliz Talismaõ, estaõ comprehendidas as obrigaçoens de todo o fiel Administrador, a sciencia do Governo, a potencia do Imperio, a gloria do Soberano, e a ventura dos vassallos. He ella quem vivifica os trabalhos, quem rasga o centro da terra, quem tira della abundantes riquezas, quem vence todos os obstaculos, anima o commercio, occupa a industria, disperta a emulaçaõ, multiplica as emprezas, e dá merecimento a todo o corpo politico. Por ella he que a naçaõ póde refazer-se de forças, conseguir a superioridade, que lhe convem, conhecer a feliz abastança, e marchar com grandes passos á prosperidade, e chegar a satisfazer a divida que o opprime, e derramar com abundancia no thezouro publico rendas, cujo facil embolso naõ he á custa de lagrimas.

Segunda Parte.

O Vinho, diz o Author, he hum dos primeiros artigos, sobre que esta Cidade ajuizou illustradamente. Houve muito tempo que se consumia pelos estatutos da policia. por fórma que affugentava toda a boa qualidade, e muitas vezes era nimiamente inferior para mediocres. Era muito mal aparelhado, e com tudo o Lavrador perdia, e fechando ao genero huma das suas maiores extracçoens se diminuia a renda das villas; com huma maõ se poupava com mesqui-

nharia ao mesmo tempo que com a outra se desperdissava loucamente: fallou cara á cara a a necessidade, e foi ouvida; a sua voz trouxe a liberdade, como divindade tutelar de todo o commercio util; e o vinho que de repente tornou ao seu nivel, entrou na classe das outras mercadorias, o seu preço se combinou de si mesmo pela quantidade, e qualidade dos sortimentos; e á medida que as companhas se aproveitáraõ, se restabeleceo correntemente a ordem: e naõ deve isto dar esperança de igual successo em todas as mais materias, que saõ da mesma natureza?

A operaçaõ que supprimio a taxa do vinho he certamente digna da publica gratidaõ; fez com que cessasse a tyrania, que os habitantes da Cidade exerciaõ no commercio de huma producçaõ importante, por hum effeito de ignorancia, que por muito tempo lhe naõ deixou conhecer tanto a injustiça deste procedimento, como o prejuizo que elle mesmo conhecia: e naõ vos resta hum vestigio notavel desta injustiça na desigualdade dos direitos de entrada, que pagaõ dos vinhos os Cidadãos, e os que os vendem? Se esta observaçaõ naõ tem directa relaçaõ ao meu assumpto, deve justificallo a sua importancia.

Naõ he erro mais grosseiro do que o de certos espiritos, que com huma compaixaõ taõ mal entendida, como funesta nos seus effeitos, tem assentado abaixarem com todos os expedientes, que lhe lembraõ, o preço dos generos para poderem ser geraes ao povo. Tomáraõ cami-

minho avesso da prosperidade, que consistiria em buscar ao povo, e aos habitantes das Cidades o commodo de comprar os generos pelo seu preço verdadeiro. Naõ ha couza mais propria para multiplicar pobres, do que o pouco valor em que se poem as producçoens, com prohibiçoens de commercio, e taxas. Huma Provincia sujeita a estas taxas arbitrarias, está a risco, sem o perceberem, de padecer fome; as producçoens a que se prohibe a sua natural sahida, vaõ buscar mais longe, e com grandes gastos o consumo. Quando ha liberdade, o preço he o thermometro natural, e infallivel, que suspende a exportaçaõ a tempo; e em hum Estado violento, os preços determinados pelas taxas perdem a sua qualidade á proporçaõ que naõ pódem dar indicaçaõ certa da quantidade de producçoens, que restaõ para o provimento interior.

O arbitrario naõ sómente he o principio pelo qual se regulaõ para estas determinaçoens arriscadas, até tem nellas grande parte a arriscada ignorancia. O boi he o sustento mais vulgar, e mataõ-no logo que entra a ser inutil, e muitas vezes o faltarem palhas, e pastos obriga a adiantar-lhe a morte; assim a carne naõ póde deixar de ter hum valor mediano, pois que o vendedor muitas vezes naõ perde, desfaz-se d' huma couza que lhe he pezada. Naõ succede assim com os carneiros, he hum gado que custa menos a sustentar, e que dá mais lucro: o estrume que dá ás terras, a sua lã que he huma renda apurada retardaõ sempre a sua venda; assim-

sim he necessario antecipar se á idade, em que elle começa a naõ servir, e até esta idade dá conveniencia. Os lucros, que se tirariaõ deste animal, quando se entrega ao cutello, devem ser em certo modo descontados ao proprietario. Por outra parte buscaõ-nos para outros sitios. Todos os annos passaõ por Grenoble 12, ou 14 mil que seguem o caminho da Alta Cruz, e passaõ á Provença, e todas as terras do Delfinado, maiormente as que ficaõ mais meridionaes, avultaõ diariamene este tributo. Para as Cidades de Leaõ, e de Marselha se leva diariamente grande porçaõ delles dos mesmos montes que nos cercaõ; salgaõ para embarcar quantidade grande. Assim he evidente que o carneiro deve ter mais valor do que o boi; e estas provas saõ bem claras. Ora, reduzir estas duas especies á mesma taxa, como manda a policia (taxa, que nem se quer he a mediana) he complicar a convençaõ mais simples, e mais natural. A differença do preço regula-se pela das mercadorias; tudo quanto he fugir desta especie degenera seguramente n'huma vexaçaõ clamoroza, que he urgente reprimir, e que tende insensivelmente em despojar o pobre a favor do rico; e equivale ao privilegio excluzivo de consumir carneiro, ao mesmo tempo que o pobre, e mizeravel artista naõ sómente he privado, mas contribue com o seu dinheiro para hum sustento que a elle lhe he estranho. De duas partes que se cortaõ nos açougues, huma passa as cazas opulentas, o que mostra isto bem, e até os mesmos Marchantes naõ saõ muito abundantes

nes-

neste fornecimento; e a outra que se acha de inferior qualidade fica sómente para lhe poderem chegar as pessoas ordinarias, que pagaõ o mesmo, e recebem menos; que padece realmente no que se vende mais barato aos demais, e que vê no que dezembolsa o reprezentativo da carne, que lhe daõ, e da que lhe negaõ.

Com que comoçaõ interior naõ deve sentir o publico similhante injustiça! Que supplicio lhe cauzaõ estas comparaçoens que faz todos os dias! Naõ olha para as leis como abrigo do fraco contra o forte: aos seus olhos perdem o seu mais sagrado caracter.

Talvez se podesse comparar a carne dos açougues ao paõ, e dizer que ambos estes comestiveis, os deve regular o mesmo espirito, de fôrte que sendo o paõ taxado em caza do padeiro, tambem naõ se póde vender a carne sem correr igual risco; com tudo ha huma differença importante. O preço do trigo naõ está taxado na venda se naõ pela vontade dos vendedores, e este preço he quem regula a taxa do paõ, o qual nada influe no preço do trigo, ao mesmo tempo que a taxa dos açougues em vez de augmentar em alguns contratos he pelo contrario lei soberana, a que os contratos saõ obrigados a sujeitar-se; o preço do gado forçozamante baratea abaixo da taxa até que as circunstancias, e o commercio exterior obriguem ao Magistrado a conceder huma augmentaçaõ; e a taxa, bem que augmentada conserva sempre a sua influencia sobre o primeiro preço da materia na primeira maõ. Mas se a ta-

taxa do paõ parece servir de argumento em favor da taxa da carne; que fôrça póde ter hum argumento tirado de hum exemplo; que facilmente se refuta applicando-lhe os principios estabelecidos nesta obra?

Taxa-se o paõ; logo he util taxar a carne. E por qual razaõ se deve pôr taxa ao paõ? Que utilidade rezulta dahi? Que perigo havia em deixallo á convençaõ das partes?

O corpo dos pádeiros compoem se de quazi 60 Mestres, que todos pertendem buscar freguezia, e só trabalhaõ para a tirarem huns aos outros. Naõ temos que temer monopolio entre elles, instaõ demaziado os seus interesses, e saõ muito oppostos, para que elles se hajaõ de ajustar. Dez fórnos publicos, onde se cozem cada dia quazi 3:000 arrateis de paõ, lhes fariaõ hum continuado respeito, e lhes prohibiriaõ sempre o calculo do monopolio. O que gasta por miudo naõ tem posses bastantes para accommodar o pádeiro, nem ainda para frequentar as feiras; vive do seu jornal, e lhe daõ o paõ por arrateis nas tendas, ou tavernas, que estaõ espalhadas em grande numero pelos bairros, e que vivem da vendagem. E saõ estes braços capazes para poderem ajudar para grandes provizoens? E que temor se deve ter da pretendida ambiçaõ dos pádeiros? que condiçoens taõ duras pódem elles impor, ao mesmo tempo que os podemos escuzar? Como haõ de deixar de se contentar de hum lucro taõ arrastado, quando qualquer augmentaçaõ injusta bastava para perderem toda a freguezia? Naõ sómente saõ dema-

maziados, e se degolaõ reciprocamente, mas cada dia se muda de freguez. He certo que se elles repartem o paõ, he sem privilegio.

Cada vez se convenceraõ mais da falsidade de projectos com que se dirige esta policia, reparando a escrupuloza attençaõ, com que os padeiros observaõ nas feiras, porque preço está o alqueire de trigo. Mas sóbe sensivelmente, logo elles estaõ álerta; immediatamente reprezenta o seu syndico, e sem perda de tempo levantaõ a taxa os Officiaes da policia. Por isto ha proporçoens invariaveis; mas quando peló contrario o preço abaixa, quanto se demora em dallo a conhecer, em tomarem toda a segurança. Ha Commissarios, que velaõ sobre isso, mas a sua vigilancia he imperfeita, e só obra pelo interesse, pódem descuidar-se, e ás vezes andaõ comprados, A reducçaõ nunca he taõ prompta, quanto foi rapida a augmentaçaõ, e o publico sente esta differença; geme de naõ ser elle proprio o seu economo.

Naõ receemos pois, que a aboliçaõ das taxas augmente o preço do paõ, pelo contrario diminuirá meramente pelo effeito da concurrencia, e nunca excederá o preço natural, que deve ter. Ainda quando pessoas timidas, e escravas do costume temessem em crer que faltando este freio aos pádeiros poderiaõ elles adiantar muito o seu beneficio, naõ se persuadiraõ, que este inconveniente naõ póde deixar de ser momentaneo? Se os pádeiros ganhaõ muito logo se conhece; ha tanta gente que necessita de modo de vida, que em havendo algum que dê mais

far-

fartura, logo o fegue tanta gente, que fe acha reduzida aos lucros indifpenfaveis, naõ póde profiffaõ alguma arrogar-fe lucros exceffivos, nem fazer a lei do preço; os intereffes refpectivos fe balanceaõ, e confervaõ em perfeito equilibrio.

Por outra parte para naõ me afaftar do affumpto do artigo, que faõ os açougues, e vifto que fe trata de difcuttir miudamente efte ponto; efperaõ acazo que o juiz Municipal feja fempre inteiro por effencia? Naõ poderá corromper-fe a efte refpeito com algumas gratificaçoens para feu provimento? Naõ andará ajuftado com os contratadores? Ha fegurança que naõ tenha intereffe peffoal no preço? Em fim efta efpecie de adjudicaçoens, que paffa, feraõ fempre legais? O que digo aqui naõ fe encaminha aos Adminiftradores d'huma Cidade, tal, como he Grenoble, onde a mais cuidadoza educaçaõ, e qualidade da nobreza, o mais vivo pundonor facilmente defvanecem fimilhantes tentaçoens; mas nas cidades da fegunda ordem defta Provincia, nas fimples villas, onde ás vezes ha menos probidade, faõ menos puros os principios, os coftumes menos efpreitados, he muito ordinario ver realizadas fimilhantes fofpeitas, e fem duvida que faõ fementes de dezordens que convem arrancar, e abuzos, que naõ he demazia em perfeguir. E com que inftrumento fe chegará á raiz do mal? A liberdade he o unico meio que fe reprezenta.

Debalde haveria nova efpecie de confpiraçaõ, que privaffe Grenoble dos talhos que cof-

tuma

fuma ter; feria impoſſivel ficar deſtituida; por mais que os Marchantes ordinarios ſe auzentaſſem, viria o proprio Lavrador, viria gado de todas as partes; as ſuas neceſſidades andaõ intimamente ligadas com as noſſas, elles nos ſeguraõ o fructo do campo. Toda a arte conſiſte em ſuſtentar o lucro, que he o ſupremo motor dos ſerviços. Ha muito tempo que a liberdade protege os noſſos mercados, e ainda naõ deſmentio: por outra parte naõ ſaõ os forçureiros outros tantos braços promptos a ajudarem ou ſuprirem em cazo de inſufficiencia os Marchantes deſta Cidade? Ajuntando com o trabalho deſtes deus Eſtados os contratadores actuaes, daraõ ao fornecimento huma abundancia abſolutamente nova, cujos bens naõ tardaraõ em dar-ſe a experimentar. Ha hum anno em que naõ havia em Grenoble hum forçureiro, e por muito tempo hum unico homem deſta profiſſaõ cumpria todas as vezes que era buſcado; hoje contaõ até 13 que trabalhaõ baſtante, e que mal chegaõ para o que lhes encarregaõ. O ſeu conſumo tem remontando naõ ſómente em crû, mas ainda cozido, no que imitaõ o exemplo dos talhos de *Leaõ*, e eſta facilidade favorece ſummamente o conſumo, que cada dia vai ſendo maior. Conhece-ſe que o publico deſgoſtozo dos açougues, cujo monopolio offende principalmente as claſſes inferiores, acode com ancia a eſte ſuſtento que he ſaborozo, e de mais economia. Ainda que elle ſe gaſte a razaõ de cinco ou ſeis ſoldos o arratel, eſte valor naõ retem o conſumador, e vê que naõ perde; a liberdade que ha no commercio, a con-

confiança que inspira essa mesma liberdade; a certeza de ser bem servido, e ter precizamente o bocado que se escolher, em fim a falta de estar vendo hum commissario, tudo isto convida ao comprador, tudo o chama, de sorte que o numero dos Forçureiros avulta a medida que diminue o dos talhos, e que estas miudas invençoens taõ uteis, e tanto a favor dos pobres se extendem cada dia sem necessitarem protecçaõ alguma particular.

Principios incontestaveis, e particularmente factos tirados do mesmo progresso do commercio dos grãos nestas Provincias pugnaõ valentemente a favor d'huma opereçaõ que naõ faz mais que recordar e estabelecer o primeiro, e verdadeiro estado do homem, e restabellecello no exercicio dos direitos incontestaveis que lhe segura a justiça; e que a sociedade lhe deve afiançar, *a Liberdade pessoal*, *e a propriedade*.

Estes dous direitos saõ absolutamente incompativeis com toda a casta de prohibiçaõ de commercio, e se até agora se assentou que se deviaõ sacrificar ao pretendido interesse publico, he ultimamente tempo de reconhecer, tanto pelo exame dos principios, como pela averiguaçaõ dos factos, que o interesse de reproducçaõ que une, e enlassa o geral interesse de toda a casta de Cidadãos requer a plana, e inteira posse dos direitos que ao homem provem essencialmente da natureza. He tempo de substituir huma administraçaõ sabia, e conforme á ordem, á huma policia taõ injusta nos seus meios, como cega nas suas pretençoens, fazer calar os estatutos,

as

as taxas, a authoridade, para deixar operar a concurrencia, ſubſtituir o preço verdadeiro, natural, e igualmente ventajozo ao vendedor, e ao comprador, á eſtas leis prohibitivas, e taxativas que a fim de favorecer hum dos contratantes com huma preferencia injuſta offende ao meſmo tempo os intereſſes de todos. He tempo de deixar o cuidado do noſſo provimento ao calculo do intereſſe particular, á carreira das circunſtancias, ao recurſo da intelligencia, e da economia; limitar as funçoens dos Juizes da Policia a manter a ſegurança, e a tranquillidade publica, e tirar-lhe a funeſta authoridade, de que tanto tem abuzado, de taxar o preço, e opprimir o commercio, dictar leis com convençoens eſſencialmente livres, e inquietar os mercados publicos com as ſuas inſpecçoens, e ordens arbitrarias.

He tempo que as Cidades aprendaõ ultimamente a conhecer, e calcular os ſeus verdadeiros intereſſes, e deixarem as tyranicas pertençoens que tanto tempo tem exercitado ſobre o ſeu territorio, de deixarem de opprimir, e ſeccar com proprio damno, a fonte da ſubſiſtencia das rendas, e dos ſeus ſalarios.

A Cidade de Grenoble ſituada entre as mais abundantes paſtagens gozará em fim da ventagem da ſituaçaõ, de que até agora a tem privado os ſeus proprios erros, e preoccupaçoens; recolherá quazi ſem tardança os fructos de reſtabelecer a ordem neſta parte, e com a propria experiencia reconhecerá os felices fructos da liberdade, que dezejará extender a todos os ramos do commercio, e do baſtimento.

Ul-

Ultimamente verá a Provincia brotar abundancia, e espalhar-se por toda a superficie; gozando seus habitantes d'huma fartura nunca vista, sendo as suas Cidades melhor fornecidas, melhorada a sua cultura, e aperfeiçoada, e pelo illustrado da sua administraçaõ será citada por hum exemplar, cujo exemplo as de mais Provincias se daraõ pressa a imitar.

CORPO DO HOMEM.

Crescimento.

A Mais pequena forma, em que os olhos mais habituados a observar tem podido distinguir o feto, he hum bolho oval, que successivamente se vai dezenvolvendo. Sete dias depois se podia distinguir com os olhos os primeiros lineamentos. Estes lineamentos com tudo naõ parecem ser mais de que huma maça de gelea quazi transparente, que tem já alguma solidez em que se conhece cabeça, e tronco.

Quinze dias depois começa-se a distinguir bem a cabeça, e a reconher as feiçoens mais relevantes da cara. O nariz entaõ naõ he mais do que hum pequeno fio levantado, perpendicular a huma linha que indica a separaçaõ dos labios; vem-se dous pontos negros no lugar dos olhos, dous buraquinhos no sitio das orelhas; e aos dous lados da parte superior do tronco pequenas pro-

protuberancias que saõ os primeiros delineamentos dos braços, e pernas.

Passadas trez semanas se tem augmentado hum pouco o corpo, e se distinguem braços, pernas, mãos, e pés: o crescimento dos braços he mais prompto do que o das pernas, e os dedos das mãos se separaõ primeiro do que os dos pés.

Ao mez o feto tem maior comprimento, e está completa a figura humana, já se distinguem todas as partes do rosto, o corpo está dezenhado; as cadeiras, o ventre levantados, os membros formados, os dedos de pés, e mãos separados huns dos outros, e as visceras já estaõ marcadas com fibras relevadas.

Ás seis semanas está o feto mais comprido e começa a se aperfeiçoar a figura humana: e a cabeça á porporçaõ he maior que as de mais partes do corpo.

Aos dous mezes tem crescido mais, e ainda mais aos trez, e aos quatro e meio, as mesmas unhas se conhecem já nos dedos dos pés, e mãos; e aos dous mezes e meio he ordinariamente do tamanho de hum dedo grande da maõ.

Assim vai sempre crescendo até aos 9 mezes, sem que seja possivel determinar a dimensaõ das suas partes.

He incerto o tempo, em que o feto começa a mover-se. Succede isto ordinariamente pelo meio da prenhez da mãi, e muitas vezes antes a decima nona, e vigesima semana contando depois do nascimento.

nasc-

Nasce o minino ordinariamente depois de 274 dias. Com tudo, este tempo he muitas vezes mais curto, as crianças de 182 dias se reputaõ legitimas, e ás vezes he mais dilatado; pois que as leis civis daõ a hum minino nascido dez mezes depois da morte do Pai para ser legitimo, e nos tribunaes naõ faltaõ exemplos de mininos nascidos aos doze, e ainda aos quatorze mezes, que se tem sentenciado legitimos pelo voto da faculdade da Medicina.

Proporçaõ.

O Corpo divide-se ordinariamente em dez partes iguaes, chamadas faces em fraze de estatuario, por quanto a face do homem foi o primeiro modelo destas medidas. Cada face se reparte em trez partes iguaes, *isto he*, em cada decima parte da altura do corpo. Esta segunda divizaõ vem da que se fez da face humana em tres partes iguaes. Começa a primeira á raiz do cabello, e acaba na raiz do nariz: o nariz he a segunda parte da face, e a terceira começa por baixo do nariz até ao fim da barba. Nas medidas do resto do corpo se dezigna ordinariamente a terça parte da face, ou hum trigesimo de toda a altura, pelo termo nariz, ou comprimento do nariz.

A primeira face de que acabamos de fallar he todo o rosto do homem, que começa á raiz do cabello, que fica no alto da cabeça: desta parte até ao alto da cabeça ha ainda hum terço de

de face de altura, ou o que he o mesmo, huma altura igual á do nariz; assim desde o alto da cabeça até ao fim da barba, isto he, na altura da cabeça ha huma face, e hum terço de face. Entre o baixo da barba, e o fossete das claviculas, que fica sobre o peito ha dous terços de face; assim a altura de sima do peito até ao alto da cabeça saõ duas faces, que he a quinta parte de toda a altura do corpo. Do fossete das claviculas até abaixo das mesmas conta-se huma face. Debaixo das mamas começa a quarta face, que acaba no embigo; e a quinta vai ao sitio, onde se faz a bifurcaçaõ do tronco, o que faz metade da altura. Contaõ-se duas faces do comprimento da coxa até ao joelho: o joelho faz meia face, que he metade da outava: tem duas faces o comprimento da perna desde o joelho até ao calcanhar, o que faz em tudo nove faces e meia, e daqui até á planta do pé meia face, que completa as dez faces que ha, em que se reparte toda a altura do corpo.

Esta divizaõ he feita para o commum dos homens; mas o que tem maior estatura muito fóra do commum tem mais meia face na parte do corpo entre as mamas, e a bifurcaçaõ do tronco. Esta altura de mais neste lugar he que faz a boa estatura; e entaõ o nascimento da bifurcaçaõ do tronco naõ corresponde precizamente ao meio da altura do corpo, mas hum pouco mais abaixo.

Quando se estendem os braços de modo que fiquem horizontaes, ambos em linha recta, a dis-

a distancia de hum dedo grande da maõ ao outro outro he igual á altura do corpo. Desde o fossete entre as claviculas até ao encaixe do osso da espalda com o do braço, vai huma face. Quando o braço está applicado contra o corpo, e dobrado para diante contaõ-se quatro faces, a saber, duas entre o encaixe do hombro, e o fim do cotovelo, e outras duas do cotovelo até á raiz do dedo meminho, ou primeiro nó, o que faz sinco faces, e sinco para o outro braço, em tudo dez faces, isto he, comprimento igual a toda altura do corpo. Resta todavia no extremo de cada maõ o comprimento dos dedos que he quazi meia face, mas convem reparar que esta meia face se perde no encaixe do cotovelo, e do hombro quando se estendem os braços. A maõ tem de comprimento huma face, a polgada hum terço de face, ou o comprimento do nariz; como tambem o dedo maior do pé. O comprimento do pé he igual á sexta parte da altura do corpo humano.

Differença de proporçoens occazionada pela differença do sexo.

INdependentemente da altura total, que he de duas, ou tres polgadas menos no sexo feminino, do que nos homens, tem de mais as mulheres a cabeça mais pequena, a garganta mais comprida, a parte anterior do peito mais elevada, as espadoas, e o seio mais apertadas, as partes das mamas, a barriga mais baixa, de for-

forte que a diſtancia das mamas ao embigo he mais pequena metade de hum nariz; as coxas mais largas, mas mais curtas, as nadegas maiores aſſim como o ventre, o ſternum que vai ſempre creſcendo de ſima até baixo mais largo, as ancas mais iguaes, mais largas, e mais para traz; o alto do braço mais groſſo, as pernas mais fortes, e os pés mais delgados; os muſculos mais aparentes fazem os contornos mais iguaes, mais flexiveis, e os movimentos mais faceis.

Quando ſe querem determinar com precizaõ eſtas differenças, uzaõ os pintores de dividirem a cabeça em quatro partes, e cada huma ſe ſubdivide em doze, que ſe chamaõ minutos. Apontallas-hei como hoje eſtaõ em uzo.

A cabeça do homem no mais largo, dos oſſos da prizaõ das faces até ás orelhas tem duas partes, tres minutos: a cabeça de huma mulher duas partes, dous minutos.

A largura do corpo comprehendendo as eſpaduas outo partes, outo minutos: para as mulheres ſete partes.

A largura debaixo das mamas nos homens ſinco partes, ſinco minutos, nas mulheres ſeis partes, des minutos.

A largura das cadeiras nos homens ſinco partes, e tres minutos; nas mulheres ſeis partes, e dous minutos.

No mais groſſo da coxa dos homens duas partes, dous minutos: das mulheres tres partes.

A largura do joelho nos homens huma par-

parte, nove minutos, a das mulhares duas partes.

No mais groſſo da perna nos homens duas partes, nas mulheres duas partes hum minuto.

A largura da cavilha do pé do homem huma parte, tres minutos, na mulher huma parte, e dous minutos.

O mais largo do pé contando da primeira junta do artelho até ao dedo pequeno huma parte, e ſete minutos nos homens, e huma parte e ſeis minutos nas mulheres.

O mais largo do braço nos homens huma parte, dez minutos: o das mulheres huma parte, e nove minutos.

O braço na ſua maior largura tem huma parte, ſete minutos no homem, e nas mulheres hum minuto menos.

O punho do homem huma parte, e hum minuto; o das mulheres huma parte.

A maõ dos homens huma parte, dezoito minutos, a das mulheres huma parte, ſeis minutos.

Altura do Homem.

A Maior altura das crianças, que naſcem á ſeu tempo he 23 polgadas, e a mais pequena 18 polgadas.

A altura total do corpo humano varia muito. A maior eſtatura dos homens he 8 palmos, e huma polgada, até 68, ou 69 polgadas.

das. A estatura mediocre he de 60, 61 polgadas até 64, e a menor de menos de 60.

O homem tem menos altura á noute, do que pela manhã. Tem-se feito esta experiencia muitas vezes em Inglaterra em muitas pessoas, tanto sedentarias, como homens de trabalho, de toda a idade, e estatura. Achou-se que a sua altura variava quazi huma polgada de manhã para a noute. Toda a differença que se achou entre as pessoas de trabalho, e sedentarias, em que as primeiras tardaõ mais tempo em perderem a sua altura de manhã, e perdem menos que os ultimos. Nunca se veio no conhecimento de que tendo perdido a sua altura se recuperasse no mesmo dia, nem com o repouzo, nem com o uzo dos banhos frios.

Pezo do homem

O Maior pezo dos mininos, que nascem a seu tempo raras vezes passa de 8 arrateis, e o menor nunca anda para baixo de sinco.

As pessoas de mediana estatura entre 61, e 64 polgadas pezaõ quazi 150 libras; as de 59 polgadas, e 61, pezaõ ordinariamente 135 libras.

O pezo do homem naõ varia menos do que a sua altura: os homens que saõ sadios, e tem vida regular, naõ deixaõ de augmentar todos os mezes 1, ou 2 libras de pezo, e vem ao seu pezo natural pelo fim do mez.

Os corpos bem temperados pezaõ no Veraõ me-

menos quazi tres libras do que no Inverno: o pezo do corpo começa a augmentar no principio do Outono, e diminue no do Estio.

Cabellos.

O Homem quando nasce traz de ordinario cabellos: os que haõ de ser louros tem os olhos azuis, os ruivos hum amarello vivo, e os negros hum amarello descôrado.

Varia muito a côr dos cabellos nos adultos: com tudo distinguem-se quatro côres principaes: louro, castanho, negro, ruivo, os quaes trazem cada hum differentes sombras. O louro dourado se antepoem ao máo louro, mas o louro côr de cinza se reputa pelo *melhor*, o castanho proprio, isto he, castanho claro, e castanho escuro saõ as côres mais comuns: quanto ao negro, o negro azebiche he o que se póde trazer sem pó, mas raras vezes se encontra: o ruivo passa por sombra entre o louro dourado, até ao louro escuro. Todos sabem que os Europeos naõ gostaõ desta côr, quando entre outras naçoens se conta entre as bellezas.

Os cabellos das faces saõ os primeiros que se fazem brancos, depois os da cabeça, das sobrancellas, dos sobrolhos, da barba. Os cabellos crespos se fazem russos mais tarde do que os que o naõ saõ.

Há cabellos grizalhos de muitas castas: os que se chamaõ gris de mouro nunca se fazem negros; outros fazem-se escuros; o branco fundo ama-

amarello he a côr dos cabellos louros quando se fazem brancos.

Entre os cabellos que se fazem brancos com a idade reputaõ-se melhores os brancos d'agatha: saõ ordinàriamente as pessoas trigueiras que tem este cabello quando ficaõ brancas de todo.

O branco perola he a côr dos cabellos castanhos. Os cabellos brancos leite foraõ louros, ou ruços: os que foraõ louros nunca saõ de taõ boa qualidade como os que foraõ ruços, estes saõ muito rijos, e muito melhores: o corpo he continuo, a ponta sempre he fina, e se faz em aneis naturalmente.

Ha huma differença das pessoas louras ás outras, que quanto mais velhas saõ mais louros se lhe fazem os cabellos, e ás outras pelo contrario, quanto mais brancos se fazem adiantando em annos, melhor côr, e força tomaõ. Com tudo convem reparar que este augmento geralmente se naõ faz senaõ até aos 60 annos e depois disto os cabellos naõ tem a mesma nutriçaõ, e ficaõ mais seccos, e espigados.

Observa-se geralmente que os cabellos das pessoas, que se naõ daõ a excessos se conservaõ mais tempo, e pelo contrario os dos homens dados a devacidoens de mulheres, como tambem os das mulheres, que tem muito trato com homens tem menos substancia, seccaõ, e perdem a sua qualidade. Os cabellos de mulheres do campo conservaõ-se melhor do que os das da Cidade.

Des

Dos Dentes.

O Numero dos dentes regularmente saõ 32, os chamados incizivos outo, quatro diante de cada gengive, naõ rompem senaõ aos sete mezes, e ás vezes no fim do primeiro anno.

Os caninos que saõ quatro nascem no nono, ou decimo mez.

Aparecem mais dezaseis no fim do primeiro anno, ou principio do segundo, que se chamaõ mulares, ou queixaes Os caninos saõ continuos aos incizivos, e os queixaes aos caninos.

Os dous incizivos, os caninos, e os quatro primeiros queixaes cahem naturalmente no espaço dos sinco até aos outo annos: nascem outros, cuja sahida algumas vezes se dilata até a idade da puberdade.

Ha mais dous dentes postos em cada hum dos extremos do queixo que muitas pessoas naõ tem, e nascem muito tarde: naõ vem senaõ na idade da puberdade, e ás vezes mais tarde: chamaõ se dentes do sizo.

Dos Olhos.

AS differentes côres de olhos saõ côr de laranja torrada, amarello, verde, azul, pardo misturado de branco.

As côres mais vulgares saõ a alaranjada,

e a azul, e muitas vezes os mesmos olhos tem estas duas côres. Os olhos que parecem negros naõ saõ outra couza mais do que amarello escuro, ou laranja torrada; para conhecer isto basta reparar nelles de perto, porque quando se vem em certa distancia, ou quando estaõ voltados para a luz parecem negros porque a côr amarella escura sahe tanto sobre a minina do olho que parece negro. Os olhos amarellos menos torrados tambem passaõ por negros, mas naõ paressem taõ formozos como os outros porque esta côr brilha menos sobre o branco; há tambem olhos amarellos, e amarellos claros: estes naõ parecem negros porque estas côres naõ saõ bastantemente fortes para se naõ verem na sombra.

Ordinariamente se encontra no mesmo olho sombras de laranjado, de amarello, de pardo, e de azul; quando tem azul, por mui claro que seja sempre vem a ser a côr dominante: esta côr se conhece em fio por todo o tamanho do iris; e o laranjado com festoens em roda a alguma pequena distancia da minina: o azul escurece tanto esta côr que parece o olho todo azul, e naõ se conhece a mistura do laranjado senaõ olhando para elle de perto.

Os olhos mais formozos saõ os que parecem negros, ou azues; a viveza, o fogo, que saõ o principal caracter dos olhos brilhaõ muito mais nos olhos de côr forte, que nos de meia côr: os olhos negros tem mais força de expressaõ, mais viveza, mas há mais doçura, e delicadeza nos olhos azues: nos primeiros conhece-

se

se hum fogo que brilha uniformemente, porque o fundo que nos parece côr uniforme, lança para toda a parte os mesmos reflexos, mas distinguem-se modificaçoens na luz que anima os olhos azues, porque ha muitas côres que produzem este reflexo.

Ha olhos que brilhaõ sem terem côr em certo modo, e parecem differentemente compostos que os outros; o iris naõ tem mais que sombras azues, ou escuras, taõ fracas que quazi saõ brancas em alguns lugares; as sombras de laranjado que ahi se encontraõ saõ taõ leves que mal se distinguem do escuro, e de branco, a pezar do contraste destas côres: o negro da minina conheçe-se muito, porque a côr do iris naõ he muito forte; naõ se vê em certo modo mais do que a minina só no meio do olho: estes olhos nada exprimem, e parece que o olhar está fixo, ou amortecido.

Ha olhos, cuja côr do iris pucha para verde: esta côr he mais rara do que as outras. Encontraõ-se tambem pessoas, que tem os dous olhos de differente côr; esta singularidade he particular á especie humana, ao cavallo, ao caõ; tambem se achou o mesmo em hum gato de raça do Angora.

Do Cerebro.

O Homem tem muito maior porçaõ de cerebro, que outro algum animal do seu mesmo tamanho, e ainda maior quantidade que o cavalvalvalvalvalval-

vallo, ou o boi. O homem que peza 100 libras, tem regularmente 4 libras de cerebro: hum boi de 800 para 900 libras, naõ tem mais do que 1 libra. Sómente o golfinho tem quázi tanto cerebro como o homem, e he a 25 parte do seu peze. Os animaes novos tem mais cerebro relativamente a maſſa toda do ſeu corpo do que os que tem ja todo o ſeu creſcimento; hum bezerro de 200 libras tem huma libra de cerebro como hum boi de 800 libras.

Tem-ſe experimentado que a ſubſtancia medullar do cerebro em peſſoas inſenſatas; e eſtupidas he conſtantemente menos pezada, depois de mortas, do que a das peſſoas mortas com bom juizo.

Geralmente o cerebro tem differentes proporçoens em diverſos animaes. Naõ he grande nas aves á proporçaõ do corpo; eſta proporçaõ he muito menor no boi, e no cavallo: o macaco, animal aſtuto, e manhozo tem grande cerebro: os animaes, que remóem tem menos que o homem, mas mais do que os outros brutos, como ſe conhece comparando os miolos de cabra, ou do alce, com os do *leaõ*, ou *lince*. He pequeno o cerebro nos animaes que brigaõ; porque tem os muſculos temporaes muito groſſos, que encurtaõ o cranio, comprimindo na fórma de hum plano inclinado, e concavo, os lados, que temos redondos, e ſahidos para fóra; com razaõ ſe diz que a ferocidade he final de pouco miolo.

Dos

Dos Ossos.

Contaõ-se 245 até 249 ossos no corpo humano: a saber no cerebro 14; no resto da cabeça, e no pescoço 46; no tronco 67, nos braços, e mãos 62; nas pernas, e pés 60. Os ossos do corpo humano tem a terça parte de todo o seu pêzo.

Dos Musculos.

Os musculos simplices chegaõ a 446. Ha no homem 40 pares de nervos, sem pertencer á substancia medular do cerebro, e 30 sahem da substanciá dá espinha dorçal. He innumeravel o numero das glandulas.

Das Vertebras.

As vertebras do pescoço saõ ordinariamente sete: todavia encontraõ-se sujeitos que tem outo, e outros què naõ tem mais de seis.

Os que tem outo vertébras no pescoço, naõ tem mais do que 11 nas costas em vez de doze, e onze em cada lado; mas neste cazo o comprimento do pescoço diminue a cavidade do peito, o que faz mais difficil a circulaçaõ do sangue pelo tecido pulmonar, e o tem por hum sinal de Phtysica.

Ha opiniaõ de que os que naõ tem mais de 6 vertebras no pescoço em lugar de 7 saõ mais sujeitos á apoplexia do que os demais homens;

mens; porque a medida que o pescoço se encurta augmenta a arca do peito, e consequentemente a maça dos bófes; o que faz que se possaõ mais facilmente gerar inchaçoens que interrompem a circulaçaõ para a cabeça, e mais partes.

De ordinario tem o homem doze costellas, mas como se encontraõ nas costas treze vertebras, tambem se achaõ treze costellas. Succede cazualmente acherem-se onze por hum lado, e doze para outro. Chamaõ-se as ultimas *adamiminas*.

Do Coraçaõ.

O Coraçaõ contrahe-se 4000 vezes em huma hora: avaliaõ a porçaõ do sangue entre 15, e 25 libras: toda a massa do sangue passa n'huma hora 18 vezes pelo coraçaõ humano.

A velocidade da circulaçaõ do sangue he tal, que corre em hum minuto ao menos cento e vinte e sinco pés.

Do Pulso.

O Pulso de qualquer adulto, que tem saude, naõ bate em hum minuto nem menos de 80, nem mais de 90 vezes; o ordinario saõ 84 vezes. Nas crianças bate até 115 vezes; o pulso dos velhos naõ dá mais de 70 pancadas. Nas febres mais agudas bate o pulso 134 vezes em hum minuto, e quando torna a 90 he sinal de naõ haver já febre.

Do Calor natural.

O Maior gráo de calor externo, que tem o corpo humano, he de 28 gráos e meio até 29 e meio do thermometro de Reaumur. O ar onde nem ha nem calor, nem frio, tem 15, ou 16 gráos de calor: o calor do corpo na cama ordinariamente he 22 e meio: naõ se sente frio em huma caza a que se deixaõ 12 gráos de calor; e sente-se de 9 até 11 gráos. Com sinco gráos arrepiaõ-se as mãos. As differentes partes do corpo tem diversos gráos de calor; o maior he o da barriga, depois o do peito, e dos sovacos, e ultimamente o das mãos, e pés. O calor do sangue lançado sobre o thermometro, quando sahe da vea he de 27 para 28 gráos: a ourina deitada immediatamente sobre o thermometro tem sempre, e em toda a idade quazi 29 gráos, como tambem o leite de mulher, ou de vaca.

Da Transpiraçaõ insensivel.

O Doutor Keil avalia o vapor que hum homem transpira em Inglaterra em 24 horas em 39 onças.

Conforme Sanctorio de cada libra, que hum homem come perdem-se 5'8 pela transpiraçaõ insensivel, e 3'8 pelos outros uzos.

Pretendem que hum homem no espaço de 10 annos perde pela sua transpiraçaõ quanto peza; de sorte que hum homem que chega a 80 annos tem-se renovado 4 vezes de pezo.

DIS-

DISCURSO

Sobre os Corsarios de Berberia. *

MUitas vezes se uniraõ, e armaraõ os Principes da Europa para extirpar o Mahometismo, restaurar os santos lugares, e quebrar os ferros dos Christãos escravos dos Sarracenos. Os infelices sucessos das armas Catholicas, e as vantagens das Ottamanas nas cruzadas, desvaneceraõ, e inutilizaraõ todas as emprezas, e com superfluos dispendios arruinaraõ as Naçoens; porém a diuturnidade dos tempos mudou inteiramente a face das couzas, porque a guerra que entaõ se movia pela Religiaõ, e extençaõ da Fé, se moveo depois, e se move agora por interesses do Commercio, e politica de Gabinetes.

Se he digna de algum louvor a conducta Politica dos Soberanos, que por meio de tregoas, e de armisticios que fazem com a Porta conservaõ seu commercio, e protegem os Catholicos que rezidem nos dominios do Sultaõ, naõ sei como se poderá esta fazer compativel com os Argelinos, Saletinos, e mais Potencias da costa de Africa, que sem goardar pactos, nem ajustes, procuraõ com pyratarias, e roubos inficionar os mares, fazendo hum ramo de Commercio da tyrania, e da escravidaõ a que reduzem os captivos.

Ar-

Argel está situado na costa de Africa em 36 gr. e 50 m. de latitude. A terra he fertil, e abundante de todo o genero de fructos, de que annualmente tiraõ duas, e trez colheitas; as fructas saõ deliciozas, e as vinhas que alli transplantaraõ os Mouros expulsos de Espanha, abraçaraõ tanto o clima, e o terreno, que há cepas de extraordinaria grandeza. O mar que banha as suas costas he naquelle sitio abundante de pescaria. A Bahia, ou Enseada he expraiada, arenoza, com baixios, e escolhos occultos. Os corsarios ordinariamente ancoraõ em seis até dez braças de fundo abrigados do Nordeste, e Nor-Nordeste, ainda que expostos ao Oeste, e Noroeste sendo pela parte de *Matifons* bastantemente perigoza, porque o mar quebra furiozamente por aquelle lado entre rochedos cobertos de agoa. A parte mais segura fica a Leste, e Sudoeste da Cidade, onde se acha de 18 até 30 braças de fundo.

A Cidade de Argel capital de todo o Estado do mesmo nome, he rica, e populoza. A multidaõ, e diversidade de gentes que nella achaõ subsistencia, he hum dos principaes motivos da força, e poder que tem, naõ faltando quem affirme conter em si mais de tres mil familias estrangeiras, das quaes seguramente duas mil tem seu Commercio publico nos dous Bazares.

O trafico mais consideravel, he o das prezas. A sua Marinha consiste em 20 até 25 Navios de 300 a 400 homens de tripulaçaõ, e guarniçaõ cada hum. Giraõ continuamente os mares em

Cor-

Corso; e nas prezas, e suas carregaçoens, que vendem publicamente, se enriquecem consideravelmente os que com dinheiros promptos as pódem comprar inteiras na sua chegada. Os Judeos de Leorne, e os consules de Inglaterra, e Holanda saõ os mais authorizados neste trafico, sendo de menos consequencia o que alli conservaõ os Francezes.

As continuas depredaçoens a que se achaõ violentamente expostos os Navios, e pequenas povoaçoens da costa septemtrional do Mediterraneo, e Oceano, daõ cauza as grandes despezas que fazem os Principes para defender as vidas, e a liberdade de seus respectivos vassallos contra as incursoens destes Barbaros.

Para extinguir este flagello, e extirpar radicalmente estes Pyratas, naõ encontro meio mais saudavel que o de huma Associaçaõ entre todos os povos interessados no commercio das costas de Espanha, França, Italia, *Grecia*, e Egypto; porque se com eficacia entrassem neste empenho, as despezas necessarias para conseguir o fim dezejado superabundantemente compensariaõ as perdas, regalos, e donativos, que annualmente se fazem aos Governos Africanos, a fim de fazerem com liberdade, e sem sustos o seu commercio. Toda a difficuldade a fazer mais florente, e seguro este Commercio consiste unicamente em que os Principes Christãos procurem destruir por huma vez estes inimigos, sem que da sua total ruina se originassem contençoens entre si mesmos.

O Commendador de S. Pedro, comman-

dante das forças navaes da Religiaõ de Malta, propoz em outro tempo o seguinte arbitrio, simples, natural, e de facillissima pratica: O Porto que tem a Ilha deste nome que he o da Valeta he capacissimo, e em pouca distancia da costa de Africa. Ainda que os cavalleiros Maltezes tem continuada guerra com os corsarios Africanos, naõ lhes he deficultozo o conhecimento pratico do numero, e das forças dos Navios, e prezas que sabem, e entraõ diariamente nos portos das Republicas Mouriscas, porque muitos povos Christãos em paz com elles fazem escallas pela Ilha no giro, e regiro de seus commercios. Os Cavalleiros rezidentes em Malta, os que se occupaõ na Marinha de França, Espanha, Portugal, Napoles, e mais Principados da Italia, e tambem os que servem nas suas proprias caravanas, estimariaõ ver que as Naçoens Europeas unidas, e juntas os preferiaõ para instrumento da destruiçaõ, e total extinçaõ destes Pyratas seus declarados inimigos; e os Maltezes que além de bons marinheiros, bons Soldados, com odio intrataveel, e innata aversaõ á Religiaõ Mahometana, saõ aptos para se fiar delles huma empreza de tanta consequencia. Hum fundo, ou regular contribuiçaõ de augmentar o numero das galeras da Religiaõ, e formar duas, ou tres esquadras, que continuamente girassem os mares, bastaria para em tres, ou quatro campanhas acabar com aquelles infames abrigos de publicos ladroens.

Dom Ramon de Rocazull, Graõ Mestre da Religiaõ de Malta, em seguimento das representaçoens que sobre o mesmo projecto lhe fez o Ballio Zondadari, que depois foi Graõ

Mestre, tinha posto em pratica alguns meios para os humilhar, reforçando as suas esquadras, a cujo fim ordenou ao Commendador de S. Pedro se fabricassem dous Navios de guerra em Toulon de França; com os quaes os Cavalleiros sulcando os mares fizeraõ gravissimos damnos aos Mouros, prova evidente de que a Religiaõ de Malta se tivesse forças bastantes, se faria em tres, ou quatro annos senhora de todos os corsarios, que sahem de Argel, e mais praças de Berberia, e obrigaria aos Africanos a viver em paz, a empregar-se na agricultura, nas manufacturas, e no commercio à imitaçaõ dos demais povos pacificos.

Os Argelinos naõ tem connexaõ, nem interesses de corso com os outros piratas de Tripoli, e de Tunes, e raras vezes navegaõ com mais de cinco navios juntos, a fim de evitarem as discordias que regularmente fusticaõ na repartiçaõ das prezas que fazem. Quatro, ou cinco annos de viva guerra bastaria para a sua destruiçaõ total, e o que mais he, para tirar-lhes inteiramente os meios, e os motivos de armar, e sahir a corso. Os armamentos dos corsarios de Tunes, e Tripoli, naõ saõ taõ formidaveis como os de Argel, e a reduçaõ destes causaria infallivelmente a ruina daquelles.

Destruidos estes piratas, e ajustada a paz com a expressa condiçaõ de renunciarem para sempre o seu corso, e de se applicarem a hum commercio pacifico, claro está que cessaria nos Cavalleiros de Malta a obrigaçaõ de conservar esquadras, reduzindo-se ao numero dos navios

que actualmente tem, e reduzindo tambem a huma ametade a contribuição, com que os tivessem animado todos os Principes, e ainda esta ficaria inteiramente extincta no fim de quatro, ou cinco annos pela extinçaõ total da sua cauza, e pela segurança da navegaçaõ, e do commercio de todos os póvos. He huma verdade constante, que as Naçoens mercantis se naõ podem livrar das insolencias destes piratas, senaõ com ajustes, e tratados, nos quaes se obrigaõ (dando armas para seu proprio estrago) a tributos, donativos, e prezentes vergonhozos, e além disso a estarem na preciza urgencia de conservarem huma marinha poderoza, para auxiliar a sua respectiva navegação, e segurar-se contra as infracçoens de huma tregoa sempre mal observada. Se ao cuidado, e vigilancia dos Cavalleiros de Malta se entregasse hum armamento forte, costeado para todas as Naçoens maritimas, a estabilidade, e permanencia do sucego publico em todo o Mediterraneo, e ainda no Oceano, estaria incomparávelmente mais solida, do que nunca já mais esteve.

Para estabelecer huma contribuiçaõ reciproca entre as potencias da Europa, interessadas na ruina dos piratas, seria necessario regular-se as extençoens de seus respectivos commercios, e a urgencia de os proteger. Desta fórma se poderia repartir aos Inglezes, Hollandezes, Francezes, e Hespanhoes, dous navios de guerra de 60 peças a cada huma destas Potencias; ElRei de Napoles, o de Sardenha, e as Republicas de Veneza, e Genova, huma fragata a

ca-

cada hum; ElRei de Portugal, o de Suecia, e Dinamarca, outra fregata a cada hum, o que tudo unido faria huma esquadra de 14 navios de guerra; que juntos aos da Religiaõ formariaõ huma Armada respeitoza. E se por huma parte he inconteſtavel que os Cavalleiros com hum similhante armamento em quatro annos alimpariaõ os mares desta praga, pela outra poderemos demonstrativamente provar, que as despezas deste armamento saõ conhecidamente inferiores ao tributo, ou subsidio annual, que em forma de prezente pagaõ ás Naçoens a estes piratas, e ás prezas, e resgates continuados, com o susto de cahirem diariamente em seu poder. Para estabelecer o beneficio da destruiçaõ dos cursarios Africanos, se ha de attender ao interesse mutuo, e reciproco, que deve influir nos Principes a determinar, e pôr em pratica este projecto. E para que a uniaõ delles seja constante, e solida, devemos examinar, se cada hum delles experimentaria na destruiçaõ e ruina dos piratas as mesmas ventagens, que agora encontra na sua existencia, ou nos pacificos intervallos da paz, que costumaõ ter com elles. Isto será tanto mais necessario, quanto conhecemos os beneficios geraes, que no cabo de quatro annos, ou cinco, lograria a Christandade, eximindo-se de tributos vergonhozos, perdas consideraveis, resgates onerozos, e annuaes subsidios a que agora estaõ, e estaraõ sempre obrigados.

Os annuaes subsidios, ou prezentes que os Inglezes, Hollandezes, Francezes, Dinamarquezes,

zes, e Suecos pagaõ aos corsarios Africanos [illegible]
para obterem delles huma paz vergonhosa, e
pouco segura, excedem annualmente a quinhen-
tas mil libras. Esta importante somma com a que
aos Hespanhoes, aos Portuguezes, ao Papa, e
aos Potentados de Italia custaõ os resgates, hum
exorbitante a respeito das contribuiçoens, o im-
importe dos navios de guerra, e o pouco tem-
po que seria necessario para libertar a todos dos
continuos sustos em que vivem; pois que as pa-
zes que as Potencias da Europa fazem com os
Mouros, e que estes naõ poucas vezes rompem
de improvizo, apanhando-lhes ricas prezas, an-
tes de se declararem inimigos, obriga aos Prin-
cipes a armarem-se precipitadamente, e com ex-
cessivos gastos para auxiliarem, e protegerem
seus vassallos.

O interesse da Religiaõ de S. Joaõ estaria
tambem vinculado a este negocio. 1. Pelo [illegible]
do dos Officiaes da Armada. 2. Por seus adian-
tamentos, e esperanças. 3. Pela antiguidade do
serviço concedido aos Cavalleiros occupados nes-
tas esquadras. 4. Pela preferencia dos emprega-
dos no serviço para a obtençaõ de Commendas
da Ordem. 5. Pela parte que lhes tocaria nas
prezas. 6. E finalmente, porque os mesmos Ca-
valleiros poderiaõ destinar em cada Paiz algu-
mas Commendas reduzidas a pençoens a favor
dos invalidos deste serviço.

Ao Graõ Mestre, e seu Conselho se deve-
ria conceder huma porçaõ da terceira parte das
prezas, isto he a metade; e a outra metade pa-
ra o Conselho; outra terça parte para a Thezou-
raria

xaria das Naçoens, e à ultima terça parte se póde adjudicar metade aos Officiaes, que fizessem as prezas, e metade á tripulação respectiva, deixando na louvavel Christandade, e prudente conducta dos Cavalleiros toda a distribuição, e regimen desta repartição.

A fama, e credito que adequiriria a Religião de Malta, e seus individuos por meio de suas Caravanas, voaria pelas tres vizinhas partes do Orbe. As Naçoens Christãs venerariaõ a Religião, como libertadora de seus commercios, e como protectora do sucego publico. Em seus navios, e combates se criariaõ excellentes marinheiros; e como nos Paizes Protestantes ha diversas Commendas, de que os Cavalleiros pertendem a restituição, a conjuntura de se conseguir o seu aquivalente seria bem a proposito. A nossa propria natureza nos estimula a reconhecer os beneficios para o agradecimento, caracter que em tal cazo naõ poderiaõ os Protestantes recuzar aos Cavalleiros de Malta.

O aumento da Marinha chamaria áquella Ilha huma infinidade de marinheiros, e Malta veria sem duvida a ser o armazem geral do commercio do Levante, d'Africa, e da Europa no Mediterraneo, ampliando-se para este principio o tratado que tem com as de mais Naçoens, porque o Governo de Malta naõ he mais rigorozo para os Protestantes, do que he o de Hollanda com os Catholicos; e como as costas de Italia se interessaõ na extirpação dos piratas, que infestaõ seus mares, devemos crer, que os Pontifices favoreceriaõ sensivelmente esta utilissima empreza.

Se

Se escrupulosamente se ponderar qual he a servidaõ a que continuadamente se vem condemnados tantos pobres; e quantos entre elles soffrem nella com a perda da liberdade a da Religiaõ; e se se considerar a pouca segurança, e o dezasocego dos que vivem nas costas do Mediterraneo, e parte do Oceano; se verá, que as medidas, que propomos para evadir tantas rapinas, saõ as mais adequadas, e as unicas que podem remediar temores, e inquietaçoens, de maneira que todos os sentimentos de humanidade, e do bem publico, se devem unir a concorrer, e dezejar, que chegue a ter o seu effeito hum projecto desta, ou semelhante natureza.

Quando hum contrato he reciproco entre as partes interessadas, se facilita melhor a pratica da sua execuçaõ. Duas condiçoens devem servir de baze a este arbitrio para a boa armonia que se requer entre os Principes de huma parte, e o Graõ Mestre, e seus Cavalleiros da outra. A primeira he que os Cavalleiros naõ insultaraõ, nem atacaraõ os vassallos da Porta, a fim de que o Divan naõ tenha motivos de queixar-se das Naçoens que commerceaõ em seus Dominios; e ainda que esta clauzula naõ agrade a todos os interessados na Liga, será necessario que a uniaõ, e a cauza publica prevaleçaõ desta vez sobre as principaes conveniencias. A segunda he que a Religiaõ deve tratar este negocio em particular com as cortes interessadas, para que as negociaçoens privadas sirvaõ de preliminares ao convencionado geralmente entre todas ellas.

Já

Já que temos dito que hum Tratado desta natureza, ajustado entre todos os Principes da Europa he vantajozissimo a cada hum delles, e que tem alguns visos de interesses ao parecer contradictorios; naõ devemos dissimular que estes saõ mais apparentes, que verdadeiros, e talvez faceis de vencer.

Como o Commercio do Sultaõ no Archipelago, e Egypto estaria mais livre para os Christãos, por este Tratado he vizivel o beneficio dos Turcos, a que se seguiria, que pacificados os Mouros, e inhibidos das suas rapinas, obedeceriaõ menos repugnantes ao Sultaõ seu principal Chefe; finalmente as utilidades que experimentariaõ essas mesmas Republicas de corsarios, lhes faria mudar o emprego de ladroens maritimos pelo de commerciantes, artifices, e agricultores.

He certo que os Inglezes, e Holandezes quando movem Guerra aos Francezes, pódem inquietar, e cauzar graves damnos nas costas de Espanha, tendo as potencias de Africa por amigas, e que este essencial serviço cessaria com a extirpaçaõ daquelles piratas, o que em certo modo prejudicaria aos interesses destes povos em semilhantes occazioens, e para isso lhe naõ seria conveniente a sua ruina; porém tambem he certo que os Inglezes, e Holandezes pódem sentir os mesmos damnos da parte dos Francezes estando em Guerra; porque só a extençaõ do commercio que huns, e outros tem no levante, faz ver que a destruiçaõ dos corsarios de Berberia, em lugar de lhes prejudicar, os auxiliaria no-

todo. E ainda quando a alliança das Potencias maritimas com os Mouros fosse taõ real, e effectiva como aqui suppomos, nunca será igual ás perdas que experimentaõ quando estes inesperadamente rompem a paz com alguma dellas.

Naõ he das intençoens deste arbitrio suspender a navegacaõ dos Argelinos, e dos mais povos Africanos, mas só dirigido a que deixem a piratarja fazendo a paz com os Cavalleiros.

He voz commum na tradiçaõ popular, que os Cavalleiros naõ podem fazer tregoas, nem pazes com os inimigos da fé, por serem similhantes tratados contrarios aos seus votos de Religiaõ, pelo que sempre os Mouros estaraõ na precizaõ, e necessidade de continuar seus corsos, e armamentos; a isto se responde que ainda ficando esta idéa no seu antigo conceito, quando naõ admita alguma outra favoravel interpretaçaõ, a beneficio da Christandade, o remedio está palpavel na continuaçaõ, e vigilancia que deveria haver nos Cavalleiros que se encarregassem da publica defensa, e observancia da tregoa; pois ninguem poderá duvidar de que só o zelo da Religiaõ de Malta bastaria para extinguir radicalmente estes piratas, sendo por outra parte certo que sendo elles timidos, e cobardes no calor da peleja, se se multiplicaõ, e fazem taõ formidaveis, he porque naõ achaõ quem vigorozamente se lhe opponha.

Devemos persuadirnos de que a Corte Ottomana veria com desplacencia as Esquadras Maltezas compostas de Navios daquellas mesmas

Na-

Naçoens que commerceaõ nos ſeus Eſtados, e que receando a decadencia do trafico no Archipelago, inſtaria com as Cortes ſuas alliadas, para que os ſuſpendeſſem o auxilio á Religiaõ, ou o commercio em ſeus Eſtados; propoziçaõ que obrigaria as Potencias maritimas a deziſtir, e ſeparar-ſe do empenho; mas eſſa objecçaõ já fica reparada no meſmo Tratado da liga em quanto eſtipula, e define a Guerra a Mouros Africanos ſem que nella intereſſe os ſubditos da Porta. E como os Embaixadores podem repreſentar no Divan que ſoberanos tem convencionado em que ſe reſpeitem os vaſſallos Ottomanos, com tanto que da ſua parte obſervem igual conducta; e negue a ſua protecçaõ aos piratas de Berberia: claro eſtá que as rezultas que devem influir na deſtruiçaõ dos Mouros, determinará os Turcos a abraçar o partido.

O ultimo reparo, e objecçaõ ás propoſtas Idéas deſte Diſcurſo, conſiſte na ſegurança, e garantia, que pódem pedir os Inglezes, e Holandezes aos Cavalleiros pelo contingente de ſeus fundos, em ordem a ſua utilidade, e emprego; a eſta objecçaõ, e reparo ſatisfaraõ os diarios ſucceſſos que ſerviraõ de teſtemunho autentico do uzo que ſe deo a ſeus contingentes. Se ſe formaſſe huma Deputaçaõ em Malta de todas ellas para fazer hum conſelho, ou junta de Armamento, eſta ſeria teſtemunha occular das operaçoens dos Cavalleiros; e a Chriſtandade da Religiaõ de Malta ſeria o garante mais qualificado para fazer-lhes dar cumprimento ao empenho até pelos intereſſes dos Capitães, e Marinheiros, e

da

da mesma Religiaõ nas prezas para a retençaõ do contingente do anno seguinte no cazo de que os Deputados naõ fossem satisfeitos dos trabalhos, e procedimentos dos Cavalleiros.

Estando pois todos os Soberanos da Europa conformes aos seus principaes interesses, este que he geral naõ encontraria muitos obstaculos, e em breve tempo nos veriamos livres de tantas depredaçoẽns, o mar, e a terra de continuos sustos, e do despendiozo cabedal que se gasta em donativos, prezas, e resgates de Escravos com que tanto se enriquecem estes inimigos communs do genero humano.

DISCURSO

sobre o uzo de utencilios de ferro nas cozinhas, e officinas chimicas. *

A Repetiçaõ das experiencias, ou affirma, e acredita o acerto, e utilidade de novas invençoẽns, ou desvanece a sua bondade inutilizando o uzo da couza inventada. Largamente, e com applauzo universal fallaraõ as Gazetas, e papeis publicos do uzo introduzido de servir-se com vantagem nas cozinhas de instrumentos, cacerolas, e marmitas de ferro estanhado em lugar das de cobre que sempre estiveraõ em uzo. Daquellas se estabeleceo em França huma fabrica, por seu autor o Senhor de Premery, com incrivel se-

fingular, e notavel extracçaõ; porém como todos os novos inventos encontraõ nos feus principios fautores que por culpaveis preoccupaçoens os desacreditaõ, este do uzo do ferro nas cozinhas experimentou fortissimas, e nervozas contradiçoens; já o tempo as vai desvanecendo pelos Decretos Soberanos, que em alguns Paizes prohibem o uzo do cobre, e authorizaõ com preferencia o do ferro nos utencilios das cozinhas.

Os estreitos espaços de hum Discurso, naõ permitem tratar historicamente do principio, e progresso desta moderna invençaõ; pelo que nos cingiremos unicamente ao exame do beneficio, e utilidade que provem do uzo de peças de ferro nas cozinhas, e do prejuizo, e damno que rezulta das de cobre; propondo por alvo deste Discurso, o beneficio economico, e a publica utilidade na conservaçaõ da saude dos povos.

A delicadeza das peças de ferro, a facilidade de seu manejo, e sobre tudo a commodidade de seu preço, saõ circunstancias recommendaveis para a sua preferencia, e sufficientes motivos para determinar o seu uzo. Se a estes beneficios geraes ajuntarmos outros particulares, e coincidentes, como saõ, a economia do carvaõ, ou lenha, a limpeza, aceio &c.; veremos tantos beneficios reaes, evidentes, e inseparaveis do gasto dos utencilios de ferro nas cozinhas. Esta verdade naõ necessita de maior prova para a nova convicçaõ. Todos sabem que a impressaõ do fogo se faz tanto mais sensivel, e pe-

penetrante pelos póros de hum vaso delicado (ainda com menos porçaõ de materia combustivel), do que por outro mais espesso, e grosso, e que em consequencia disto, he hum beneficio terminante da economia, o carvaõ, a lenha, e tempo que se evita.

Omittindo todos os beneficios rezultantes da preferencia destes novos utencilios nas cozinhas: deixando á parte o do carvaõ, e lenha, que parecem insignificantes, e saõ com tudo artigos de consequencia em huma familia numeroza: remettendo ao silencio a indispensavel necessidade de continuas estanhaduras, essa relevante despeza, a falta que em alguns sitios haverá de caldeireiros para estes renovos, o cuidado exactissimo que deve haver na sua limpeza, e finalmente o maior aceio das peças de cobre. Desprezando, digo, todos estes ponderozos motivos, e outros de maiores, e mais relevantes consequencias nos animaõ a declamar contra o uzo do cobre, pela consideraçaõ do mais importante dos nossos cuidados, qual he a prezervaçaõ da saude, que tantas irrupçoens, e decadencias padece pelas particulas venenozas, que entraõ nos corpos, misturadas nos manjares guizados em vazos de cobre, mal estanhados, e menos escrupulozamente limpos.

Considerando a faculdade Medica Parisiense as muitas enfermidades agudas, doenças cronicas, e mortes repentinas que acontecem, sem encontrar couzas sensiveis em a natureza para lhe attribuir estes estragos; naõ assinala outros senaõ o veneno, que frequentemente inficiona

os

os manjares guizados, ou conſervados em vaſilhas de cobre. O Senhor *Falconet* demonſtrou clariſſimamente os perigos a que nos expoem o uzo do cobre, e citando em ſeu abono a authoridade de varios Authores Claſſicos, justifica a ſua demonſtraçaõ com fataliſſimos exemplos.

João Gulefrido Buker, Boticario de ElRei de Dinamarca na ſua Apologia do *Cimbrio* que eſcreveo *Adam Hulfabeter*, primeiro Medico daquelle Principe, prova eficaciſſimamente, que naõ baſtaõ as repetidas liçoens para purificar os corpos vitriolicos da malignidade arſenical que contem. Fundado neſte experimental principio, ſe perſuade que ſem evidente damno da ſaude, naõ he poſſivel comer, nem beber couzas acidas, que ſe houveſſem demorado em vazos de prata ordinaria (entende-ſe prata de Alemanha) pela liga que tem; e muito menos em os de cobre.

O ponto mais eſſencial que nos obriga a recommendar a introducçaõ, e uſo das peças de ferro nas cozinhas, e officinas chimicas para o preparo dos manjares, e remedios medicinaes, he a ſaude, e a tranquilidade neceſſaria para comer com goſto, e ſem eſcrupulo o que ſe nos aprezenta na Meza, ſem penſar no damno rezultante do pouco aceio, e cuidado de criados, e criadas. Naõ ha aſpecto mais terrivel, e horrorozo aos olhos dos homens mais robuſtos, que o de hum veneno activo, que por ſeu vigor, e penetrativa violencia ſe introduz, e incorpora nos alimentos, e operando nos corpos com todas as

T 4 ſuas

suas forças elasticas, triunfa da saude mais robusta, e da vida mais regulada.

Que o cobre contém veneno, o sabem todos os que conhecem a natureza deste metal. Aquelle *Talco*, *ou verde* dezabrido ao gosto, e até á vista repugnante que apparece no fundos, e partes lateraìs das caçarolas, marmitas, e outros vazos de cobre mal lavados, he o veneno de que tratamos. Este verde *azinhavre*, *ou verdete* involto nos guizados, e nas medecinas, he capaz de cauzar as dezordens que muitas vezes sentimos na economia natural dos corpos, e da saude. Segundo os melhores Medicos, elle só basta para produzir a gotta, a tizica, a parelezia, a caquesia, a cacochymia, a hydropezia, a cegueira, e outros gravissimos, e incuraveis achaques. A disgraça porém he, que outras cauzas leves, e communs costumaõ frequentemente servir de mascara, debaixo de que se esconde este veneno, occultando se, e fugindo á perspicacia dos Medicos mais famozos, e experimentados. Atrevo-me a affirmar, que assim como o Mercurio mal administrado rompe com a sua actividade as fibras do cerebro, e penetrando a formal constituiçaõ da cabeça occaziona huma deploravel demencia: assim o *azinhavre*, *ou verdete* misturando-se com o sangue obra com mais força, e vehemencia, que o azougue. O *azinhavre* he hum caustico, que roe, e consome com ardor excessivo, porém ás vezes com tanta suavidade que faz insensiveis as suas operaçoens. A toce que produz naõ será em seus principios digna de mais attençaõ, que hum simples de-

fin-

tinro; porém se se recorresse com conhecimento de cauza aos remedios correspondentes; ella facilmente se venceria, e talvez que radicalmente se curasse a cauza que o produzio; porém como se ignora de que a sua origem póde vir do *azinhavre*, ou *verdete* dos utencilios de cozinha, se segue a indicaçaõ conjecturada, e no em tanto o mal ganha terreno até declarar-se abertamente em huma pulmonia, ou em huma etica inesperada, e a que se naõ sabe dar cauza alguma. Estes estragos que succedem no bofe, e no mezenterio, succederáõ provavelmente em todas as demais entranhas principaes do corpo humano.

O Senhor *Amy* demonstrou fizicamente os perigos, e funestas consequencias que rezultaõ de beber agua conservada em vazos, ou quartas de cobre estanhado. As suas persuazivas demonstraçoens, desterráraõ de muitas cazas de Pariz as vazilhas, e quartas de cobre, substituindo-se com outras de chumbo, ou de barro. Se a frialdade, e estagnaçaõ da agua attrahe a si com lentidaõ o *azinhavre* do cobre, a pezar do estanho que o guarnece; com quanta mais força poderá o fogo exaltar este mesmo veneno, para que penetrando os poros do estanho se incorpore nos alimentos guizados em utencilios de cobre?

Se quizessemos tomar o trabalho de combinar os beneficios, e salutiferos effeitos do ferro, com os males, e fatalidades que tem cauzado o cobre; conheceriamos que a nossa cegueira, ou ignorancia tem cauzado mais ruinas

que

que a artelharia, as minas, e as guerras mais sanguinolentas. Esta propoziçaõ se prova com toda a evidencia, e dezengano pelas mesmas materias, e accidentes dos metaes. Elles mesmos manifestaõ o que se póde esperar, e temer dos instrumentos, e vazos que delles se fabricaõ para nosso serviço. As caçarolas, panellas, e demais couzas de cobre, contém em si hum veneno innegavel. Qualquer peça deste metal que fique exposta á humidade das noutes expelle, e brota claramente a sua malicia. Naõ ha agua, gordura, ou azeite, que conservando-se nellas frias, naõ embebaõ, e enchaõ das particulas expelidas, imprimindo a sua malignidade nos alimentos que se preparaõ em similhantes vazos, como concludentemente provou o Senhor *Amy* na sua segunda advertencia. O mesmo succede com as peças de cobre velhas, e gastas pelo lume, e continuadas estanhaduras, ou com as que se alimpaõ, e lavaõ mal depois de haverem servido. Sobre tudo as hervas, ou legumes que se cozem nellas, nos mostraõ pela côr que tomaõ, a força, e acritude que tem o *azinhavre* do cobre quando lhe chegaõ as particulas acidas das hervas, legumes, e guizados.

O ferro pelo contrario he por sua natureza benefico, e medicinal, a mesma ferruge, que cria quando o deixaõ sem limpeza he saudavel. Os manjares, e medecinas preparadas nelle, longe de terem máo cheiro, ou máo gosto, ao contrario participaõ da bondade, e virtude metalica. O delicado das peças de ferro, sua expoziçaõ a hum violento fogo, e cozinhar nel-

las

las hervas acidas, naõ saõ motivos bastantes para alterarem a nossa saude, ou natural consistencia; verdade confirmada, e reconhecida por todos os Medicos, e Naturalistas.

As cozinhas subterraneas chupaõ a humidade do terreno, o fumo que exhalaõ os manjares comunicando ao ar immediato mais gráo de humidade que aquelle, que por natureza lhe corresponde, serve de poderozo vehiculo á imperceptivel peçonha das vasilhas de cobre, e a introduz nos guizados que nellas se preparaõ, ou na agua conservada em quartas deste mesmo metal.

Tudo isto he abonado, e authorizado pela experiencia; nem creio haja cozinheiro, ou chimico a quem naõ seja manifestamente notorio, e se elles o desprezaõ, ou naõ o advertem he pelo pouco conhecimento, que tem da qualidade dos venenos. Muitos cozinheiros examinados pelos Senhores Academicos da Academia Real das Sciencias de Paris, confessaraõ de boa fé a verdade dos perniciosos effeitos do uzo do cobre, preferindo o ferro por sua bondade; e asseguraraõ que as cacerollas, panellas, marmitas &c. de ferro pódem servir sem estanho, quando pelo contrario as de cobre ainda que bem estanhadas nos naõ livraõ de perigozas enfermidades.

Ultimamente os muitos, e continuados clamores dos Medicos, e curiozos Naturalistas, tem desterrado de muitas cozinhas, e cópas o cobre, e introduzido o uzo do ferro. A conservaçaõ da nossa saude, póde do experimental

conhecimento do cozinheiro, havendo muitos que por ignorancia, ou inveterado costume querem manter o uzo do cobre, capricho, e tenacidade que naõ poucas vezes lhes custa funestas consequencias. O trabalho com utencilios de ferro he menos penozo que com os de cobre, o cuidado do seu asseio muito menor, a graduaçaõ do fogo igualmente, e a segurança da saude muito maior, e mais consideravel.

Para concluir este discurso devo responder a huma objecçaõ, que me pódem fazer os caldeireiros pelo gravissimo prejuizo, que se lhe segue da introducçaõ, e adopçaõ desta novidade. A soluçaõ he clara, e concludente: que perdem os caldeireiros em que no seu trabalho mudem de metal? Naõ se trabalhará o ferro a martello, como se trabalha o cobre? Naõ tiraráõ daquelle os mesmos lucros que tiraõ deste? Naõ lucrará a sua propria saude consideravelmente nesta utilissima substituiçaõ? Porém dou de barato que se diminuisse o trabalho a respeito da maior duraçaõ, e subsistencia do ferro, naõ resarcirá abundantemente esta falta a estabilidade da saude trabalhando em ferro; hum metal tanto mais saudavel, quanto he o cobre mais mortiferamente nocivo? Quantos ha neste officio pulmonicos? Quantos padecem achaques, doenças, e enfermidades, que em nada correspondem ás suas compleiçoens, e naturezas? Em Lisboa o vemos, e sobre a experiencia dormimos.

A economia pois, a facilidade no trabalho, e a segurança da saude publica, saõ os motivos

que

que nos devem deliberar a excluir, e desterrar inteiramente o uzo do cobre. Em huma palavra, reformando o abuzo de que fallo, e que vergonhozamente opprime a razaõ reflexiva, utilizaremos o centesimo dos nossos gastos, o que nos obrigaria a introducçaõ dos utencilios de ferro em lugar dos de cobre: Venus dos Chimicos que em suas formozas apparencias engana aos homens, communicando-lhes todos os males que reconcentra no seu seio, debaixo de plauziveis, e pompozas côres.

Disse.

REFLEXOENS

De hum Viajante na China, acerca do chá, e algumas bebidas, e metaes daquelle Imperio.

O Chá he a bebida mais mimoza dos Chinas, a que elles chamaõ *Theça*, Saõ as folhas de hum arbusto, que se assemelha muito á romeira, e tem cheiro mais agradavel, bem que o gosto trave mais. Naõ fallarei do modo com que os Chinas preparaõ esta bebida; hoje ninguem o ignora, depois de estar tanto em moda, como o chocolate em Hespanha, mas reparei que ainda que os Chinas estejaõ sempre a beber chá de manhã até á noute, poís raras vezes bebem agoa fria, tomaõ muito pouca porçaõ de cada vez,

vez, e em chicaras muito pequenas: elles nos tem por glutoens, e assentaõ que esta bebida nos naõ he taõ proficua, como se usassemos della em pequena porçaõ, e a miudo.

O melhor chá he o que se cria na Provincia de Nankin, e naõ vi mais que duas ou três plantas no Jardim do *Tho d'Emoüy*. O arbusto que o cria lança pequenos ramos, a sua flôr tira para amarello, e o cheiro para o de violas: este cheiro he sensivel ainda quando a flor está secca: a primeira folha nasce, e se colhe na Primavera, porque entaõ he mais branda, e mais delicada: secca-se com fogo lento em hum vazo de barro grosso, e se enrolla depois sobre esteiras cuburtas de algodaõ: transporta-se para todo o Imperio em caixas de chumbo guarnecidas de juncos, e canas.

Ha além disso chá mais, ou menos estimado: o que chamamos imperial he mais caro, e na minha opiniaõ menos bom, as suas folhas saõ mais largas, mas saõ mais amargas do que as folhas do chá verde ordinario. Convem reparar que os Chinas reservaõ para si o chá melhor, e que o que nos trazem para a Europa, muitas vezes ja tem sido servido mais de huma vez nas caldeiras Chinezas. Saõ além disso de opiniaõ que o chá se deve beber sem assucar, principalmente o verde. Os que o achaõ nimiamente amargo, se contentaõ com metter na boca hum torraõ de assucar candi, que basta para outo ou dez chicaras; eu mesmo experimentei que o chá tomado assim era muito mais gostozo, e até mais sadio.

Naõ

Naõ sei se devo dar o nome de vinho a hum licor de que uzaõ nos seus banquetes; he feito de arroz, e agoa; acho-o muito inferior á cerveja, e á cidra, e me parece detestavel em quanto está quente; pretendem todavia que seja muito sadio, com tudo sempre reparei que elles gostaõ ao menos igualmente do vinho moscatel.

Ainda que tenhaõ vinhas, naõ cuidaõ da sua cultura, ou porque naõ sabem fazer vinho ou porque a qualidade do terreno naõ deixa amadurecer de todo as uvas; poem a aquecer a agoa, o vinho, e geralmente todos os licores de que uzaõ, e há alguns annos que se introduzio o uzo de beber frio na provincia de Pekin; costume que naõ tem lavrado pelas Provincias meridionaes. Naõ sei se hei de attribuir a este costume de beberem quente a saude que tem; gota, e pedra saõ molestias, que lá se naõ conhecem; naõ deixaõ todavia de ter seu excesso em beberem o vinho de arroz; e muitas vezes se embebedaõ, mas para isso esperaõ a noute, e naõ pódem accommodar-se a que o Sol seja testemunha da sua intemperança.

Ha neste Imperio minas de differentes metaes: de ouro, prata, cobre, ferro, chumbo, estanho &c. Além do cobre ordinario, ha cobre branco, que he taõ fino, e taõ purificado que tem toque de prata: Os Japonezes levaõ á China hum de outra especie que he amarello, e se vende em barras: tem o toque de ouro, e os Chinas uzaõ delle para muitas obras domesticas: pretendem, que este cobre naõ toma ar sabarre.

O

O ouro da China he mais baixo do que o do Brazil, mas tambem custa menos á proporçaõ; e ganha-se nelle 70 por 100 quando se traz a Europa. Os Chinas tem alguma baixella de ouro, e prata, mas naõ está nisto o seu luxo maior.

Tenho ouvido dizer que os Imparadores da China das antigas familias tinhaõ prohibido a estes povos o trabalharem em minas de ouro, e que o fundamento desta lei era o naõ ser natural que florecesse o estado aventurando os povos a morrerem pelos malignos vapores, que sahem da terra: hoje naõ saõ taõ escrupulozos: he certo que os Chinas fazem hum grande commercio em ouro, mas convem ser bom conhecedor para se fiar nelles, em razaõ da muita similhança que ha entre o ouro, e o cobre amarello do Japaõ, do qual já assima fallei.

CAÇA

Da Rapoza, e da Lontra.

A Rapoza he animal assás conhecido, hum vizinho muito incommodo, porque além de vir buscar o seu mantimento nos pateos, isso naõ embaraça que ella despovoe huma terra de caça que ella antepoem ás aves. He huma especie de caõ bravo, que tem as pernas muito curtas: tem a cabeça aguda como huma galga,

ore-

orelhas pequenas, e direitas; o rabo comprido, grosso, muito cheio de pello, branco no fim. Ha rapozas, ruivas, cinzentas, escuras, que tem as patas, e o baixo da bariga negras. As rapozas aluaõ-se todos os annos no mez de Fevereiro, e chamaõ o macho com hum rarougar rouco, e lento; o macho naõ as cobre, mas deita-se sobre o lado esquerdo atraz da femea, que tambem se deita sobre o mesmo lado, taõ juntos que he naquella attitude que multiplicaõ a sua especie: as femeas parem no fim de dous mezes seis, ou sete filhos, algumas vezes mais, outras menos: ordinariamente parem na sua louza, mas ha muitas que o fazem entre espinhos, e cardos, ou entre semeado.

O rapozo he o mais astuto de todos os animaes; assemelha-se muito ao gato; sustenta-se de aves, ou de caça; caça as lebres, e os coelhos como o podengo, mas apanha-os mais por ardil, do que na carreira: comem tambem ratos d'agua, toupeiras, rãs, e saõ inclinados a sangue; gostaõ mais de bezouros, e outros animaes desta casta. No estio quando o perseguem as pulgas, toma na boca huma bolla de musgo, e mete o rabo n'agua, que vai margulhando pouco a pouco para lhes dar tempo de subirem pelo corpo assima, e quando está na agua até ao fim do nariz, se esfrega no musgo que deita na agua, e sahe.

Faz-se montaria ás rapozas por todos os modos: caçaõ-se com galgos para as cançar, com podengos para lhes atirar, com cães para as descobrir; e armaõ-lhe laços por todos os modos.

A

A caça da rapoza com galgos he muito divertida, porque naõ foge, por quanto o rapozo dá muito faro, e naõ foge muito dos caens. Quando se quer caçar para as cançar, convem hir na vespera á noute tapar as bocas de todas as louzas, de que devem ter noticia os caçadores, e pela manhã se vai em busca da rapoza com matilhas de caens, porque naõ se afugenta. Huma vez levantado o seu primeiro intento he tornar ao covil, mas achando-o fechado torna para a mata, e depois de lhe darem caça, torna ao covil, e naõ podendo entrar, se rezolve a deixar-se matar no mato, e ás vezes foge para muito longe. Como a rapoza tem tanto vigor como hum veado, e ainda maior, he conveniente dar alguma folga, ou naõ lhe soltar da matilha mais do que os caens mais vigorózos, conservar os velhos, ou os que correm menos, para lhos lançar huma hora, ou hora e meia depois. Naõ ha manha que ella naõ pratique para se livrar, e huma das principaes quando se vê perseguida he esterear para empestar os caens, e entupir-lhe os narizes, mas isto naõ dura muito tempo, e passado hum instante a perseguem com mais ancia. Quando se vem no extremo se metem em algum buraco, ou debaixo de alguma pedra, deixando sómente de fóra a cabeça para se defenderem o melhor que pódem, ou se mettem n'agua que fique entre canaveaes, ou em alguma ilha se a encontraõ; mas os caens, que naõ perdem o faro sempre vem a matalla, menos quando a pessoa da cautella de lhe fechar todos os covis, &que.

A.

té alguma em que se mete, entaõ naõ querendo perder o tempo he necessario metter-lhe dentro fumo para a obrigar a sahir, e dezenterrar. Quando a apanhaõ, apprezenta-se o pé direito de diante aos caens.

Poucas pessoas daõ caça á rapoza para a cançarem; a maior parte levaõ espingardas, e lhe atiraõ quando tem occaziaõ. O modo mais vulgar de caçar as rapozas he com podengos, diante dos quaes mataõ muitas. Quando se quer metter fumo á rapoza se fechaõ bem com ramos, e folhas com terra todos os buracos do covil, onde ella está, menos o que fica da parte para onde sopra o vento, no qual se mette dentro hum pouco de pano enxofrado a que se poem o fogo. Em este trapo começando a arder, e inflammar-se se lançaõ em sima folhas, e ramos, que fazem muito fumo, o qual o vento vai mettendo pelo covil; e quando se vê que está cheio de fumo, de sorte que a pezar do vento retrocede, se fecha bem este buraco, e depois no dia seguinte se vem buscar a rapoza, que se acha morta á entrada.

Antes de fallar do modo de buscar as rapozas, he necessario descrever o covil, ou louza. As gargantas que apparecem fóra saõ caminhos cubertos, ou estradas que vaõ ás camas, praças ovaes que tem dous, tres, ou quatro pés de diametro. Além dos caminhos que vaõ ás camas ha mais hum buraco summamente estreito que tem tres pés de comprido, e que se chama salsicha, e conduz a fundo; este canal algumas vezes vai direito, mas quazi sempre em volta, ou fu-

o fundo he redondo de doze, ou quinze pollegadas d'alto, e dous pés e meio de largo, e naõ tem outra sahida mais do que esta. Quando se entende que tem dentro rapozos, se vai a elle com caens, e instrumentos, tendo posto a gente necessaria em todos os buracos para os goardar, fechando simplezmente com pedaços de páos para naõ suffocar dentro os caens, a quem se falla batendo muito as mãos. . . . A rapoza ordinariamente faz cara aos caens na cama, entaõ se lhe bate em sima da terra sobre esse lugar para a fazer retirar, e se animaõ os caens fallando-lhe sempre da bocca do covil: cançado o animal, se retira ao fundo, depois de se ter defendido algum tempo na entrada do canal, pelo qual os caens naõ entraõ facilmente por ser muito estreito, mas com a diligencia de raspar, o alargaõ. Quando se entende que o rapozo está encovado com a diligencia dos caens, entaõ se começa a trincheira, que se naõ deve abrir pelo canal adiante, mas em cruz. Ha alguns que uzaõ de differentes especies de verrumas, e de outros muitos instrumentos para esta operaçaõ, mas basta hum machadinho para cortar os troncos que fazem mal aos trabalhadores, e duas enchadas huma que corte, e outra em ponta, e pás de ferro, e de páo, e huma tenaz. Quando ao abrir a trincheira se sente estar vizinho ao animal convem ter cautella, para que ella naõ rompa, e fuja, que seria trabalho perdido. Quando ella começa apparecer, se diligencea pegar lhe pelo queixo inferior com a tenaz, com a qual se saca para

fó-

fóra. A medida que se vai chegando á rapoza, he necessario cavar com mais cautella para se naõ ferirem os caens. Para esta caça bastaõ quatro podengos. Quando se criaõ de pequenos para esta caça, he necessario quando se apanhaõ rapozas novas, dar-lhas para as matar, e se se naõ apanhaõ novas, se quebraõ ás velhas os dentes inferiores, para que lhes naõ fassaõ mal, e criar medo, e entaõ se deixaõ matallas: os podengos caçaõ ordinariamente aos sete, ou outo mezes, pegaõ bem, e raras vezes soltaõ a preza; e quando pegaõ goela com goela com huma rapoza, ou texugo, antes se affogariaõ do que a larguem.

Além destes methodos de destruir as rapozas ha muitos outros, como saõ laços, redes, &c. Tambem se lhe arma isca, para hirem á hum certo sitio; a melhor he a que vou apontar. Toma-se huma panella, e mette-se-lhe no fundo dous arrateis de gordura de carne assada, quatro arrateis de bezouro, mais hum arratel de gordura de pato assado, huma matriz de rapoza aluada, havendo-a, ou em seu lugar hum harenque de fumo, e dous arrateis de gordura de vaca tostada, com huma pouca de goma de galbanum, e camfora, fecha-se muito bem a panella, e deixa-se apodrecer tudo por seis semanas entre esterco quente de cavallo, unta-se com isto a sóla dos çapatos, e se vai andar por sima dos coviz das rapozas, e pelos caminhos da louza, ou bosque parando naquelle sitio para onde se querem trazer as rapozas.

Pa-

Para dar veneno ás rapozas.

DEspejaõ se tripas de carneiro, ou de porco, e se enchem de huma maça feita de noz vomica em pó, misturada com manteiga de Porco, e hum pouco de vidro pizado: corta-se este chouriço em pedaços de huma polgada e meia de comprimento, e se ata pelas pontas, e cada pedaço se deixa sobre huma pedra chata com dous pedaços de telha ou tijolo que forme huma leve cobertura que salve da chuva; tambem se fazem bolinhas do tamanho de huma noz, que se cobrem com metade de huma casca d'ovo, e ao pé se lhe poem hum bocadinho de paõ frito em manteiga de porco com huma pouca de goma de galbanum, e canfora: tambem em lugar de paõ se póde frigir hum pedaço de queijo, presunto, ou harenque. Estas bolas se poem no mato, e a roda, e a dous passos das estradas. Esta isca chama as rapozas de muito longe, e todas as manhãs he necessario reformalla, e quando se achaõ comidas se segue o rasto da rapoza que se acha morta em pouca distancia do lugar onde estava a comida.

Mecha para deitar fóra a Rapoza do covil.

TOmem-se pedaços de mecha de algodaõ da grossura do dedo minimo; molhem-se em óleo de enxofre, e se polverize com vidro pizado, que posto em braza, arde melhor o enxofre: esfre-

guem-

gem-se em quanto quentes em arsenico amarello; faça-se huma maça liquida de vinagre forte com polvara; molhem-se muitas vezes as mechas até que fiquem bem cobertas desta ultima compoziçaõ: depois metaõ-se por vinte e quatro horas em ourina já de muito tempo, trapos velhos de linho com que se embrulhaõ as mechas, e a compoziçaõ que as cerca, a qual quebrando se perderia sem esta cautella: he necessario segurar bem os trapos. Para uzar dellas se fechaõ bem os buracos da banda do vento com relva, menos aquelle, em que se mette a mecha, e deixaõ-se destapados todos aquelles onde dá o vento, para que sopre para dentro do Covil o fumo que faz a mecha: accende-se esta, e se mete mais para dentro quanto he possivel no buraco que ficou destapado da parte do vento; e fecha-se com relva quando está a mecha acceza. Naõ ha couza que dentro dos covis rezista a este fumo, e as rapozas sahem immediatamente: mataõ-se, ou apanhaõ-se com redes. Quando os covis se defumaõ assim, passaõ seis mezes sem que as rapozas voltem a elles.

Laço Corrediço.

PAra fazer hum laço corrediço se pede huma corda da grossura de huma penna de escrever, e hum cano de espingarda do tamanho de hum pé, ou 18 polgadas; unta-se a corda com esterco de rapoza fresco; lima-se hum extremo do cano de espingarda de modo que faça huma forquilha, cujas pontas saõ agudas: faz-se hum bu-

buraco no cano pelo qual se passa huma das pontas do cordel, em que se dá hum nó para naõ poder sahir; depois a outra ponta se passa por todo o comprimento do cano por dentro para o prender a hum tronco, ou piquete. Arma-se este laço em huma boca do covil, ou em hum caminho de rapozas, e quando ficaõ prezas naõ pódem fugir. O cano as embaraça a roerem a corda, e os picos lhe picaõ a garganta, se puchaõ muito.

Para apanhar lobos no laço corrediço se escolhe corda mais forte, e se prende a hum tronco grosso ou a huma arvore nova que dobre para que o lobo a naõ possa arrancar, nem quebrar, o que succederia se encontrasse muita rezistencia.

Especie de laço corrediço para os lobos.

HA outra especie de laço corrediço differente do primeiro, e que he mais proprio para os lobos, e que se arma deste modo. Pegaõ-se em duas forquilhas de madeira de quatro, ou sinco pés de madeira, e dous madeiros da grossura de huma polgada, bem direitos, lizos, e com bastante comprimento para servirem de travessa ás duas forquilhas: hum pedaço de páo cavado no meio para se prender a hum lugar da corda, que se ata em sima da arvore, que serve como de mola, e que serve de reter, e sinco, ou seis madeiros da grossura de huma polgada, e de sinco pés de comprimento. Sabe-se por onde passaõ os lobos, e nas suas vizinhanças se esco-

lhe huma arvore com força para poder levantar hum lobo, e se lhe cortaõ os ramos até sima; depois se lhe ata huma corda da grossura de huma penna, e de conveniente comprimento, para lhe prender o pedaço de páo, que serve de deter, e depois se passa o fim da corda por hum cano de espingarda, para que, se prender o lobo pelo pé, naõ a possa cortar com os dentes, e o resto da corda serve de fazer o laço corredio. Cravaõ se á força as duas forquilhas na terra para poderem sustentar a força do tronco, que se verga, e depois se poem huma das travessas sobre as forquilhas das estacas, que devem ficar de igual altura, e a outra travessa mais baixa, que hum homen sustenta contra os picos, em quanto outro pucha para si a corda, que está preza no cume do tronco, o que o faz arquear. Passa-se esta corda, onde está o laço corredio, por baixo das duas travessas, e se mette direito o pequeno pedaço de páo, que está prezo á corda, e que serve de a segurar entre, e contra as duas travessas, o que tem o laço armado, e prompto. Feito isto se poem com todo o cuidado na borda da travessa de baixo os sinco páos, que servem de armadilha, e se cobrem levemente de folhas, e de musgo para imitar o terreno vizinho, e naõ fazer desconfiar o lobo, e se estende debaixo a lassada, em que se apanha o lobo pela pata, pelo pescoço, ou pelo meio do corpo, e fica pendurado da arvore, que se endireita tirando o páo que detem, a qual estava segura pela travessa debaixo, sobre que estaõ as armadilhas.

Ha outros muitos modos de apanhar as féras; e a experiencia mostra cada dia outros de novo, conforme o terreno, e sitios, onde se encontraõ.

Caça da Lontra.

A Lontra he hum quadrupede amfibio, que imita a raposa, mas mais corpolenta; vive na agoa e nas bordas dos lagos ou rios; he cuberto de pello grosso curto, e côr de castanha; tem cabeça, olhos, e dentes de rato, orelhas curtas, e peludas; o focinho de caõ; muito barbudo nas ilhargas das ventas e a goélla he muito rasgada com outo dentes queixaes de cada lado, compridos, largos, desiguaes, e curvos; um delles para cortar troncos, e raizes de arvores tenras, que a embaraçaõ na borda d'agua, e para fazer a sua morada ou *catichs*. Tambem se serve, como os macacos, dos pés de diante para comer, e tem os detrás feitos de modo de hum pato, de que necessita para nadar: tem rabo comprido, e mais grosso no meio do que ao pé do corpo, e do que para o fim, as pernas saõ muito curtas; sustenta-se de peixe, e basta huma lontra para despovoar huma lagôa: e por isso naõ deve haver descuido em a perseguir, e buscar todos os meios de a matar. Na caça da lontra se servem ordinariamente de podengos, e de caens de toda a casta, que entrem n'agua, que a primeira vez se levaõ com caens costumados a esta caça para entrarem n'agua; porque a caça das lontras he differente das outras todas.

das. Eis aqui como se apanhaõ: nos dias de caçada se vai ao romper do dia bater com os caens em roda das lagoas, onde se presume haver alguma. He preciso reparar que a lontra se naõ deve buscar seguindo a corrente d'agua, mas sim contra ella, porque a corrente d'agua leva aos caens o faro da caça. Se se sente, ou no riba do rio, ou no lodo, se lhe lançaõ os caens, e se trabalha para a descobrir: basta hum homem para esta caça, mas para ser melhor effeito saõ necessarios mais, e além dos caçadores, que levaõ espingardas, se necessita de mais pessoas para baterem pelas barrocas, raizes, moutas, canas, hervas, em que se metem páos para que a caça, lhe naõ fique atraz. Se os caens achaõ o rasto da lontra, começaõ a latir, entaõ he necessario alentallos mais, fazendo-os cheirar o rastro se se acha á borda do rio de hum espaço a outro: e como entra muitas vezes n'agua, convem reparar para onde tem voltada a cabeça, o que facilmente se conhece pela pegada que deixa no lodo. Como a lontra só busca sitios, onde haja peixe, e igualmente habita nos rios cabedaes, e nos tanques, regatos, e sitios apaulados, he necessario, quanto he possivel, lançalla para onde houver menos agua, pois nesses sitios naõ póde escapar; porque repartidos os caens, metade de huma banda, metade da outra, se repartem tambem os caçadores. He necessario que vá sempre hum cem passos diante dos caens, para ver passar a lontra, e poder atirar-lhe nos sitios mais descobertos, e onde ha menos agua: outro fica cem passos a

traz dos caens, e outro com os caens para os alentar, e defender. Se succede que a lontra acossada pelos caens, passe pelo que vai diante, ou a traz sem ficar morta; entaõ o que a errou grita ao que vai com os caens, para o advertir que passou, e corre para outro sitio livre a cem passos mais longe para se melhorar. Repete-se a mesma couza até que se chegue a matar. A muita quantidade de peixe, que a lontra come, faz com que se naõ demore muito tempo em sitios pouco abundantes delle, porque naõ acharia de que viver; de sorte que tem covis de distancia em distancia, onde se recolhe quando se vê perseguida dos caens, porque a lontra tem o dente muito venenozo, e lhes fere os narizes, e orelhas; assim he melhor fechar a garganta do covil, e fazer-lhe em sima huma trincheira para a apanhar depois com tenazes.

Quando ha muita aguá, como em hum lago, ou rio cabedal, he difficil a caça, e o mais rezumido he armar-lhe laços, que se poem pelas praias, ou em alguma ilha, que convem attar bem, porque a lontra depois de comer, póde levar a armadilha; o melhor he prendellos a huma cadea, e se lhe poem na ponta hum pedaço de cortiça, porque se se lhe poem huma bexiga, a lontra a despedaça de raiva, e naõ serviria de nada.

A pele da lontra serve, como a do castor, para fazer excelentes chapeos, e se vende muito cara; e assim além do beneficio de conservar o peixe, se tira outra utilidade.

COM-

COMMUTAÇAÕ

Da pena de morte imposta aos Dezertores das Tropas em Inglaterra.

O Filozofo author da estimavel obra das Efemeridas nos dá esta noticia, com o seu estilo sempre nobre em geral, e com reflexoens particulares, taõ proprias para interessar a humanidade, que assentamos mereciaõ ser publicas.

A dezerçaõ ; dizem as Efemeridas ; he huma especie de doença natural nos exercitos de toda a Europa : e segue-se necessariamente da constituiçaõ actual.

Vendo-se quazi todos os Soberanos mutuamente por huma rapida gradaçaõ, obrigados à manter prodigiozos exercitos, ainda no tempo da paz, muitas cauzas multiplicadas tem obrigado a recorrerem a alistamentos violentos.

Até as praças voluntarias saõ quazi sempre effeitos de alguma violenta paixaõ instantanea, senaõ saõ tomados de supito.

O Soldado, a quem a necessidade ou a seducçaõ meteraõ na tropa, sedo se enfastia de hum constrangimento, e trabalho, que elle antes naõ ponderava, e de que nunca he bem pago; e esta paixaõ violenta de inquietaçaõ, e aborrecimento o obriga a dezertar.

Em quazi todos os Estados da Europa era

a pe-

a pena de morte, a que estava imposta contra os Dezertores; e a Inglaterra tinha igual legislaçaõ.

Reflectio o Monarca, que o estado habitual do Soldado era desprezar a morte, e recear mais do que ella o cativeiro penozo, e sem honra.

Com effeito todo aquelle homem que voluntariamente se offerece, ou que de boa vontade se sujeita ao Estado de Soldado, deve dizer interiormente: que vale mais arriscar-se á morte violenta, e antecipada, do que a destinar-se em hum estado mais penozo do que a morte.

A natural consequencia desta reflexaõ he commutar a pena de morte imposta aos dezertores na de hum degredo para as colonias, para de vivaõ como escravos sujeitos a hum colono, que compra o dezertor, que he degradado, para se servir com elle.

Aos Inglezes compete decidir se vale mais morrer, ou ser escravo: a humanidade, e a filozofia naõ tem que allegar mais, do que huma palavra nesta questaõ; e he que he melhor ter menos soldados, e empregallos em tempo de paz em obras publicas, boas, e uteis, pagar-lhes bem, e em consequencia deixar a franca liberdade de cederem o seu lugar a outros, que o sollicitem, que seráõ muitos.

Nós temos tropas interiores, quaes saõ as da policia, e outras muitas goardas particulares: temos tambem tropas empregadas no civil; o seu estado he trabalhozo, com tudo naõ de-

dezertaõ; assim para reter o Soldado na sua profissaõ, naõ he necessario ameaçallo com a morte, nem com o cativeiro.

He démonstrado, que reduzindo as tropas ao que verdadeiramente se necessita, isto he ao numero, que requer a guerra defensiva, acrescentando ao seu actual soldo presente a despeza, que se faz nos caminhos, pontes, calçadas, e mais trabalhos publicos, seja em dinheiro do Erario, seja em encargos, que se podesse converter em dinheiro com notoria ventagem do povo; é, talvez para ao diante, quanto se póde poupar inutil, talvez nocivo, e com tudo de muito dispendio no Estado Militar, fica bem demonstrado que o Estado Militar podia ser igualmente proveitozo, como o da fazenda, e das Cidades particulares. Até assentamos que he impossivel, que isto tenha demonstraçaõ negativa; e que he facil fazer huma demonstraçaõ pozitiva do contrario.

Nesta idéa devemos parar quando vemos que a humanidade he obrigada a applaudir huma legislaçaõ nova, que muda a sentença de morte em huma sentença de captiveiro. E por qual razaõ havemos reduzir-nos a esta necessidade; por qual razaõ nos havemos conservar nella, se a podemos escuzar?

COM-

a pena de morte, a que estava imposta contra os Dezertores; e a Inglaterra tinha igual legislação.

Reflectio o Monarca, que o estado habitual do Soldado era desprezar a morte, e recear mais do que ella o cativeiro penozo, e sem honra.

Com effeito todo aquelle homem que voluntariamente se offerece, ou que de boa vontade se sujeita ao Estado de Soldado, deve dizer interiormente: que vale mais arriscar-se á morte violenta, e antecipada, do que a deftinar-se em hum estado mais penozo do que a morte.

A natural consequencia desta reflexaõ he commutar a pena de morte imposta aos dezertores na de hum degredo para as colonias, aonde vivaõ como escravos sujeitos a hum colono, que compra o dezertor, que he degradado, para se servir com elle.

Aos Inglezes compete decidir se vale mais morrer, ou ser escravo: a humanidade, e a filozofia naõ tem que allegar mais, do que huma palavra nesta questaõ; e he que he melhor ter menos soldados, e empregallos em tempo de paz em obras publicas, boas, e uteis, pagar-lhes bem, e em consequencia deixar a franca liberdade de cederem o seu lugar a outros, que o sollicitem, que seráõ muitos.

Nós temos tropas interiores, quaes saõ as da policia, e outras muitas goardas particulares: temos tambem tropas empregadas no civil; o seu estado he trabalhozo, com tudo naõ

de-

dezertaõ; assim para reter o Soldado na sua profissaõ, naõ he necessario ameaçallo com a morte, nem com o cativeiro.

He demonstrado, que reduzindo as tropas ao que verdadeiramente se necessita, isto he ao numero, que requer a guerra defensiva, acrescentando ao seu actual soldo prezente a despeza, que se faz nos caminhos, pontes, calçadas, e mais trabalhos publicos, seja em dinheiro do Erario, seja em encargos, que se podesse converter em dinheiro com notoria ventagem do povo; e, talvez passar ao diante, quanto se póde poupar inutil, talvez nocivo, e com tudo de muito dispendio no Estado Militar, fica bem demonstrado que o Estado Militar podia ser igualmente proveitozo, como o da fazenda, e das Cidades particulares. Até assentamos que he impossivel, que isto tenha demonstraçaõ negativa, e que he facil fazer huma demonstraçaõ pozitiva do contrario.

Nesta idéa devemos parar quando vemos que a humanidade he obrigada a applaudir huma legislaçaõ nova, que muda a sentença de morte em huma sentença de captiveiro. E por qual razaõ havemos reduzir-nos a esta necessidade; por qual razaõ nos havemos conservar nella, se a podemos escuzar?

COM-

COMPARAÇAÕ

do Reino Animal, e do Reino Vegetal, quanto ao modo, com que crescem os individuos, que pertencem a estes dous Reinos, e fenomenos que mostraõ nas suas differentes idades.

HA muito tempo, diz M. David (1), que se conhece a analogia que ha entre os animaes, e vegetaes; porém esta analogia nunca foi taõ perscrutada, se naõ neste seculo todo filozofico, em que observadores escrupulozos, e attentos dezentranháraõ da natureza segredos, que parecia que deviaõ ser para sempre ignorados da especie humana. As reflexoens se achaõ taõ multiplicadas entre estes dous Reinos pelos descobrimentos de MM. Trembley, Bonnet, pelas do Abbade Spalanzani, e de outros Naturalistas mais, que com razaõ parece proscreverem a linha de separaçaõ, que se tinha lançado entre os animaes, e os vegetaes.

Tem estas a sua origem em huma grã, ou fruto cuberto de muitas cascas sensiveis. Nisto nos mostraõ já alguma similhança conhecida com os animaes, que com bom fundamento se prezume serem todos oviparos. Em hum determinado sitio des-

(1) *Joaõ Pedro David, Doutor em Medecina.* Tratado da nutriçaõ, e crescimento.

desta grã, ou fruto há hum germen cercado, ou de huma substancia farinhenta, ou pulpoza, ou moscoza; mas qualquer que seja a natureza desta substancia, o seu uzo he sempre o mesmo: o de ser como o depozito, onde o germen encontra huma nutriçaõ preparada, e analoga á sua debilidade; e que elle apropria a si para operar o dezenvolvimento, e extençaõ do individuo, que contém em miniatura (1). A semente do macho he ao mesmo tempo para o ovo que fecunda (2), o mesmo que fazem nas plantas o pó das capsulas, que a faz capaz de producçaõ; e a substancia, ou seja farinhenta, ou a outra que a envolve. Naõ proseguirei mais nesta casta de analogia: basta para o meu objecto.

---

(1) *Veja-se a contemplaçaõ da Natureza por* Bonet. Part. 6. cap. 6. tom. 1. p. 132.

(2) *Deve-se distinguir no liquido spermatico do macho hum espirito vivificante, activo, destinado para fecundar o ovo da femea, e huma materia mucoza, hum succo nutritivo muito trabalhado, que he a baza, e que sem duvida he proprio para lugar, para assim me explicar, este espirito subtil, este ente quazi incorporeal, que ainda naõ conhecemos senaõ pelos effeitos, e levallo comsigo para operar a importante funçaõ, que lhe compete. Este succo nutricio tendo satisfeito este primeiro encargo, vem depois a ser o alimento natural do pequeno individuo, a que o seu associado vem determinar a existencia, e a vida: por este theor he que a natureza sempre economica, tira o mayor proveito que he possivel dos meios, que poem em pratica.*

jeito perseguir no que succede a hum graõ de semente, a huma bolota por exemplo, desde o instante, que se enterra, até ao que a grande arvore, que ella produz chega ao ponto de abatimento, que a mostra caduca.

Mequanismo do dezenvolvimento do germen contendo em huma bolota, ou semente, &c.

A bolota coberta com a sua casca, debalde teria recebido hum germen capaz de fecundar, e por isso passar a estado de azinheira, se naõ estivesse mettida em huma matria propria para encitar o seu dezenvolvimento. A terra faz as vezes do utero no ovo, que para alli passa do ovario dos animaes femeas.

Mal recebe no seu seio o fructo, logo hum vapor que o penetra, como a huma esponja, faz rebentar a casca que o veste. Este vapor humido, ou esteja unido a hum espirito activo, ou naõ seja mais do que huma agua separada, dá o primeiro abalo aos orgãos concentrados no germen fecundado antes pelo pó das folhas, ao mesmo tempo que a farinha, que o cerca sendo desfeita nesta humidade, vem pouco a pouco a ser huma nutriçaõ propria para penetrar até ao germen, a dilatar-lhe a grandeza, e a descobrir a figura do individuo, cujas partes eraõ nimiamente delgadas, muito dobradas humas sobre outras, muito baralhadas entre si, e que por isso se naõ podem distinguir com o melhor microscopio, ao menos na maior parte das plantas, e fructos.

Mas,

Mas eſte germen, ainda meſmo antes de aſſimilhado toda a provizaõ de nutriçaõ, com que ſe tinha aſſociado ao fructo, já nos moſtra os orgãos, com que póde ſaccar do Depozito geral, e tirar os principios exactivos que ſaõ mais aptos á ſua eſſencia, e ao ſeu eſtado actual. Eſtes orgãos ſaõ as raizes, propriamente aſſim chamadas, e os pequenos cabellos, ou filamentos, que dellas naſcem: eſtas abrem hum caminho pela terra; deſcendo humas directamente para baixo, como he a raiz meſtra, ao meſmo tempo que as outras ſe eſpalhaõ para fóra ſem ſe afaſtarem muito da ſuperficie do terreno; mas ao meſmo tempo que eſtas partes ſe vaõ deſenvolvendo, o fructo dá outra, que he a plumula. Eſta ſegue huma direcçaõ diametralmente oppoſta á da raiz principal; e foreeja por romper da terra pelo caminho mais curto; e ſe trabalha pelo ar para nelle creſcer, e ſe dilatar em plena liberdade (1). Pelo que o ponto em que ſe acha o fructo he huma eſpecie de confluente, paſſo entre duas caſtas de producçoens, d'huma parte o tronco, e da outra a raiz. Eſtes ultimos orgãos ſaõ rigorozamente o que ſaõ as radiculas do placenta fixas, implantadas na maior parte dos animaes no fundo da matriz, e ſeparadas na ſua eſféra em algumas eſpecies. Eſta analogia naõ ceſſa deſde que o animal goza da luz, ſe tornaõ os primeiros canaes da nutriçaõ.

---

(1) *Pódem-ſe ver neſte ponto as obſervaçoens de M. Bonnet ſobre as plumulas da ſemente.* Contemp. da Nat. part. 6. cap. 4.

ção; acha, como deixo dito, outros em seu interior; são estes os orificios das veias lacteas, que são outros tantos chupadores, cujas funções são em tudo similhantes ás das raizes das plantas; e com o benificio das raizes he que o primeiro rebentar da azinheira recebe materiaes, que haõ de augmentar muito as dimensoens para toda a parte, para formarem huma arvore; e estes materiaes em tudo são os mesmos, de que se vale a natureza para o crescimento do animal. Em todos ha hum succo nutricio, huma especie de gluten, que se recebe nos filamentos, e que alli se prepara, e se assemelha á primitiva substancia, &c.

Examinado de perto este suco, que faz tamanho effeito na economia animal, e vegetal (e taõ bem se poderia dizer mineral) se acha por ultima analyze huma pequena quantidade de terra, de sal, de oleo (1), e grande porçaõ d'agua; que he o seu excipiente, e o que constitue este succo; A terra he o seu deposito geral, o seu unico receptaculo, d'onde o recebem os vegetaes para nós, e para os animaes que saõ o nosso ordinario sustento (2). E como recebem os materiaes, que lhe ficaõ longe, estes vegetaes

(1) *O sal, o oleo rezolvendo-se em agua, e em terra, póde-se concluir que saõ produzidos de hum certo modo, da agua, e terra combinadas com outro principio verdadeiramente universal, mas impalpavel* (o fogo).

(2) *Nem os peixes se exceptuaõ; bem que a maior*

taes inertes na apparencia? Fazem-no por acçaõ que lhe seja propria? Ou recebem-no por impulso de algum fluido, que maquinalmente forceja por seguir a direcçaõ das suas fibras?

Vazos das arvores.

HE notorio que as arvores tem quatro especies de vazos, fibras linhozas, utriculos tracheas, ou vazos aerios, e vazos proprios, ou sevozos; que as raizes possuem todo este apparato organico por modo notavel. As tracheas saõ sempre cheias de ar, e assim naõ se lhe deve attribuir a nutriçaõ dos vegetaes, e sómente pódem contribuir para a progressaõ, distribuiçaõ do succo nutricio, talvez para sua admissaõ nos vazos sevozos; estes saõ muito delgados, e a mais pequena raiz cabeluda he abundantemente cheia delles; pela sua delicadeza se lhe naõ póde recuzar com hum summo gráo a propriedade dos tubos capilares, do tecido esponjozo. As raizes, e as suas radiculas, sendo tocadas por toda a parte de huma terra impregnada de humanidade, busca com huma especie de vontade os tubos menores capillares contra o ori-

maior parte naõ andem pela terra, a materia do seu sustento naõ deixa de tirar dahi a sua origem: os peixes se sustentaõ d'outros peixes &c. Ha muitos que vivem de vegetaes, além disso quando a agua do mar fosse o seu unico sustento, naõ se desfaria a minha asserçaõ: o ferro que ella contem em dissoluçaõ naõ tem em si muita terra?

o orificio dos quaes constantemente está applicada, e leva comsigo os materiaes, que póde dissolver (1), para, que tendo-os deposto no interior do individuo, que corre, sahisse depois pela periferia da cortiça, das folhas, das flores &c., levando com sigo alguns resquicios (2).

Este caminho he o mesmo que se segue no reino animal: mas que he o modo com que este liquido encaminhador, depois de embebido nas raizes, continua a correr os vazos do tronco, dos ramos, e se evapora pelas folhas? A propriedade dos capillares naõ póde operar só similhante progressaõ, tanto melhor quando este succo encaminhador tem muita resistencia que vencer, a que offerece a extençaõ da cortiça; obra nella com força a fim de preparar entre a sua superficie interna, e a medula da arvore huma morada capaz de receber huma grande quantidade de principios, que alli depoem continuadamente para alli formar huma cama concentrica capaz de augmentar o diametro da arvore. As fibras lenhozas da medulla, que devem admittir na sua textura os materiaes destinados para operar a sua solidificaçaõ, offerecem mais huma resistencia muito grande: logo convem buscar n'outra parte a cau-

(1) *Suppoem-se que com a condiçaõ da dissoluçaõ destes materiaes na agua, a sua natureza, a sua maça, e a sua forma saraõ com os póros das raizes huma certa proporçaõ propria a permittir a sua admissaõ.*

(2) *Estes resquicios constituem o espirito rector a cada animal, cada planta tem o seu.*

à causa da progressaõ do succo nutricio, e da sua destribuiçaõ pelos individuos do reino vegetal.

Theorica, e causa da progressaõ do seve. Maquenismo do crescimento das arvores.

O Succo nutricio admittido nas raizes pelos vazos capilares, de que tenho fallado, passa aos utriculos, vazos da outra especie, que naõ permittem aos liquidos, que alli saõ recebidos retrocederem para as raizes pelo mesmo caminho; o que supporia dous movimentos oppostos nos liquidos que trazem os primeiros vazos; ao mesmo tempo que admittindo vazos de outro genero, nos quaes os capillares das raizes se vem abrir, se acha a razaõ porque os liquidos huma vez introduzidos nestes vazos, tendem, fazendo força para toda a parte, por hirem para os ramos, como para as raizes, e depois escaparem (ao menos a parte mais tenue destes liquidos) pelos sitios, que lhe offerecem menos rezistencia. Estes sitios saõ os extremos dos pequenos tubos, que se pódem chamar exhalantes, ao mesmo tempo que os que chupaõ saõ inhalantes (1); com tudo se ha ferida na arvore, o succo pela inclinaçaõ que tem a seguir to-

(1) *A existencia destes dous generos de vazos, he admittida na economia animal, e os factos demonstraõ com maior particularidade a necessidade delles na economia vegetal.*

todas as direcçoens possiveis, concorrem para alli de toda a parte, e esta ferida he entaõ o lugar que offerece a menor rezistencia aos liquidos sevozos; se esta ferida he muito grande, o crescimento da arvore, e das suas producçoens, sentem-se disso com a evacuaçaõ muito copioza, que ella permite ao succo nutricio; e sómente quando a natureza só, ou ajudada da arte vem ao fim de consolidar esta ferida, entaõ he que o succo sevozo, antes desvairado para este caminho accidentalmente aberto, volta ao seu curso ordinario, e concorre por modo mais natural ao crescimento do tudo. As grandes feridas saõ a respeito das arvores justamente o mesmo que para com os homens, de mais que estas estancaõ abundantemente a economia animal dos succos proprios para a sua conservaçaõ: isto ás vezes accresce tanto que saõ consequencias o marasme, e morte do animal, mas nos dous cazos, logo que os succos nutricios condensados na superficie da ferida, formaõ hum reparo solido contra a sua irrupçaõ ulterior, e entaõ tornando á circulaçaõ geral, se empregaõ em reparar as perdas, que o individuo tem experimentado em similhante sobstracçaõ do succo preciozo.

O succo nutricio, ou sevozo entrando nos vazos proprios, ou depozitos, continuadamente opprimido pelo que os capillares das raizes, trazem (1), tem grande força expanciva, com cu-

(1) *Esta pressaõ do liquido derramado pelos vazos*

cujo favor faz caminho pelos menores vazios; e pucha de toda a parte os materiaes da nutriçaõ; as raizes como os troncos augmentaõ em numero pelos novos dozenvolvimentos, e as que existiaõ já crescem, e se consolidaõ. A multiplicidade das primeiras deve ter huma certa razaõ com as producçoens superiores; pois he necessario no tempo do crescimento, que os succos sejaõ em maior numero, e se extendem para mais longe, a fim de fazer huma collecta de succos muito abundante para continuar em augmentar as dimensoens da arvore, na altura, largura, e profundidade. Este liquido, que opera estes effeitos, obedece verizimilhantemente a

---

vazos aspirantes das raizes, he na razaõ da sua força impulsiva, e da baze do liquido, em que se apoiaõ. Esta baze póde-se medir pela superficie interior de todos os vazos sevozos, cujo esforço, ou reacçaõ no liquido que os enche, he igual á força dos vazos aspirantes das raizes multiplicadas pela superficie dos vazos sevozos. Ora isto supposto naõ nos admira (por muito pequeno que seja o primeiro impulso) a velocidade com que circula a seve, e a facilidade com que rompe todos os obstaculos, que se poderiaõ oppor á sua expansaõ. Com o favor dos liquidos he que a natureza póde com a menor impulsaõ possivel produzir os maiores effeitos, e he neste cazo que se póde dizer, que naõ saõ proporcionados á sua cauza; o mesmo effeito (couza passmoza) he sempre tanto maior (sendo a mesma a força impulsiva), quanto mais consideravel he a massa que se hade mover.

huma impulsaõ, cujos effeitos crescem proporcionalmente á baze augmentada do liquido, como disse para os animaes; mas d'onde lhe vem este impulso? He ao que he difficil achar reposta.

O ar conteudo nas tracheas parece proprio para este effeito, e isto com as rarefaçoens, e condensaçoens, que alternadamente experimenta: tambem encaminhando-se a este agente para a progressaõ do succo nutricio nas plantas, acha-se todavia que a noute, onde o ar das tracheas he ordinariamente mais condensado, he muito menor a transpiraçaõ do que no calor do dia: mas o que por modo mais natural me parece favorecer a ascençaõ do liquido chupado pelas raizes cabeludas da arvore, he a especie de ancia, com que o ar se encarrega da trianspiraçaõ, que chega até á superficie das folhas (1): quando as fere o Sol, parece que saõ tocadas por huma materia de fogo, que naõ quer mais senaõ associar-se com a humidade, de que estaõ cheias para fazer hum novo ser (2). Esta associeçaõ se faz no extremo das fibras summamente tenues, que se abrem na superficie das folhas, e formaõ huma especie de evaporaçaõ, arrancando a primeira molecula, que se prezenta no extremo do tubo; esta molecula pe-

(1) *Veja-se Contemplaçaõ da natureza*, P. 6. C. 3.

(2) *Depois trabalharei por provar, que este novo ente he o ar, tal qual nós o conhecemos, ou a materia de nossa athmosfera.*

pega em outra, com que tem tanta mais coherencia, quanto mais gelatinozo he o todo de que se separa; consideradas as folhas por esta parte, devem consequentemente considerar-se como hum dos principaes agentes da nutricçaõ (1).

Desde logo temos nesta evaporaçaõ, huma especie de sucçaõ, cujo mequanismo he muito simples; mas as condiçoens necessarias a huma ampla associaçaõ com a materia ignea a penas faltaõ, como de noute, ou no tempo frio &c., quando o succo serozo pela reacçaõ continua da cortiça, pela reducçaõ das tracheas, pelo aperto de todo o tecido fibrozo do tronco, &c. se achaõ entaõ recambiadas em maior quantidade para as raizes; do que se poderia prezumir que o momento, em que estas producçoens recebem mais succos, he aquelle em que o ar aspira menos avidamente a humidade das folhas, e como ha hum tempo nos nossos climas, em que a força desta sucçaõ he inferior á rezistencia, que a natureza das passagens, e a rigidez das partes offerecem, este tempo he tambem aquelle em que as raizes tem

(1) *Veja-se as excellentes observaçoens do Illustre M. Bonnet na sua obra intitulada*, Indagaçaõ acerca do uzo das folhas, *e o Cap. 3. da 6. P. da sua Contemplaçaõ da Natureza, onde diz:* Depois de ter visto muito bem, e observado: a quantidade de nutriçaõ, que hum ramo tira da terra, he proporcionada ao numero, e grandeza das suas folhas, tira menos se as folhas saõ pequenas, e em menor numero.

mais vigor : talvez que o crefcimento das raizes fe faz fem eftas interrupçoens notaveis que obfervamos nas producçoens fuperiores. As raizes eftaõ pela maior parte poftas nos fitios, em que o calor he em todas as eftaçoens quazi igual, e em que os fuccos que as embebem tem fempre a fluidez, e a força de expenfaõ requeridas para puchar nas fuas fibras, nos feus vazos, os materiaes deftinados para augmentar as fuas dimenfoens. Do que fe póde ajuizar que as raizes, do outono até á primavera, fe enchem, fe embebem de fuccos, que elles preparaõ para fornecer no momento em que torna a começar a vegetaçaõ, a maior quantidade de feve, que o crefcimento de todas as partes d'huma grande árvore requer.

Pode-fe tambem fazer conta para a progreffaõ, e diftribuiçaõ dos fuccos nutricios das plantas, arvores, com a acçaõ organica dos feus vazos : efta acçaõ de que dependem o movimento, e a vida nos animaes, naõ fe pode recuzar aos vegetaes, poffuem-na em huma razaõ directa com o feu modo de fer (1); a reacçaõ dos vazos fevozos nos fuccos que tem admittido, confequencia da reziftencia que oppoem á acçaõ dilatante deftes fuccos, fimilhante reacçaõ da parte da cortiça, &c. fe affemelhaõ muito á acçaõ dos animaes pelos licores de que fe embebem.

Sem

(1) *Naõ fe póde deixar de conhecer nas plantas huma acçaõ organica. A fenfitiva, e muitas outras poffuem efta acçaõ em taõ alto gráo, para fer conhecida pelos fentidos externos.*

Sem fazer aqui huma hiſtoria completa de vegetaçaõ, ve-ſe claramente que o que diſſe que os animaes, e vegetaes tem huma origem ſimilhante, ſe dezenvolvem tambem, recebem a ſua nutriçaõ por orgãos analogos; que os materiaes do ſeu creſcimento, e da ſua nutriçaõ ſaõ os meſmos; que nos dous reinos o conductor que traz, he a agua animada por hum principio activo (*o fogo*), e que em fim a diſpoziçaõ particular do tecido organico nas differentes partes dos vegetaes, como dos animaes, varia a forma, a denſidade &c. Convem todavia obſervar a eſte reſpeito que o tecido interior da planta he muito uniforme, ſe ſe compara á variedade infinita que eſta contextura deve ter nos animaes, para variar a forma, a organizaçaõ das ſuas partes, de ſorte que as faça aptas para cumprir as funçoens taõ variadas, como as que ellas executaõ; mas ao menos o mequaniſmo do creſcimento, bem que hum pouco ſubordinado a eſtas circunſtancias nos offerece o meſmo paſſo, e as meſmas luzes em hum, e outro reino.

Todavia tudo ſe faz nos vegetaes com apparato infinitamente menor que nos animaes. A ſua nutriçaõ como vimos, he muito ſimples; e a eſte reſpeito os primeiros tem huma ventagem que ſe nega aos ultimos que he poder-ſe nutrir pela ſua periferia, pelas ſuas folhas ao menos por algum tempo. Saõ treſpaſſadas por hum infinito numero de poros exhalantes, cujo uzo he deitar fóra o reziduo dos ſuccos, que ſenaõ empregaraõ na nutriçaõ; mas a ſuperficie deſtes orgãos nos offerece d'outro genero, cuja exiſten-

tencia se acha pela observaçaõ, e que tem á propriedade de chupar na athmosfera os materiaes da nutriçaõ, e de levallos dalli aos utricullos encarregados de os fazer passar por toda á extençaõ do individuo. Os vegetaes naõ devem sem duvida esta ventagem senaõ á disproporçaõ immensa que offerece a razaõ da sua superficie, e he de prezumir que os animaes gozassem da mesma ventagem, se a razaõ da sua maça para a sua superficie fosse a mesma do reino vegetal, visto que como os individuos deste reino, os animaes tem póros exhalantes, e póros absorbentes. Se tambem se crem algumas observaçoens, estes pódem em parte sustentar-se pela sua periferia, com tanto que estejaõ entre muitas emanaçoens nutritivas: crê-se, com effeito, ter observado assás constantemente que os cortidores, e cozinheiros muitas vezes tem huma gordura que naõ he relativa á pequena porçaõ de sustento que tomaõ, bem que tenhaõ huma vida taõ trabalhoza.

Tornando ao nosso objecto, diremos que as arvores tem o seu estado de embriaõ, de infancia, de mocidade, de consistencia, de velhice, da caducidade, e cada hum destes estados nos offerece fenomenos quazi anologos aos de differentes idades correspondentes aos animaes.

Estado de Embriaõ das arvores; sua infancia.

O Mesmo mequanismo que leva as arvores ao mais alto gráo de crescimento he tambem o que lhe

lhe traz a decrepidez, e que as deteriora de forte que obriga a restituir a mãi geral todos os materiaes que tinhaõ tirado. As arvores apparecem com hum ruim aspecto no estado de Embriaõ; as raizes que apenas se dezenvolvem, e que saõ em pouco numero, e que abrem, naõ sem diligencia, hum caminho pelo seio da terra, daõ huma pequena porçaõ de succos mui delgados, proprios para despegar, e extender os primeiros rudimentos da arvore. Nestes termos he que o tronco muitas vezes necessita de melindre para luttar com efficacia contra as intemperies do elemento, no meio do qual se levanta, e talvez seja necessario para rezistir que tenha como os animaes huma certa proporçaõ entre a massa, e superficie; o que leva os mortos antes de tempo no reino vegetal, como no reino animal. O numero das raizes, e a sua força augmentaõ; e a força do tronco segue as suas progressoens; de modo que o tecido organico se associa tanto mais materiaes estranhos quantas mais raizes estaõ dezenvolvidas, mais extensas, as suas fibras mais abertas, e que o terreno, em que estaõ he mais provido de materiaes proprios para formarem hum rico succo nutricio.

As arvores consideradas no seu estado de mocidade, e vigor.

NO tempo de vigor ou de mocidade, faz a arvore grande augmento: as camas da medula

la saõ espessas, e formaõ successivamente hum circulo de maior diametro, e a cortiça cede tanto mais facilmente á força impulsiva dos liquidos, que he entaõ mais permeavel aos succos que correm pelo seu tecido; mas á proporçaõ que este envolvimento destinado para limitar o individuo soffre mais extençaõ, e se associa nova terra, o seu tecido perde da sua extensibilidade, e a reziftencia que offerece á acçaõ dilatante dos liquidos que abordaõ nos vazos sevozos, augmenta na mesma proporçaõ. Convem pois neste cazo que haja forças que seguem a progressaõ da reziftencia da cortiça, para que o crescimento da arvore, continue a hir a passo igual. A natureza acha na simplicidade do seu mequanismo, os recursos que lhe saõ necessarios para conseguir o seu fim, nunca tem falta, as forças que emprega aqui, crescem na razaõ das reziftencias, e isto sem mudar, nem multiplicar os meios: a arvore naõ poderia augmentar as suas dimensoens, sem que a baze dos liquidos conteudos nos vazos sevozos augmente, e esta baze augmentada faz que sómente creiça o esforço do liquido, que alli vem independentemente da mais forte impulsaõ, que experimenta a seve pelo dezenvolvimento de novos vazos absorbentes, consequencia necessaria da extençaõ das raizes.

Ha todavia hum termo em que a força deixa de ser superior á reziftencia, he o termo do crescimento; isto procede de que as fibrilhas dos vazos sevozos se endurecem elles mesmos pela adicçaõ continua da d'hum depozito terrozo que pe-

penetrando-os, os engrossa pouco a pouco á custa do vazio destes vazos. A força impulsiva deve diminuir então por duas razoens. 1. Pela aspereza augmentada dos lados dos vazos sevozos, e pela diminuiçaõ da sua acçaõ organica, que se lhe segue. 2. Pela substracçaõ que similhante mequanismo faz experimentar a baze do liquido, que recebe a impulsaõ. Vê-se pois que tanto tem levado a força dos liquidos em hum tempo sobre a rezistencia dos solidos, outro tanto os solidos no seu giro tem levado em outro tempo sobre a força dos liquidos (1). Pode-se sempre segurar que a dispoziçaõ para o crescimento he tanto maior em huma parte, quanto mais liquido ha relativamente aos solidos, e *vice versâ*. Ha grande apparencia, que esta dispoziçaõ he hum effeito do mequanismo, que acabo de expôr. As fibras linhozas no seu crescimento parecem evidente estarem a isso sujeitas; dilataõ-se tanto mais facilmente, quanto mais participaõ da natureza herbacea, e por isso a sua extençaõ he sempre maior na sua extremidade, do que em todas as mais partes, porque alli he que as fibras, ou tenhaõ seguido a direcçaõ do tronco principal, ou seguissem huma direcçaõ collateral para formar os troncos, saõ quazi da mesma tempera, da mesma consistencia como das plantas herbaceas. A sua extençaõ vai depois por huma degradaçaõ de cresc-

(1) *Dir-se-hia que os solidos naõ vencem em fim os liquidos, que por continuadas recluttas, que recebem dos seus mesmos antagonistas.*

crescente, até aos lugares em que saõ absolutamente linhozos; e he o ultimo termo do seu crescimento, como a solidificaçaõ das fibras ossozas he o ultimo termo da sua extençaõ. M. Duhamel nas suas sabias Memorias (1), e na sua Fizica das arvores demonstrou amplamente estas duas verdades.

Estado de consistencia das Arvores.

CHegada que seja a arvore ao seu auge de crescimento, passa como o homem ao estado de consistencia pelo mesmo mequanismo continuado: as camadas mais interiores saõ as que chegaõ primeiro a este estado, e conhece-se a razaõ; as que ficaõ mais vizinhas da casca lhe chega mais tarde, mais á força de receber no interstício das suas fibras hum succo nutricio terrozo, que penetra, e que alli se condensa, adquirem huma consistencia, que naõ tinhaõ, e chegaõ em fim a huma dureza quasi igual ás camadas mais vizinhas do centro medullar. A arvore, como o homem perfeitamente completo, naõ cresce mais senaõ no accessorio (2), e fica por mais, ou menos tempo em hum estado medio entre o seu crescimento, e a sua morte, e isto ralativamente á sua especie.

Ca-

(1) *Mem. da Acad. das Sciencias, anno 1742,* p. 45.

(2) *As unhas, cabellos, pellos &c., fazem os vazos das pequenas brotaçoens annuaes nas arvores.*

Caducidade das Arvores.

TEndo o amago da arvore primeiro endurecido, he tambem o que primeiro degenera: os vazos, obliterados pela maior parte nas camadas mais interiores, as fibras muito apertadas destas camadas, naõ admittindo bastantes succos para sustentarem a vida, daõ lugar a que entrem os bichos; porque o gluten que ligava a terra principio naõ soube escapar ao imperio do tempo. Esta terra cujas particulas se achaõ sem adhezaõ, trabalha por voltar ao seu antigo depozito para lá se proverem de outro associado proprio a polla no cazo de outra figura. A bicharia entra depois pouco a pouco, hindo ordinariamente do centro para a circumferencia, onde se naõ vê mais do que huma casca dura, secca, dezigual, e escabroza, que annuncia o ultimo grão de caducidade. Naõ adquirindo esta parte ordinariamente tanta duraçaõ como a parte linhoza, permitte aos succos que as raizes ainda chupaõ, insinuar-se nas fieiras do seu tecido, que algumas vezes estendem muito dezigualmente para formarem aquellas eminencias informes que muitas vezes se vem na casca das arvores velhas.

A sua duraçaõ sempre he relativa ao numero dos annos que gastáraõ em crescer: a que chega promptamente a maior elevaçaõ, naõ tem mais do que huma duraçaõ efemera. O carvalho pelo contrario, que naõ consegue senaõ depois de muito tempo o seu crescimento, reziste mais ás cauzas de destruiçaõ, que o attacaõ, mas em

fim

ſim tudo tem ſeu termo. O ouro depois de formado, gaſta-ſe, e deſtroe-ſe na ſua mina, baſtava poder obſervar o rubim, o diamante por huma longa ſerie de ſeculos, para os ver ſujeitos á meſma viciſſitude, que as demais ſubſtancias do noſſo globo: a vitrificaçaõ naõ ſabia eſcapar ao imperio do tempo, naõ faz mais do que arredar de ſi as impreſſoens.

Naõ ha couza que permaneça hum inſtante no meſmo eſtado; as particulas conſtitutivas dos corpos, a que nós ſem razaõ chamamos principios, ſaõ compoſtos, cuja aggregaçaõ varía continuadamente: tudo tarda a mudar de fórma, e de lugar, o repouzo ſeria a morte da natureza. Os fenomenos da vegetaçaõ, as leis pelos quaes ſe faz o creſcimento dos animaes, e das plantas, nos demonſtraõ em tudo hum agente liquido cujos productos ſaõ relativos á ſua mobilidade, e á ſua impulſaõ.

Naõ ſe póde penſar ſem aſſombro com quaõ pouca força chega a natureza a produzir os maiores effeitos. Se o homem podeſſe fondar a profundidade, talvez veria que naõ emprega no movimento deſtas grandes maſſas que rolaõ ſobre as noſſas cabeças com tamanha rapidez; que hum *nihilum*, em certo modo; de força. Eſta propoziçaõ naõ parecerá eſpantoza ſenaõ porque ſe ignoraõ as propriedades dos agentes de que ſe ſerve. Se ſe naõ meditaſſe mais que a que tem a agua de pezar para toda a parte, e fazer força em razaõ naõ da ſua quantidade, mas da ſua altura, e da ſua baze, ſe a experiencia naõ demonſtraſſe que o esforço de al-

gu-

gumas onças de liquidos que operaõ pelo seu pezo com certas circunstancias podem ser superiores a todas as rezistencias possiveis, se naõ tivessem olhado como absurdas as propoziçoens pelas quaes se parece admittir effeitos incomparavelmente maiores do que as suas cauzas.

Estas propoziçoens, bem que pasmozas, naõ offerecem todavia mais que verdades triviaes, cuja applicaçaõ pretendi fazer ao mequanismo do crescimento dos animaes, e vegetaes. Neste mequanismo tenho mostrado a singular acçaõ da agua, que he o excepiente, e o conductor de todas as substancias, que entraõ na compoziçaõ dos individuos destes dous reinos: mas a mesma agua naõ he mais do que hum agente sobordinado, que tira a sua fluidez, e por consequencia o seu movimento d'outro principio, e est'outro principio he o fogo de que ainda naõ temos mais do que huma noçaõ imperfeita, a pezar do sublime tratado de Boerhave acerca deste elemento, e quanto tem dito os Fizicos, e os Chimicos mais affamados.

MODO DE FAZER HUM PRADO.

PAra fazer hum prado com semente de feno, se deve preparar primeiro muito bem o chaõ no principio de Outubro, e se grada bem doze, ou quinze dias depois: deve haver muito cuidado em tirar toda a grama, e outras raizes que tiver junta-

cado a grade ao chaõ: poem-se em montes, e queimaõ-se alli mesmo, e a cinza se espalha, e enterra com a charrua, quando se lhe dá segundo fabrico no fim de Novembro, ou antes se faz bom tempo.

Depois do inverno, isto he no mez de Fevereiro se lhe dá terceiro fabrico, e passados alguns dias, se faz bom tempo se torna a gradar a terra. Se ainda se achaõ algumas raizes, se queimaõ, e se espalhaõ as cinzas sobre a terra com quarto fabrico por 15, ou 20 de Março escolhendo bom tempo.

Convem semear successivamente quatro medidas de trigo de Março, ou cevada, em huma geira de cem *perchas* de vinte e dous pés cada huma. Deve-se ter cuidado de apareihar, ou de deitar em agua de cal o graõ antes de o semear, e de enterrallo com a grade.

Quando o graõ estiver de altura de duas, ou tres polgadas, ou ainda de quatro se escolherá bom tempo para o gradar de dous dentes; isto he, gradallo duas vezes antes de semear a semente de feno, que a penas se semear se deve gradar a terra em cruz.

Para todas estas operaçoens se enterra bem a semente, e se lhe arrancaõ todas as hervas ruins, que pódem brotar da terra; o que facilitará a semente para crescer prompta, e vigorozamente; tendo por este modo limpado a terra de ruins hervas, ou raizes, se planta trigo de Março, ou cevada que por este meio recebeo huma gradaçaõ proficua, que crescerá vigorozamente, e sem offender as sementes do feno, e

as

as falvará do rigor das oftaçoens, e grande calor do Sol.

Ceifar-fe-haõ os trigos de Março ou cevada quando eftiverem maduros, e nefta mefma operaçaõ fe ceifaraõ os fenos que tiverem rebentado, o que fará com que elle fe faça taõ bafto que fique veftido todo o chaõ.

Quando a terra foi bem trabalhada, e limpa de todas as hervas ruins, a raiz da grã que nella fe houver femeado fe fortificará, e efpalhará por modo que faça por todo o chaõ hum prado muito duro, e forte, que ainda fe fará mais efpeffo cegando-o rente. Se fobreviessem grandes feccas fe regaria com agua de cal, ou outras mifturas indicadas, reparando em naõ deitar cal de infuzaõ, nem fazendo o licor taõ efpeffo como fe fora para preparar trigos; convem obfervar que o gradamento no Inverno naõ deve fer feito nos primeiros annos; porque fendo tenra a relva deve rebentar com baftante vigor; bafta fómente ter cuidado quando a herva começa a pular na Primavera de lhes paffar a cofta da grade, ifto he, carregala; com efte modo fe confolida o chaõ que talvez efteja fofo das geadas, e fe aquece o pé da planta da herva com torroens miudos, que tem lançado em fima do chaõ os infectos ou bichos, durante ou antes do Inverno. Hum prado affim formado, e confervado pelo Inverno, com alguns gradamentos ligeiros, principalmente no tempo das neves, regado no tempo dos calores e das feccas como deixamos apontado, bem fóra de feccar, crefcerá em produçoens, e eftará fempre muito viçozo.

LAN-

LANÇO DE GENEROZIDADE

de hum Indio.

QUaõ mal fundado he o dezar, que ordinariamente pomos aos ſalvagens! He certo que a natureza ſempre retem os ſeus eſtimulos, e poem em exercicio o ſeu imperio, e o lanço que vamos contar deſmente, e em certo modo prova, que ainda entre povos a quem tratamos por barbaros, ſe encontra algum ſujeito, que dá mais attençaõ do que nós meſmos aos clamores da humana natureza.

Pelos fins das Guerras, que os Inglezes tiveraõ com os Francezes na America, hum corpo de Indios Salvagens derrotou hum deſtacamento de Inglezes, e eſtes foraõ tomados tanto de ſubito, que ſe naõ poderaõ ſalvar do furor dos inimigos, cahindo-lhe todos nas mãos; trataraõ os barbaros eſtes ſeus prizioneiros com o maior rigor, requintando neſta occaziaõ a ſua coſtumada crueza.

Hum official mancebo Inglez, vendo que naõ podia evitar a morte por ſer alcançado por dous Indios com as machadas já para deſcarregarem o golpe, rezolveo vender ao menos a ſua vida bem cára. Ao meſmo tempo hum Indio velho arma o arco, e aponta a varar o official com huma frexa, mas apenas tinha apontado,

quan-

quando deixando cahir o arco, veio meter-se entre o moço official, e os inimigos que o perseguiaõ, retirando-se estes em attençaõ ao Velho.

Tomou depois pela maõ o Inglez, e tendo-lhe desvanecido com afagos os seus temores, o conduzio para o seu tendilhaõ, onde foi sempre tratado com nunca vista ternura. O moço Inglez era mais camarada do Indio, do que seu prizioneiro: aprendeo o Idioma com elle, que o fez senhor dos asperos accentos da sua naçaõ, e assim viveraõ ambos mui satisfeitos hum do outro. Huma unica couza inquietava o moço Inglez, e era que de tempos a tempos o velho ficava nelle os olhos, e tendo-os attentamente pregados por algum tempo começava a lavar-se em lagrimas.

Chegada a Primavera, tornaraõ a começar as hostilidades, e de huma, e outra parte se puzeraõ em armas. O Anciaõ Salvagem, que ainda tinha vigor para resistir ás fadigas da guerra foi com os seus camaradas levando por companhia o seu prizioneiro, e tendo marchado duzentas legoas chegaraõ os Indios a huma campina, da qual descobriraõ o campo dos Inglezes.

Olhando entaõ o Gentio para o mancebo, mostrando-lhe o campo lhe falla assim. Aquelles saõ teus compatriotas, mas dá-me attençaõ. Eu salvei-te a vida, ensinei-te a fazer huma canoa, hum arco, e frexas; instrui-te no modo de apanhar o inimigo em hum bosque, a menear a machadinha, a cortar o cranio. Que eras quando te

[illegible] levei para o meu tendilhaõ? As tuas mãos pareciaõ as de huma criança, que mal te podiaõ servir para te ter em pé, quanto mais para te defender; a tua alma estava envolta em espessas trevas: tudo quanto sabes de mim o tens aprendido: e serás taõ ingrato ainda que busques modos para hir fazer corpo com os teus compatriotas, e peleijar contra nós?

O moço Inglez lhe respondeo que elle antes perderia mil vezes a vida, do que derramasse o sangue de hum só Indio amigo do Anciaõ. Ao ouvir esta reposta inclinou o velho a cabeça, e cobrindo com as mãos o rosto, esteve por algum tempo nesta postura: pôs depois os olhos no Inglez, e com hum tom bem expressivo do seu amor, e da sua tristeza lhe pergunta: Tens ainda Pai? Quando sahi da minha Patria ainda ficava vivo, lhe tornou o Inglez. Quanto he infeliz! replicou o velho; sabe que eu ja fui Pai, e que o naõ sou agora: eu vi cahir morto meu filho ao meu lado em huma batalha! Acabou crivado de golpes: morreo como homem; mas eu despiquei na sua morte, sim, eu a vinguei.

Proferia isto com a maior agitaçaõ; tremiaõ-lhe os membros, mal podiaõ dezafogar os suspiros e soluços na suffocaçaõ em que estava; andavaõ inquietos os olhos, aliás taõ seccos sendo, e apertando-lhe a dôr o coraçaõ, a qual lhe espremia pelos olhos algumas lagrimas. Ultimamente hindo pouco a pouco tornando a si, e socegando o animo, se virou para o Oriente, e ao tempo que vinha raiando o Sol no Horizonte. Reparas, diz elle para o Inglez, reparas para

ra este dourado Ceo, vês este Astro, que despede para toda a parte os raios da brilhante luz; folgas de olhar para elle. Sim, responde o Inglez, a sua vista dá novo vigor ao meu coração. Feliz homem, replicou o Salvagem, rebentando-lhe as lagrimas, a mim já me naõ consola por os olhos em similhante espectaculo. Passado hum instante apontou para huma arvore florida, e lhe diz, vês estas lindas flores? Sim, lhe diz o Inglez, diverte-me o olhar para ellas. Pois eu, responde o Indio com precipitação, eu daqui a pouco tempo naõ me divertirei com a sua vista. Volta sem demora á tua patria, talvez que teu Pai ainda folgue de olhar para o Sol quando nasce, e para as flores que abrolhaõ na Primavera.

CARTA

acerca da educaçaõ Fizico-Moral dos rapazes no campo.

HE lei da natureza, que o homem nascesse para trabalhar; e he lei universal, que abrange todos os homens de qualquer estado, e condiçaõ, que sejaõ; e os que forcejaõ por se esquivarem della he com proprio detrimento seu. E se admitte alguma dispensa he na variedade de a applicar ás differentes ordens da sociedade. O trabalho corporal por exemplo, naõ deve

ser mais do que hum saudavel entretenimento, para aquelles homens que tem o favor do nascimento, ou da fortuna mais brilhante que o commum. Consequentemente devem applicar, quanto he possivel, seus filhos ás sciencias, e artes liberaes, que haõ de depois ser o principal objecto das suas occupaçoens; ao mesmo tempo que a gente popular se deve applicar ás artes puramente mequanicas.

Sei todos os reparos que me podem fazer acerca deste modo de ajuizar extraordinario; e eu bem podia atalhallos, mas quero para responder-lhes esperar que me sejaõ propostos; entaõ fará maior effeito a pintura com todas as suas côres, e os curiozos poderaõ entaõ dar mais segura sentença: passo ás razoens que me tem firme nesta opiniaõ pouco vulgar.

Ha alguns annos, que o acazo me levou a caza de hum respeitavel Magistrado, que consagra todos os annos certa somma á educaçaõ da mocidade das suas terras. Fundou alli escolas, onde doutrina os mancebos em todos os exercicios fabrís, que soffre a sua idade, proporcionados aos seus talentos, e inclinaçoens; todavia nem lhes ensina a ler, nem a escrever, cujo ensino tem depozitadamente rezervado para escolas de raparigas; que depois manda educar em tudo quanto he proprio ao seu sexo. Confesso que me pasmou esta novidade; mas reflectindo que este homem, superior pelo seu talento, e estudos, fora Intendente em muitas Provincias, e muitos annos, e que naõ podia deixar de ter feito muitas, e mui maduras re-

fle-

Sermoens; para que nem todos tinhaõ commodo, me persuadi logo que se naõ rezolvera sem fundamento a haver-se por este modo, e que necessariamente assentava em principios, e tomei lembrança de quanto lhe ouvi a este assumpto, o que em substancia he o que se segue.

Se o homem em geral naõ nasceo para estar ocioso, o da campanha he singularmente destinado por estado para hum assiduo, e diario trabalho de mãos; logo deve ser criado com este fim, &c. Tudo quanto concorre para o desviar delle he nocivo a elle mesmo, e ao bem publico. Todos os pais, e mãis, ainda os mais pobres, tem natural ambiçaõ de fazerem o a que chamaõ alguma couza de seus filhos, isto he de os salvarem, se pódem, do penozo, e lidado estado, a que elles se tem sujeitado toda a sua vida. O exemplo de alguns, que tem lucrado na capital, e tem vindo a ser Escrivaens, Procuradores, Caixeiros, Mordomos, ou simplezmente lacaios de alguma caza grande, lhe tem desvairado as cabeças. Na sua opiniaõ o saber ler, e escrever, he o primeiro movel desta especie de fortuna, e assim se capacitaõ que tem adiantado muito o bem de seus filhos, quando chegaõ a dar-lhe com a escrita a chave de todas as sciencias. Ha grande porçaõ de Senhores Apprezentadores de Igrejas, que estaõ na mesma preocupaçaõ, e fundaõ escollas que multiplicaõ summamente o numero destas gentes. E que resulta daqui? Milhoens de homens vaõ sepultar-se a si, e as suas familias nas grandas Cidades, e cento se perdem por hum que se aproveivei-

veita, e todos desdenhaõ para o resto da sua vida do trabalho do campo, huma vez que os abandonaõ, e assim se despovoaõ insensivelmente as provincias. Destrui taes escolas; ou para melhor dizer, naõ admittais nellas mancebos; costumai-os desde os mais tenros annos a huma acçaõ perpetua, que enrije o corpo sem o debilitar; alentai-os com algumas repartiçoens de viveres feitas a tempo; favorecei as disposiçoens daquelles, que nascêraõ com natural habilidade para algum officio, e que saõ capazes de se aproveitarem do vosso beneficio; conservai a emulaçaõ com premios sem que entre inveja; isto he, sem humilhar aquelles que tem boa vontade, e pouca intelligencia, e habilidade natural; e vereis dezaparecer em breve tempo a pobreza, a mendicidade que saõ consequencias disso; e tereis hum viveiro de jornaleiros laboriozos; de cultivadores fortes, e vigorozos; como tambem de officiaes de todo o genero; que haõ de povoar o Reino, buscando por todo elle em que trabalhem.

Quanto as raparigas, o ensinallas a ler, escrever, e contar alguma couza he segurar-lhes o dote. Destinou-as a natureza para hum modo de vida mais sedentario, do que o dos homens; deo-lhes mais intelligencia; e fez com que em tudo fossem mais temporans; por genio saõ mais doceis, e proprias para aproveitarem promptamente toda a casta de instrucçaõ, que aliás naõ he nellas taõ occazionada, como nos mancebos; quero dizer naõ as inclina como a elles a girar o mundo. Todo o cuidado, e miudezas do gover-

verno da caza compete ás mulheres. O ler, e pôr em ordem os recibos, do que cobra o marido, goardar a nota do que elle deve pagar; n'huma palavra ter hum pequeno registo dos seus negocios, estar sempre prompta de lhe dar conta quando seja necessario, tudo isto he para ella grande bem; e fará com que a sua companhia seja mais agradavel; mais util; accrescento mais, talves absolutamente necessaria ao homem, e viria a ser-lhe companhia estimada, em que se vê obrigado a confiar; e a que se unirá tanto mais, quanto melhor conhecer que necessita della, da sua ajuda, e soccorro. N'huma palavra esta especie de dependencia, em que se vê da habilidade de sua mulher; he o meio mais proprio de firmar no campo o vinculo conjugal, pois que ambos vem nella lucro pessoal; e multiplicará mais os cazamentos, que saõ a verdadeira fonte da povoaçaõ.

Taes me persuado que saõ os principaes fundamentos, em que se pode estribar este novo systema de educaçaõ fizico-moral dos mininos do campo. Se quizermos applicallos aos que se criaõ nos Hospitaes, e outras cazas de caridade, veremos que lhes quadra perfeitamente. A experiencia diaria prova incontestavelmente o pouco proveito que até aqui lhe tem seguido; pelos poucos sujeitos de dous sexos; principalmente homens, que vemos sahirem delles aproveitados, tanto de saude, como de talentos; pelo que se lucra muito em a mudar; nem lhe conheço risco, adoptando o que eu proponho aqui em grosso, sem entrar na miudeza que por

por ora julgo superflua. Por outra parte a maior difficuldade he persuadir no seculo em que vivemos, que deixe de ser para os rapazes o saber ler, e escrever hum verdadeiro thezouro, e que haja classe de homens, a quem seja util ignorallo. He, como já disse, huma especie de paradoxo que ha de excitar a murmuraçaõ de todo o mundo logo que o ler, pois para acreditar que isto seja huma verdade convem reparar, reflectir, e pezar os bens, e os prejuizos, para depois rezolver com juizo solido. A observaçaõ sem duvida que he o primeiro passo para a experiencia; e sem esta naõ ha conhecimento certo, e muito poucos discursos, que naõ conduzaõ á falsidade. Mas he hum andar lento, que geralmente se caza muito pouco com o nosso amor ao frivolo, e poucas pessoas querem hoje tomar este trabalho. Certo que he menos trabalhozo hir com a torrente das preocupaçoens do que esquentar a cabeça, e trabalhar muito tempo para se habilitar á desviar-se dellas.

Além disso se alguem, esporeado como eu, do dezejo de contribuir para o bem publico, lhe parece que tem fortes objecçoens contra este methodo, póde communicar-mas, que eu terei especial satisfaçaõ de lhas refutar o melhor que poder. Daqui naõ póde deixar de rezultar huma disputa assás util ao bem publico, e que necessariamente se ha de converter em seu proveito.

Nota. Naõ duvidamos que esta carta cauze alguns reparos sobre o assumpto que o Author trata aqui. Naõ ha couza que naõ mostre boa, ou ruim face. Este ponto, que foi já mas

de muitas mezes, particularmente por hum membro da sociedade da Agricultura de Brive, ainda naõ está discutido, e merece sello. *A muita ignorancia no campenez póde ser nociva? A sciencia de ler, e escrever; como se adquire nas aldêas, póde produzir os effeitos que se lhe suppoem? Haverá infinitos cazos, em que seja necessario que o campenez saiba ler, e escrever, &c.*

NATUREZA, E PROPRIEDADE DA CERA.

HE a cera a droga de que a Medicina faz maior uzo: he huma substancia oleoza que sûa das folhas das plantas, e fica adherente á sua superficie, d'onde as abelhas a tiraõ com o raspar das pernas para fazerem as suas pastas.

Da alfazema, e do rosmaninho se póde tirar cera pura; e conhece-se esta substancia nas folhas das plantas com o microscopio; o que bem mostra o erro dos que crem que se naõ póde tirar cera senaõ do tecido das plantas, ou folhas de flor.

A agua da Rainha d'Hungria cujo principal ingrediente he a alfazema tem bastante cheiro de cera, o que prova claramente que a cera he huma substancia vegetal, e naõ animal.

A chimica naõ faz outra operaçaõ na cera senaõ separar o seu oleo da sua fleugma, e do seu sal. Este oleo que vem á primeira distillaçaõ, e se congella á garganta da retorta, se

cha-

chama manteiga de cera, e com a cohobaçaõ, se reduz em oleo excellente, e liquido.

O meio de que se vallem para se preparar, he cortar a cera em migalhas, e fazela fundir docemente em huma retorta de vidro, até que o vazo fique metade cheio, e depois se enche de area bem secca, unta-se o recepiente, e se distilla com o calor de banho de arêa com hum fogo graduado. Ao principio sobe hum espirito acido, de muito máo cheiro, e máo gosto, e depois augmentando o fogo sahe hum corpo oleoso, como manteiga que se congella com o frio, e ordinariamente he branco: deve-se advertir de passagem que todos os saes dos corpos misturados saõ naturalmente acidos, o alkali he só a alteraçaõ que faz o fogo no sal natural.

Na cera naõ ha terra; de sorte que distilando-se só em huma retorta, naõ perde nada da sua substancia na distillaçaõ. Une-se-lhe pois area, bolo, ou cinzas para que derretida, e rarificada, se separem melhor os seus principios.

O oleo, ou manteiga da cera tem huma couza particular que he naõ perder nada pelas repetidas distilaçoens, somente se fazem mais delgados, mais claros, sem deixarem fezes. Pelo contrario os outros oleos se fazem constantemente mais espessos, e sempre depoem particulas de terra na cohobaçaõ.

A consistencia solida da cera procede da proporcionada mistura d'agoa, de sal volatil, e de oleo, pelo que se destroe a solidez confor-

me

se faz a separação dos seus principios: póde-se observar isto nas rectificaçoens, porque em cada distillação se separa quantidade consideravel d'agoa, e o oleo se clarifica mais.

De 32 onças de cera se tira na primeira distillação até o mesmo pezo de licor; a saber dous onças de espirito fleumatico acido, e vinte onças de manteiga.

Por este modo he a cera no seu estado concreto hum humor untuozo que distilla dos póros dos vegetaes em pouca porção á superficie das suas folhas, onde o Sol a engrossa, e d'onde a tirão as abelhas para seu uzo particular. Estes insectos a transportão para os seus cortiços nos pés, sem a meterem no corpo como fazem ao mel; similhante ao canfro não deixa fézes na distillação, mas he inteiramente volatil, e se faz branca ferve ndo-a em muitas aguas.

Conhece-se examinando attentamente huma especie de canfro nas folhas do rosmaninho, e de salva: daqui procede o alivio que cauzão estes vegetaes quando se applicaõ em cataplasmas nas partes doridas da gota, no tempo da dor.

He evidente que os vegetaes contem balsamos, ou oleos que póde sacar-lhe a distilação, sem que as partes de que se compoem se separem inteiramente; o que mais particularmente nos instrue da natureza do canfro. Por outra parte estes oleos pódem estar nos vegetaes por differentes modos.

Quanto aos uzos medicinaes da manteiga de cera se faz hum unguento extremamente

doce, e anodino, emolliente, e relaxante, muito grato aos nervos; e he de grande utilidade quando se uza em unçoens nos membros que estaõ contrahidos. He muito bom linimento para as hemorrhoidas, abranda as dores com modo muito prompto, e pasmozo.

O oleo da cera tem mais huma particular virtude para curar os tendoens contrahidos, e dar ás partes puchadas, e defeccadas a sua flexibilidade natural. Applica-se com fructo para resolver as frieiras, para colicas neufriticas, e ulceras dos rins, e da bexiga, para a retençaõ d'ourina, e quando se querem attenuar as fleugmas. A sua doze he de duas pingas até dez em vinho branco: ou em alguma agua distillada.

Mas o maior uzo de cera he em emplastros de differente especie. A cera sempre he a baze de todos estes emplastros a que devem a sua consistencia emplastica: conforme a virtude que lhe querem dar, se unem differentes ingredientes de varias naturezas.

MODO DE FAZER ÇAPATOS,

que salvem os pés da humidade.

O Abbade Bouteville, depois de haver experimentado a utilidade deste methodo deo conta delle aos Authores dos *Editaes dos tres Bispados.*

Lá

Lima-se cortiça com huma groza, e faz-se huma poeira similhante a serradura. Entaõ quando está cortada a primeira solla do çapato, se unta por fóra com huma pouca de colla de Inglaterra, sobre a qual se lança huma camada de raspas de cortiça: quando tudo está bem secco se lhe poem com huma brocha de seda de porco em varias camadas colla de Inglaterra, e sobre ella da mesma serradura de cortiça, e esta operaçaõ se repete sete, ou oito vezes. Quando esta especie de verniz tem a grossura de hum dedo se lhe poem em sima a ultima solla, que se tem preparado; prega-se com dous pregos, e se entra tudo a bater até ficar da grossura de hum cruzado novo em prata, e depois se coze pelo modo costumado. Estes çapatos se pódem fazer com todo o asseio, para homem, e para mulher, e saõ taõ leves, como os çapatos ordinarios; naõ passa a humidade, e este collado que naõ rompe, tem huma especie de elasticidade, que faz mais brandos os çapatos, fazem-nos em Metz pelo mesmo preço que os outros çapatos, bem que demandem maior cuidado, e trabalho.

CRIA-

ditos casulos para tirar delles a semente, ou para observar se a qualidade de seda era differente das dos outros. Observou que o anno, em que fez esta observaçaõ, a estaçaõ dos bichos de seda foi sumamente chuvoza, e que houve muitas trovoadas, e ventos, e que certamente foi cauza de naõ hirem os bichos tanto avante, como elle esperou no principio. Em hum estio mais secco, e mais favoravel, accrescenta elle, he indubitavel que seria melhor successo a minha experiencia. Observa M. Faure que como a arvore, em que poz os bichos da seda, era pequena, comeraõ a folha antes que trepassem, o que o obrigou a pôr sobre a arvore ramos de outras folhas, e reparou que esta mudança de folhas naõ prejudicou os insectos, mas naõ ha duvida que a folha da mesma arvore lhes seria muito mais sadia.

CRIAÇAÕ DOS PERUS NO FOREZ.

OS perûs do Forez, e principalmente do territorio de S. Chamond se engordaõ muito bem, pelo que saõ muito estimados, o que provem de huma operaçaõ muito simples, que he a seguinte. Daõ os seus ovos a chocar ás gallinhas communs: depois de sahirem se sustentaõ com sopa, ou caldo de substancia: observaõ muito bem huma couza, sem a qual sempre se malogra a sua criaçaõ, que he salvallos de toda

a hu-

Repararou M. Faure que estes bichos eraõ mais diligentes em cada muda tres, ou quatro dias do que aquelles que criava em caza fechada. Mudavaõ da cor quazi como os outros cada vez que acordavaõ; mas quando acabaraõ a quarta tomaraõ huma cor algum tanto verde, e differente da cor que tinhaõ aquelles que estavaõ em caza. Todo o tempo que os bichos estiveraõ na amoreira naõ reparou mais que em sinco, ou seis que lhe cahiraõ ao pé da arvore; conjecturou com razaõ que os passaros lhe tinhaõ comido muitos, pois que de trinta bichos somente lhe restaraõ sinco mas muito formozos e valentes: andavaõ muito mais velozes do que os que estavaõ em caza, e em pouco tempo treparaõ pela arvore assima. Veio o tempo em que estes animaes se dispozeraõ a fazer os seus cazulos, entaõ começáraõ a mover-se com mais vagar, e a comer pouco, e cada hum escolheo seu sitio no mais escabrozo da arvore, e [illegible]chas, de modo que estavaõ inteiramente cobertos, e depois começáraõ os seus cazulos, em que trabalharaõ sem descançarem, e acabáraõ em quatro, ou sinco dias. Eraõ muito formozos os cinco cazulos, menos ovaes, e hum pouco mais delgados do que os que estavaõ feitos em caza; dous foraõ brancos, e tres amarellos; e os brancos tem excellente lustro; eraõ taõ duros que com muito custo se dobrariaõ apertando-os entre os dedos, e se atirassem com elles á cara de alguem ferillo-hiaõ. Pezaraõ os sinco cazulos quazi tanto como outo dos que fizeraõ em caza.

M. Faure sentio muito de naõ ter guardado

es-

estes cazulos para tirar delles a semente, ou para observar se a qualidade de seda era differente das dos outros. Observou que o anno, em que fez esta observaçaõ, a estaçaõ dos bichos de seda foi sumamente chuvoza, e que houve muitas trovoadas, e ventos, e que certamente foi causa de naõ hirem os bichos tanto avante, como elle esperou no principio. Em hum estio mais secco, e mais favoravel, accrescenta elle, he indubitavel que seria melhor successo a minha experiencia. Observa M. Faure que como a arvore, em que poz os bichos da seda, era pequena, comeraõ a folha antes que trepassem, o que o obrigou a pôr sobre a arvore ramos de outras folhas, e reparou que esta mudança de folhas naõ prejudicou os insectos, mas naõ ha duvida que a folha da mesma arvore lhes seria muito mais sadia.

CRIAÇAÕ DOS PERUS NO FOREZ.

OS perûs do Forez, e principalmente do territorio de S. Chamond se engordaõ muito bem, pelo que saõ muito estimados, o que provem de huma operaçaõ muito simples, que he a seguinte. Daõ os seus ovos a chocar ás gallinhas communs: depois de sahirem se sustentaõ com sopa, ou caldo de substancia: observaõ muito bem huma couza, sem a qual sempre se malogra a sua criaçaõ, que he salvallos de toda

a hu-

a humidade, principalmente da herva, até que o pescoço começa a criar penugem vermelha: Taõ fracos saõ antes desta epoca, e incapazes de sustentar a menor humidade, tanto mais robustos saõ depois, isto he, depois que entra a côrar o pescoço: entaõ naõ saõ necessarias mais cautellas, resistem a todo o rigor do tempo: sómente quinze dias antes de se quererem matar, se cevaõ com bollas de substancia que se lhe mettem pelo bico, ainda que estejaõ dormindo.

METHODO

uzado em Hall, e suas vizinhanças para prezervar o gado.

TEm se reparado que o uzo de borrifar com agua fria o gado vacum doente tem sortido sempre bom effeito. Tem sarado a maior parte das rezes que se tem assim molhado, se estavaõ doentes, e as que estavaõ boas se tem salvado do contagio. Este remedio tem tido, e sempre terá contradicçoens, porque he simples; mas de que valem todas estas razoens contra a experiencia? Além disso naõ faltaõ boas razoens, com que se prove, que este remedio pode, e deve ser efficaz. Quando o gado doente naõ quer comer, e que naõ remoe, geralmente concordaõ que este fastio lhe provem da fraque-

za das partes internas; ora naõ ha couza mais propria para tirar este empachamento, ou antecipallo do que a agua fria, dá ás partes internas a sua força, e elasticidade. Se o animal passa bem, naõ se póde duvidar que a agua fria lhe dê novo vigor: faz com que o sangue circule mais rapidamente, que as partes internas tenhaõ mais acçoens, e exercicio; atalha por consequencia a interrupçaõ, ou debilitaçaõ do seu movimento; logo he facil perceber que a agua fria he hum preservativo, e hum remedio contra esta peste funesta, que destruindo o gado, leva ao homem a sua subsistencia.

Ao mesmo tempo que se recomenda o lançar a miudo agua fria sobre o gado, que está doente, ou que o naõ está, se repara que naõ ha couza que lhe seja mais damnosa no Inverno, do que tellos fechados em cavalherice quente, pouco arejada, e pouco limpa. O ar, que naõ circula, o calor, que naõ he natural, o vapor do esterco, que sempre está fermentando, saõ outras tantas cauzas que concorrem para relaxar, enfraquecer, e entropecer as partes do corpo do animal. Daqui rezulta que nos dias frios, e serenos de Inverno he util tirar para fóra o gado do curral, e deixallo respirar o ar do campo. Sería tambem util que os curraes tivessem muitas janellas, principalmente da parte do Norte, e do Este.

Outra couza que tambem tem sido muito util ás rezes doentes tem sido o dar-lhe algumas colheres de angelica destemperada em agua ardente de graõs.

DO

DO MODO, E VENTAGENS

de fazer nos fornos estufas para seccar trigo, e centeio.

POr quanto as estufas, que M. Duhamel, e outros muitos depois delle tem imaginado, saõ de despeza quanto á construcçaõ, e conservaçaõ; por isso inculcamos as do Baraõ d'Espagnac de Puimarets, que tem facil construcçaõ, e modica despeza, e livre dos inconvenientes, a que as outras saõ sujeitas.

M. de Puimarets condoido do embaraço em que se achavaõ os Administradores do Hospital geral de Brive, fez o seu primeiro ensaio; e vendo que os graõs do paiz, isto he, o centeio, saõ naturalmente humidos, e pezados, e que naõ podiaõ facilmente moer-se em farinha capaz para bom paõ, assentou que compria antes de moer seccallos bem; e para isto fez ladrilhar sobre o forno, e levantou paredes de seis pés de alto; e nesta especie de camara que formou espalhava o graõ que queria seccar, no mesmo tempo que cozia o forno.

Dos graõs bem seccos, e bem enxutos resultava serem capazes de fazer boa farinha, com que fez excellente paõ.

He sobre tudo util nos paizes septentrionaes deixar amadurecer o graõ na palha para o

naõ começar a debulhar fenaõ pelo meio de Dezembro, continuando efta operaçaõ todas as vezes que ha neceffidade de graõ para immediatamente os lançar na eftufa.

Depois deftas repetidas experiencias affentamos que faõ uteis eftas eftufas economicas, porquanto contribuem para beneficio do graõ, ao mefmo tempo que o defendem da fermentaçaõ, que o deteriora, e dos infectos que o desfalcaõ.

EXCELLENTE LANCE DE URBANIDADE

de huns rendeiros, e vaffallos para com feu Senhor.

PElo meio do ultimo feculo, tinha a caza de *Kergroadez* o Senhorio de huma excellente herdade defte nome na Dioceze de Leaõ, na Provincia mais fertil da Baxa Bretanha, cuja renda, e vaffalagem tem lugar, ifto he que os vaffallos tem bens fundos, e hereditarios com fòros ao direito Senhor; e os mefmos dominios proprios do Senhor andaõ como perpetuados nas familias dos antigos rendeiros, que de pais a filhos cultivaõ as terras, e a tem como mãi commum dos Colonos, e Proprietarios.

Vendo-fe quazi por effe tempo *M. Kergroadez* carregado de dividas fe rezolveo a vender efta terra. Sabendo-o os feus rendeiros, e vaffallos fe juntáraõ, e acordaraõ mandar-lhe os an-

anciãos, e os de mais authoridade entre elles a pedir-lhe, *que os naõ vendesse a contratadores, e saber que razoens o moviaõ a isto.* Enternecido aquelle Fidalgo, respondeo aos Deputados que o mizero estado da sua fortuna o obrigava a separallos de si, que já naõ podia ter maõ no seu estado, e que absolutamente lhe era forçozo vender, para ao menos conservar para seus filhos os resquicios da sua fortuna. *Vossos filhos*, replicáraõ os velhos, *a ninguem pódem ficar mais bem recomendados do que a nós: com tudo sabemos que elles naõ merecem devêrem-nos a nós a sua subsistencia; e pois que sómente se trata de restabelecer a vossa caza, havei por bom confiar de nós o vosso estado: quanto importaõ as vossas dividas? Ellas saõ nossas de todos nós.* A vossa boa vontade, o vosso generozo procedimento me espremem as lagrimas, respondeo M. de *Kergroadez*, mas eu devo trezentas mil libras; e assim tudo me diz que devo passar pela disgraça de vos perder.

Os Deputados lhe gratificáraõ a confiança, que nelles tinha, e se retiráraõ promettendo-lhe vizitallo outra vez. Voltáraõ com effeito passados alguns dias, e lhe entregáraõ as trezentas mil libras de que necessitava, e assignáraõ huma escritura de convençaõ, cuja minuta ainda subsiste.

Por esta convençaõ lhe deixáraõ ao Fidalgo metade da renda da sua terra, para viver conforme a sua qualidade, e se obrigáraõ a naõ se embolsar do seu capital senaõ em quarenta annos por huma porçaõ das suas rendas: acabáraõ

raõ a sua vizita por modo bem differente dos sindicos da direcçaõ, pedindo ao Fidalgo lhe quizesse *acceitar hum mimo de oito cavallos de carruagem*, para que, diz a escritura, *a Senhora podesse hir á Parroquia com toda a decencia.*

Acçaõ esta digna de ser eternizada nos annaes da economia, que saõ os da razaõ, da generozidade, de todas as virtudes. Oxalá que em iguaes circunstancias imitassem os rendeiros, e vassallos similhante exemplo! Quantas terras penhoradas deixariaõ de ser prezas de pessoas, que naõ tem a ellas direito algum!

MODO DE PREPARAR A CORTIÇA

para embaraçar a evaporaçaõ dos licores, e saes, &c. recentemente descuberto em Suecia.

ATé agora se tem applicado meios differentes para embaraçar a evaporaçaõ do espirito de vitriolo, agua forte, sal volatil &c. Envernizavaõ as rolhas de breu, colla, e com outros ingredientes para embaraçar toda a sahida ás partes espirituosas, que saõ sujeitas a evaporaçaõ; mas ainda fechando-as depois com cubertas de cera, de pano, e de bexiga, nunca se pude conseguir. *M. Ruden Schupold*, Conselheiro do Commercio em Suecia, achou que a cera virgem, ou curada ao Sol, misturada com cebo de boi bem purificado (dous terços de cera, e hum de cebo)

no) communica á cortiça, que foi mettida duas ou tres vezes nesta compoziçaõ, a propriedade de naõ deixar transpirar nem as partes mais subtís do licor mais forte, e espirituozo. Cada vez que a cortiça se metter nesta mistura de cera, e cebo se mette a parte mais larga para baixo sobre huma pedra, ou chapa de ferro, e assim se mette em hum forno quente até seccar perfeitamente. Se a cortiça se deixar ferver na sobredita mistura, adquirirá mais breve a virtude, que se busca; mas perderia parte da flexibilidade, e elasticidade. Com esta preparaçaõ naõ deixa a cortiça evaporar parte alguma espirituoza de licor algum. He verdade que com o tempo a come a agua forte, mas rezifte muito mais tempo. As rolhas assim encerradas em dous terços de cera, e hum de cebo naõ daõ máo cheiro ao vinho, ao mesmo tempo que as rolhas de Inglaterra, que se fervem em azeite, lhe communicaõ hum cheiro dezagradavel.

EXEMPLAR MODERAÇAÕ

do novo Bispo, e Principe de Spira, Augusto Felippe Carlos, Conde de Leinbourg-Styrum.

ESte Principe, querendo valer aos seus vassallos diminuindo a sua despeza, reformou a maior parte da sua Muzica, cavallos, e officiaes de Montaria: disse claramente *que hum Pai de familia*

milias se dava mais a conhecer no modo de viver com parcimonia entre os seus filhos, para atender melhor ao seu commodo, do que na prodigalidade, fasto, e satisfaçaõ dos caprichos pessoaes.

Reduzio as suas tropas áquelle numero que a Policia, e segurança publica requerem absolutamente. Ordenou aos que cobravaõ as suas rendas que tratassem o seu povo com a maiõr moderaçaõ, *alguns mil florins de mais*, lhes disse elle, *seriaõ para mim hum superfluo que talvez privaria a mais de hum pobre do necessario.*

Por hum ajuste feito antes da sua eleiçaõ entre o Tribunal das aguas, e florestas com os Hollandezes; estes deviaõ cortar, e tirar outo milhoens de florins de arvores; mas o Principe pouco tentado de embolsar similhante somma, annullou o ajuste, e naõ se effeituou o corte.

Debalde lhe reprezentaraõ estes officiaes dos bosques que este contrato estáva muito ventajozo, mas naõ o será para o meu povo, respondeo elle, porque depois de similhante corte haveria falta de lenha, e sería taõ cara, que a naõ podessem comprar os que tem menos com que se cobrir do frio. Quanto merece similhante Principe ser abençoado no *Ceo*, e na terra!

UZO

UZO SAUDAVEL

Para o gado, observado em Fribourg na Suissa.

UZaõ neste cantaõ abundante de gado de dar sal ao gado vacum, e lanigero, e o tem por excellente prezervativo contra as molestias contagiozas, que effectivamente saõ raras no paiz, depois que se estabeleceo este uzo. Daõ huma boa porçaõ ás vacas de manhã, e a noute antes de as mugirem, e ás mais rezes huma vez cada dia; ás ovelhas, e carneiros huma vez cada dous ou tres dias.

MEIO EFFICAZ

Para matar a lagarta.

COmo as uvas espinhas, e mais arbustos da minha vezinhança estiveraõ este veraõ cubertas de lagartas; imaginei o methodo seguinte para nos livrarmos efficazmente destes insectos, e matallos: o qual participo ao publico. Faça-se huma grande carapuça de salgueiros em forma de sino, no qual se colla papel pardo: deve ter grandeza bastante para cobrir a arvore; a terra deve

ve eſtar coberta com huma eſteira, pano ou lançol que exceda a cobertura por toda a parte: entaõ ponhaõ ſe em roda da arvore contra o vento mechas de enxofre acezas, e tudo ſe cubra com a carapuça; iſto feito quazi em hum inſtante, cahem as lagartas ſobre a eſteira, de modo que ſe pódem alli matar todas: convem ter a cautella logo que ſe fizer a operaçaõ de tirar a carapuça, e lavar bem a arvore, aliás o enxofre lhe ſeccará todas as folhas.

He com tudo de reparar que ſe as folhas ſeccarem, iſto naõ embaraſſaria que a arvore vegetaſſe depois, porque neſtas circunſtancias logo brotaõ folhas novas, e com melhor verde. Talvez que perecendo as folhas muito cedo, dê a arvore mais fructo.

ESTABELECIMENTO PROPRIO

para a multiplicaçaõ, e peſeiçaõ dos cavallos.

ERaõ os divertimentos dos antigos Gregos, e Romanos os Jogos Equeſtres; noſſos Maiores ſe deraõ, como elles, a eſte exercicio; e no fim do ſeculo paſſado na maior parte das villas, e Cidades do Reino até havia onze dias conſagrados a eſtas carreiras, e premios deputados para os vencedores; mas á medida que eſte uſo foi deſcahindo, foi eſmorecendo a curioſidade de ter bons cavallos; e deſde entaõ ſe deſcuidaraõ de

os criar, e vieraõ a ser raros. Assentou-se acodir a esta perda com Regimentos, e ordens para se castrarem os cavallos mediocres, e sobmetter às candelarias Reaes todas as egoas do Reino, sujeitando-as a vizitas de Inspectores &c. Mas estes meios bem fóra de produzir aquelle effeito que se esperava, desgostaraõ a maior parte dos Fidalgos que nas suas terras criavaõ as melhores raças, e se deixaraõ deste commercio, o que tem diminuido a multiplicaçaõ, e as especies mediocres destinadas para o trabalho campestre se tem arruinado por lhe darem pais cançados, ou de más raças, e assim naõ ha mais, do que cavallos fracos, ou mal feitos.

Para remediar estes inconvenientes seria necessario deixar aos Cidadãos a liberdade de melhorar as raças, e abraçar em muitas partes das provincias o exemplo de alguns cavalleiros, que amantes do bem publico, se tem juntado para instituir em *Clermont-Ferrand* huma carreira de cavallos d'Auvergne. Contaõ as novas publicas este facto. E o primeiro premio se julgou á velocidade do macho de hum cavalleiro desta Provincia.

Similhantes instituiçoens contribuiriaõ muito para a multiplicaçaõ dos cavallos bons, e formozos; e os criariaõ de muito melhor vontade com a certeza de serem bem pagos por aquelles que quizessem brilhar na carreira, e ali ganhar o premio della: as especies medianas crescriaõ, e sobrariaõ cavallos para o Commercio, e artilharia.

DA

DA CULTURA DAS BATATAS.

SEria util promover a cultura das batatas no Reino. As Provincias onde he conhecida nos deviaõ dar o exemplo, multiplicando a sua sementeira: o *Franc-Condado* está nestas circunstancias.

Ha mil razoens para alentar este genero de cultura: algumas saõ geralmente conhecidas, outras naõ tanto, e outras inteiramente ignoradas.

Este genero de legume juntamente com o proveito de ser hum alimento sadio, e abundante tem o de ser segura a sua colheita: He couza de muita ponderaçaõ o pouco fabrico que pede, e a qualidade que tem de se poder goardar muito tempo; e esta ultima ventagem póde ser maior preparando-se com pouco custo, como vamos ensinar.

As batatas colhem-se depois de todas as mais colheitas; o tempo de se agricultar he o em que o Agricultor está menos occupado, e naõ toma o tempo ás mais sementeiras.

Com tudo a terra onde se semeaõ as batatas requer seu preparo, e trabalho: daõ-se-lhe ordinariamente tres fabricos: o primeiro á enchada, com hum gradamento, e mais outro fabrico para immotar os pés; e a chegar-lhes a terra.

A. i Di-

Dizem geralmente que as batatas querem terras muito boas: he verdade que produzem melhor nestas terras, como geralmente todas as producçoens, mas nascem em toda a parte: eu aconcelhára que se começasse sorribando para esta cultura: apontarei as minhas razoens.

Os campos onde se semeaõ as batatas devem primeiro cavar-se: a terra que está dura por mui descançada, ou muito pedregoza que naõ dá facil entrada ao arado, e por isso he util afofalla com o fabrico da enchada, o que sempre he necessario para a cultura das batatas. Para produzirem requer-se necessariamente segunda cava, que faz necessariamente outra revolta na terra já muito compacta, no campo assim remechido se plantaõ as longas fibras da planta, depois de tiradas as raizes, que he o seu fructo; estas fibras saõ para o campo hum adubo natural, e bastantemente forte, e fecundo: a sorriba que se semeia hum anno de batatas, grangea para o anno que vem hum principio de fecundidade, e de mobilidade que a faz docil ao arado, e a toda a mais cultura.

Ha pouco tempo que se inventou em Alemanha huma certa preparaçaõ das batatas, que supria o uzo diario do café, ao menos este foi o fim de seus Inventores. Duvido muito que o persuadaõ. Esta nova bebida talvez seja taõ saboroza, he certamente sadia, e infinitamente mais barata. Fazendo qualquer leve reflexaõ se conhecerá que todas as razoens a favor saõ necessariamente tambem contra. Com hum genero de vil preço mal póde supprir huma contra in-

introduzida mais pelo luxo, do que pela necessidade. Até me persuado que huma bebida violenta se tem feito quazi necessaria a estes velhos corpos resseçados, moradas de huma alma ainda mais definada. Sem duvida que algumas pessoas tomaõ café por gosto: mas o maior numero delles por costume, e por moda veio a ser geral o seu uzo. Os nossos Sibaritas se envergonhariaõ de beber o vinho mais generozo se fosse mais barato: toda a boa comida sabe bem pelo preço, que custa, até os deleites se medem pelo pezo do ouro que custou; a moça mais cara, bem que mais inferior, será a mais agradavel.

O café aos Europeos tem estragado os estomagos a troco de milhoens, porque o tem pago; e esta planta he hum remedio saudavel, que o abuzo tem convertido em saborozo veneno; mas os homens estimaõ affincadamente o veneno, de que elles mesmos fazem escolha. Naõ he pois com intençaõ de supprimir o uzo de huma bebida muito pouco sádia, para deixar de ter apaixonados, que indico a nova preparaçaõ das batatas. Ella sem duvida diminuiria em parte o gosto muito dispendiozo do café; porém esta reforma só se póde fazer por pessoas cordatas, e nunca fará hum grande ramo de commercio. Por fim a sua receita he a seguinte.

Mettem-se as batatas em agua fervendo, quanto baste para as pelar facilmente, e nada mais.

Isto feito se cortaõ em rodas muito delgadas; estendem-se sobre taboas, ou folhas de flandes,

des, e se seccaõ no forno, com cuidado de as voltar, para seccarem melhor, depois se torraõ, se fazem em farinha, e se preparaõ como o café, misturando-as com leite, e assucar. Esta bebida he muito sadia, saboroza, mas tem hum grande inconveniente, que he naõ vir do ultramar.

Pondo de parte a moral concedemos, que o café de Moka tem mais espirito do que as batatas, mas desta preparaçaõ simples das batatas tira-se mais proveito. Facilmente se conhece que a batata secca, como deixamos dito, reconcentra nesta operaçaõ todas as partes succulentas, no menor volume possivel; do que se segue que hum homem poderia, sem se incommodar na sua jornada, levar neste fructo de que se sustentar muitos dias; isto certamente o estorvaria menos do que o pezo do paõ, que o Soldado he obrigado a tomar cada quatro dias, em quasi todas as expediçoens de guerra: e o pezo, e cansaço lhe diminue o mesmo vigor, que lhe póde dar com o seu alimento.

Já propozemos o uzo da batata em lugar de paõ de muniçaõ; o que póde ter sua utilidade, mas reduzir por meio do torrado igual porçaõ intrinseca a pezo, e volume menor me parece maior novidade. Seja novidade, ou naõ, o que importa he ver se he conveniente.

Tudo isto me está lembrando, que os Principes estrangeiros naõ conhecem o que he mais util neste fornecimento de paõ em tempo de guerra: os paizes onde estaõ as tropas saõ ferteis de batatas, os Soldados tem de menos

o tra-

o trabalho da conducçaõ, e naõ sentem falta; e achaõ-se os Principes mais ricos no fim da campanha; os Assentistas he verdade que naõ lucraõ tanto.

LANCE DE BENEFICENCIA DO IMPERADOR;

Meio infallivel com que atalhou muitos abuzos.

A Fama tem tomado a seu cargo o dár-nos conta de muitos lances notaveis de Sua Magestade Imperial; citaremos entre outros hum que he digno de se gravar no marmore mais duravel.

Este Principe, disfarçando muitas vezes o explendor da sua Corte, passeia dezacompanhado pelas ruas de Vienna vestido como hum simples particular. Repara attentamente no que passa, soccorre os mizeraveis que tem a ventura de o encontrar, ouve o que delle se diz, e sobre isto regula as suas acçoens, e o como se deve haver para fazer feliz hum povo a quem estima.

Encontrou hum dia huma rapariga affligida, que levava debaixo do braço hum embrulho. Que tens, lhe diz elle, com aquelle modo carinhozo, que mostra o aballo que fazem no seu animo pessoas que se vem opprimidas de disgracias? Porque tens os olhos nadando em lagrimas? Que levas ahi? Onde vais? Poderei

em remediar essa afflicaõ que te oprime? A rapariga que necessitava dezafogar o coraçaõ abafado de tristeza, naõ rezistio á curiozidade do Principe, a quem naõ conhecia, e que com tamanha brandura a convidava a descobrir-lhe o seu trabalho. Levo aqui, lhe respondeo, os vestidos de minha disgraçada mãi; vou vendellos: e he, accrescentou com huma voz cortada de soluços, o ultimo recurso que nos resta para vivermos..... Ah! se meu pai, que tantas vezes derramou o seu sangue em defeza deste Imperio, vivesse ainda, ou se elle tivesse sido premiado com os despachos competentes aos seus serviços, naõ me verieis cheia do oprobrio que acompanha a pobreza.

Se o Imperador soubesse o teu estado, lhe respondeo o maviozo Monarca, elle o teria remediado. Tu devias requerer-lhe com huma petiçaõ, entregando-a a alguma pessoa de consideraçaõ que lhe expozesse a tua necessidade. Já o fiz, lhe respondeo ella, mas foi sem fructo. O Fidalgo, a quem me dirigi, me respondeo que nunca poderá conseguir couza alguma; e confesso-lhe que isto me fez descahir muito do bom conceito que tinha do Imparador.

Pois certamente que te enganaraõ, respondeo o Imperador dissimulando a magoa, que lhe cauzava esta confissaõ: posso-te segurar, que lhe naõ fallaraõ huma palavra das circunstancias, em que te achavas; elle he muito amante da justiça para deixar morrer á mingoa a viuva, e a filha de hum cabo, que o servio bem. Faze huma Petiçaõ, traze-a amanhã a tal

ício do Paço, e a tal hora; e se he verdade o que me dizes eu farei com que falles ao Imperador, e elle te despachará.

A rapariga enxugando as lagrimas, se desfazia em agradecimentos a este desconhecido, quando este acrescentou: No entanto naõ he necessario que vendas os vestidos de tua Mãi. Quanto te parece que te dariaõ por elles? Seis Ducados, lhe respondeo ella: pois aceita estes doze que eu te empresto até ao teu despacho.

Ouvindo isto; corre a caza, entrega a sua mãi os doze ducados, e lhe communica as esperanças que tinha em hum generozo desconhecido, em hum Fidalgo, que dizia ser bom empenho para o Imperador. Fez delle tal pintura, que todos os parentes, e vizinhos, que a ouviraõ reconheceraõ por tudo quanto dizia, ser o proprio Imperador.

Envergonhada de lhe ter fallado com tamanha liberdade, naõ teve valor de apparecer no dia seguinte no Paço. Seus parentes quazi por força a leváraõ; chega tremendo: o acanhamento, a gratidaõ, a esperança agitavaõ alternadamente a sua alma perplexa, e timida: via no seu bemfeitor o seu soberano, e deo-lhe hum desmaio.

Entre tanto o Principe, que quando a encontrou na vespera teve o cuidado de lhe perguntar o nome de seu pai, e em que Regimento tinha servido, se tinha informado, e estava certo de que era verdade quanto lhe tinha dito. Quando ella tornou a si, e a tiráraõ do

quar-

quarto para onde a tinhaõ levado, a fim de lhe acodirem com o precizo; o Imperedor a mandou entrar com os seus parentes para o seu gabinete, e lhe disse com a maior affabilidade. Aqui tendes para vossa mãi o decreto de huma tença, igual aos soldos de vosso pai, em metade della tereis vós a sobrevivencia, no acazo ella morra primeiro. Sinto naõ saber mais sedo o vosso estado, porque sem demora lhe acodiria.

Desde entaõ he que tem este Principe, a fim de valer a seus vassallos como paternal obrigo, e prevenir multidaõ de abuzos, determinado hum dia na semana para dar audiencia a todos quantos lhe querem entregar os seus requerimentos, e ouve as suas queixas.

GENEROZO LANCE

Dos Negociantes de Chalons nas margens do Saona.

CHalons junto ao Rio Saona, estava em grande risco de padecer a mais triste fome, e o povo que em similhantes trances merece a maior compaixaõ, naõ tinha em que firmar a sua esperança, mais do que puramente na Providencia; quando os Negociantes da Cidade se juntaraõ a deliberar acerca dos meios com que poderiaõ salvar a Cidade das disgraças, que a

assombravaõ. Com unanime acordo aventuraraõ todo o seu cabedal, e pessoas para remedio dos seus patriotas affligidos; em consequencia do que adiantaraõ as somas preciozas, sem quererem lucros, nem beneficio algum, para se comprar em Marselha o trigo precizo até á colheita. O successo correspondeo bem ás suas diligencias, e o Thezoureiro Geral instruido de taõ nobre procedimento, escreveo á M. Amelot, Intendente da Borgonha nestes termos.

Os Negociantes de Chalons no Sama fazem-se credores de todo o elogio. Naõ ha couza mais digna de louvor do que o zelo, com que estes honrados Cidadãos valeraõ com o seu credito, e com todos os recursos com que podiaõ, aos seus compatriotas, e a generozidade com que igualmente trabalhaõ por acudir ao publico. V. m. lhes segurará que me naõ esquecerei de lembrar a Sua Magestade o seu dezinteresse, e poderá certificallos, de que Sua Magestade terá disto a maior satisfaçaõ, e eu sou &c. = Assignado = Terray. *Esta carta tem a data de 23 de Abril de 1771.*

MODO DE PREZERVAR DE PODRIDAÕ

á carne secca, e de a conservar boa, e sem se enrezinar.

HA muitas terras, em que o methodo de seccar ao fumeiro, e de salgar a carne he taõ im-

imperfeito, que depois se vem a corromper, minar de bichos, e a enrezinar-se de fórte que perde todo o sabor. Certo negociante de Munster, Cidade, onde se salga, e secca muita carne, assentou que para o bem publico devia publicar o segredo, de que se serve utilmente, a fim de precaver todos estes inconvenientes.

A carne deve-se seccar pouco ao fumo, de modo que fique mais fumada do que secca. Preparada assim conserva boa côr, e todo o sabor. Os choriços, por exemplo, naõ se devem ter ao fumo mais de 24 horas, ou quando muito dous dias, quando saõ muito grossos. Depois se deixaõ seccar ao ar, e naõ tomaõ algum cheiro. A carne muito fumada, como fazem de ordinario em varias terras se faz dura, encorriada, e sem gosto.

Para que lhe naõ entrem os bichos, he necessario pelos fins de Abril metella em barricas, e fechalla de fórte, que lhe naõ penetre o ar. Deixa-se assim até ao fim de Maio, tempo em que os insectos saõ mais arriscados, e em que elles multiplicaõ mais: depois convem dezembarricar a carne, e pendurálla ao ar patente.

O costume de seccar á fumo a carne naõ he commum em França: com tudo he methodo excellente, que dá pouco trabalho, e poupa muito sal, genero muito caro, devendo ser muito barato. Os Allemaens seccaõ muita, e se achaõ bem: tem a mania de imitar as nossas modas, sendo aliás mais conveniente que nós imitassemos a sua economia.

IN-

INVENÇOENS.

NOVA INVENÇAÕ DE PISTOLAS,

com que se pódem atirar quatorze tiros em hum minuto.

DAniel Mottet, espingardeiro, e Cidadaõ de Morat na Suissa, inventou humas novas pistolas, com as quaes em hum minuto se pódem muito bem atirar quatorze tiros com balla: e carregaõ-se para estes quatorze tiros com tanta facilidade, e destreza, como para hum só nas pistollas ordinarias. Naõ tem mais do que hum cano, e huns fechos: tem de comprimento 16 polgadas, o cano sete, e seis o deposito, ou armazem da polvora: pezaõ tres libras e meia. Da parte esquerda dos fechos tem segura huma chave, com que de hum movimento simples desfecha o caõ, cahe a polvora para hum tiro no ouvido, e entra com a balla no cano, e se fecha o ouvido.

Este unico movimento de chave he bastante para poder atirar a pistola, e a balla fica apertada no cano. Cada balla fura huma taboa de grossura de huma polgada a cem passos de distancia. O depozito da polvora he taõ bem fechado que naõ penetra a chuva: além disso a

pol-

polvora naõ cahe no ouvido, fenaõ á proporçaõ que fe desfacha o caõ. O feu inventor tem feito em muitas partes experiencias abonadas pelo fucceffo: atirou mais de tres mil tiros, fem que cauzaffem damno algum á maquina, nem houveffe perigo em quem atirava.

O feu preço he de feis moedas, que fe pagaõ metade quando a obra fe encomenda, e outra metade quando fe recebe. O mefmo Mottet naõ pode começar a fazer menos de vinte, e huma vez que tiver efte numero completo encomendado começará a fabricallas, quando naõ obriga-fe a repôr o dinheiro. Se houveffe numero de curiozos, que lhe encomendaffem hum cento, fallas-hia muito mais baratas, rezervando hum premio para a invençaõ. Acabadas as piftolas fará huma experiencia de cem tiros, e outra fimilhante quando as entregar. Em fua caza em Morat fe póde fazer experiencia na que elle fez; e elle vai peffoalmente onde o chamaõ fazer a experiencia, com tanto que o embolfem dos gaftos da jornada.

NOVO INSTRUMENTO

para a fumegaçaõ do tabaco.

ENfina-nos a experiencia que fe póde reftituir a vida a peffoas afogadas, enregelladas, foffocadas, enforcadas, &c. Neftas circunftancias fe

uzaõ

uzaõ differentes meios, e entre elles ministraõ o fumo do tabaco; porém como se poderia introduzir no corpo este fumo; he o que me tem muitas vezes embaraſſado. Mas ceſſa eſte embaraſſo agora, que hum artiſta tem inventado huns folles com dous cachimbos. Acezos os cachimbos paſſa o fumo para o folle; e por elle a hum canudo introduzido no corpo do doente na quantidade gradual que se quer.

Achar-se-haõ muitos deſtes inſtrumentos na *Meza das Noticias* da Cidade de Lepſic.

Já no Diario Economico de Abril de 1769, p. 162, se indicou entre outros meios, de que se póde uzar para reſtituir a vida aos afogados, eſta introducçaõ do fumo quente, e irritante do tabaco no corpo, por meio de huma maquina, que quazi imita o folle de que fallamos. Alli se diz que se achará em Amſterdaõ em Bunſtraat, em caza de M. Steitz.

PERFUMADOR,

Ou Folle mequanico de que podem uzar os Cultivadores, a fim de matar todos os ratos, toupeiras, arganazes &c.

Este inſtrumento metallico, e portativo se faz de ſorte que tenha fogo, e lança huma torrente de fumo, que por canaes, que se lhe metem do comprimento neceſſario ás circunſtancias aſſo-

foga no interior das suas covas todas as familias inteiras de bicharia terrestre, que destroe a cultura; tambem se póde uzar delle com ventagem contra as lagartas que acabaraõ de nascer.

O fogaõ se enche de trapos de toda a casta molhados em oleos ruins, e gordura com ranço misturada com enxofre, pés alcatraõ, e outros cheiros ruins, e que soffocaõ: hum pequeno fuzil basta para o ascender, e o movimento do embulo atéa o fogo.

Naõ ha agricultor que deixe de ter experimentado os estragos que causaõ estes animaes estragadores, e naõ tenha mais de huma vez experimentado nos meios de se livrar dellas. O proveito desta maquina se póde dar por seguro naõ havendo animaes que reziftaõ ao seu effeito, e póde-se avaliar como o meio mais efficaz de todos de que se tem uzado até ao prezente.

Vende-se em Pariz em caza de M. Diodel na Rua de S. Honorato defronte do Oratorio: Custa 11:520 réis. Este preço parece demaziado para a economia campestre, e poderá fazer inutil este descobrimento aliás util, que assentamos se deve attribuir a M. Tillet, pois que ha alguns annos appareceo deste Accademico outro instrumento similhante, ou que pelo menos tem o mesmo principio.

MA-

MAQUINA PARA ABRIR VALLAS,

Inventada em Vienna d'Austria.

NEm a todos he permittido defender o seu campo das incursoens dos estranhos, e das féras: o uzo de marcar os limites das possessoens por modo que seja estavel, naõ he geral, bem que a falta desta pratica seja hum manancial perenne de differenças, e litigios. Falta em muitas partes a liberdade de dar escoadouro ás aguas damnozas ás terras. Nos sitios, em que cada qual goza plenamente das suas propriedades, onde a prudencia he quem dirige a justiça, confomando-se com o bem dos Proprietarios pôdem as vallas supprir estes differentes objectos: abrem-se para huma, e outra parte, mas este trabalho occupa muita gente, e saõ despezas, e cuidados roubados a outros trabalhos; pelo que se remettem taes obras para o peor tempo, em que muitas vezes se arrisca a saude do trabalhador. Hum habil Agronomo armou huma maquina com que se evitaõ os inconvenientes annexos a este genero de trabalho: he huma especie de charrua, de que uza como das charruas ordinarias com que abre as vallas em qualquer especie de terreno. He tirada por cavallos, ou jungidos, ou hum diante do outro; quando assim o requer o terreno, e o numero se proporciona a quali-

dade

dade da terra: vai a traz hum homem limpando a valla da terra que tornou a cahír, e em cazo de necessidade rege tambem a charrua. Com este instrumento vimos abrir com a maior celeridade vallas de 65 varas de comprido, 12 palmos de largo, e 6 de fundo. Seguraõ que em hum dia se abrem 120 varas com esta altura. Seria inutil perder tempo em demonstrar quanta recomendaçaõ merece huma maquina, quando poupa (maiormente na Agricultura) tempo dinheiro, e trabalhadores!

SEGREDOS DE PURO REGALO.

MODO DE GELAR CREME,

e outros licores para sobremeza.

TEndo preparado o licor, que se ha de gelar, se poem neve em huma catimplora: piza-se, e se lhe lança hum terço de sal marinho, ou sal amoniaco, ou salitre, ou de assucar ordinario, ou de cal viva, ou de sal chamado *varech*, que se faz na Normandie da cinza d'alga, e mais plantas marinhas queimadas. Mecha-se depressa esta mistura, e se mette em hum vazo cylindrico de folha de flandres, onde está fechado o licor, que se ha de gelar. Para se gelar depressa se move continuamente o vazo, que deve ter em

em sima huma argola muito grande para poder metter a maõ, e voltar commodamente o cylindro. A medida que o gelo se vai pegando aos lados interiores do vazo, se raspaõ a fim de que as partes que estaõ no centro venhaõ para o lugar dos que já estaõ gelados, e se gelaõ successivamente vindo para o sitio em que ha mais frio. O ponto, em que se deve parar, para que o licor naõ fique parecendo neve, he quando tem sufficiente consistencia.

MODO DE FAZER RATAFIA DE CEREIJAS

á Provençal.

Escolhaõ-se as melhores cereijas: alguns fazem o mesmo com as jinjas. A melhor cereija he vermelha, de pé curto, hum pouco agra no gosto, e quando he muito madura tem menos agro; e he a fruta menos sujeita a bichos do que a outra fruta de caroço: as mais estimadas cereijas de França saõ as do Valle de Montmorenci a quatro legoas de Pariz; mas na falta dellas se póde uzar da cereija ordinaria, escolhendo sempre as melhores, mais maduras, e as que naõ saõ tocadas, tira-se-lhe antes o pé, pondo antes todo o cuidado em as naõ pizar.

Preparadas as cereijas se deita huma libra em hum quartilho de vinho tinto o melhor, e mais sem confeiçaõ, que se poder alcançar. Dei-

xem-

xem-se de infuzaõ neste vinho por tres semanas em huma panella, ou botelha bem fechada, que poreis por muito tempo ao maior calor do Sol, e o recolhereis á noute. Depois deste tempo tirai-as do vinho, e esmagai-as em hum pano a sacar-lhe todo o succo; e depois misturai este çumo com vinho: medi tudo junto, e lançai-lhe a terça parte d'agua ardente, isto he hum quartilho a cada tres de vinho, e çumo, com meio arratel de assucar por quartilho.

Tornai a pôr de novo tudo ao Sol muito quente por tres semanas, tendo cuidado em nunca deixar a garrafa de fóra á noute, porque isto diminuiria o effeito da fermentaçaõ. Naõ será necessario mecher a garrafa todos os dias, como fazem alguns; mas passado este tempo, passará tudo pelo funil d'Hypocrates, ou por hum saco de papel pardo, ou de hum panno em muitas dobras: o ratafiá ficará bem purificado, e para se conservar se metterá em garrafas bem fechadas, que se goardaõ até querer uzar dellas. Ha muitos que pizaõ caroços de cereijas quando espremem para lhe sacar o succo, e lhe tiraõ o miolo, que deitaõ no licor; mas isto faz hum ratafiá differente do primeiro, bem que aliás excellente, e póde-se uzar disto que dá bom sabor ao licor.

Tem mostrado a experiencia que este ratafiá de cereijas he muito estomacal, e muito bom para as pessoas, que tem ancias de coraçaõ: convem tomar pouco de cada vez, he sufficiente tomar quando muito meio côpo.

MODO DE FAZER RETAFIA DE CRAVO

á Provençal.

TOmem-se cravos gallegos almiscrados, que saõ os que tem mais cheiro, do que os outros; desfolhaõ-se muito bem, tirando-lhe todas as flores, e seus pistolos que he a unica couza que serve; cortaõ-se bem estas folhas o mais miudo que he possivel, e depois se aperta tudo muito bem; a cada arratel se dá hum quartilho de agua ardente a melhor que he possivel. Deixa-se tudo de infuzaõ por quize ou vinte dias exposto a Sol forte, e esta infuzaõ se terá mais ou menos tempo conforme for o calor da estaçaõ, de modo que a fermentaçaõ saque ás partes do cravo todas as partes balsamicas, e as incorpore com a agua ardente.

Feita esta infuzaõ se passará o licor por hum pano dobrado em quatro, ou por hum funil: ao mesmo tempo se espremeráõ bem os cravos com a maõ para espremer todo o succo que se lhe poder tirar, e se deixará descançar este licor tres, ou quatro dias antes de lhe mudar o vazo; porque naõ obstante o estar coado, sempre tem hum pouco de pé, que he necessario deixar assentar no fundo.

Depois se mistura neste licor huma pouca de flor d'assafraõ, que vendem os Boticarios, ou

ou Droguiſtas, mas lançar-ſe-lhe-ha quanto baſte para dár côr ao licor. Juntar-ſe-lhe-ha mais a eſta compoziçaõ hum terço de çumo de amoras de ſilva, e meio arratel de aſſucar em cada quartilho. Iſto feito, ſe tornará a pôr tudo ao Sol de infuzaõ no tempo do maior calor, pelo tempo, que he neceſſario, para que o licor fique bem miſturado, depois ſe purificará como antes, paſſando-o outra vez por hum funil, ou por hum panno dobrado em quatro dobras, e depois ſe deita em garrafas de vidro bem fechadas para ſe conſervar, e beber quando for tempo.

As propriedades deſte ratafiá ſaõ fortificar o eſtomago, e apaziguar as dores, e ás cólicas, prevenir, ou ſuſpender as inflammaçoens das entranhas: tambem purifica o ſangue, mas convem uzar delle com ſobriedade, em razaõ da agua ardente de que ſe compoem.

MODO DE FAZER RATAFIA DE PESSEGOS

á Provençal.

PAra ter hum bom ratafiá de peſſegos, ſe eſcolhem que naõ ſejaõ nem muito maduros, nem muito verdes, mas da melhor qualidade, e dos mais formozos, que houverem: pelaõ-ſe, e ſe deitaõ de infuzaõ em agua ardente ſem caſca: eſcolhe-ſe ſempre a melhor agua ardente, e ſe

se deitem tambem as cascas de infuzaõ, mas em vazo separado, a razaõ he, porque a pele do pessego tem hum certo amargo, que a agua ardente naõ tira bem, se o licor da carne do pessego está misturado.

Trazem-se estas infuzoens quinze, ou vinte dias expostas á Sol forte, para que o calor digira, e misture as partes espirituozas: no fim deste tempo, ou quazi no fim se conhecerá se a infuzaõ está bem feita, e entaõ se tiraõ os pessegos do licor para limpar os caroços: quebraõ-se estes caroços para tirar as amendoas que se pelaõ, e tornaõ a deitar de infuzaõ no licor dos pessegos, por sinco ou seis dias sómente.

Na infuzaõ das cascas naõ se bolle senaõ quando estiver feita a infuzaõ do licor dos pessegos com as amendoas: entaõ se misturaõ os dous licores, o das cascas, e o do fructo, e se meche tudo muito bem, para que estes licores se incorporem bem: deita se meio arratel de assucar em cada quartilho de liquido, como tambem se terá lançado hum arratel de fruta, ou de cascas em hum quartilho d'agua ardente. Deixar-se-há tudo junto de infuzaõ sinco, ou seis dias, e se coará tudo por hum panno bem branco huma vez sómente, e depois se goardará em garrafas bem fechadas para uzarem delle a tempo competente.

Ha pessoas que lançaõ de infuzaõ no licor, onde estaõ as cascas, e naõ no fruto os caroços, que se tiráraõ dos pessegos, como dissemos, depois de estarem os licores ao Sol. Quando as cascas, e as amendoas tem tido suffi-

ficientemente tempo de infuzaõ por sinco ou seis dias, se côa o licor por hum panno branco; e se expreme todo o succo, e se mistura este licor com o dos pessegos: lançaõ-lhe entaõ o assucar, a mesma quantidade de meio arratel em cada quartilho; e se mistura tudo muito bem, e se tem junto de infuzaõ por alguns dias antes de encher as garafas, e as fechar; o que faz hum licor excellente para beber, e hum fructo bom para comer, que se conserva excellentemente no licor.

Este retafiá tem a admiravel, e especifica virtude para males de bófe, tambem alivia as pessoas biliozas, purgando-as sem violencia, e sem dôr; tira tambem o máo cheiro do halito, e da boca; mas he necessario uzar delle com parcimonia, como dos outros.

MODO DE FAZER VINHO

de uva espinha, e outros licores.

HUm alqueire de uva espinha em cachos bem maduros, deve dar doze ou quatorze quartilhos de bom vinho. O methodo he o seguinte.

Pizada esta quantidade d'uva, lance-se-lhe doze quartilhos d'agua, passados quinze dias se esprema tudo; coe-se o licor, e ponha-se tudo em hum barril, e naõ se lhe bulla senaõ quan-

do elle começa a clarificar; passa-se a outro barril. Depois em cada canada de licor se deita hum meio quartilho de espirito de vinho bom, e querendo, assucar, e outros ingredientes na porçaõ que parecer proporcionada, para ficar o licor de bom sabor; e misturando tudo muito bem por hum quarto d'hora se fecha o vazo muito bem, e se deixa assentar quazi trez mezes, e no fim delles está apurado. Vinte cestos destas uvas bastaõ para hum tonel de vinho; o fructo do espinho he melhor para vinho do que as uvas em cacho, principalmente para imitar o vinho das Canarias. O mesmo methodo póde servir para fazer boa bebida com *acelcas*, com çumo de *cerejas*, e de *amoras*, misturando-lhe o espirito de cada huma destas couzas, ou qualquer outro espirito conveniente, e seráõ estes licores taõ bons, como o melhor vinho das Canarias. Para sacar o espirito a estes succos, convem deixallos fermentar, aliás deixaráõ pouco, ou quazi nenhum: mas quanto mais fermentados, com tanto que naõ estejaõ absolutamente já feitos vinagre, mais quantidade de espirito se lhe saca. Com este methodo póde qualquer particular colher na sua herdade com que fazer cidra, e vinhos de muitas castas, de que fará varios licores proporcionados aos differentes sabores, e para todo o tempo.

RECEITA

de hum excellente ratafiá de nozes.

ESColhaõ-se bem as nozes, nem muito verdes, nem muito maduras, isto he, que o miolo esteja já dentro em estado de se córar, mas que a casca naõ seja muito dura, devem-se hir colher á arvore, e naõ varejallas, e em tempo bem secco, de sórte que naõ tenhaõ pizadura.

Pegue-se depois nestas nozes, e esfreguem-se em hum panno limpo de barrella: tire-se-lhe com cuidado os pés que lhe ficassem, e estas nozes do modo, que seraõ colhidas da arvore se lancem com a casca verde em hum gral muito limpo, onde se quebraõ com a maõ do gral até fazer huma especie de maça. Lança-se esta maça em huma panella de barro com sufficiente porçaõ d'agua ardente; a saber hum quartilho em cada duzia de nozes; escolha-se sempre a melhór agua ardente. Feche-se bem a panella com hum pano limpo em muitas dobras, e com hum pergaminho por sima, e deixe-se tudo de infuzaõ dous mezes sem lhe bolir.

Passado este tempo se coa tudo por hum panno limpo de barrela tres vezes seguidas, mudando de panno em cada vez: feito isto se meça o licor, e se lhe deite huma quarta de assucar em cada quartilho, e se torna a pôr com o

assucar na mesma panella depois de bem lavada, e limpa. Fecha-se bem esta panella como da primeira vez, e se torna a deixar tudo de infuzaõ mais hum mez. Passa-se outra vez tudo pelo funil de Hypocrates, e estando entaõ bem feito, e bem clarificado se lança em garrafas, que se tapaõ com todo o cuidado para se conservar, e uzar delle quando he necessario.

Como este ratafiá naõ fica com côr agràdavel se lhe póde misturar quando se piza folhas de dormideira salvagem huma maõ cheia em cada duzia de nozes, ou em cada quartilho d'agua ardente.

RECEITA

para que os licores tenhaõ a côr, ou tintura que se deseja.

PAra ter côr roxa carmezim. Tome-se para cada seis quartilhos de licor carmezim tres grãos de cochonilha, meio graõ de pedra hume de Inglaterra, e pize-se o melhor que he possivel: deite-se em hum gral quazi metade de tres quartilhos d'agua fervendo; remechaõ-se depressa as drogas, e deite-se tudo no licor, que deve já estar temperado. Torne-se a esfregar o gral com a outra metade da agua, e deite-se o resto no licor.

Para lhe dar a verdadeira côr escarlate tomem-

mem-se duas outavas de vermelhaõ, ou kermes, e meia outava de pedra hume, meia outava de cremor de tartaro, e fazei o mesmo que assima se ensinou.

Para dar côr amarella escolhaõ-se as flores mais abertas de cravo amarello, e as mais amarellas, mettaõ-se em huma panella cheia d'agua, e faça-se huma infuzaõ com fogo lento de carvaõ cuberto de cinzas: deite-se esta infuzaõ no charope do licôr.

Para a côr violada uza-se das pastilhas de girasol, ou heliotropo, que se fazem com a semente desta flor; pizem-se estas pastilhas em hum gral, e se fazem em pó, que se lança em agua fervendo; meche-se tudo, e se deite com sentido no licor, mas antes de ser côado.

Para dar côr azul se uza de huma infuzaõ de flores desta côr, mas sem cheiro, e que sejaõ de hum tecido delgado: o jacinto, por exemplo, dá hum azul celeste; o meio mais simples para extrahir as tinturas das flores he arrancar-lhe as folhas côradas, e mettellas em hum vazo, ou panella, no qual se lança agua, e se poem sobre fogo moderado. Esta infuzaõ extrahe sem demora a côr, e naõ deixa ás flores mais do que huma brancura branda.

MO-

MODO DE TEMPERAR COUVES

á Provençal.

COmo as couves verdes, e repolhudas saõ muito mais tenras, do que as brancas, e taõ bem muito mais gostozas, costumaõ antepôlas ás outras. Cozem-nas em agua pura, e sem tempero; e estando sufficientemente cozidas, se lhes escorre bem a agua: depois se lhe lança hum pouco de sal, e pimenta mal pizada, bastante azeite de Provença, principalmente daquelle que conserva o cheiro á fruta, e bastante vinagre, no qual se desfaz huma, ou duas anchovas; Deita-se-lhe tambem algumas alcaparras, e se mechem as couves, como se faz á cellada.

Comem-se quentes ou frias; de ambos os modos saõ igualmente gostozas.

MO

MODO DE FAZER

excellente agua ardente: tirado da Memoria de M. Rozier da sociedade economica de Berne, socio da de Liaõ &c. sobre a fermentaçaõ dos vinhos, e melhor methodo de destillar agua ardente que levou em 1767 o premio na sociedade Real da Agricultura de Limoges.

DIz o Abbade Rozier na memoria da fermentaçaõ dos vinhos em geral que o corpo muscozo he a unica substancia, que fermenta, como tambem he a unica que nutre: tira-se esta substancia de todos os vegetaes, e animaes por meio da agua que he o seu dissolvente por excellencia.

No grande numero de distinçoens que se póde fazer dos corpos *muscozos vegetaes* se deve distinguir principalmente em quanto ao vinho o *muscozo*, o *insipido*, o *acido*, o *agro*, o *austero*, o *aspero*, o *doce*, ou *assucarado*.

O que faz o vinho ruim he que o mosto he muito viscozo, ou porque naõ he bastante, ou porque he de má qualidade.

O que faz ruim a agua ardente em pouca quantidade he naõ ser o vinho geralmente bem generozo, ou estar *azedo*, *mal fermentado*, *enlodado*, ou em fim por ser mal destillado.

Se o mosto he muito viscozo se deve reme-

mediar no fabricar o vinho, fazendo maior porçaõ de liquido, dando-lhe mais calor, e acrescentando-lhe novo mosto misturando-lhe hum fermento para fazer mais prompta a fermentaçaõ, e fazendo-o fermentar em maior porçaõ possivel, rompendo muitas vezes na cuba a codea que o cobre; e fazendo-o descarregar em abundancia quando he novo; mechendo-o sinco ou seis vezes por dia, e tendo-o muito tempo sem fechar o tonel, e quando está feito mechendo-o, e agitando-o de tempos a tempos, deixando-o exposto as impressoens do ar quente; mandando-o viajar, e ultimamente naõ o queimando sem estar no melhor estado que he possivel.

Se o mosto, naõ he bastantemente viscozo, ou se for de ruim qualidade se concertará lançando na cuba vinho fervido, e fervendo; e ajuntado principalmente hum muscozo doce no principio da fermentaçaõ tumultuoza, por exemplo, hum arratel de mel, bem puro em 80 quartilhos de mosto em que se desfaz muito bem, pizando com cuidado o cacho na cuba; e fazendo que entrem os vapores que evaporaõ, conservando a codea: misturando no tonel o succo ou rezina feita de mosto de melhor qualidade; e quando o vinho está feito se suprime com a geada parte da muita agua da vegetaçaõ, naõ tirando este vinho de sima da borra antes da Primavera, e salvando-o das impressoens dos agentes exteriores; em fim enchendo exactamente o tonel, e observando que seja bem fechado.

O Abbade Rozier indica depois o modo de

co-

conhecer quando o vinho está para azedar; ou perder-se. Remedea lançando no vinho novo mosto, e melhor, e restabelecendo por este methodo huma nova fermentação, expondo-o ao calor, e deitando-lhe arêa quente rollando o tonel.

Evita-se o bafio do vinho pondo-lhe enxofre, e fazendo com que lhe entre o vapor de huma mecha aceza, aluminando-o, e introduzindo-lhe hum sal neutro pelo suffocação, isto he misturando hum depois do outro o acido precizo, e o licor alkalino concentrado para fazer hum scrupulo de sal por garrafa, tendo depois a vazilha cheia, e bem fechada.

Depois destes primeiros disvellos applicados ao vinho requer o nosso Author no fabrico da *agua ardente*, que se procure ao vinho no alembique huma prompta efervescencia, que se conserve por meio da arte no mesmo gráo, que se evite que venha a ser excessiva, que se ponha cuidado que o fio d'agua ardente que destilla, seja sempre frio que para este effeito se mude muitas vezes agua dos resfriadores, e que sendo possivel se lhe acrescente gelo, ou neve.

Diz elle que se se quizer destillar o bagaço da uva, a flor do vinho, a sua borra, he necessario desfazer bem, e filtrar estes productos, a fim de que naõ estejaõ nem turbos, nem viscozos. Se se destilla isto, deve-se affastar o capitel do alembique, e fazendo ferver promptamente o vinho se alcança d'huma fervedura boa agua ardente mais defleumada, e combinada com menos substancias estrangeiras.

He

He precizo saber que he economia dar ao alembique huma figura conica em baixo porque deste modo gasta menos tempo, e menos fogo para ferver o vinho, e conservallo fervendo: em pôr muitos alembiques n'hum forno: em renovar o ar da superficie por meio de hum ventilador, em pôr muitos bicos, e muitas serpentinas no mesmo capitel a destillar o vinho congellado.

Aconcelha aos destilladores d'agua ardente que tratem de corrigir o gosto do fumo, e o do empyreuma, o de rezina, e a tirar á agua ardente a maior porçaõ possivel d'oleo, e acido.

Pertende que lhe tiraráõ o fumo pondo ao ar a agua ardente em vazos destapados por algum tempo, tendo-a enterrada na adega em tonéis, destillando-a de sorte que o fio da agua ardente sempre esteja frio, e deixando o vinho o menos tempo que he possivel entregue a acçaõ do fogo.

Assim accautelaráõ, prosegue elle, o gosto de empyreuma, acrescentando a agua ao vinho ou ao que destillaõ, pondo no alembique com huma dóze de huma onça por cada 160 quartilhos de vinho terra absorbente; por exemplo alvaiade de Troyes para fazer o tartaro mais soluvel, o que tambem salvará a agua ardente do acido, e do gosto rezinozo. Além disso as terras absorbentes diminuem o oleozo da agua ardente, e ao mesmo tempo o seu acido, e lhe tiraõ melhor o oleo metendo-a em seis quartilhos d'agua, distillando-a com huma fervura em

hum

hum alembique cujo capitel seja elevado, ou no calor do banho de Maria, se se uza de hum alambique baixo.

Seguraõ que executando o que elle inculca, se terá a melhor agua ardente, que se parecerá com espirito de vinho puro misturado com agua pura, isto he, que naõ tingirá de vermelho as tinturas azues vegetaes; que esfregada entre as mãos naõ deixará cheiro dezagradavel, que o espirito de vinho que se separar, dará huma fleuma similhante a agua pura; que esta agua ardente tirada por evaporaçaõ lenta naõ deixará nada rezinozo, e que ultimamente o espirito de vinho que se extrahir terá huma côr muito debil, sendo tratado como os alkalis causticos, ou acido chamado oleo branco de vitriolo.

REMEDIOS.

REMEDIO CONTRA A PESTE.

OS estragos que cauzou a peste em varios paizes da Europa, e os que ameaçou no anno de 1771 em Moscou &c., nos obrigaõ a ensinar ao publico os remedios de que temos noticia. O que publicamos foi experimentado pelo General Casimiro que commandava o Exercito do Imperador na Hungria, elle o curou duas ve-

vezes de peste, e prezervou o seu exercito de contagio.

Aloes do melhor, e mais limpo	*huma onça,*
Rubarbo	*duas dracmas,*
Açafraõ	*duas dracmas,*
Agarico	*huma dracma,*
Raiz de zeodaria	*hum terço de dracma,*
Raiz de genciana	*hum terço de dracma,*
Mithridate, do melhor	*o tamanho de meia noz.*

Pize-se cada droga separadamente, e faça-se pó subtil: depois tenha-se hum gral de marmore, ou pedra, e esfregue-se por dentro, e tambem a maõ, de canfro, ou bom azeite, e deitem-se dentro todas as drogas mencionadas: tornem-se a pizar de novo com o mithridate; e misture-se bem: untem-se as mãos com bom azeite, e tirem-se do gral todas estas drogas para fazer pillulas da grossura de huma pequena ervilha. A dóze da receita ha de fazer 500 pillulas.

Em quanto dura o contagio he necessario tomar regularmente cada manhã huma só, em huma colher de agua fria, e beber-lhe em sima huma chicara de chá, ou café. Estas pillulas conservaõ o ventre dezembaraſſado.

A pessoa que se achar attacada da peste, o que se conhece quando o doente no tempo do contagio tem grande alteraçaõ, e sente frio, e febre, e tem vontade de vomitar, sem perder hum instante toma successivamente nove pillulas em agua fria, e duas chicaras de chá, ou de ca-

café em sima. Tenha-se cuidado de abafar bem o doente a fim de súar bastante. No dia seguinte ás mesmas horas se lhe fará tomar onze pillulas, observando tomar as duas chicáras de chá, ou café, e abafar-se bem, como no dia antecedente. Estas duas dózes devem bastar para salvar o doente de perigo, se tomou o remedio antes que o mal esteja inveterado, e esteja formado o abcesso, ou bubaõ. As drogas devem ser escolhidas, aliás naõ faráõ todo o effeito que se espera.

Nestes tempos de consternaçaõ he conveniente defumar as cazas, os fatos, até a roupa branca com estoraque, ou *benjoin*. Como estas rezinas saõ cáras se póde supprir com vinagre, que se queima em huma frigideira em braza, ou simplezmente se enche meia de vinagre huma pequena garafa commum, que se chamaõ garrafas de remedio. Poem-se sobre hum esquentador de fogo, e por este modo evapora o vinagre, e corrige os ruins vapores do ar, e o purifica. He mui gabado o vinagre dos *quatro ladroens de Marselha*, e o vendem a quatro cruzados novos a garrafa. Este famozo antidoto naõ he outra couza mais do que bom vinagre com alhos de infuzaõ: os mais ingredientes, que lhe botaõ, naõ lhe daõ virtude contra o contagio, pelo qual todos pódem com muito menos despeza ter o vinagre dos *quatro ladroens*: he conveniente trazello comsigo em hum vidrinho para esfregar as mãos, narizes, e deitallo no lenço, quando ha necessidade de se expôr em sitio de contagio. O vinagre, e o alho he hum nota-

tavel prezervativo contra o contagio; torno a repetir, que o vinagre deve ser do melhor, do mais forte, e tello bem fechado para que naõ evapore.

Cauzas de boa saude.

TRes couzas contribuem principalmente para a boa saude; a primeira he a fibra rija, que dando sufficiente acçaõ a todos os vazos, e a todas as visceras, entretem a regularidade das suas funçoens: pelo contrario a fibra laxa só he capaz de huma acçaõ fraca, a quem qualquer debilacçaõ altera. A circulaçaõ nos vazos estreitos se faz muito mal; os humores se corrompem, engrossaõ, e se fazem acros; as secreçoens, he o nome que se dá a separaçaõ de differentes licores, como de saliva, dos succos do estomago, da bile, da transpiraçaõ dos orgãos destinados para opperar, as secreçoens, digo eu, se fazem mal, o sangue fica embebido de parte dos humores, de que se queria dezembaraçar, e as funçoens a que estes humores eraõ necessarios, padecem quando lhes faltaõ, ou saõ mal preparados; por este modo he que os vicios da saliva alteraõ os dentes, e fazem mal ás digestoens, e ou porque a bila naõ se separa, ou porque se separa com má qualidade, as funçoens importantes dos intestinos saõ viciadas, e padece toda a saude.

Daqui se vê que esta primeira condiçaõ, força sufficiente das fibras, e consequentemente dos vazos, e visceras que se compoem de fibras, se-

ſeguraõ a perfeiçaõ de todas as funçoens, entre as quaes a do coraçaõ, que he o principio do movimento, e as do eſtomago ſaõ as mais importantes: quando ſe fazem bem, he raro que alguma ſe dezordene. Eſmiuçando aſſim a primeira condiçaõ que ſe requer para a ſaude, a força da fibra, ſe podia juntar a regularidade dos movimentos do coraçaõ, e a das digeſtoens.

A ſegunda condiçaõ neceſſaria para huma ſaude eſtavel he a tranſpiraçaõ igual, e quando ha a primeira condiçaõ, eſta ſuccede ordinariamente. A tranſpiraçaõ he a evacuaçaõ mais attendivel, e ao menos igual ao que ſe come, e ſe bebe; ſe he incompleta, o corpo ſe acha opprimido de humores acres, de que por eſta via ſe deve dezembaraſſar; e eſta porçaõ de humores retidos o opprime, e ſe eſta acrimonia ſe diſpoem na pele, produz toda a caſta de moleſtias, e ſe ſe depoem em algum orgaõ interno occaſiona moleſtias mais graves.

A terceira condiçaõ, ſem a qual a ſaude ſempre he pouco ſegura he ter os nervos firmes, iſto he, que naõ ſejaõ muito ſenſiveis ás impreſſoens a que o naõ devem ſer, naõ os reſtituem ao orgaõ do ſentimento ſenaõ como elles ſaõ, e naõ inquietaõ o corpo por qualquer cauza que foſſem. Participaõ de todas as funçoens, e naõ pódem deixar de inquietar o caminho, huma vez que adquirem aquelle gráo de ſenſibilidade, que fazendo com que a impreſſaõ das cauzas que obraõ ſobre elles lhe naõ façaõ impreſſaõ maior do que devem, a ſua acçaõ

çaõ nas partes por onde se espalhaõ he muito forte, e irregular, de que rezulta huma dezordem geral em todas as funçõens, e a perda da saude. Com hum exemplo se dezenvolve melhor a minha idéa, o qual a cada instante se offerece. Abre-se de repente huma porta por alguem que entra apressado, pará huma pessoa que está com saude, he huma bulha, e quem tem os nervos fracos sente hum forte abalo, todos os nervos se agitaõ, e parece-lhe que se vem abaixo a caza, ou que lhe vem dar alguma nova triste, estremece com violencia, palpita-lhe o coraçaõ, embarassa-se-lhe o cozimento, e por muitas horas fica sobresaltada, passa mal a noute seguinte, e necessita de muitos dias para se tranquilizar, e mal socega do primeiro abalo, quando vem outro de novo a lançallo no mesmo estado, e achando-se assim sempre dezordenadas as funçons, se arruina a saude inivitavelmente.

Daqui se vê que a fibra forte, a circulaçaõ igual, a digestaõ regular, sufficiente transpiraçaõ, e sustentada, em fim os nervos firmes saõ condiçoens que se requerem para segurar a boa saude, e que pela mesma ordem as pessoas em quem ellas se acharem reunidas seráõ as que a desfrutaráõ melhor.

Se me perguntaõ qual he esta pessoa, responder-me-haõ sem hezitar que o Lavrador, que tem neste ponto grandes ventagens em comparaçaõ da mais parte do povo que dá os artistas; mas desgraçadamente he muito inferior ao que antes era, e ao que ainda saõ algumas aldeas de

Sal-

Salvagens; que ignoraõ quazi todos os males; e naõ morrem se naõ ou de disgraça, ou de velhice.

Á medida que se desviaõ deste estado de Salvagens parece hir a saude diminuindo gradualmente: os nossos lavradores saõ menos sádios do que elles porque naõ vivem com vida meramente camponeza; muitos tem sido criados de servir, outros soldados; tem enfraquecido a saude nestes estados, e levado ás suas aldeas alguns costumes da Cidade.

Os differentes mequanicos destinados para as necessidades dos Cidadãos, independentemente das molestias das suas occupaçoens, alteráraõ tambem a sua saude, desviando-se da simplicidade dos costumes da campanha, que dictados pela mesma natureza saõ mais analogos á nossa constituiçaõ.

Lorsque sur la nature on regle ses besoins;
Un corps robuste & sain en est la récompense.

Terá por premio hum corpo sádio, e robusto o que nas suas precizoens se conforma com a natureza.

O fugir desta vida singela augmenta mais na ordem superior dos Cidadãos, e a sua saude diminue á proporçaõ: soffrem muitos males desconhecidos na campanha; ultimamente he o maior numero possivel na classe das pessoas do mundo, classe que pelo que respeita a saude se comprehendem as pessoas, que sem serem da mesma qualidade levaõ o mesmo genero de vida: este genero de vida que naõ tem a obra

de vocação, e cujas distracçoens continuadas são a baze, que foi introduzida, e perpetuada por pessoas ociozas, as quaes a fim de entreterem o fastio insoportavel d'huma existencia ocioza, quizerão occupar a maior parte dos seus momentos com interetenimentos; mas como os divertimentos naturaes, e verdadeiros não pódem separar-se das occupaçoens, e a necessidade que elles tem de recorrerem a interetenimentos facticios, muitos dos quaes não são mais do que hum modo de ser singular, opposto aos véos naturaes, de que o capricho he todo o merito; he hum real merito para o que póde substrahis ao penozo sentimento d'huma existencia dezocupada, sentimento que nenhum homem póde sustentar, e que faz que tudo quanto se tira delle o estime.

Leur ame vuide est du moins amusée,
Notre ennemi le plus grand c'est l'ennui.

Volt.

Daqui vem sem duvida a primeira origem do luxo, que he o attractivo d'huma multidaõ de couzas superfluas, de que estaõ cercados para pôr variedade na sua existencia, e talvez depois para a fazer notada. Este estado he o de hum hypocondriaco que espera achar na multidaõ de drogas que toma, o remedio aos seus males, sem que alguem possa adoçar o sentimento da disgraça que o dezespera. O minino sadio se entretem com quazi nada, todos os brincos possiveis naõ divertem ao que está doente.

Mas

Mas este máo gosto he disgraçadamente contagiozo; dos que o inventáraõ por necessidade, passou como móda aos que lhes era inutil; cada qual assentou que se exaltava adoptando o modo de viver da Jerarquia superior á sua, e se igualáraõ os discommodos para ombrear em qualidade. Vindo a ser geral o mesmo modo de vida entre pessoas que tiveraõ educaçaõ, de que hoje he hum dos objectos, tem influido de sorte na sua saude, que a maior parte das suas queixas saõ quazi incognitas aos Camponezes; e as que lhe saõ communs tem caracteres, que absolutamente as fazem differentes, e as fazem muito mais penozas nas Cidades do que no campo.

Comparando o sustento, e a bebida do Lavrador com a do homem do mundo, o ar que respiraõ hum, e outro, os exercicios, em que se occupaõ: o somno, a regularidade das suas secreçoens, e principalmente as suas paixoens, seráõ facilmente as cauzas da differença do seu temperamento, da sua saude, e da sua força.

RECEITA

Para prezervar as plantas dos insectos.

HUm Agronomico Inglez publicou nos papeis publicos de Londres a receita seguinte para

 sal-

ſalvar as couves, nabos, e mais vegetaes que naſcem de ſemente, do eſtrago dos inſectos, particularmente das moſcas.

Ponhaõ-ſe tres dias ſucceſſivos huma onça de flor de enxofre em tres libras de qualquer ſemente em huma panella vidrada, cubra-ſe bem, e mecha-ſe todos os dias, e ſe lhe vá acreſcentando enxofre, e ſemente, a fim de que fique bem treſpaſſada de enxofre: as plantas conſervaraõ por algum tempo hum certo travo, mas eſtaraõ livres de moſcas, e dos mais inſectos, que eſtragaõ em poucos dias muitas geiras de ſemeado.

REMEDIO PARA CURAR PANARIZES.

MEta-ſe o dedo na guela de huma arrã viva, e deixallo eſtar até que eſte animal, que tem a virtude de puchar a ſi o humor fique inchado: ſe inche promptamente he prova de que o humor he abudante, e entaõ ſe deve repetir a operaçaõ com mais arrãs; a attracçaõ cauza logo hum entorpecimento ſenſivel no braço, e conhece-ſe promptamente que ſe vai tirando a cauza do mal.

Para curar toda a caſta de chagas eſtenda-ſe mel em hum pano dobrado em tres ou quatro, que ſe poem ſobre a chaga, que ſe naõ lavará com agua, vinho, nem outro liquido. Se a chaga he larga, e profunda, ſe cuidará em ti-

tar

rar o emplaſtro paſſadas quantro, ou ſinco horas para lhe pôr outro ſimilhante, que ſe tornará a tirar no meſmo eſpaço, e entaõ ſe verá ſe a chaga ſe fecha, e ſe he neceſſario continuar. Em 24 horas a cura deve ſer perfeita, ſe o oſſo naõ eſtá inficionado.

REMEDIO CONTRA A EPILEPSIA.

DEvem-ſe pôr de infuzaõ tres folhas de larangeira, como ſe faz ao chá, e tomar em jejum duas ou tres chicaras. Eſte remedio ſempre teve effeito todas as vezes que o applicou M. Hecquet Cirurgiaõ Mór do Hoſpital de S. Omer quando eſta moleſtia de nervos naõ he de naſcimento, mas que he ocazionada por alguma dezordem como ſaõ medos &c.

REMEDIO CONTRA A ESQUINENCIA.

COnſiſte em huma colher de pimenta branca pizada, outro tanto de eſſucar em pò, e boa porçaõ d'agua ardente para desfazer eſtas duas ſubſtancias, aquece-ſe hum pouco mexendo tudo; e metido entre dous panos ſe poem no peſcoço: renova-ſe o topico até ſarar, que he em pouco tempo ſem uzar de ſangrias.

SUC-

SUCCESSOS

PARTICULARES, E EXTRAORDINARIOS.

NA noute de 15 para 16 de Outubro hum incendio reduzio a cinzas o Santuario de Nossa Senhora de Covagoude no Principado das Asturias. Estava este Santuario no fundo de huma grutta, e entre rochedos inaccessiveis, e foi onde no septimo seculo se abrigou o Infante D. Pelagio com alguns Hespanhoes, quando foi obrigado a dezamparar aos Mouros parte da Hespanha: alli esteve escondido tres annos, e sahio para fundar o Reino d'Oviedo, naõ obstante a rezistencia da naçaõ, que o tinha invadido. A perda cauzada pelo incendio foi avaliada em dous milhoens de cruzados, visto naõ se salvarem nenhumas das ricas offertas que a piedade havia por tanto tempo accumulado neste Santuario.

Em 30 de Setembro de 1777 na Ilha de Ferroe, que confina com a Laponia, succedeo hum fenomeno singular, que assustou assás seus habitantes: seccessivo a hum estrondo repetido, e violento se abrio hum monte com grande estampido, e vomitou do seu seio prodigioza quantidade de pedras, huma torrente d'agua vermelha rebentou ao mesmo tempo, e escorreo

reo para o mar, que o tingio em grande distancia. Dizem que este monte tem huma mina de ferro, e muito antimonio.

Em 1778 hum Inglez tendo chegado a Ostende, chamou varios Muzicos para huma serenata, que quiz fazer em sua caza. Quando estiveraõ juntos, e começavaõ a afinar o seu concerto ordinario, tirou o Inglez da sua carteira huma muzica, a que chamava huma obra prima; e a repartio pelas estantes. Era huma Missa de defuntos de hum famozo mestre Italiano; os Rebecas, e cantores se esmeráraõ na execuçaõ, o pathetico, e triste que requer esta casta de Muzica, o vieraõ a conseguir, porquanto ao ultimo Requiem, o Inglez desparou huma pistolla, e se matou.

A 21 de Maio de 1778 tendo-se despegado huma pedra, de quazi tres mil quintaes, de repente do monte dos Capuchinos de Saltzboug, se precipitou em huma rua da Cidade, onde cauzou grande estrago nas cazas, e foi ventura naõ morrer pessoa alguma, até tiráraõ livre do meio das ruinas da caza, onde estava huma criança de cinco annos, e por hum acazo pasmozo encostando-se duas vigas, que quebraraõ, fizeraõ huma especie de abobeda sobre o berço desta criança.

Em 1778 morreo huma Senhora em Pariz, e deixou de legado a hum Ecclesiastico huma soma de duas mil libras, e mais cem para os pobres. Este ultimo legado, respondeo o Ecclesiastico aos herdeiros, posso eu aceitar, mas o primeiro eu o renuncio; nem houve modo de o acei-

aceitar por mais que apertassem com elle. Os herdeiros assentaraõ fundar com este dinheiro huma cama no Hospital dos incuraveis, a favor dos pobres da parroquia deste honrado clerigo, e de lhe deixar a nomeaçaõ como cura, e ficar para sempre a seus successores.

Lamant hum dos quatro rendeiros da herdade de Estrepoix, sabendo que hum seu vizinho, pai de muita familia naõ tinha recebido mais do que huma modica porçaõ de ruim trigo, o obrigou a debulhar na sua eira tantas paveas de trigo quantas eraõ necessrias para semear a sua terra, naõ querendo acceitar por paga mais do que outra porçaõ igual do seu máo trigo. A este lance se deve juntar que a reciproce confiança que ha entre as familias deste paiz he taõ grande que os seus celeiros, e granjas saõ communs, e que naõ ha exemplo que esta segurança désse ainda motivo a queixa alguma, e passa em proverbio: Boa fé como a dos rendeiros d' Estrepoix.

Hum Fidalgo d'Aach que tinha grandes bens nesta Provincia, instituhi ahi festas cereaes que se celebraõ todos os sinco annos, e duravaõ outo dias, e se acabavaõ cazando seis raparigas as mais sezudas, com seis moços lavradores os mais laboriozos. O Fidalgo faz os gastos, e dá a cada nova caza dez moedas, e todos os trastes da agricultura, e os livra pelos primeiros annos de todo o tributo.

AVI-

AVIZOS.

EM consequencia da compra que Sua Magestade Christianissima, por hum acto da sua grandeza, fez do remedio de M. Games, antigo professor Regio, d'Antimonio composto em Leaõ contra as queixas gangrenozas, se acha este remedio preparado pelo Author em caza de M. Codet, da Academia das Sciencias, e Professor de Farmacia, na rua de S. Honorato, e em caza de M. Thessier, Boticario na praça dos Terreaux, em Leaõ.

M. Blanchart, filho, e Mazurier, habitantes em Andely em Normandia, tem inventado, e executado huma nova Maquina Hydraulica, quazi do terço de construcçaõ de huma grande, por meio da qual se pôde levàr ao cume dos montes mais altos a agua dos rios, regatos, e mais aguas correntes. O modelo desta maquina em pequeno leva a agua a mais de trezentos pés de elevaçaõ.

Nova fechadura de combinaçaõ, inventada pelo Abbade Boissier. Esta fechadura naõ se póde abrir senaõ ajuntando as letras, ou cifras que o mesmo dono pode escolher, e variar quando quizer, em hum instante, e sem se valer de instrumento algum, o que faz que sómente elle seja senhor do seu segredo. As pessoas que qui-

quizerem executar, se podem dirigir a M. Prince de Beaufond, que vive em Pariz na rua Dauphiné, que tem contribuido para aperfeiçoar esta fechadura.

Para destruir percebeijos, se uza d'agoa de savaõ bem forte, em que se ferva boa quantidade d'herva de coloquinta, e absinthio; uzáreis desta herva como de huma esponja para espalhar a agua de Sabaõ nos buracos da cama: esta agua mata todos os ovos, e os animaes.

Na vinda dos tempos frios, muitos agronomos acompanhados dos seus filhos se transportaraõ para as suas vinhas, e intentaráõ levantar pequenos torroens á róda dos seus troncos: pela falta desta cautélla seus vizinhos mal colheráõ poucos caixos, ao mesmo tempo que o vinheiro intelligente teve excellente colheita, e abundante: enterrando os pés, e dezembaraſſando-os póde ralear, e quebrar alguns olhos, mas este leve inconveniente, que se póde evitar he resſarcido pondo algum cuidado, e naõ deve pôr em balanço a utilidade que provem de hum methodo taõ simplez, e infallivel.

Para alentar a nogueira, cuja fecundidade vai diminuindo, á proporçaõ que vai envelhecendo, se devem cortar todos os troncos seccos, ou quazi seccos, e isto no tempo em que se limpaõ as arvores: cava-se depois a terra ao pé, e se lhe lança borra de vinho; os sáes que estaõ nesta substancia se dissolvem com a humidade das terras, e passaõ á raiz, e alentaõ em certo módo, e a nogueira naõ tarda em dár bellas nozes, e em muita quantidade.

Hum

Hum rendeiro do Havre de Graça achou o segredo de ter huma colheita a quarta parte mais abundante que a dos seus vizinhos, e preserva o graõ da ferrugem; naõ pude negar o seu segredo ás importunaçoens dos seus camaradas. Reduz-se este em molhar o trigo na agua do mar: esta cautella muito simplez produz grandes effeitos: seria util que se permitisse aos Lavradores o uzo delle: para isto seria necessario tirar a prohibiçaõ, que ha para se tirar agua do mar, e sobmetter esta liberdade a regulamentos, que acautellassem os abuzos que se fazem quando a tiraõ.

ANECDOTAS,

BONS DITOS, SENTENÇAS,

Respostas engenhozas, &c.

Contaõ as historias de Lacedemonia, que Pedaretes Lacedemonio se aprezentou para ser admittido no concelho dos trezentos, e que sendo rejeitado, se recolheo muito satisfeito de que houvesse em Esparta trezentos homens com maior merecimento do que elle.

Huma mulher de Esparta tinha sinco filhos no exercito, e esperava noticias de huma batalha; e cheia de temor as inquirio de hum Ilheo

que voltava do campo. Todos os vossos finco filhos foraõ mortos. Vil escravo, lhe respodeo ella, acazo pergunto-te isso? Nós ficamos vencedores. A mãi correo ao Templo, e deo graças aos Deozes.

Outra Lacedemonia em hum sitio vío cahir aos seus pés o seu filho, que tinha hum posto, apenas o vio cahir, exclamou logo: vaõ chamar seu irmaõ que venha substituir o seu lugar.

Cercava Porsenna Rei dos Toscanos a Cidade de Roma no anno de fundaçaõ 246, e estava aponto de reduzir esta Cidade ao ultimo aperto. Hum mancebo Romano cheio da nobre ardor passa disfarçado em Etrurio ao campo inimigo, penetra até a tenda de Porsena, e embebe o punhal no Secretario enganando-se por lhe parecer o proprio Rei. Prendem-no, perguntaõ-lhe pelo nome. *Eu sou Romano*, respondeo elle muito Senhor de si, *Chamo-me Mutio: aqui tens hum inimigo, que pertendeo matar o seu inimigo, e que naõ terei menos constancia para soffrer a morte que te naõ poude dar.* Ao mesmo tempo para punir a maõ direita que falecera o golpe a poz sobre hum brazeiro que tinhaõ acezo para o sacrificio, e a deixou queimar sem mostrar o maior abalo, nem sentimento. Assombrado o Rei deste prodigio de constancia o mandou arredar do altar, e lhe deo a liberdade. *Pois que sabes premear a virtude*, lhe diz Mutio, *eu te darei pelos teus beneficios o que tu nunca tirarias de mim com ameaças: sabe que diante dos Deozes fizemos juramento 300 mancebos Romanos de aca-*

acabarmos todos, ou assassinar-se entre a sua mesma goarda. Porsenna igualmente espantado, e temerozo escolheo o partido de levantar o Sitio.

Ainda hoje honraõ os suissos a memoria de Arnoldo da Winkelried, Fidalgo do Paiz id' Undervald. Vendo este virtuozo Cidadaõ na batalha de Sempach em 1396 que os seus compatriotras naõ podiaõ romper os Austriaucos, porque estavaõ muito bem armados; tendo posto pé em terra, fazendo hum batalhaõ serrado offereciaõ huma frente em que só aparecia ferro, lanças, piques, emprehendeo o gloriozo dezignio de se sacrificar a favor da Patria. *Meus amigos*, lhes diz elle, *eu vou sacrificar a minha vida para que vós consigaes a victoria, sómente deixo á vosso cargo a minha familia; segui-me, e havei-vos como me verdes obrar.* Dito isto, os forma em triangulo, cuja ponta occupava elle, marcha ao centro dos inimigos, e agarrando a maior porçaõ de hastes que poude alcançar, abaixou-se para a terra, e abrindo aos que o seguiaõ hum caminho por onde romperaõ este basto batalhaõ. Rotos os Austriacos foraõ vencidos, vindo-lhe a ser funesto o mesmo pezo das suas armas.

No cerco de Turin formado pelo exercito Francez em 1640, deo hum Sargento das goardas Piamontezas hum notavel exemplo de Patriotismo. Este Sargento estava com alguns soldados de goarda a hum subterraneo de huma obra da Cidedella; estava carregada a mina, e naõ faltava mais que huma salcixa para fazer voar muitas companhias de granadeiros, que tinhaõ

en-

entrado na obra, e nella se haviaõ intrincheirado. A perda da obra poderia adiantar a render-se a praça: este Sargento com huma constancia rara manda retirar os soldados que elle commandava, e lhes encarregou que da sua parte requeressem ao Rei seu amo, que tomasse sob a sua protecçaõ sua mulher, e seus filhos: fere em hum fuzil, poem fogo á polvora, e acabou em beneficio da sua patria.

Lemos na Historia da China, que hum Chinez justamente agastado contra a vexaçaõ dos grandes, appareceo diante do Imperador a queixar-se. *Eu venho*, diz elle, *offerecer-me ao supplicio, onde tem levado similhantes reprezentaçoens a seiscentos meus compatriotas; mas eu te advirto que te preparès para novas execuçoens; ainda ha na China dezoito mil bons patriotas, que successivamente te viráõ requerer igual salario pela mesma cauza.* Naõ pude rezistir a crueldade do Imperador a tanta constancia, e concedeo a este homem virtuozo o premio, que elle sobre tudo dezejava; que foi o castigo dos culpados, e a aboliçaõ dos impostos.

A mesma historia nos offerece em huma matrona o amor notavel da Patria. Perseguido hum Imperador pelas armas victoriozas de hum Cidadaõ, quiz valer-se do cego respeito que neste paiz tem hum filho ás ordens de sua Mãi, para obrigar a este Cidadaõ a depôr as armas. Envia a esta Mãi hum Official, que com o punhal no peito lhe diz, que escolhesse morrer, ou obedecer: *Teu Senhor*, lhe responde ella com amargo sorrizo, *assenta que eu ignoro as tacitas*

mas

mas sagradas convençoens que unem os povos aos Soberanos, e pelas quaes os povos saõ obrigados a obedecer: e os Reis a fazellos felices? Elle foi quem primeiro quebrantou estas Convençoens. Cobarde executor das ordens de hum Tyrano, aprende de huma mulher o que em cazos similhantes he devido á Patria. Dizendo isto arrancou o punhal das mãos do Official, embebe-o em si, e lhe diz: *Escravo, se ainda te resta alguma virtude, leva a meu filho este ensanguentado punhal, e dize-lhe que despique a sua naçaõ, e puna hum Tyrano: que já naõ o deve acobardar couza alguma a meu respeito, nem tem nada que o detenha, agora he-lhe franco dar exercicio á sua virtude.*

No undecimo seculo Godina, mulher do Duque de Mercia em Inglaterra, provou com hum lance bem raro o seu amor á patria. Era esta mulher a mais celebrada Princeza do seu tempo pela sua belleza, e virtude. Seu marido, *diz hum historiador Inglez*, tinha posto hum tributo pezado aos moradores de Conventri; empenhou-se sua mulher para que o tirasse, mas este homem caprichozo naõ esteve pelo seu empenho senaõ com condiçaõ de que atravessaria núa toda a Cidade. Sujeitou-se Godina a esta extravagancia, e tendo prohibido aos moradores porem nella os olhos com pena de morte, montou a cavallo, e passou por todas as ruas da Cidade, cuberta unicamente com seus grandes cabellos. Hum homem movido de curiozidade abrio parte d'huma janella, mas immediatamente foi condemnado á morte. Em memoria deste successo se conserva nesta Cidade no mesmo lu-

gar huma especie de estatua na acçaõ de huma pessoa, que está espreitando.

O habito degenera em segunda natureza muito difficil de vencer; porque muitas vezes delle depende o nosso commodo. Fora hum Camponez consultar hum Oculista, achou-o á meza, e bebendo muito bem. *Que remedio hei de fazer aos meus olhos*, lhe disse o Camponez? *Absterves do vinho*, lhe tornou o Oculista; *Mas a mim está-se-me afigurando*, lhe replicou o rustico chegando-se para elle, *que os seus olhos naõ estaõ mais sãos que os meus; com tudo v. m. bebe bem*. *Sim*; lhe respondeo o outro, *porque eu antes quero beber do que curar-me*.

Em certa occaziaõ hum General Mahometano persuadio as suas tropas ao combate com estas palavras. Ponde os olhos no Ceo, pelejai por Deos, e elle em remuneraçaõ vos fará senhores da terra.

Tendo sido chamado para tomar posse do Reino, Guilherme Bastardo, Duque de Normandia em virtude do testamento de Duarte III, chegou com excellentes tropas, e pondo fogo aos seus navios lhes disse: *Esta terra em que entrais he a vossa patria*.

Querendo os Deputados de Marselha ostentar a sua erudiçaõ na falla que fizeraõ a Henrique IV., comessaraõ assim: *Quando Annibal partio de Carthago*; o Principe os atalhou dizendo: *Quando Annibal partio de Carthago, já tinha jantado; e eu vou-o fazer agora*.

Hum novo curiozo, que se gabava de ter achado o segredo de fazer ouro, requeria ao

Papa Leaõ X. huma recompensa. Mostrou o Papa Protector das Artes, e Sciencias annuir a esta sciencia, e já o charlataõ se capacitava que tinha alcançado a mais solida fortuna. Apertou pela recompensa, e Leaõ lhe mandou dar huma grande bolsa, dizendo: *Que visto que elle sabia fazer o ouro, naõ carecia mais do que de bolsa onde o goardasse.*

Quanto imperio naõ teria nos homens a formozura, se sempre andasse acompanhada da virtude! Brantome diz: *Que conhecera na França sujeitos, que mais levados das suas amantes, do que da sua vontade se abalançáraõ, e levaraõ ao fim excellentes acçoens. Vendo a formoza Ignez estar junto a si ao Rei Carlos VII. vivendo fraca, e affeminadamente, sem tratar dos negocios do seu Reino*, lhe disse: *Que a ella lhe tinhaõ vaticinado que havia ser amada pelos Principes da Christandade os mais valentes, e attrevidos, e que quando vio que elle lhe fizera a honra de parecer seu apaixonado entendeo que elle fosse o Principe, de quem tratava a Astrologia, mas que agora se dezenganava de que ella se enganára, e que este Rei destemido naõ era elle, mas sim o Rei de Inglaterra que acabava tamanhas proezas, e que aos seus olhos mesmos lhe tomava tantas praças, e assim ella hia em busca delle. Este discurso fez no Rei taõ forte estimulo, que cheio de animo, largando a caça, e mais divertimentos se deo todo ao exercicio das armas, e expulsou os Inglezes do Reino.*

Outra Anecdota que refere o mesmo Author, prova o grande poder que as mulheres do

seu tempo tinhaõ nos seus amantes. Huma moça tinha hum namorado fallador; poz-lhe ella por preceito hum absoluto silencio, e sem limite de tempo, o qual elle observou tanto á risca dous annos inteiros, que assentáraõ todos que estava mudo de alguma molestia. Hum dia em huma grande palestra a sua amante, que nestes termos em que as paixoens se seguiaõ com mais recato, naõ era por tal conhecida, se gabou de que o havia curar naquelle mesmo instante; e o fez com esta unica palavra: *Fallai.*

Contavaõ ao Rei da Persia os amores de Leilé, e Megnoun. Entrou elle na curiozidade de conhecer hum amante taõ perfeito, e perguntou-lhe se era verdade que elle amasse taõ extremozamente a sua Dama. Elle lhe respondeo: *He necessario vella primeiro para fazer juizo do extremo, com que a adoro.* Mandou-a o Rei buscar, e vio que era huma mulher magra, e feia. Mas lhe diz o Rei, he este o alvo de tantos dezejos? A peor escrava do meu serralho he mais formosa que esta mulher: *Pois agora se póde fazer conceito de quanto a amo*, diz Megnoun, *pois ella me parece a mim taõ formoza, quaõ feia parece aos demais.*

Na tomada de Oia pelos Portuguezes em 1508, reparou hum Cabo Portuguez, chamado *Sylveira*, que hum Mouro se escapava por hum atalho com huma moça fumamente bella: corre a elles para os deter. Naõ mostrou o Mouro temello por si, mas voltando-se para se deffender, fez final á companhia que se salvasse em quanto elle peleijava; mas ella teimava pelo

con-

contrario em acompanhallo, segurando-lhe que antes queria ficar captiva, ou morrer do que separar-se delle. Movido o Sylveira deste espetaculo lhes deo a liberdade de se retirarem, dizendo aos que o acompanhavaõ: *Naõ permita Deos, que a minha espada corte taõ amorozos vinculos.*

Hum Monarca da Persia perguiçozamente lançado em huma camilhia suspirava, e dizia á sua favorita: *Quanto agradavel he o throno! Oxalá naõ fosse forçozo privar me delle algum dia!* Esta magoa respondeo a amante naõ he prudente, eu vos louvaria se dezejasseis que fosse eterno o vosso amor. Amar-nos sem fim, naõ terem fim os nossos carinhos, seria huma ventura que nos igualaria aos Deozes. Mas se o Ceo fizesse eterno o poder de reinar, ainda agora eu vos contára entre os vassallos daquelle que subio primeiro ao Throno da Persia, e vós nem serieis Senhor do Throno, nem do meu coraçaõ.

O amante virtuozo, e que tem a alma virtuoza, he cheio de respeito por aquella pessoa, a quem ama. Foi o que o Poeta Dryden quiz n'hum dia persuadir a hum Cavalheiro Inglez. Exprobava este Fidalgo a Dryden que em huma das suas Tragedias, Cleomenes se entretinha em fallar só por só com a sua amante, em vez de tratar de alguma empreza digna de sua paixaõ: *Quando fallo com alguma belleza,* lhe dizia o Fidalgo moço, *sei aproveitar melhor o meu tempo. Eu me persuado,* lhe replicou Dryden, *mas tambem me haveis confessar que vós naõ sois hum Heróe.*

Disseraõ que havia occazioens em que era

 essen-

essencial a hum Embaixador, expôr alguma propoziçaõ singular, talvez quimerica, para tentear que impressaõ fazia no animo dos que a ouviaõ, e do espirito, e intençaõ da Corte. Dizia hum Homem muito espirituozo, fallando deste modo de se haver; que isto era lançar hum paroice na terra para ver quem hià para a apanhar.

O grande talento no Embaixador he poder accommodar-se em certo modo aos deffeitos daquelles a quem he mandado. Perguntava certo homem a hum Embaixador Franzez, que se recolhia de Suissa, quantas vezes se tinha lá embriagado pelo serviço de Sua Magestade? O defunto, Conde de Leaõ, irmaõ de M. de Vintemilha, que fora Embaixador de França na Suissa, dizia em huma carta que escrevia a Luiz XIV., que tinha estado sete horas á meza, e que cuidou de rebentar. *Mas*, accrescenta elles, *que se deixará de fazer pelo serviço de Vossa Magestade?* e acabava assim: *eu antes quero fazer oraçoens pela sua saude, do que beber a ella.*

Ha Monarcas que tem huma satisfaçaõ intima quando vem os Ministros turvados na sua prezença. A este assumpto refere o Baraõ de Bielfeld *nas suas Instituiçoens Politicas*, que dando Luiz XIV. audiencia ao celebre Baraõ de Pentenrieder, que tinha credito de nunca se foçobrar, se mostrou picado da pouca impressaõ que a sua vista fez neste Embaixador. Este Principe a fim de o assustar lhe interompeo o primeiro periodo da sua falla, que comessava assim, *Senhor, aqui me envia a Vossa Magestade o Imperador meu Amo*, dizendo-lhe em voz alta: *Mais*

alto Senhor Embaixador; mas elle lhe tornou sem soçobrar. *Mais alto*!..... *o Imperador meu Senhor me envia a Vossa Magestade* &c. nomeando o Imperador em primeiro lugar, e levantando a voz; e assim proseguio com tranquilidade. Estes bons ditos, prosegue o mesmo Author, saõ em abono de M. Pentenrieder, mas dezordenavaõ os negocios de seu amo.

Recomenda o mesmo Author que o Embaixador tenha particular attençaõ a conservar boa harmonia entre as duas Cortes, e que repare bem em naõ escrever tudo quanto lhe póde dizer hum Soberano, que seja odiozo em occaziaõ, que se encontra de ruim humor. Ha quazi hum seculo que hum Ministro de Hollanda enviado a huma potencia do Norte, Principe habil, porem violento teve huma audiencia particular com este Monarca: em que houve de justificar alguns lances da Republica, de que o Rei naõ podia deixar de se ter disgostado. Ateou-se sumamente o discurso, e no calor das altercaçoens repetio o Ministro muitas vezes o nome de seus Amos. *Ah*! exclamou o Rei colerico, *vossos amos saõ*..... *Senhor*, respondeo o Enviado fleumatico, *quer Vossa Magestade que eu lhes communique essa declaraçaõ na conta que der*... *Sim*, replicou o Monarca; *podeis dizer-lho da minha parte*. O Ministro se acautellou de o assim cumprir, e vendo, passados alguns dias, o Principe mais tranquillo, lhe mostrou a sua prudente discriçaõ, e conseguio delle quanto pretendia.

Hum principe da Italia a quem sempre abortavaõ os projectos porque uzava de maior acrimo-

monia de espirito, estando hum dia a huma janella com hum Ministro Estrangeiro, a quem pertendia humilhar disse. *Desta mesma janella a baixo deitou hum dos meus maiores hum Embaixador.* *He probavel*, lhe respondeo o Ministro, *que nesse tempo naõ uzassem os Embaixadores de espeda*; replica hum pouco violenta mais bem merecida, porque este Principe, querendo mortificar hum só homem offendia nelle os Reprezentantes de todas as naçoens.

Este mesmo Principe que arrogava a si os titulos de Rei de dous dominios, onde naõ era Senhor de huma polgada de terra, querendo outra vez humilhar o mesmo Ministro, lhe perguntou em publico onde estava situado o Marquezado, cujo titulo elle tinha, a que o Embaixador responde, com grande socego: *Fica Senhor entre os vossos dous Reinos.*

Hum Rei do Norte, de que a viveza era o carater principal, perguntou hum dia a hum Embaixador de Inglaterra, se elle fallaria ao povo no cazo que o quizessem enforcar, ou degollar? E o Ministro sem se alterar respondeo, que elle sempre tinha aparelhado o seu discurso, e estava provido de luvas brancas na aljibeira. Tomara ouvir-vos, lhe replicou o Monarca. Entaõ o Embaixador pondo-se na attitude, que he costume fallou assim. *Senhores, eis-me a ponto de acabar a vida, naõ a lamento, mas o que mais me magôa he que aquelles mesmos que deviaõ fazer timbre de humanidade, e benificencia, venhaõ entreter-se com hum cruel espectaculo, que tem requerido: estas tragicas scenas fizeraõ-se para a barba-*

va gentalha, mas os animaes virtuozos, e sensiveis deviaõ envergonhar-se de ouvir com prezença de espirito.... Basta, Senhor Embaixador, lhe disse o Monarca, que antevio que o fim da falla seria huma reprehençaõ da barbara curiozidade, que assentava mal nelle.

Hum Enviado de muita habilidade era disgraçadamente dado á satyra, e naõ podia absterse de mil tiros satyricos contra hum Monarca, com quem tinha credito, e contra a sua corte. Soube-o este Principe, e naõ se mostrou escandalizado; mas requerendo que fosse chamado, e tendo-o conseguido, em vez do prezente do costume lhe deo huma tapysseria em que este Ministro estava pintado como Sileno cercado de satyros. A grande similhança das feiçoens fez esta vingança muito applaudida.

Os Embaixadores de Tarragona vieraõ dizer a Augusto que no altar, que elles erigiraõ em sua honra tinha crescido huma palma. *Isso he huma prova*, lhe respondeo Augusto, *de naõ ser trilhado por sacrificios*.

O Imperador Herique IV tinha junto a si o Conde de Scarbieki enviado pela Republica de Polonia a fim de concluir hum tratado de paz. O Emparador fez diante deste Embaixador alarde das grandes riquezas do Imperio, e do Thezouro, que tinha ajuntado. Aqui temos, lhe disse, com que algum dia possamos sujeitar a Polonia. O Embaixador nada perturbado da altivez desta ameaça tirou hum anel de preço, que trazia no dedo, e o lançou no thezouro dizendo: *Adjiciamus aurum auro*. Acçaõ em que mos-

moſtrou aceitar o dezafio; e que deſprezava as riquezas do Imperador naõ crecendo augmentallas. Eſta acçaõ que podia cauzar huma ruina adiantou a concluzaõ da paz entre o Imperador, e os Polacos.

M. S. *** perdeo hum amigo que pela ſua morte deixou muitas dividas, e dous filhos pequenos ſem herença. O amigo que lhe ſobreviveo cortou pelo ſeu tratamento, foi morar n'huma Aldea, d'onde vinha todos os dias com hum criado ſervir huma occupaçaõ que tinha no Paço: Foi taxado de avarento, de mal procedido, e em fim foi o alvo das criticas de todos; paſſados dous annos, torna M. S. *** a aparecer no mundo; tinha junto huma ſomma de duas mil libras, que poz a juro para os filhos do ſeu amigo. Contando-os M. Sedaint eſte lance no ſeu diſcurſo acerca das qualidades que conſtituem a belleza d'alma: *he magoa que nos naõ deſſe a conhecer hum homem que tanto adorna a humanidade.*

O Conde d'Aubigné, avô de Madama de Maintenon, moſtrou igual generozidade de ſentimentos. Henrique IV. o cenſurava de ſe moſtrar amigo do Senhor de Tremouillé diſgraçado, e deſterrado da Corte. *Senhor*, lhe reſponde o d'Aubigné, *M. de Tremouillé he muito diſgraçado, viſto o ter deſcahido da graça de ſeu Amo; aſſentei que me naõ eſtava bem dezamparallo em humas circunſtancias, em que elle neceſſitava mais que nunca da minha amizade.*

Suſtentava hum idiota em huma aſſemblea que o Sol naõ girava á roda do mundo: a como

póde isso ser, instaraõ com elle, se tendo-o nós visto pôr no Occidente, o vemos tornar a nascer no Oriente, se naõ passa por baixo do nosso globo? He forte difficuldade, lhes tornou o ignorante enfatuado, torna pelo mesmo caminho, e se o naõ vem he porque o anda de noute.

Certa Senhora adiantada em annos, foi vizitar hum Cavalheiro anciaõ do seu conhecimento, que estava quazi moribundo. Impedio-lhe a entrada a filha do doente, dizendo-lhe que seu pai naõ queria ver mulheres; mas ella lhe replicou: Deixai-me, Senhora, entrar, que na minha idade já naõ ha differença de sexo.

Os Hollandezes diziaõ a hum Francez; que na paz de Ryswych se lhe havia restituir a Praça de Mons: nem nós podiamos ficar com ella, lhes respondeo o Francez, porque quando a tomamos por força foi diante de mais de sincoenta mil testimunhas.

Dizia certo irmaõ, que pedia esmola, que elle quando deixou o mundo, tinha feito deixaçaõ de todos os seus bens, que eraõ muitos: mais valia, lhe respondeo hum que o ouvia, renunciar os bens alheios, do que os proprios.

Vendo certo importuno, que hum homem applicado passeava muitas vezes sem mais companhia, se chegou a elle, e lhe disse. E he possivel que v. m. possa soportar este ermo? e elle lhe respondeo, desde que v. m. se chegou a mim, entaõ he que comecei a estar só.

Vio-se obrigado a estar de cama hum homem, cançado de divertimentos; veio vizitallo

hum

hum amigo, e vio ao tempo que entrava na sua camara, sahir della a sua amiga. Perguntou ao doente como estava. Agora se me despedio a febre, lhe respondeo elle: He verdade, lhe tornou o amigo, e eu me encontrei com ella quando para aqui entrava.

Certo cavalheiro castigava o seu cavallo que escouceava, e naõ queria ser o ultimo que cedesse: hum passageiro lhe disse. Ora, Senhor, tenha mais prudencia.

Certo Bispo, que viajava em carruagem, encontrou hum Capucho a cavallo. Chamou o Religiozo, e lhe perguntou com sorrizo maligno Naõ me direis quando comessou S. Francisco a andar a cavallo: e o Capucho lhe respondeo; no mesmo tempo que S. Pedro deitou carruagem.

Disputava-se em hum banquete da antiguidade do mundo. Certo convidado que ouvio toda a disputa callado a acabou dizendo: Eu me persuado que o mundo he como huma mulher namoradeira, que encobre a sua idade.

Hum homem muito velho, e que por esta razaõ tinha já enfraquecido o talento, de tempos a tempos rompia em bons repentes: o que deo assumpto a dizerem que era hum castello velho, onde appareciaõ cousas do outro mundo.

Hum bebado queria sahir por hum beco fóra, cuidando que era travessa, e naõ o podendo conseguir entendeo que lhe tinhaõ fechado a sahida, tira da espada, e entra ás estocadas, e cutiladas contra hum gigante de pedra,

cui-

cuidando ser hum homem, e com as pancadas sahiraõ algumas faiscas: ah vilhaco, diz elle recuando, tras armas de fogo?

Pintaõ os Poetas o amor com huma venda nos olhos, para denotar a cegueira, em que nos poem; tanto que o gráo maior, ou menor desta cegueira he quem incuka o gráo desta paixaõ. Quam bem conhecia isto huma Dama, que sendo colhida de subito pelo seu amante com o seu rival, teve o acordo de lhe negar hum facto, de que elle proprio era testimunha. Mas que, lhe diz elle, e tendes ouzadia tamanha de negar?... Perfido, clamou ella, agora vejo que me naõ tens amor; pois que dás mais credito ao que estás vendo, do que ao que eu te digo.

Havia tres mezes que huma rapariga do Languedoc naõ via o seu amante. Estava-lhe este dizendo as maiores finezas quando sobreveio huma chuva; o mancebo mostrava inquietaçaõ e dezejo de se abrigar da chuva. Mas que? Estivesteis tres mezes auzente, lhe disse a amante com inquietaçaõ; tendes-me amor, estais na minha prezença, e dais tino de estár chuvendo

Perguntavaõ a huma Dama Romana por qual razaõ se naõ recazava, tendo ficado viuva na primavera dos annos? He, respondeo ella, porque nunca perco da memoria meu primeiro marido.

Paulina, mulher de Seneca, naõ quiz sobreviver a seu marido, a quem Nero tinha mandado matar, e mandou abrir as suas veias, como tinhaõ feito a seu marido; e mandando Ne-

ro

ro varias pessoas para a persuadirem a deixar-se curar, sempre todo o resto da sua vida conservou tal palidez, diz Tacito, que deo hum gloriozo testemunho do amor, que tinha a seu marido.

Aconselhavaõ a Madama de Longueville, que fosse á Corte para a edificar com o seu bom exemplo. O melhor exemplo que lhe posso dar, respondeo ella, he tella deixado.

Certo bebado, tendo bebido muito se levantou da cama, onde estava com sua mulher e foi ourinar á janella. Estava chovendo, e ouvia a agua de huma biqueira, que cahia, e cuidando que era elle quem fazia esta bulha, se conservou assim muito tempo. Por fim a mulher lhe gritou: entaõ acabas? Ah! respondeo o bebado, acabarei quando Deos quizer.

Certa mulher de hum official, estando á meza com a sua familia, tomou por sua conta contradizer seu marido, que era bebado rematado. Este para sustentar o que dizia pegou no frasco de vinho, que estava para todos, e bebeo huma grande porçaõ dizendo, senaõ he assim o que eu digo, em veneno se me converta este vinho; comessou a mulher a teimar, e o bebado repetio as mesmas imprecaçoens, e entre estas contradiçoens despejou o frasco de vinho: entaõ os filhos mais prudentes que a mãi, lhe disseraõ: por favor, minha mãi, naõ o contradiga mais, se naõ hade-nos matar de sede.

Certo Gascaõ já arruinado jogava jogo farto, e perdia mais de vinte cartas, que punha ao jogo da lascaneta. Ora isto, gritava elle, he

cou-

couza que sómente a mim succede. Certa mulher compadecida desta perda, mostrava condoer-se delle, mas elle lhe respondeo: naõ tenha dó de mim, mas sim dos meus credores, que saõ os que perdem.

Outro jogador, em cazo similhante exclamava. Ah fortuna! tu fazes com que eu perca; mas eu te dezafio para me obrigar a pagar.

A certo jogador, a quem hia bem de fortuna, convidaraõ para ser segundo em hum dezafio: Naõ, respondeo elle: eu hontem ganhei 800 moedas, e naõ heide brigar de bôa vontade, mas vá v. m. buscar quem as perdeo, que este naõ terá duvida em brigar, porque está sem real.

Compararaõ alguns os Tribunaes as moutas de silvas, onde a ovelha busca abrigo contra os lobos, mas d'onde se naõ retira sem deixar parte do seu pelo.

Dous litigantes, que pretendiaõ o favor dos juizes, lhe fizeraõ hum prezente, hum de hum barril de azeite; e o outro de hum porco. Sentenciou o Juiz a favor do que lhe mandou o porco: veio queixar-se o outro, e o Juiz lhe respondeo que lhe entrara em caza hum porco e lhe tinha quebrado o barril de azeite, e que este accidente lhe fizera esquecer a sua cauza.

Dizem que o cazamento he o sepulcro do Amor. Certo homem nobre cazou por amores e outro que o conhecia contava em huma companhia, que elle depois que se casou nunca mais dormira com sua mulher.

Aconcelhavaõ a certo pai que esperasse que seu filho tivesse mais prudencia, e que entaõ o

cazaria : esse concelho naõ se deve abraçar, lhe respondeo elle, porque se meu filho chega a ter juizo, nunca cazará.

Perguntavaõ a certo doente porque naõ chamava Medico; e elle respondeo, he porque ainda naõ quero morrer.

Parecendo mal a hum Medico ouvir fallar mal da Medicina, respondeo: verdade he que de mim ninguem se póde queixar. Certo que naõ, lhe responderaõ, porque v. m. mata todos quantos vizita.

Certo Pintor de mediocre talento abraçou a profissaõ de Medico. Perguntáraõ-lhe a razaõ: Na pintura, diz elle, apparessem logo todos os defeitos, mas na Medicina enterraõ-se, e salvaõ-se assim melhor.

Certo Medico furiozo, e bulhento teve huma dezavença com outra pessoa a quem ameaçou de matar. Isto naõ receio eu, lhe respondeo o outro, pois naõ tenho tençaõ de o chamar quando adoecer.

Diziaõ de certo Medico Suisso, que nunca passava junto do Cimiterio sem cobrir o rosto com o lenço: e perguntando-lhe a razaõ, disse he porque aqui estaõ muitos por ordem minha, naõ quero que me conheçaõ, e me venhaõ agarrar.

Conta-se que certo Medico trazia sempre a aljibeira cheia de receitas, e que quando alguem o consultava, lhe mandava que sacassem da aljibeira a receita que topassem, que seria certamente a mais apta para a sua molestia: certa mulher, que padecia hum garrotilho consultou es-

to

Esculapio, metteo a maõ na aljibeira, e vendo que a receita era hum clyster, se poz a rir tanto, que rebentou o abcesso, e ficou sã.

POEZIA.

ECLOGA PISCATORIA.

FILENO.

EM quanto ao som de tormentozos roncos
De negras nuvens todo o Ceó se feixa,
E muge o mar sobre os penhascos broncos:
Em quanto o tempo, e a maré naõ deixa
vagar o barco, que nas ondas batte
Com mil balanços vãos, sobre fateixa:
Em quanto o moço Alcino a verga abatte,
E com cordas Oronte as velas colhe
E apronta as redes, com que o peixe matte:
Engrossa a chuva, e ao leito se recolhe
Qualquer dos dous; mas só Fileno fóra
Naõ se lhe dá que o temporal o molhe.
Fileno, cujo peito a qualquer hora
Anda sempre em suspirós, cento a cento
Alagado nas lagrimas, que chora.
Por dar algum alivio ao seu tormento,
E ver se o seu pezar assim engana,
Taes queixas espalhou ao surdo vento.

Amas

Amarillis formoza, e deshumana
Mais insensivel do que as rochas frias,
Do que os marinhos monstros mais tyrana.
Eu me consumo em tristes agonias,
Vendo passar aos teus grilhoens attado,
Como estas turvas aguas os meus dias.
Naõ tanto agitta o mar o Sul irado,
Como desses teus olhos os rigores
Trazem meu coraçaõ sempre agitado.
Já do Sol duas vezes os ardores
Tem posto o Tejo em calma, e o frio Inverno;
Outras tantas mostrado os seus furores.
Desde o dia fatal, que o amor mais terno
Me faz render-te em vans adoraçoens
De lagrimas, e ais tributo eterno.
Teu lindo gosto, e as tuas sem razoens
Desde entaõ fazem sempre viver cheia
Esta alma de tamanhas afflicçoens.
Que a immensa chamma, que o meu peito ateia
Mais facil me seria, que o contalla
Contar na praia os grãos, que tem a areia
Nenhuma couza o teu rigor aballa:
Porém excepto a tua formozura
Nada no mundo o meu amor igualla.
De balde a tanto mal posso achar cura,
Pois quem te chega a ver, e naõ te adora
Tem o peito de bronze, ou pedra dura.
Es Sereia na voz, no bafo Flora,
Venus nos olhos, boca, dentes, testa,
Nos braços Juno, e no rosto Aurora.
Thetis nos pés, no brando rizo Vesta,
Nas mãos Minerva, e a hum tempo juntamente
Es doce, fera, amavel, e modesta.

Quem

Quem na dança te vê mover decente
O majeſtozo corpo, e airozos braços
O chaõ ferindo com o pé cadente;
Vê a pompoza Doris; quando os laços
Soltando as roupas pela praia imprime
Entre es Nereias os medidos paſſos,
Mas a cauza maior, porque te eſtime
Entre dotes taõ raros, e diverſos
He teu diſcurſo, e eſpirito ſublime.
Por ouvir teus louvores em meus verſos
Ás vezes em cardumes juntos vejo
Os peixes, que no mar andaõ diſperſos;
E ſe o cȏncavo buzio mais forcejo
Sahem a ouvir-me entaõ dos ſeus retiros
As bellas Nynfas do dourado Tejo.
O Zefiro tomando os meus ſuſpiros
Para levar-tos ſobre as ſuas azas,
Encreſpa as ondas com laſcivos giros.
Todos ſabem, cruel, que es quem me abrazas,
Pois mil vezes gravei teu doce nome
Nas altas rochas, e nas pedras razas.
O mar battendo nellas as conſome,
Só eu, triſte de mim! naõ acho arte,
Com que o teu peito abrande, ou genio dome.
Que poderei fazer para obrigar-te,
Se até por naõ ouvir o que em mim paſſa
Foges da minha viſta em qualquer parte.
Pois naõ ſou eu agora taõ ſem graça
Taõ ſem bens, ou nenhuns merecimentos
Porque ninguem de todo em mim deſfaça,
Eu os diverſos nomes ſei dos ventos,
Donde ſopraõ, e como ſe dirigem
Da maquina Celeſte os movimentos.

Dos mais occultos rios sei a origem,
E conheço os cachopos carrancudos,
Que na barra os Navios tanto affligem.
Sobraõ-me as redes, e os farpoens agudos,
Ninguem me vence em pescaria grossa,
Nem á linha em pescar peixes miudos.
Naõ ha quem competir comigo possa,
Ou seja em mergulhar, ou seja a nado
Ainda quando a enchente o rio engrossa.
Ha pouco estando o mar mais socegado
Me estive n'agua vendo, e nem no rosto,
Nem no corpo sou mal afigurado.
Mas que val tudo quanto tenho exposto,
Se faz a minha estrella rigoroza,
Que nada disto em fim deçaia em gosto.
A bella, e gentil Filis orgulhoza,
De mil amantes guerras o motivo,
E que he despois de ti a mais formoza.
Abateu por me amar seu genio esquivo,
E buscando-me em todos os lugares
Arde por mim no incendio mais activo.
Mas primeiro os delfins ver-se-haõ nos ares,
Os tritoens escamozos pelos montes,
E os camponezes satyros nos mares:
Primeiro os rios tornaráõ ás fontes,
E será o Occeano taõ estreito,
Que se possa passar sobre elle em pontes;
Do que por outrem sinta o doce effeito,
Com que a luz dos teus olhos bella, e clara
Soube só abrazar este meu peito.
Sim, cruel, se mais branda eu te encontrára
Por ti naõ só de Filis os extremos
De huma Deoza os amores desprezára.

Assim o quer amor, aborrecemos
 Quem amante nos busca, e favoravel,
 Quem nos foge, e despreza quer que amemos.
Amarilis cruel, e inexoravel,
 Aonde estás, ingrata, aonde, aonde,
 Que naõ ouves os ais de hum mizeravel!
O insensivel ecco, que se esconde
 Lá nas distantes gruttas corcomidas,
 Movido de piedade me responde.
Respondem estas margens dezabridas,
 Respondem com murmurios estas aguas
 Da minha voz, e pranto condoidas.
Só tu vendo abrazar-me em tantas fragoas
 Nem dos olhos se quer com hum leve acceno
 Mostras ter compaixaõ das minhas magoas.
Antes rindo das ancias com que peno,
 Cruel, os puros votos dezestimas,
 Que te offrece constante o teu Fileno.
Mas porque em ver-me nem se quer te opprimas,
 Ir-me-hei queixar de taes ingratidões
 Longe de ti aos mais remotos climas.
Lá mettido em asperrimos certões
 Chorarei os rigores da saudade
 Entre serpentes, tigres, e leoens,
Talvez que a natural ferocidade,
 Pondo de parte, em vez de dar-me a morte,
 Tenhaõ mais do que tu de mim piedade.
Bem que he esta paixaõ taõ grande, e forte,
 Que com perder a vida perco pouco,
 Se hei de viver penando desta sorte.
Aqui chegava furiozo, e louco
 O afflicto pascador com seu lamento
 Razos os olhos de agua, e o peito rouco.

Cahio desfalecido, e sem alento,
E o somno porque as forças lhe reforme
Sobre elle extende as azas manso, e lento.
Mas nem por isso ao seu pesar conforme
Amor inquieto em sonhos o deixava
Antes da ingrata a imagem lhe pintava
Por turbar-lhe o socego em quanto dorme.

OITAVAS.*

I.

POr fugir da cruel melancolia,
Que a estragada cabeça me atropela
Largando o pobre leito em que jazia
Foi sentar-me n'hum canto da janela;
Dali pela meuda jeluzia
Espreitando qual timida donzela
De tudo quanto vi te darei parte
Se a tanto me ajudar engenho, e arte.

II.

Mora defronte roto guriteiro
Com jogo de bilhar, e carambóla,
Onde ao Domingo o lépido caxeiro
Co'a loja do Patraõ vai dando á sóla:
Gira no lizo verde Tabuleiro
D'indiano marfim lascada bóla
Erguendo aos ares perigozos saltos,
Chamaõ-lhe os Mestres d'arte truques altos.

III.

Ali se junta bando de casquilhos
A que o vulgo mordaz chama rafados,
Alto topete, prenhe de pulvilhos,
Que descalço Galego deo fiados:
De quebrados Tafues vadios filhos
Pelas vastas tablilhas encostados
Altercaõ mil questoens, promtos contendem,
Promptos decidem, no que nada entendem.

IV.

Hum quer ver enfronhado em picaria
Sylvada testa no Andaluz Ginete,
Outro prova no chaõ a ponta fria
De luzido virginal florete;
Mais amante da paz outro elogia
Do bom Depré o airozo minuete,
E posto em pé para imitar-lhe os passos
Alteia o peito, e vai torcendo os braços.

V.

Aventuras d'amor outro cantando
Mostra os escritos de Nerina bella
Onde a mão adoravel foi lançando
Com penna de purum lettra amarella:
Vai com trabalho o moço soletrando
As tortas regras, que buçal donzella
De emprestadas finezas carregára,
E piedoza vizinha lhe ensinára.

VI.

Entaõ diz que finissima madeixa
Lhe ondea sobre o hombro torneado,
Ali suspira o triste, ali se queixa
De hir já sendo por ella desprezado;
Conta chorando que esta ingrata o deixa

Por

Por esbelto cadete, que rafado
Por mais que ao uzurario os soldos peça,
A bolsa sempre tem como a cabeça.

VII.

Alçando mais os olhos vi defronte
Malhando a fio rigido Banqueiro,
Que tendo já de marcas alto monte
Hia despindo o misero parceiro:
Em quanto hum diz que lavre, outro que conte,
Sem valerem os oculos do olheiro,
N'huma paz já vencida hum ponto afoito
Sutilmente lhe encaixa duas de oito.

VIII.

Mas o sabio Banqueiro affronta os medos
Tendo nas mãos com que le vá vingando;
Com cuspo milagrozo ungindo os dedos
Vai dextramente as cartas recuando;
De sciencia infernal subtís segredos
Com mão ligeira prompto executando,
Marcando cartas, inventando micàs,
Fazia em vez de banca, pelóticas.

IX.

Mas naõ se livra de subtil calote
Que hum velho mansamente lhe tecia;
Julgando-o todos misero pixote;
Parolins de campanha afoito erguia;
Embrulhado em diafano capote
Por hum boraco os ganhos recebia;
Fôra no cabra das melhores pernas;
Hoje jóga os três setes nas tabernas.

X.

Os roxos olhos para o ar alçados
Encostado na quina de hum bofete,

Pen-

Pensativo taful mordia huns dados;
Que seis vezes tiraraõ quatro a sete;
Com suspeitas de que eraõ carregados
Em duro almofariz o triste os mete,
E a golpes de martello aberto o centro,
Por fóra saõ marfim, chumbo por dentro.

XI.

Mais ao longe com pálida vizeira
Sujo Poeta está vociferando;
Da nojoza empesada cabeleira
Varias pontas de palha vem brotando;
Os papeis que lhe pejaõ a algibeira,
Vaõ pelo forro larga porta achando:
Faz da veste a camiza, e he coleirinho
Torcido, solitario pescocinho.

XII.

Fora cem vezes em nocturno oiteiro
Da sabia Padaria apadrinhado;
E diz-se que glozava por dinheiro,
Mas creio que té qui naõ tem cobrado;
Seguindo em moço o officio de Barbeiro,
E das filhas de Jove namorado
Abrio ao mundo asperrima batalha
Tanto co'a penna, como co'a navalha.

XIII.

Fallou (por imitar Muza Campestre)
Em *surraõ*, e *cajado* muitas vezes;
Era hum flagello este tirano Mestre
Aos ouvidos, e face dos Freguezes;
Todos os versos lêo da Estatua Equestre,
E todos os famozos entremezes,
Que no Arcenal ao vago caminhante
Se vendem a cavallo n'hum barbante.

XIV.

De cançada rancoza Poezia
Grosso volume n'algibeira andava,
Em vendo gente logo lá corria,
E o fatal cartapacio lhe empurrava;
Acrosticos, sonetos repetia,
Que só elle entendia, e só louvava;
Punha em proza tambem muita parola,
E acabava por fim pedindo esmola.

XV.

Este ouvindo da turba as prozas frias
E acezo do Parnasso em santo zelo,
Alçando a voz cantou doces poezias,
Que envejou de latona o filho belo;
Jurando que as fizera em poucos dias,
Prometeo que as havia dar ao prelo;
Mas da roda hum dos menos depravados
Em desconto as ouvio dos seos peccados.

XVI.

De balde, diz, o povo vil, perverso
Sobre mim descarrega tiros rudos,
Que eu naõ só sou Poeta desde o berço,
Mas tambem tenho solidos estudos;
Sei que syllabas há em cada verso,
E naõ misturo graves com agudos;
Rompi oiteiros em Santa Anna, e Chellas,
Chamei Sol á Prelada, ás mais estrellas.

XVII.

Co'as sonoras palavras *Pindo*, e *Plectro*
Ponho em meos versos locuçaõ divina;
E sei para cumprir as leis do metro
Quanto a historia da Fabula ensina;
Sei que dos Ceos tem Jupiter o setro,

Que

Que nos Infernos reina Prósepina,
A madrugada sempre chamo Aurora,
Sempre chamo a hum jasmim mimo de Flôra.

XVIII.

Sei de certo em que tempo vio o mundo
Filhos da terra os quatro irmãos gigantes;
Sei finalmente conhecer a fundo
O que saõ consoantes, ou toantes;
Sei tudo, e unicamente me confundo
Co'huns taes versinhos, que naõ vi d'antes;
Aos novos versos todo o povo acôde
O estilo he *Sybillino*, o nome he *Ode*.

XIX.

Fazellos eu naõ posso, nem dezejo;
Porém sei conhecellos facilmente;
Co'as verdes mãos o serpeado Tejo
Furta o trilingue inadido Tridente;
Mas que Gorgona filtro? Eu vejo, eu vejo?
Em dizendo isto, he Ode certamente,
He filha d'arte a escuridade dellas,
He hum preceito das dezordens bellas.

XX.

As taes poezias que a entender naõ chego,
Podres palavras tem dezenterrado;
Se levaõ nó, he taõ occulto, e cego,
Que quem quer percebello, vai errado;
Dizem que imitaõ n'isto hum certo Grego,
Gloria de Thebas, Pindaro chamado;
Se isto assim he, a sua lingoa de ouro
Seria grega; mas fallava mouro.

XXI.

Quatro rapazes estendendo o pano
Deixaõ as gentes ao redor absortas;

Fal-

Fallando em Venuzino, e Mantuano;
As Muzas Portuguezas poem por portas;
Aprendendo Francez, e Italiano,
E humas taes lingoas a que chamaõ mortas
Fazem com ellas perigozas modas,
Mas inda bem que eu as ignoro todas.

XXII.

Diz hum Sabio que o feculo prezente
Hia emendando os erros do paffado,
Mas que das Odes a infeliz torrente
Tinha a lingoa outra vez eftropiado;
Que amontoaõ com mão impertinente
Quantas palavras velhas tem achado;
Que fe envergonhaõ das que ouvimos todos,
E vaõ bufcallas muito além dos Godos.

XXIII.

Como o caruncho, e podridaõ condemna
A liçaõ affectada dos Antigos;
Naõ leio Barros, Souza, nem Lucena;
Porque fempre foi bom fugir dos perigos;
Ou fempre efcreveo mal a fua pena,
Ou nunca os leraõ bem os taes amigos;
E por cautella, arredo bolorentos
Ginjas fataes do tempo de quinhentos!

XXIV.

Naõ podem crer os genios Luzitanos
Que as modas como as vidas faõ pequenas;
Que já murchou o eftro dos Romanos,
Que influem fobre nós outras camenas,
Que o tempo tragador, volvendo os anos
Fez cahir Roma, fez cahir Athenas;
Que jaz no pó a Iliada envolvida,
E que alça a fronte a Feniz renafcida.

Mas

XXV.

Mas hia por diante o monstro horrendo
C'o Sermaõ, que nimguem lhe encomendára,
Mas inimiga mão lhe foi batendo
Co'hum baralho de cartas pela cára;
Era hum ponto infeliz, que estava ardendo,
No innocente Poeta se vingára,
Que naõ sentio o ver-se maltratado,
Mas ter a porcos perolas lançado.

XXVI.

Eisque o dono da caza espavorido
Em castigo da sordida cobiça,
Vem com as mãos na cabeça, *estou perdido*,
Tenho as cazas cercadas de justiça;
Era Domingo; c'hum ponto arrependido
Sentio entaõ o naõ ter hido á Missa;
Naõ valem rogo feos, nem do Banqueiro,
He mais brando hum leaõ que hum quadrilheiro.

XXVII.

Mas já faminto Alcaide carrancudo
Grita no meio da fatal procella:
Bóta cordaõ Manteiga, agarra tudo,
E sentido naõ saltem da janella:
Forçozo quadrilheiro alto, e membrado
Aos desgraçados poem por sentinella,
Soaõ algemas, lançaõ-se cordoens,
Cortaõ-se atraz os cozes dos calçoens.

XXVIII.

Entaõ o triste povo sitiado
Faz das bolsas bandeiras d'amizade;
Capitula em dinheiro de contado,
Negocea-se a paz com brevidade,
Sentio-se o bom Esbirro lastimado

Paa... E

E aos infelices deo a liberdade:
Pagou-lhe o Ceo taõ santo beneficio,
Jaz na enchovia, e tem perdido o officio.

XXIX.

Eisaqui, meo Alcino, tenho exposto
A medecina que me tem sarado;
E como trazes o pezado rosto
De lagrimas de dor sempre inundado,
Vem vizitar-me hum dia, que eu aposto
Que para caza voltarás curado
Dos costumes tambem, que aqui enfreias
As baldas propias, rindo das alheias.

FIM.

ERRATAS.

NA ultima pagina do Prologo, regra 12, lêa-se *Asterisco*: na pagina 151, regra 32, *nossa*: na pagina 153, regra 12, *lucens*.

E todos os mais erros, que seráõ de menos substancia, supprirá a benevolencia dos leitores.

INDICE
DAS PRINCIPAES MATERIAS.

PRologo do Editor.
Astrologia Judiciaria. 1
Da Magia. 15
Dos Sonhos. 26
Das Fantasmas, Espectros, e Almas do outro Mundo. 34
Da Feitiçaria, Feiticeiros, e Feitiços. 46
Dos Encantamentos. 60
Reflexoens acerca do merecimento do Negociante, e do caso que se deve fazer delle. 70
Carta de hum Medico a huma Dama, acerca de ella criar os seus filhos. 80
Exemplo dado ás Mãis pela Rainha de Dinamarca. 83
Memoria acerca da carne do açougue, publicada em Grenoble em Feveteiro de 1770. 86
—— *Primeira Parte.* 87
—— *Segunda Parte.* 109

CORPO DO HOMEM.

—— *Crescimento.* 120
—— *Proporçaõ.* 122
——*Differença das proporçoens occazionada pela differença do sexo.* 124
——*Altura do homem.* 126

Pe-

—— *Pezo do homem.* 127
—— *Cabellos.* 128
—— *Dos Dentes.* 130
—— *Dos Olhos.* 130
—— *Do Cerebro.* 132
—— *Dos Ossos : Dos Musculos : Das Vertebras.* 134
—— *Do Coraçaõ : Do Pulso.* 135
—— *Do Calor Natural.* 136
—— *Da Transpiraçaõ insensivel.* 136
Discurso sobre os Corsarios de Berberia. * 137
Discurso sobre o uzo dos utencilios de ferro nas cozinhas, e nas officinas quimicas. * 150
Reflexoens de hum viajante na China acerca do chá, e algumas bebidas, e metaes daquelle Imperio. 159
Caça da Rapoza, e da Lontra. 162
—— *Para dar veneno ás Rapozas.* 168
—— *Mecha para deitar fóra a Rapoza do covil.* 168
—— *Laço corrediço.* 169
—— *Especie de laço corrediço para os Lobos.* 170
—— *Caça da Lontra.* 172
Commutaçaõ da pena de morte imposta aos Dezertores das tropas em Inglaterra. 175
COMPARAÇAÕ *do Reino Animal, e Vegetal, quanto ao modo com que crescem os individuos, que pertencem a estes dous Reinos, e fenomenos que mostraõ nas suas differentes idades.* 178
—— *Mequanismo do dezenvolvimento do Germen contendo em huma bolota, ou semente &c.* 180
—— *Vazos das Arvores* 183
—— *Theorica, e causa da progressaõ do Seve. Mequanismo do crescimento das Arvores.* 185

Es-

—— *Estado de Embriaõ das Arvores; sua infancia* 192
—— *As Arvores consideradas no seu estado de mocidade, e vigor* 193
—— *Estado de Consistencia das Arvores.* 196
—— *Caducidade das Arvores.* 197
Modo de fazer hum Prado 199
Lança de Generozidade de hum Indio. 203
Carta acerca da Educaçaõ fizica-moral dos Rapazes no campo. 205
Natureza, e Propriedade da Cera. 211
Modo de fazer çapatos, que salvem os pés da humidade. 214
Criaçaõ dos Bichos de seda em ar patente. 216
Criaçaõ dos Perús no Forez. 218
Methodo uzado em Hall, e suas vizinhanças para prezervar o gado. 219
Do Modo, e ventagens de fazer nos fórnos estufas para seccar trigo, e centeio. 221
Excellente lance de urbanidade de huns rendeiros, e vassallos para com seu Senhor. 222
Modo de preparar a cortiça para embaraçar a evaporaçaõ dos licores, e saes &c., recentemente descuberto em Suecia. 224
Exemplar Moderaçaõ do novo Bispo, e Principe de Spira. 225
Uzo saudavel para o gado. 227
Meio efficaz para matar a lagarta 227
Estabelecimento proprio para a multiplicaçaõ, e perfeiçaõ dos cavallos. 228
Cultura das Batatas. 230
Lance de Beneficencia do Imperador: meio infallivel com que atalhou muitos abuzos. 234

Generozo Lance dos Negociantes de Chalons nas margens do Sâona. 237
Modo de prezervar de podridaõ a carne secca, e de a conservar boa, e sem se enrezinar 238

INVENÇOENS.

Nova Invençaõ de Pistolas, com que se podem atirar quatorze tiros em hum minuto 240
Novo Instrumento para a fumegaçaõ do tabaco em beneficio dos affogados &c 241
Perfumador, ou Folle mequanico de que podem uzar os cultivadores, a fim de matar todos os ratos, toupeiras, arginazes &c. 242
Maquina para abrir vellas. 244

SEGREDOS DE PURO REGALO.

Modo de gelar creme, e outros licores para sobremeza. 245
Modo de fazer Ratafia de cereijas. 246
Modo de fazer Ratafia de cravo. 248
Modo de fazer Ratafia de Pessegos á Provençal. 249
Modo de fazer vinho de uva espinha, e outros licores. 251
Receita de hum excellente Ratafia de Nozes. 253
Receita para que os licores tenhaõ a côr, ou tintura que se dezeja. 254
Modo de Temperar couves á Provençal. 256
Modo de fazer excellente agua ardente. 257

REMEDIOS.

Remedio contra a Peste. 261

—— *Cauzas de boa saude,* 264

Receita para prezervar as Plantas dos Insectos. 269

Remedio para curar Papeiras. 270

Remedio contra a Epilepsia. 271

Remedio contra a Esquinencia. 271

SUCCESSOS *Particulares, e extraordinarios.* 272

AVIZOS. 275

ANECDOTAS, *bons ditos, sentenças, Respostas engenhozas &c.* 277

POEZIA.

ECLOGA PISCATORIA. * 297

OITAVAS. * 305

CATALOGO
DOS
LIVROS IMPRESSOS Á CUSTA
DE
FRANCISCO ROLLAND,

Impressor-Livreiro em Lisboa, na esquina da Rua do Norte.

Avisos, e Reflexoens sobre as obrigaçoens dos Religiosos. Nova Ediçaõ emendada, e augmentada, em 8. 4 vol. 1778.

Arte de Prégar, segundo o Espirito do Evangelho, com hum Discurso preliminar sobre a Eloquencia, em 8. 1. vol. 1777.

Arte Poetica de Horacio, traduzida, e illustrada por Candido Lusitano. Segunda ediçaõ correcta, emendada, e augmentada das Regras da Versificaçaõ Portugueza, em 8 1778

Arte de se tratar a si mesmo nas enfermidades venereas, e de se curar de seus differentes symptomas, traduzido do Francez, em 8. 1 vol. Coimbra. 1777.

Belizario, escrito em Francez por Marmontel, traduzido por J. N. T. M em 8. 1 vol. 1778.

Costumes dos Israelitas por Fleury, traduzidos por Joaõ Rozado Villalobos, em 8 1 vol. 1778.

Discurso acerca do modo de fomentar a Industria do Povo; publicado em Hespanha por ordem de Sua Magestade Catholica, e tra-

du-

duzido por ***, em 8, 1 vol. 1778.

Diccionnario da Biblia, traduzido do Francez; obra utilissima para a intelligencia do velho, e novo Testamento, e para a historia da Igreja, em 8. 1 vol. 1766.

Espirito do Christianismo, traduzido do Francez, em 8. 1 vol. 1773.

Fabulas de Esopo, traduzidas da lingua Grega com applicaçoens moraes a cada Fabula, em 8. 1 vol. 1778.

Heroismo da Amizade, David e Jonatas; Poema escrito em Francez pelo Abbade Brutè, Censor Regio, e traduzido por Joaquim Jozé da Costa e Sá, em 8. 1 vol. 1778.

Imitaçaõ de Christo. Nova ediçaõ correcta, e emendada por hum Religioso Arrabido, e adornada com bellissimas estampas abertas ao buril, em 12. 1 vol. 1777.

Imitaçaõ da SS Virgem, pelo estilo da Imitaçaõ de Christo, com exercicio durante o Sacrificio da Missa, em 12 1 vol. Lisb. 1779.

Lavrador (o bom) ou o apaixonado da Lavoura com hum tratado sobre os estrumes, e o modo de cultivar o linho, traduzido do Francez, em 8. 2 vol. 1779.

Livro dos Meninos em que se daõ as ideas geraes e definiçoens das cousas que os Meninos devem saber, em 8. 1778.

Miscellanea Curioza e Proveitoza, ou Compilaçaõ tirada das melhores Obras das Naçoens Estrangeiras; traduzida, e ordenada por ***. C. J. em 8. tomo 1. Lisboa, 1779. *De seis em seis mezes se publicarâ hum volume desta Obra.*

Reflexoens sobre a Vaidade dos Homens, por

Mathias Aires Ramos da Silva de Eça. Terceira edição augmentada com huma Carta do mesmo Author sobre a Fortuna, em 8 1 vol. 1778

Regras da Versificação Portugueza; por hum Anonimo, em 8. 1777.

Secretario Portuguez, ou modo de escrever cartas de todas as especies &c., por Francisco Jozé Freire; Nova edição augmentada de cartas sobre o commercio &c. em 8. 1 vol. 1777.

Tratado das obrigaçoens da vida Christã para o uso de todos os Fieis: escrito em Francez pelo Padre de Thracy, Theatino, e traduzido em vulgar pelo Capitão Manoel de Souza; em 8 2 vol. Lisboa, 1779.

Tratado Physico Chimico-Medico das aguas das Caldas da Rainha; com a Historia da Epidemia, que se padeceo no Seixal no fim do anno de 1775, e todo aquelle de 1776, por João Nunes Gago, Medico, em 8. 1779.

Thesouro de Pregadores, dividido em varios Sermoens universaes, onde se tirão Sermoens particulares &c. em 8. 2 vol.

— O tomo segundo se vende separadamente.

Livros de fortimento, e que se achão em grande numero na loja do mesmo.

Apontamentos para a educação de hum Menino Nobre, por Martinho de Mendoça de Pina, em 8. Porto, 1788.

Ar-

Arte Rethorica para o uso da Mocidade Portugueza, por Joaõ Rosado de Villalobos, em 8. Evora, 1773.

Arte Latina d'Antonio Rodrigues Dantas: segunda ediçaõ, em 8. 1 vol. Lisboa, 1779.

Aviso ao Povo sobre a sua saude, por Tissot. Segunda ediçaõ correcta, e emendada, em 8. 2 vol. Lisboa, 1778.

Conselhos da Educaçaõ, ou Tratado da Politica, em 12. Lisb. 1777.

Curso de Cirurgia de M. de Col de Vilars, traduzido do Francez, em 4. 3 vol. Ibid. 1774. *He a melhor obra que tem apparecido sobre esta materia.*

Catechismus ad Ordinandos pro examine Clericorum, in 8. 1 vol. Conimbricæ, 1778.

Catecismo de Montpellier, em 4. 4 vol. Porto, 1765.

Compendio do mesmo, para o uso dos Meninos, em 8. ibid. 1766.

Compendio da historia do antigo e novo Testamento com as razoens com que se prova a verdade da nossa Religiaõ, traduzido do Francez para instrucçaõ da mocidade Portugueza, em 8. Lisboa, 1772.

Collectaneo Farmaceutico, por Antonio Martins Bonté, em 8. Porto, 1768.

Chronicas dos Reis de Portugal, por duarte Nunes de Liaõ, em 4. 2. vol. Lisboa, 1772.

Cirurgia Anatomica, e completa, por M. le Clerc, traduzida em Portuguez por Joaõ Vigier, em 4. Lisboa, 1768.

Diccionario Francez, e Portuguez, nova ediçaõ augmentada, em 4. Lisb. 1777.

Discurso sobre a historia universal, para explicar

car a continuaçaõ da Religiaõ, e as mudanças dos Imperios, por Bossuet, em 8. 4 vol. Lisboa, 1772.

Discurso sobre a inutilidade dos Esponsaes dos filhos celebrados sem consentimento dos Pais, por Bart. Coelho Neves Rebello, em 8. Ibid. 1773.

Explicaçaõ da Sintaxe, pelo Padre Antonio Rodriguez Dantas. Segunda Ediçaõ, em 8. Lisboa, 1779.

Ensaio sobre o homem, Poema filosofico de Pope, traduzido do Inglez, por Antonio Teixeira, em 12. Ibid. 1769.

Elementos de Geometria Plana e solida, segundo a ordem de Euclides, pelo P. Manoel de Campos, em 4, Lisboa, 1733. Com fig.

Farmacopea Dogmatica, Medico-Chymica, e Theorectico-Practica, obra composta sobre as melhores Farmacopeas pelo Boticario de Santo Thyrso, em fol. 2 vol. Porto, 1772.

Farmacopea Bateana, augmentada com os segredos Goddardianos, em 4. Pomplona, 1763.

Farmacopea Portuense. Nova ediçaõ augmentada, in 8. Porto, 1776.

Historia de S. Domingos, particular do Reino, e Conquistas, por Frei Luiz de Sousa, em fol. 4 vol. Lisboa, 1767.

Historia Sagrada do velho e novo Testamento com exemplos e doutrinas dos Santos Padres para reformaçaõ dos costumes em todos os estados, e pessoas, nova ediçaõ, em 8. 2 vol. 1766.

Historia de Carlos XII. Rei de Suecia, escrita em Francez por Voltaire, e traduzida em Portuguez, em 8. 2 vol. Ibid. 1772.

Instrucçaõ sobre a logica, ou Dialogos sobre a

Fi-

Filosofia Racional, por Manoel Alvares de Queirós, Professor Regio de Filosofia, em 8. Porto. 1768.

Manual Christaõ, escrito em Francez, por Bossuet, e traduzido em Portuguez, em 12. Lisboa, 1776.

Manual da Missa, boa edição adornada com figuras abertas ao buril, em 8. 1774.

Megara, Tragedía por Pedegache e Quita, em 8. Ibid. 1767.

Mestre da Virtude renovado, pelo P. Fr. José Franco. em 8. Lisbóa 1759.

Nomenclatura Portugueza, e Latina das couzas mais commuas, e viziveis, por Carlos Folqman, em 8. Lisb. 1774.

Oraçoens principaes de Cicero, traduzidas, e addicionadas com notas, e Analyzes pelo P. Antonio Joaquim, em 8, 2 tom. Lisb. 1779. *O tomo 3. e ultimo sahirá brevemente.*

Obsérvaçoens (novas) sobre os differentes methodos de Prégar, traduzidas em Portuguez, em 8. Ibidem, 1765. *Obra indispensavel para os que se empregaõ no ministerio do Pulpito.*

Obras Politicas, e Pastorís, de Francisco Rodrigues Lobo. Nova ediçaõ correcta, e escrupulosamente emendada, em 8. 4 vol. Ibidem, 1774.

Reflexoens Christans sobre as principaes verdades da Religiaõ, traduzidas do Francez, em 8. 1 vol. Coimbra, 1777.

Taboadas de Reducçaõ com amplas explicaçoens na lingua Portugueza, por Joaquim Hypolito de Mattos, em 8. Londres, 1764.

Vida de D. Bartholomeu dos Martyres, por Frei Luiz de Souza, in 8. 2 vol. Lisboa, 1760

Via-

Viagem de Cyro, Historia Moral e Politica; acompanhada de hum Discurso sobre a Mythologia e Theologia dos Antigos, em 12 2 vol. Lisboa 1774.

As obras seguintes estaõ-se imprimindo.

Obras Poeticas de Joaquim Fortunato de Valladares Gamboa. em 8. 1 vol.

A boa Lavradora, ou a Caseira economica, traduzida do Francez, em 8. 1 vol.

Amigo do Principe, e da Patria, ou o bom Cidadaõ, escrito em Francez por M. Desfapt, e traduzido em Portuguez, em 8. 1. vol.

Consideraçoens sobre as causas da Grandeza, e Decadencia dos Romanos, por M. de Montesquieu; traduzidas em Portuguez por *** em 8. 1. vol.

Obras Poeticas de Quita, em 8. 1 vol.

Costumes dos Christãos, por Fleury, em 8. 1 vol.

Novo Atlas para o uzo da mocidade Portugueza, traduzido do Francez por José Anastasio da Costa e Sá, adornado com 24 cartas Geograficas, em 8. 1. vol.

Elementos da Historia geral, antiga, e moderna pelo Abbade Millot, traduzida do Francez, em 8. 9 vol.

Seculos Christãos, ou historia do Christianismo, traduzida do Francez, em 8. 9 vol.

Naufragio de Sepulveda, Poema de Geronymo Corte-Real, em 8.

Obras de Francisco de Sá de Miranda, em 8.

Elogios dos Grandes homens, por M. Thomaz traduzido em vulgar, em 8. 2 vol.